



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Omar Rodrigo Escamilla Haro

“CONSTELAÇÕES CORPORATIVAS E ALIANÇAS DE PODER: ANÁLISE DA COMPANHIA AMÉRICA MÓVIL NO MERCADO BRASILEIRO DE TELECOMUNICAÇÕES”.

Campinas, SP
2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Omar Rodrigo Escamilla Haro

“CONSTELAÇÕES CORPORATIVAS E ALIANÇAS DE PODER: ANÁLISE DA COMPANHIA AMÉRICA MÓVIL NO MERCADO BRASILEIRO DE TELECOMUNICAÇÕES”.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luiz Coltro Antunes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida pelo aluno Omar Rodrigo Escamilla Haro sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Luiz Coltro Antunes


Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luiz Coltro Antunes

Abril/2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

H23c Haro, Omar Rodrigo, 1981-
Constelações corporativas e alianças de poder : análise da Companhia América Móvil no mercado brasileiro de telecomunicações. / Omar Rodrigo Escamilla Haro. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Ricardo Luiz Coltro Antunes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. América Móvil. 2. Telecomunicações. 3. Corporações. 4. Mercado financeiro. I. Antunes, Ricardo, 1953-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Corporate constellation and power alliance : analysis of the America Movil company in the brazilian telecommunications market.

Palavras-chave em inglês:

América Móvil
Telecommunications
Corporations
Money market

Área de concentração: Sociologia

Titulação: Mestre em Sociologia

Banca examinadora:

Ricardo Luiz Coltro Antunes [Orientador]
Plinio Soares de Arruda Sampaio Júnior
Sávio Machado Cavalcante

Data de defesa: 01-04-2013

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

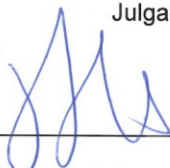
TERMO DE APROVAÇÃO

Omar Rodrigo Escamilla Haro


“CONSTELAÇÕES CORPORATIVAS E ALIANÇAS DE PODER: ANÁLISE DA COMPANHIA AMÉRICA MÓVIL NO MERCADO BRASILEIRO DE TELECOMUNICAÇÕES”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Este exemplar corresponde a redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 1º de Abril de 2013



Prof. Dr. Ricardo Luiz Coltro Antunes – Orientador - (DS/IFCH/UNICAMP)



Prof. Dr. Plínio Soares de Arruda Sampaio Jr. – (IE/Unicamp)



Prof. Dr. Sávio Machado Cavalcante – (UEL)

AGRADECIMENTOS

Ao professor Ricardo Antunes, meu orientador pela dedicação incondicional, a confiança, a ajuda a todo o momento, pela grande atenção e cuidado com cada detalhe, mas sobre tudo pela paciência, sugestões e contribuições para esta pesquisa da qual uma parte foi realizada na distancia.

À Comissão de Pós-Graduação do IFCH, em especial a Chris, por me apoiar em todos os momentos decisivos; por ser essa pessoa tão delicada e atenciosa com todos os estudantes e mais ainda com aqueles que são de outros países como eu: muito obrigado Chris pela sua ajuda e paciência.

Ao grupo de estudos de sociologia do trabalho do IFCH coordenado pelo professor Ricardo Antunes. Todas as contribuições foram muito importantes no aspeto da pesquisa.

Aos meus pais e irmãos Ingrid e Ulises, meu grande parceiro e companheiro de vida, pelo seu apoio quando eu fiquei longe deles. Aos recém chegados, Debora e Luquinha pelo sua apoio incondicional. À minha família.

Para a Natalia por que eu comecei este caminho com ela e agora com ela conclui este processo, obrigado lindos olhos. A todos os amigos e amigas do México que foram uma força quando eu mais fraco estava. Mas especialmente ao Rodrigo, Mario, Emilia, Hector, Ivan, Arturo, Sofia, Christian, Dario, Ulises, Florencia, Evelin, Xitlali, Gabriel, Jade, Dante e Gaby: “o bloco duro”.

Ao meu antigo orientador o Dr. John Saxe pelas suas indicações. Para os amigos do Brasil: a Nashedi, o Ernenek, José Manuel, Perla, Angela, Yan, Joanna, Saray, William, Pedro, Fernanda, Patricia, Caro e Caroline, Theo, Gual e Elena, Thiago, Ana, Sheila, Vinicius, Frank e Michelli e todos os amigos e amigas inseparáveis da UNICAMP que ajudaram a este gringo.

Aos meus amigos do movimento sindical brasileiro e internacional Ricardo Jaques da CONTRAF, Cenice Monteiro do SINTETEL, Benjamin Davis do USW, Samanta Tate do Centro de Solidaridade/AFL-CIO e Inés Gonzáles da Fundação Ebert.

Para meu grande amigo brasileiro Rodrigo Dantas, um parceiro de lutas, convicções, pesquisa e a vida mesma que foi um suporte muito grande nesta etapa. Para ele uma menção especial porque foi a pessoa que apresentou mais contribuições para esta pesquisa, assim como também foi quem fez quase toda a correção das sintaxes: obrigado grande amigo Rodrigão, a gente tem um trabalho ainda a desenvolver no Brasil e no México ou qualquer outro lugar do canto.

A todo pessoal e amigos de PODER, os caros Iker, Tamar, Ercilia, Chris, Elena e Jaime pela sua contribuição no aspeto humano quando minhas forças ficavam fracas eles foram um importante suporte para dançar cumbias.

Mas para o querido Benjamín Cokelet (o Bene), um parceiro de luta que tem sido fundamental para que eu possa terminar este processo e não só pelo seu apoio sempre solidário e de grande humanidade, mas também pelos seus pontos de vista sobre o papel das grandes corporações na América Latina: Obrigado, Bene, é inestimável sua presença em minha vida.

À CNPq, pela bolsa de mestrado que apoiou meus estudos ao longo desta investigação, obrigado.

RESUMO

Examina-se o processo de internacionalização da maior corporação de telecomunicações da América Latina: a América Móvil, proprietária, no Brasil, das empresas EMBRATEL, CLARO, NET Serviços e Star One. Cada uma dessas empresas é especializada na administração de mensagens e informações do sistema comunicativo brasileiro e têm redes distribuídas em diversas partes da América Latina. O objetivo geral da presente dissertação é analisar as ligações entre os principais grupos financeiros internacionais com o proprietário da América Móvil, o magnata Carlos Slim Helú – hoje considerado o homem mais rico do mundo. Para conhecer o caminho percorrido no Brasil por esse empresário e a história do grupo de empresas de sua propriedade. Foram examinados os momentos de aquisição dos ativos de gigantescas corporações do mesmo ramo de indústrias como a MCI, a SBC e a AT&T, processo que colocou a América Móvil como terceiro grupo de telecomunicações no Brasil. Para tanto, considera-se importante analisar as transformações do sistema capitalista nos últimos anos, no que se refere aos novos mecanismos para gerar capital e permitir as migrações de grandes montantes de dinheiro em curto prazo a partir de um catalisador que maximizou suas operações: a indústria de telecomunicações. O desenvolvimento e a internacionalização da América Móvil não representam propriamente um ponto de ruptura com as formas de centralização de lucros das épocas passadas. Pelo contrário, essa empresa continua desenvolvendo os mecanismos próprios do sistema capitalista como o tráfico de influências, a falta de transparência de informação sobre suas operações e as alianças com gigantes grupos de poder financeiro dos países centrais, predominantemente dos Estados Unidos. O primeiro capítulo problematiza as formas como é entendido o conceito de globalização na economia política, a partir de uma perspectiva que privilegia os processos produtivos e informacionais subordinados aos grandes negócios, bem como a relação entre as grandes corporações e o capital financeiro para o exercício de controle da indústria das telecomunicações em escala internacional. O segundo capítulo examina o papel da indústria das telecomunicações na atual crise do capitalismo. Apresenta-se uma explicação útil para compreensão de como, utilizando-se dessa indústria, o capital consegue grandes avanços no sentido de reinvestir os excedentes do sistema e aplicá-los na aquisição de antigas empresas paraestatais. Analisa-se o papel do grupo de empresas componentes da América Móvil e todas as aquisições de empresas privatizadas no Brasil. No geral, é possível perceber que o processo de compra e venda de empresas públicas só pode concretizar-se por meio da geração da interdependência do governo no Brasil e no México, com os grandes grupos empresariais de investidores envolvidos com o capital financeiro. O êxito da privatização da indústria de telecomunicações nesses dois países acompanhou a destruição dos movimentos operários, principalmente por meio de um movimento generalizado de “flexibilização” e “precarização” do trabalho. O terceiro e último capítulo procura trazer algumas contribuições sobre a questão da estruturação da propriedade da América Móvil, e como essa organização do capital permite gerar dinâmicas de grandes negócios com outros grupos empresariais e financeiros. O foco da análise abrange a estrutura da propriedade da América Móvil, as alianças no plano internacional com outros grupos econômicos e o potencial e real tráfico de influências que existe no conselho diretivo dessa empresa.

ABSTRACT

To examine the process of internationalization of a major telecommunication corporation of Latin America: America Movil, owned by Brazilian companies EMBRATEL, CLARO, NET and Star One. Each of these companies specialized in the administration of messages and information within the Brazilian communication system and have networks in many parts of Latin America. The general objective is to present my dissertation on the partnerships between the major international financial groups with the major owner of America Movil, tycoon Carlos Slim Helú, currently considered the richest man in the world. To learn the chosen path in Brazil by this business man and the history of his group of companies, its political and economical aspects, to examine the acquisition of Brazilian companies, such as MCI, SBC and AT&T. This process ranked America Movil the top three telecommunications groups in Brazil. I also want to consider important analysis as transforming the capitalist system in the latest years, new methods of creating capital and allowing the flow of great quantities of money in the short term. Recognizing the telecommunication industry as one of the most important catalysts of this process. Development and internationalization of America Movil don't represent a breaking point in the different forms of centralization of profits and wealth in the past. To the contrary, this corporation continues developing mechanisms of the capital system such as traffic of Information influence, lack of transparency about their operations and alliances with huge powerful financial groups of central countries, predominately the United States. The first chapter problematizes the understood forms of political and economic concepts of globalization, the perspective from the productive and informatic processes characteristic of large companies and the relation between big corporations and financial capital in order to control the telecommunication industry on an international scale. The second chapter examines the role of the telecommunication industry in the current capitalist crisis. It looks to explain and understand how, using this industry, capital profits grow in order to reinvest surplus back into the whole system and acquire old government corporations. There is an analysis of the role of the corporate group América Móvil and all acquisitions of privatized companies in Brazil. Overall, it's possible to see that the process of buying and selling of public companies can only become real through the generation of interdependence of the public sector in Brazil and Mexico, with major business groups of investors involved with financial capital. The successful privatization of the telecommunications industry in both countries caused the destruction of labor movements mainly through a general movement of "flexibility" and "instability" of work. The third and final chapter seeks to bring some contributions on the issue of the ownership structure of América Móvil, and how this organization can generate dynamic capital of big business with other business groups and financial giants. The focus of the analysis covers the ownership structure of América Móvil, its international alliances with other groups and economic potential and actual influence peddling that exists in the Board of Directors of that company.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	9
ABSTRAC	11
SUMÁRIO	13
LISTA DE QUADROS	15
LISTA DE GRÁFICOS	17
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	19
APRESENTAÇÃO	21
INTRODUÇÃO	27
CAPÍTULO 1. CONCENTRAÇÃO E EXPANSÃO	33
1.1 A EXPANSÃO DO CAPITAL: ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA ALÉM DA CRISE DE 2007	33
1.2 O IMPERIOSO CAPITAL	37
1.3 AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E A COMUNICAÇÃO COMO ACRESCIMENTO DE CAPITAL	45
1.4 A AMÉRICA MÓVIL NOS MERCADOS DE TELECOMUNICAÇÕES	51
1.5 EXPANSÃO, AQUISIÇÕES E CONCORRÊNCIA DA AMÉRICA MÓVIL.....	58
1.6 AS AQUISIÇÕES NO BRASIL: AMÉRICA MÓVIL VAI DE COMPRAS	65
CAPITULO 2. A PRIVATIZAÇÃO DAS TELECOMUNICAÇÕES	75
2.1 A PRIVATIZAÇÃO DAS TELECOMUNICAÇÕES	75
2.2 A ABERTURA DAS TELECOMUNICAÇÕES NA AMÉRICA LATINA.	88
2.3 A PRIVATIZAÇÃO E O PROCESSO DE TRABALHO NO BRASIL E NO MÉXICO	94
2.4 A AMÉRICA MÓVIL NO BRASIL	96
2.5 CONSTELAÇÃO CORPORATIVA 1: OS PIRATAS DO CAPITAL	102
CAPITULO 3. A PROPRIEDADE DA AUMÉRICA MÓVIL	117
3.1 O CAPITAL VAI AOS MERCADOS: OS PARCEIROS INTERNACIONAIS DA AMÉRICA MÓVIL	117
3.2 A PROPRIEDADE INDIVIDUAL DA AMERICA MÓVIL.....	131
3.3 CONSTELAÇÃO CORPORATIVA 2	136
CONCLUSÕES	147
BIBLIOGRAFIA	151
ARTIGOS DE JORNAIS	154
EMPRESAS	157
AGENCIAS GUBERNAMENTA.....	157
SITIOS INTERNACIONAIS.....	158
SITIOS MEDIA	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. As dez maiores coporações do mundo	39
Quadro 2. Principais Companhias operadoras de telefonía, internet e televisão	49
Quadro 3. Países e marcas onde América Móvil esta presente	54
Quadro 4. Estrutura de capital da América Móvil	61
Quadro 5. Divida da América Móvil em bonus.....	62
Quadro 6. Fundos de investimento propriedade de Carlos Slim presentes na estrutura de capital do CITIGROUP, Inc. (NYSE:C).....	67
Quadro 7. Alianças estratégicas da América Móvil.....	77
Quadro 8. Proprietários em comum de ações da AT&T e a América Móvil (bilhões de dólares).....	87
Quadro 9. Companhias subsidiarias da América Móvil no Brasil.....	99
Quadro 10. Telecomunicações no Brasil	101
Quadro 11. Composição do capital da América Móvil	120
Quadro 12. Tipo de proprietários de ações da América Móvil.....	120
Quadro 13. Ações e ADS's da América Móvil circulando nos mercados de valores	122
Quadro 14. Bancos donos de ações da América Móvil S.A.B. de C.V.	123
Quadro 15. Ações que custodia o BANK OF AMERICA CORPORATION da América Móvil S.A.B. de C.V. depositadas na Bolsa de Valores de México	124
Quadro 16. Principais donos institucionais de ações da América Móvil	129
Quadro 17 Fundos. e Bancos de Investimento presentes nas maiores corporações de telecomunicações do mundo.....	130
Quadro 18. Composição de proprietários de ações depositadas na Bolsa de Valores do México da América Móvil	133
Quadro 19. Alguns diretivos da América Móvil que participam em conselhos de Grandes corporações....	139
Quadro 20. Alguns diretivos e empresários lidados a outras empresas de Carlos Slim.....	142

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1. Distribuição geográfica de assinantes de América Móvil	52
Gráfico 2. América Móvil: Acessos e Ingresos totais por país (milhões) 2011	53
Gráfico 3. Conselhos diretivos envolvidos com Carlos Slim março 2012	107
Gráfico 4. Empresas e indivíduos que tem o controle da América Móvil.....	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIG	American Insurance Group
ANATEL	Agencia Nacional de Telecomunicações
ARPANET	Research Projects Agency Network
AT&T	American Telephone and Telegraph
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BIP	Banco Internacional de Pagamentos
BM	Banco Mundial
BM&FBOVESPA	Bolsa de Mercados e Futuros – Bolsa de Valores de São Paulo
BMV	Bolsa Mexicana de Valores
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CC	Call Center
CFC	Comisión Federal de Competencia
CNTE	Compañía Telefônica Nacional de España
DD	Departamento de Defesa
EBITDA	Ingressos Antes dos Interesses, Impostos, Depreciações e Amortizações
EMBRAPAR	EMBRATEL Participações S.A.
EMBRATEL	Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A.
EZLN	Ejercito Zapatista de Liberación Nacional (EZLN)
FAO	Organização das Nações Unidas para a Agricultura
FED	Federal Reserve
FMI	Fondo Monetario Internacional
GAO	General Auditor Officer
IDEAL	Impulsora del Desarrollo y el Empleo en América Latina
IED	Investimento Estrangeiro Direto

INBURSA	Grupo Financiero INBURSA
INEGI	Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática
ITT	International Telephone and Telegraph
LGT	Lei Geral de Telecomunicações
LSE	London Stock Exchange
MAD	Destruição Mutua Assegurada
MERCOSUR	Mercado Común del Sur
MIT	Massachusetts Institute of Technology
NAFTA	Norte American Free Trade Agreement
NYSE	New York Stock Exchange
ONU	Organização de Nações Unidas
OMC	Organização Mundial de Comércio
PDE	Programa de Defesa Estratégica
PND	Programa Nacional de Desestatização (PND)
PIB	Produto Interno Bruto
SEC	U.S. Securities And Exchange Commission
SINTETEL	Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações
STRM	Sindicato de Telefonistas de la República Mexicana
TARP	Programa de Alívio dos Ativos em Problemas
TELEBRAS	Sistema Telecomunicações Brasileiras
TELMEX	Teléfonos de México S.A.
TIC's	Novas Tecnologias da Informação e a Comunicação
TLCAN	Tratado de Livre Comércio de América do Norte
U.R.S.S.	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UNI	Global Union
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

APRESENTAÇÃO

No verão de 2012, viajei a Cidade do México com o intuito de entrar no arquivo do Centro de Estudos do Grupo CARSO, o maior conglomerado empresarial do México e propriedade do homem com mais rico no mundo, o magnata Carlos Slim Helú. O objetivo do meu trabalho era conhecer a forma como Slim Helú em menos de duas décadas converteu a empresa América Móvil, controlada em seu início pelo Grupo CARSO, na corporação de telecomunicações mais importante da América Latina e uma das oito corporações gigantes das telecomunicações o plano mundial.

A forma como Slim se fez um multimilionário em tão pouco tempo não é diferente do caminho que têm seguido os seus contemporâneos como Eike Batista, no Brasil, Alisher Usmanov, na Rússia, ou Mukesh Ambani, na Índia. Todos multibilionários de economias em recente estado de industrialização, as quais experimentaram fortes privatizações dos ativos públicos estatais nos anos de 1980 – 2000. O que, na leitura especializada, chama-se também de políticas neoliberais ou troca de modelo de acumulação econômica, como tem sido abordado por diferentes autores (ANTUNES, 2009; AMIN 2010; SAXE, 2002, 2005; TORRE; 1998). Tem traços gerais, a principal proposta do neoliberalismo foi criar economias nacionais baseadas na flexibilização dos processos produtivos (laboral, logística e transportes, salários, etc.) que se alinharam às necessidades das cadeias globais de valor. No interior de cada país esse tipo de política se focou na contenção dos gastos públicos em educação, moradia, saúde e transporte, assim como em eliminar as participações de orçamentos públicos destinados a vários ramos industriais, vitais para o desenvolvimento nacional e considerados como monopólios naturais do Estado (KLOCHKOVSKY, 2001). Dessa forma, em quase todo o mundo foram privatizadas as principais empresas nacionais dedicadas à mineração, ferroviárias, serviços bancários e, no caso desta dissertação, a mesma sorte ocorreu na indústria das telecomunicações.

O contexto do fim dos anos de 1980, que coincidem com a incorporação das políticas de porte neoliberal, foi muito importante para Carlos Slim devido ao fato de que seu grupo empresarial, o Grupo CARSO, protagonizou a compra de um dos maiores ativos estatais do México: a empresa Teléfonos de México (TELMEX), responsável nesse momento pelas ligações locais e a conexão do México com o resto do mundo. No período de 1982 até 1989, Slim realizou compras no setor financeiro (Seguros Hidalgo), em ativos relacionados com a indústria automotriz (Euzcadi, General Tire), lojas varejistas (Samborns e Sears), empresas mineradoras (Minera Frisco e

Empresa NACOBRE), empresas petroquímicas (QUIMICA FLUOR), nos negócios de construção (IDEAL), na indústria de ferrovias (FERROSUR), participações em operadoras de televisão (TELEVISA, CABLEVISION). Durante a segunda etapa de políticas neoliberais no México (1992-2006), quase qualquer ativo posto à venda pelo Estado mexicano era comprado pelo Grupo CARSO.

Desde então a influência e o poderio econômico de Carlos Slim têm aumentado exponencialmente não só no setor privado, como também nas diferentes administrações do governo mexicano, que começaram a procurar a influência e assessoria de Slim, uma questão que também tem correlação direta com o incremento das riquezas desse magnata. Durante o governo de Carlos Salinas de Gortari (1988-1994), a fortuna de Slim se incrementou em 130%; no governo de Ernesto Zedillo (1994-2000), cresceu 192%; e no governo de Vicente Fox (2000-2006), sua fortuna incrementou-se em 353%¹. Em 2007, a fortuna de Slim alcançou os 37 bilhões de dólares, quase 7% do Produto Interno Bruto (PIB) do México. Em 2010, suas riquezas estavam calculadas em 74 bilhões de dólares, a cifra equivaleu a 10% do PIB mexicano no mesmo ano (1,035 trilhões de dólares). Comparativamente, nesse mesmo ano as riquezas de Slim foram maiores que o PIB do Equador (57.978 bilhões de dólares) e o PIB da Bolívia (19.649 bilhões de dólares)². O dado anterior indica que o crescimento da influência, riquezas e os negócios de Carlos Slim só podem ser entendidos em função de um aparato de poder público estatal que tem ajudado-o a centralizar e incrementar sua fortuna.

A explicação do incremento da fortuna de Carlos Slim e o desenvolvimento da América Móvil como a maior empresa de telecomunicações da América Latina envolve trajetórias marcadas pelos mecanismos de concorrência e concentração do modo capitalista na sua vertente de consolidação de ultramonopólios globais (POCHMANN, 2011). Ou seja, uma era onde os mecanismos para incrementar os lucros das empresas e centralizar ativos se encontram focados na procura de lugares onde se possam multiplicar. No ano de 2000, Slim fusionou várias empresas de telecomunicações de sua propriedade para criar a América Móvil, até o dia de hoje essa corporação é a maior empresa de telecomunicações do Brasil e do México e com presença em outros 18 países de América assim como dois países europeus: Holanda e Áustria.

¹ FERNÁNDEZ VEGA, Carlos. "México S .A." La Jornada. México, 8 de Agosto 2007. Data de consulta: 26 Agosto 2012. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2007/08/08/index.php?section=opinion&article=026o1eco>>

² THE WORLD BANK. "GPD (Currents \$) 2010". THE WORLD BANK. Data de Consulta: 2 Setembro 2012. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD/countries>>

No Brasil a América Móvil tem sob seu controle as maiores empresas de serviços de telefonia fixa e móvel: a EMBRATEL, que por muito tempo foi o pilar das telecomunicações desse país, e a Claro, a terceira empresa mais lucrativa nos serviços de telefonia móvel no Brasil. Analisando o último momento de recrudescimento dos mecanismos de incrementação dos lucros do setor empresarial, que coincidem com a crise financeira internacional de 2007 até os últimos cinco anos (2012), Carlos Slim não só tem se tornado o maior magnata do mundo, mas também tem utilizado o Brasil como sua base de expansão continental para controlar uma fatia de mais de 50% da televisão a cabo nesse país e fazer da América Móvil o terceiro grupo de telecomunicações mais importante do Brasil, assim como a empresa dominante nos serviços de telefonia móvel e de televisão por assinatura da América Latina.

Para além da discussão sobre o crescimento econômico do Brasil – se bem que é certo que o salto econômico desse país tem sido alavancado pelas exportações de commodities, como a extração de minerais como o ferro, que representou 14% (\$ 23,13 bilhões de dólares) do total do valor das exportações brasileiras em 2010³. Também existem outros mecanismos de exposição aos mercados financeiros que o Brasil tem utilizado para converter-se num dos maiores mercados do mundo. Só no final de 2010 a “BM&F Bovespa” tornou-se a segunda maior bolsa de valores do planeta (BASTOS, 2012: p.25). É um fato inegável que a América Móvil utilizou a chegada maciça de fundos de investimento, bancos estrangeiros e linhas de crédito – inclusive aqueles que o próprio governo brasileiro colocou nos mercados de valores, para estimular seu crescimento não só no mercado interno do Brasil, mas também utilizou esse país como uma plataforma natural para expandir-se pela América Latina.

É importante notar que domínio da América Móvil no setor das telecomunicações não só reflete um processo de transição da lucratividade dos tradicionais setores econômicos na América Latina como a mineração, a petroquímica, a manufatura de equipamentos eletrônicos e a agricultura, para um novo e mais dinâmico vinculado estreitamente com o fornecimento, administração e geração de informação e serviços comunicativos. Na atualidade, a indústria da informação e da comunicação tem-se colocado como um dos paradigmas que sustentam a nova etapa da evolução dos mecanismos para acumular e acrescentar capital e não só no sentido de permitir uma forte integração de ramos industriais e financeiros mediante uma rede de comunicação e fornecimento de informação global. O uso da indústria das telecomunicações

³ “Indústria extrativa é destaque do PIB em 2010, com alta de 15,7%”. G1 Economia/Globo. Brasil. n.p. Março 2011. Data de Consulta: 19 Dezembro de 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>

também acrescenta mobilidade ao sistema capitalista, na medida em que se geram arranjos institucionais que ajudam a reinvestir os grandes montantes de dinheiro que se dirigem ao investimento em infraestrutura e à geração de novas tecnologias comunicativas. A concretização dos serviços comunicativos da América Móvil em redes de valor agregado torna essa empresa um dos maiores pináculos na evolução dos mecanismos para gerar lucros constantes.

Partindo desse princípio, durante os últimos três anos venho desenvolvendo o mestrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no curso de Sociologia, com especialização na temática trabalhista e financeira, onde me foquei em analisar as implicações da internacionalização dos negócios de telecomunicações de Carlos Slim, por meio da América Móvil. A maior inquietação de centrar o estudo numa corporação mexicana no Brasil se desprende das grandes similaridades e divergências que têm esses dois países. Ambos experimentaram uma das entradas mais violentas de venda de ativos públicos no Mundo. De acordo com o BM, entre os anos de 1980-1990, as diferentes administrações do México transferiram e privatizaram 50% dos ativos públicos, pelo montante de 31.458 bilhões de dólares. A cifra representa 20,4% do total das vendas de empresas paraestatais na América Latina, o que faz do México o segundo país com mais privatizações perdendo somente para o Brasil (CASTAÑO, 2006: p. 116).

No começo dos anos 1990 a trajetória de ambos foi complementar. O Brasil se integrou à aliança comercial da América do Sul conhecida como MERCOSUR, no qual marcou presença como a maior economia regional. No caso do México, optou-se por se integrar com a potência hegemônica, os Estados Unidos, num acordo regional de alianças das nações da América do Norte, conhecido como o “Tratado de Livre Comércio da América do Norte” (TLCAN) ou NAFTA, pela sigla em inglês. A posição do México nesse acordo se concentrou no fornecimento de mão de obra de baixo custo e no desenho das mercadorias e partes da cadeia logística das grandes empresas estadunidenses. Dessa forma, a América Móvil pode ser considerada o vínculo perfeito entre essas duas grandes regiões comerciais devido ao fato de que o TLACAN precisava de infraestrutura e um sistema comunicativo controlado por uma empresa com a capacidade de diversificar sua propriedade em vários outros acionistas internacionais.

Num primeiro momento o intuito desta pesquisa era comparar o tipo de emprego e a relação que a América Móvil mantinha com os sindicatos do México e do Brasil. Esse trabalho, no entanto, se demonstrou titânico. A presença da América Móvil nesses dois países, assim como o tipo de emprego que ela fornecia, tem conformações diferentes que obedecem à própria estrutura

histórica dos mercados de trabalho nesses dois países. Em cada um deles as partes envolvidas no emprego (sindicatos, instituições reguladoras, governos, assim como a mesma divisão de serviços) são muito diferentes e pareceu impossível gerar categorias que possam ocasionar uma comparação rigorosa.

No entanto, a seguinte pesquisa centra seus objetivos no conjunto de mecanismos que permitiram a internacionalização dos negócios da América Móvil, como a compra de ativos de seus concorrentes através da emissão de dívida corporativa e a divisão de propriedade e ações em vários mercados de valores, assim como a precarização do emprego. Com esse objetivo esta pesquisa toma como ponto de partida o conceito do Capital Monopolista e Grande Corporação desenvolvido por Sweezy e Baran (1969), e mais recentemente problematizado pela escola neo-marxista estadunidense e latino-americana que teoriza sobre a hegemonia das finanças no capital industrial, bem como sobre os efeitos desse modelo sobre os processos de trabalho e a internacionalização das Grandes corporações.

A revisão bibliográfica aqui apresentada também utiliza alguns elementos históricos, políticos e econômicos desenvolvidos por autores como Giovanni Arrighi, Paul Kennedy, Eric Hobsbawm, François Chesnais, David Harvey, Samir Amin, Ricardo Antunes entre outros. O intuito desta revisão bibliográfica é compreender o modo como a produção industrial e as finanças têm-se articulado ao longo da história para dirigir um novo processo de expansão do capital. Neste caso, faz-se necessário olhar a aproximação que têm os Grandes Bancos internacionais com o processo de expansão da América Móvil no mercado das telecomunicações no Brasil.

Esta pesquisa é balizada por um trabalho de campo composto por duas etapas. A primeira no Brasil, no ano de 2010 – 2011, durante as reuniões mensais da UNI global union-Brasil⁴, onde pude conhecer as estratégias de organização e os problemas do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações de São Paulo (SINTETEL), assim como entrevistar Maria Edna Madeiros, diretora de políticas de Gênero do SINTETEL; Almir Munhoz, presidente do SINTETEL; e Cenise Monteiro, oficial regional da UNI-América, setor Telecoms.

A segunda etapa desta pesquisa de campo tem dois tempos. O primeiro realizou-se no mês de julho – setembro de 2011, na Cidade de México, onde aconteceram reuniões com a equipe de pesquisadores do Solidarity Center/AFL-CIO México para conhecer os depoimentos dos

⁴ A UNI é um sindicato global do setor serviços que agrupa a 20 milhões de trabalhadores em 150 países, incluído o Brasil e o México. Disponível em: <<http://www.uniglobalunion.org>>

trabalhadores da América Móvil nesse país. O segundo momento foi no mês de agosto 2012 – janeiro 2013, onde procurei os arquivos corporativos da América Móvil no Centro de Estudios do Grupo CARSO. O trabalho de campo desenvolvido no México teve como objetivo comparar os dados deste país com os resultados da pesquisa desenvolvida no Brasil.

INTRODUÇÃO

No ano de 2007, a economia mundial viveu um dos momentos de maior crise na própria estrutura do sistema capitalista. As chamadas hipotecas *subprime* dos Estados Unidos fizeram com que os maiores conglomerados financeiros como o Lehman Brothers e o banco Watchovia fossem à falência. Da mesma forma, as grandes corporações industriais, imobiliárias e do setor financeiro, tais como a General Motors, a Chrysler, a Ford, e a FannieMae, a FreddieMac e o American Insurance Group (AIG), tiveram que ser resgatadas pelo governo estadunidense, com enormes montantes de dinheiro público.

Desde 2007 a economia mexicana entrou no pior desempenho de sua história até atingir em 2009 uma taxa de crescimento de -7.6%. Mas a crise não atingiu a todos por igual: é o caso do magnata mexicano Carlos Slim Helú, desde o momento em que começou a crise, Slim iniciou uma corrida de crescimento dos seus negócios até converter-se no maior magnata do mundo e fazer da sua maior empresa, a América Móvil, uma das oito megaoperadoras de telecomunicações de todo o planeta.

Em novembro de 2009, Carlos Slim se apresentou no Congresso mexicano para falar sobre a necessidade de apoiar as corporações do México já que eram os “exércitos modernos” que precisam “conquistar novos territórios”. O intuito de Slim era que o governo mexicano modificasse a licença da Teléfonos de México (TELMEX), empresa de sua propriedade, para poder desenvolver serviços de televisão por assinatura. Dessa forma, Slim procurava aproveitar a crise global para unificar os serviços de telefonia celular e fixa internet e televisão a cabo, na chamada convergência numa só fatura de 400 milhões de assinantes na América⁵. Até o momento (fevereiro 2013) isso não funcionou, a licença para que a TELMEX pudesse desenvolver serviços de televisão foi detida pelo governo mexicano.

A origem dos negócios desse empresário remonta ao ano de 1982, quando adquiriu várias das empresas falidas do Estado mexicano. Assim, Carlos Slim Helú iniciou sua carreira como o maior monopolista da história do México. Mas o verdadeiro ponto de inflexão dos negócios de Slim foi quando seu conglomerado empresarial, o Grupo CARSO, adquiriu em 1989 a empresa paraestatal Teléfonos de México (TELMEX). Desde esse momento, Slim começou a desenvolver uma estratégia de consolidação das telecomunicações no mercado mexicano. No ano 2000, Slim

⁵ “Invertirá América Móvil 8 mil mdd en Latinoamérica.” La Vanguardia. 11 Fevereiro 2012. México. Data de consulta: 31 março 2012. Disponível em: <<http://www.vanguardia.com.mx/invertiraamericamovil9milmdeninfraestructura-1216775.html>>

era o ator dominante no setor das telecomunicações do seu próprio país, o que o levou a internacionalizar suas empresas dessa indústria. Dessa forma, no ano de 2001, Slim decidiu sair do México com a conformação da América Móvil, na atualidade a maior empresa de telecomunicações da América Latina que em menos de uma década adquiriu os ativos da AT&T, a SBC Communication e a WorldCom nessa região.

Em 2009, em plena crise mundial, a América Móvil desenvolveu vários movimentos para absorver competidores e reestruturar as outras empresas de telecomunicações de propriedade de Slim. Além disso, Slim lançou gigantescos projetos de infraestrutura em internet e televisão a cabo na Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e Peru. O plano foi desenvolver investimentos anuais até 2016 de \$8 bilhões de dólares na região⁶. Em 2012, a América Móvil tornou-se a oitava maior corporação de telecomunicações do mundo e a empresa mais lucrativa da América com mais de 300 milhões de assinantes em seus serviços de televisão a cabo, telefonia fixa e móvel, e internet. Inclui-se ainda uma carteira de 18 países da América, com três dos quatro maiores mercados deste continente: o Brasil, o México e os Estados Unidos, além de dois países da Europa: Holanda e a Áustria.

De acordo com as análises financeiras da Standard & Poor's Business as vendas desta empresa de telecomunicações poderiam superar em 2012 os \$58 bilhões de dólares, e possivelmente alcançar no final de 2013 os \$ 62.3 bilhões de dólares⁷. Ainda com essas previsões do mercado, a América Móvel também ostenta o título de maior corporação de telecomunicações em infraestrutura do mundo, ao atingir 290 mil quilômetros de rede de fibra ótica (desses, 112 mil quilômetros estão no México); além disso, possui 12 cabos submarinos que conectam 39 operadoras internacionais; 11 satélites geoestacionários que prestam serviços de interconexão nos países de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Peru.

A expansão da América Móvil nos mercados de telecomunicações da América Latina e outras partes do mundo, não só reflete a consolidação e internacionalização de um conjunto de grandes investidores, representado por fundos de investimento de alto risco, bancos internacionais, corporações financeiras, de segurança e tecnologia, também é o reflexo do processo neoliberal no México e como um grupo de empresários foi fortalecido pela venda de ativos públicos. Os

⁶ A aliança começou a ser desenvolvida num encontro reservado entre representantes dos cinco países, no hotel Maksoud Plaza, em São Paulo. Segundo o subsecretário de Telecomunicações do Chile, Jorge Atton, que esteve no encontro, a ideia é construir uma rede de transmissão de dados que interligue a Europa à América do Sul e que tenha portas de entrada em todas as capitais dos países. Em: LOBATO, Elvira. "América do Sul fará aliança em internet". Folha de São Paulo, Brasil. 1 julho 2010. Data de consulta: 13 de agosto 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me0107201005.htm>>

⁷ CAPITAL IQ. "América Móvil. Financial Keys". Standard & Poor's Business. Data de consulta: 13 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.capitaliq.com>>

grupos de interesse político-econômicos mais dominantes nesse país, que na atualidade possuem uma rede corporativa com bancos internacionais, fundos de investimento e governos de toda América, Europa e Ásia, são o Grupo CARSO e a América Móvil, ambos de propriedade de Carlos Slim Helú e sua família.

Em particular na indústria das telecomunicações, faz pelo menos 20 anos que grandes corporações têm desenvolvido uma enorme presença em torno destas, não só no plano tecnológico, mas também no plano financeiro, de administração do trabalho, nos projetos de desenvolvimento de infraestrutura comunicativa e no plano da segurança. Esse desenvolvimento tem como contexto uma mudança nos tradicionais mecanismos de acumulação da economia internacional que se caracterizam pela hibridização entre as finanças e os processos industriais, o que também vem acompanhado de um grande processo de "hiper-concentração e monopolização" das riquezas no mundo, que em certa medida explica a dominância da América Móvil e a riqueza de Carlos Slim (POCHMANN, 2010; AMIN, 2011).

A principal característica das telecomunicações na era contemporânea é o auxílio na consolidação de antigas e novas redes regionais de mercadoria, assim como canais de comércio que transferem informação e mensagens em redes com a capacidade de fazê-lo em microssegundos. A essa complexa rede se misturam avanços tecnológicos, interesses comerciais, financeiros e políticos que têm ocasionado uma mudança no capitalismo como modelo de organização social. Agora as operações monetárias são uma complexa rede onde estão interconectados os principais mercados de valores do mundo, como Nova Iorque, Londres, Frankfurt, Hong Kong e São Paulo. Na “era das finanças”, como se conhece este processo, as grandes casas bancárias como o DEUTSCHE Bank, CITIGROUP ou Bank of America e fundos de investimento, também chamados de banco sombra (NERSISYAN e WRAY, 2010: p. 8), utilizam plataformas de comunicação desenvolvidas por empresas de alta tecnologia e administradas pelas megaoperadoras de telecomunicações como América Móvil, para falar com seus clientes e desenvolver estratégias de marketing, trocar ações, assim como informação.

O maior intuito desse processo é desenvolver conexões entre as finanças, a indústria e a comunicação para expandir novos mercados que possam absorver os excedentes gerados pelo sistema. Mas quando se desmonta a cadeia de valor que envolve a interação entre as diferentes indústrias e a cooperação das diferentes corporações, pode-se olhar um bloco de poder que centraliza e concentra as operações e os fluxos de capital, investimento assim como as quantidades de informação. Esse bloco também representa os interesses dos centros econômico-político dos países mais ricos do mundo.

A principal característica que define a internacionalização desses blocos econômicos tem sua genealogia primeira com o fim dos acordos de Bretton Woods (1971), e uma década depois com os subsequentes governos neoconservadores de Thatcher, na Inglaterra, e Reagan, nos Estados Unidos, que lançaram as políticas livre-cambistas chamadas de "neoliberais" (eufemismo de privatização) que reconstruíram e redesenharam o modelo de acumulação mundial sob uma nova relação mais propensa aos detentores do capital internacional (PLIHON, 2005: p. 133). Para a América Latina, a manifestação mais avassaladora dessas mudanças começou nos anos 1980, com a crise de inadimplência do México em 1982. Porém, a mais importante expressão aconteceria uma década depois com o Consenso de Washington, quando a “liberalização” e “desregulação” dos principais monopólios públicos, e a interconexão dos mercados financeiros nacionais com as suas contrapartes internacionais, tornaram-se o objetivo principal da política externa dos Estados Unidos (ARRIGHI, 2006: p. 91).

Por um lado, esse movimento destruiu o compromisso estabelecido entre o capital e o trabalho do antigo modelo fordista, centrado na produção industrial (PLIHON, 2005: 133). Mas também fortaleceu um novo tipo de acumulação em que os bancos, as bolsas de valores e as agências governamentais – predominantemente dos Estados Unidos e Inglaterra, disponibilizam enormes montantes de dinheiro através do sistema creditício (ROUBINI e MIHN, 2010: p.73).

Rioux (2006) pensa que essas mudanças têm impactado a indústria das telecomunicações e o desenvolvimento das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), com o surgimento de um novo ciclo expansionista que mediante a emissão de excedentes monetários (capital especulativo principalmente) encontrou uma forma de reinvestimento nas novas tecnologias da informação para gerar oportunidades de novos negócios:

Uma das mudanças mais importantes tem sido o lugar concedido à concorrência como o princípio organizacional fundamental das atividades sociais e econômicas nos Estados que têm adotado unilateral e coletivamente a desregulação, a privatização e liberalização como força propulsora das políticas econômicas e cooperação internacional. Uma nova ordem econômica caracterizada por um movimento radical em direção ao mercado “não regulado” tem surgido e engajado atores privados e estados em uma nova rivalidade oligopólica global. (RIOUXE; 2006: p.3).

Dessa forma, nas últimas duas décadas a indústria das telecomunicações global tem sido alvo de um forte processo de privatizações, caracterizado por três movimentos paralelos: 1) nos países centrais percebeu-se um fortalecimento dos atores que tradicionalmente eram poderosos dentro e fora de seus próprios mercados (AT&T, Verizon, Vodafone e MCI); 2) Tanto nas periferias quanto nos centros capitalistas desincorporaram-se os antigos monopólios estatais (Teléfonos de

México no México, EMBRATEL no Brasil, Portugal Telecom em Portugal, France Telecom na França), que foram transferidos para sociedades de investimento, a maioria delas integradas com parcerias entre capitalistas nacionais e estrangeiros; 3) geopoliticamente, ao acrescentar-se a indústria das telecomunicações de maneira global, se fortaleceu um bloco de poder dominante que controla a geração de comunicação e a emissão de mensagens e informação (BRIGGS e BURKE, 2002).

Conforme trataremos no desenvolvimento desta pesquisa, a presença da América Móvil nos mercados da América Latina não só reflete a transformação da economia mexicana com as reformas estruturais da década de 1990, que dito seja, incrementaram a dependência do México ao sistema de negócios estadunidense (TORRE, 1998; BOUZAS e OLVERA, 2009), também reflete a consolidação de uma rede de poder na qual a América Móvil mostra fortes alianças e coligação de interesses entre os grupos de poder econômico e político mais importantes dos Estados Unidos como a AT&T, a Honeywell International, a Microsoft, a Valero Energy, a RAND Corporation, e alguns dos fundos financeiros pertencentes a grandes bancos como o CITIGROUP, o J. P. Morgan, o Bank of América, entre outros.

Duas das hipóteses que sustentam esta pesquisa são: 1) no mundo atual existe uma estratégia para controlar o modelo de comunicação que tem se desenvolvido paralelamente ao processo de liberalização dos mercados de telecomunicações na América Latina e à financeirização dos anos noventa; 2) essa estratégia se encontra sustentada em enormes grupos financeiros e industriais, que, além de representarem o domínio tecnológico, monetário e político dos Estados Unidos sobre o México, utilizam a América Móvil como plataforma para reinvestir seus capitais e gerar um modelo de comunicação na América Latina subordinado às redes de comércio dos grandes monopólios estadunidenses.

Será abordada nesta pesquisa, a relevância da indústria das telecomunicações, que foi um negócio que passou a ter domínio sobre o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC's). Essas tecnologias tiveram seu surgimento no período de conflito militar entre duas superpotências: os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A Guerra Fria foi o contexto no qual surgiram programas de pesquisa como o Advanced Research Projects Agency Network (ARPANET) e o Projeto de Defesa Estratégica (PDE), chamado pela mídia de "Guerra das Galáxias" da era Reagan, que são considerados o limiar da indústria moderna das telecomunicações e o ponto onde converge a revolução tecnológica das TIC's (BARBROOK, 2008).

Nesta pesquisa entendemos as TIC's como mais uma etapa na expansão do modelo capitalista centrado nas telecomunicações, regida num contexto em que o complexo militar-industrial dos Estados Unidos tem capacidade para permitir migrações maciças de capital fora de suas fronteiras que são canalizadas para a indústria de telecomunicações de países emergentes como o Brasil ou o México, gerando um modelo de comunicação controlado pelo aparato militar, financeiro, industrial e de negócios dos Estados Unidos. Desde essa perspectiva, nos capítulos seguintes será abordada a evolução das estratégias da América Móvil para adquirir uma maior proporção do mercado das telecomunicações na América Latina, utilizando o Brasil como sua natural fonte de expansão.

CAPÍTULO 1. CONCENTRAÇÃO E EXPANSÃO

1.1 A expansão do capital: algumas implicações para além da crise de 2007

Na atualidade, muito da literatura especializada nas questões sociais e econômicas que analisam o desenvolvimento do mundo humano – incluindo estudos marxistas e não marxistas – consiste na ideia de que o atual modelo de acumulação econômica em escala internacional, descrito como a "globalização", afeta as tradicionais estruturas institucionais que dão o contorno da soberania nos Estados-nação. Além disso, cria assimetrias de poder, em que Grandes corporações e forças econômicas que redefinem as regras do comércio mundial, encaminham os Estados mais fracos a seguirem o caminho definido pelas necessidades dos Estados mais poderosos (KRASNER, 2001: p. 17-8). Igualmente, a globalização tem a potencialidade de condicionar os lucros do setor empresarial internacional na medida em que as principais formas para emitir capital se desenvolvem controladas por enormes entidades de interesses econômicos (grandes corporações e gigantescas instituições financeiras) as quais dominam o surgimento e desenvolvimento das novas tecnologias, mercadorias, serviços e produtos, na medida em que podem reinvestir-se os excedentes do sistema capitalista (BARAN e SWEEZY, 1968).

O fetichismo do livre mercado tem gerado consenso até mesmo dentro das visões críticas que interpretaram a globalização como um grande evento sem retorno, em que as questões políticas e econômicas devem ocorrer sem nenhum tipo de imposição⁸. Ou também naqueles que interpretam o atual sistema econômico como um dos maiores esforços civilizatórios, uma etapa da “evolução natural” da humanidade, em que foram atingidos novos níveis de riquezas, desenvolvimento tecnológico, acesso a serviços, mercadorias ou modelos de participação política – como a “democracia” da sociedade atual, regida pelas forças do livre mercado (ROTHKOPF, 2012).

Desta ótica, duas ideias se tornam arquétipos de conduta que procuram homogeneizar os modos de vida das diversas sociedades num modelo que pode “disciplinar” o mercado, a “transparência” e a “democracia”. Parafraseando Deleuze e Guattari (1987), a globalização – ao

⁸ Mesmo que pareça paradoxal, a globalização mostra uma tendência por territorializar as decisões econômicas e políticas das potências capitalistas. Em 2001, o presidente estadunidense George W. Bush criou o Departamento de Segurança Interna (Department of Homeland Security), com o objetivo de integrar sob um único comando dezenas de departamentos e agências do governo relacionadas com a segurança interna, as fronteiras marítimas e terrestres, o espaço aéreo e as propriedades estadunidenses, dentro e fora de suas fronteiras. Em: SUÁREZ SALAZAR, Luis. “La doctrina Bush: algunas implicaciones para el sistema internacional de la Pósguerra Fria”. Colômbia Internacional. Data de consulta: 11 agosto 2011. Disponível em: <<http://www.colombiainternacional.org/Doc%20PDF/EU-DoctrinaBush.pdf>>

representar a si mesma como uma imagem de interesses deslocados em “harmonização recíproca” – limita a propensão para identificar como convergem as partes envolvidas nos intercâmbios de mercadorias, dinheiro e operações financeiras (DELEUZE e GUATTARI, 1987). Vale dizer que na medida em que a atual internacionalização do sistema capitalista cria representações de supostas experiências eficazes de disciplinarização do mercado, restringe-se a capacidade de identificar os centros políticos e econômicos que articulam interesses de poder específicos – a saber, a classe empresarial internacional (MATTELART, 1977).

No entanto, esses centros de poder existem e podem ser localizados nos lugares de tomada de decisões políticas e econômicas no interior dos diferentes Estados-nação, como espaços onde se reinvestem grandes montantes de capital (BARAN E SWEEZY, 1969). Saxe (2002) propõe que a globalização deve ser olhada como parte de um mecanismo de poder que tem manifestações nos países periféricos, localizadas através dos diferentes graus de territorialidade que adquirem os investimentos estrangeiros e acordos de livre comércio (SAXE, 2002: p.86). Sem essas categorias, tentar estudar os fluxos econômicos levaria a uma forma *light* de análise, descrita pelo mesmo autor como *globalização pop*. A *globalização pop* é um conceito que fornece importantes elementos para entender as relações de comércio circunscritas a redes de concentração econômica e política ao redor do mundo.

Esta expresión de sobredeterminismo heteronómico parece arraigarse con fuerza entre quienes tienen como misión o inconsciente vocación identificarse con el interés corporativo multinacional, es decir, la geoeconomía del capital con las fuerzas históricas [...] (Saxe, 2002: p. 129)

Na atualidade, pensar que o mercado se “autogoverna” omite importantes tendências de territorialização nas decisões econômicas e políticas, vinculadas a aparatos institucionais de um conjunto de nações com fortes vínculos e laços econômicos, políticos e financeiros. Quando observamos o intercâmbio e a circulação de capital que acontecem no mundo contemporâneo, não podemos deixar de notar que 85% das operações financeiras se desenvolvem em dólares dos Estados Unidos, libras esterlinas do Reino Unido, ienes japonês, euros e francos suíços⁹. Moedas que correspondem às potências que, nos últimos duzentos anos, têm dominado a expansão e a transformação do sistema capitalista. E que, portanto, também são as principais responsáveis por

⁹ MOORE, Elaine. “Private investors: Traders gain from access to information”. Financial Times. Inglaterra. Data de consulta: 08 de fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/85887cf4-688a-11e1-b803-00144feabdc0.html#axzz1rBGsnPdW>>

definir os estandartes de acumulação a escala internacional, utilizando os seus centros de especulação financeira como as bolsas de valores de Nova Iorque, Londres e Tóquio.

Realizar uma análise das forças econômicas sem levar em conta esse tipo de assimetrias de poder territorial (acordos de livre comércio, planos de segurança nacional, políticas migratórias, projetos de comunicação, etc.) não ocasionaria a percepção das tendências geográficas da economia global que permitiram a reprodução *ampliada* do capital, com seus diferentes níveis e graus de inserção ou especialização produtiva no interior de cada país. Para Harvey (2011), os esforços por encobrir a verdadeira natureza da globalização constituem a síntese de um processo econômico e político, cuja maior característica é dissolver as medidas “regulatórias” que impedem a livre circulação de capitais.

Ao longo da história do capitalismo muito esforço tem sido posto, portanto, na redução do átrio de distância e dos obstáculos à circulação. Inovações nos transportes e comunicações têm sido cruciais. Aumentar a abertura das fronteiras do Estado ao comércio e finanças, assinar acordo de livre-comércio e garantir um bom enquadramento jurídico para o comércio internacional também são vistos essenciais a longo prazo. (HARVEY, 2011: p. 43)

A última tentativa de ampliar os intercâmbios econômicos deu início a políticas de fiscalização frouxas, que tiveram como consequência a bolha especulativa das hipotecas *subprime* nos Estados Unidos de 2007. O resultado desta crise foi evidente em 2009, quando o montante de derivativos financeiros circulando no mundo não diminuiu, se incrementou atingindo 30,589 trilhões de dólares, quase a metade do PIB mundial (JOHNSON e KWAK, 2010: p. 60). Para se ter uma ideia da magnitude dessa cifra, seria necessário juntar o PIB dos Estados Unidos e da União Europeia no mesmo ano. A crise de 2007 é valiosa uma vez que fornece elementos para entender a grande capacidade do sistema para (a partir da convulsão) incrementar os mecanismos de acumulação do capital, através do controle e centralização de emissões de crédito e propriedade de ativos (financeiros e industriais) por gigantescos grupos corporativos e bancários.

Após a crise das hipotecas *subprime* nos Estados Unidos, o governo daquele país teve que intervir nos negócios em perigo de falência mediante grandes programas de intervenção do governo como o Programa de Alívio dos Ativos em Problemas (TARP). Como resultado, a maioria dos ativos financeiros desse país ficou na mão de poderosos grupos de interesse corporativo como o Bank of America, o JP Morgan Chase, o Wells Fargo, o Citigroup e o Goldman Sachs, que no final de 2009 controlavam a metade do mercado das hipotecas, dois

terços do mercado de cartões de crédito e 95% dos derivativos comercializados nos Estados Unidos (JOHNSON e KWAK, 2010: p. 180).

A reconfiguração do capital estadunidense não só reconcentrou os ativos financeiros e industriais em poucas mãos, mas também fortaleceu uma nova aliança entre o setor financeiro e as grandes corporações industriais que transferiram para outros países os excedentes que não conseguiam reinvestir. De acordo com o Banco Internacional de Pagamentos (BIP), somente entre 2007 e 2008, os fluxos líquidos de dinheiro que saíram dos bancos estadunidenses atingiram a cifra de \$ 695 milhões de dólares (BIP, 2009). Alguns dos lugares para onde foi transferido parte desse montante de dinheiro foram os países em desenvolvimento como o Brasil. Em 2009, os investimentos estrangeiros no Brasil alcançaram 26 bilhões de dólares. Para 2010, a cifra atingiu a 48,438 bilhões de dólares¹⁰. Graças a essa grande atração de capitais, no final de 2010 a BM&F Bovespa se tornou a segunda maior bolsa de valores do planeta em valor de mercado (BASTOS, 2012: p. 25).

Os agentes que mais aproveitaram esse clima de negócios no Brasil foram as denominadas empresas translatinas. Um primeiro grupo é integrado por um reduzido número de grandes corporações brasileiras. Segundo o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em 2009, 89% dos recursos desta intuição destinados para apoiar a produção industrial foram monopolizados pelos grandes grupos empresariais brasileiros (TAUTZ; SISTON, LOPES PINT e BADIN, 2010: p. 277). Esse conjunto inclui a PETROBRÁS, o Banco ITAÚ, o Banco BRADESCO, o Banco do BRASIL e a VALE. Todas classificadas pela Revista Forbes nos primeiros 60 lugares entre as maiores empresas do mundo.

Para além da enorme concentração industrial e financeira no Brasil presente em grupos de empresas *holding*, a disponibilidade de recursos que chegaram ao território brasileiro nos anos de 2007 a 2010 também ajudou outros grupos econômicos estrangeiros. É o caso do grupo de telecomunicações América Móvil, propriedade do magnata mexicano Carlos Slim. Entre 2007 e 2012, a América Móvil começou um processo de reestruturação de seus negócios centrado na expansão do mercado brasileiro. Em 2003, essa corporação começou a operar serviços de telefonia no Brasil, quando adquiriu os ativos da AT&T na América Latina e as empresas EMBRATEL e MCI Communication (antiga Worldcom). Desde então sua presença no território brasileiro marcou uma carreira de crescimento exponencial, que culminou na compra, no ano de

¹⁰ “Sube inversión extranjera en Brasil”. AFP. Data de consulta: 31 outubro 2012. Enlace: <<http://www.prensalibre.com>>

2010, da maioria das ações da NET Serviços e da STAR ONE, a primeira fornecedora de serviços de televisão por assinatura e a segunda de sinais de satélites.

O caso dos grupos corporativos privados brasileiros e da América Móvil é muito similar, ambos utilizaram o período de crise global para expandir seus negócios através da disponibilidade de créditos e recursos financeiros que não encontravam forma de reinvestimento nas economias centrais. Como será tratado mais adiante, a América Móvil tem utilizado empréstimos do BNDES e de outros bancos brasileiros, assim como de alguns bancos internacionais, para expandir sua presença não apenas no Brasil, mas também em toda a América e na Europa. Este foi o principal motivo para que as receitas da América Móvil passassem de 25 bilhões de dólares em 2008 para mais de 45 bilhões de dólares no final de 2011 (STANDAR AND POOR'S, 2012). Isto significa dizer que suas receitas quase duplicaram em menos de três anos.

Mas o que é verdadeiramente importante nesse processo marcado pelo fornecimento de grandes linhas financeiras é que ele permitiu uma nova associação entre as finanças e a produção industrial sob uma tendência monopolista-financeira, a qual esteve caracterizada pela reconfiguração e desterritorialização de capitais e outros veículos financeiros que se converteram nos agentes dominantes para financiar os planos de desenvolvimento de ramos industriais inteiros (telecomunicações, mineração, tecnologia, moradia, sistemas de saúde, etc.). Nesse sentido pode-se dizer que a crise de 2007, até o momento, demonstrou que, para além de entender as crises como um erro do sistema, em realidade constituiu a regra para completar uma etapa nas fases de expansão do capitalismo como forma de acumulação social: “*Na história do capitalismo moderno, as crises são a norma, não a exceção*”. (ROUBINI e MIHM, 2010: p.23)

1.2 O imperioso Capital

A crise econômica das hipotecas *subprime* (2007) foi um momento de colapso no comércio internacional que modificou o volume de crescimento anual no período de 2003-2007 de 9,3%, a 2.1 % em 2009 (OCAMPO, 2009: p. 14). O chamado “setembro negro” de 2008 teve início quando o banco Lehman Brothers entrou em falência e teve que ser absorvido pelo banco inglês Barclays, seguido mais tarde pelo Merrill Lynch, que se tornou uma subsidiária do Bank of America, enquanto o Bear Stearns fundiu-se com o JPMorgan Chase. Mas também essa crise desembocou na estatização da FannieMae e da FreddieMac, assim como na compra do 70% das ações da American Insurance Group (AIG).

Quatro meses após esses eventos, na terceira semana de janeiro de 2009, as bolsas de valores do mundo entraram em colapso. Na Europa, os mercados em Frankfurt, Paris e Londres caíram a níveis semelhantes aos ataques de 11 de setembro de 2001. Da noite para o dia desapareceram mais de 350 bilhões de dólares, o equivalente ao PIB da Grécia. No Brasil, a BOVESPA caiu 6,62 %. A Bolsa Mexicana de Valores (BMV) registrou queda de 14,91% em relação aos lucros atingidos em 2007 (BASTOS e ESCAMILLA, 2011: p. 2). Segundo a FAO, entre 2009-2010, os preços dos alimentos atingiram o máximo histórico, num contexto em que 1,02 bilhões de pessoas no mundo passam fome (FAO, 2009) ¹¹. Enquanto isso, no segundo trimestre de 2009, a economia mexicana caiu a 10%¹². Na Espanha, um das economias mais ligadas à crise financeira, no final de 2010 o setor imobiliário praticamente desmoronou: perdas de mais de 400 bilhões de euros, 3,6 milhões de casas não poderiam ser vendidas, o número de desempregados alcançou 4.910.200 pessoas no primeiro trimestre de 2011, e os preços da terra aumentaram em 500% (DALEY, SUZANNE e MINDER, 2010).

Mas a crise não afetou a todos por igual. De acordo com o The Wall Street Journal, em março de 2009, o Dow Jones atingiu 10.000 pontos (Jornal WallStreet, março de 2009). Grande parte desse desempenho se deveu as 200 maiores empresas dos Estados Unidos. Segundo a revista Fortune, entre 2008 e 2009 essas corporações estadunidenses aumentaram 335% seus ganhos. Isso significa o segundo maior crescimento em 56 anos, desde que essa revista registra os ganhos das empresas estadunidenses. Para além disso, a participação desse conjunto de empresas em relação ao lucro de todo o sistema econômico daquele país passou a representar 13 % em 1950 para mais de 30% em 2007. O sistema financeiro seguiu uma tendência semelhante: em 1995, os seis maiores bancos (JP Morgan Chase, Bank of America, Citigroup, Wells Fargo, Goldman Sachs e Morgan Stanley), controlavam 17% do PIB dos Estados Unidos. Em 2006, sua participação nessa magnitude econômica atingiu 55% e, em 2010, chegou a 64% do PIB estadunidense (JOHNSON e KWAN, 2010).

Esse tipo de concentração não é exclusivo dos Estados Unidos, pelo contrário, se expande em todos os cantos do planeta com tendências similares. Quando se observa o rendimento anual das 500 maiores empresas do mundo, registrado pela revista Fortune em 2006, os lucros dessas

¹¹ “1 020 millones de personas pasan hambre”. Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura (FAO). 19 junho 2009. Data de consulta: 9 julho 2010. Disponível em: <<http://www.fao.org/news/story/es/item/20568/icode/>>

¹² “La economía mexicana cae 10.3%”. Revista Expansión. 20 agosto 2009. Data de consulta: 11 fevereiro 2013. Disponível em: <<http://www.cnnexpansion.com/economia/2009/08/20/la-economia-mexicana-cae-103>>

empresas representaram 35% do rendimento global dos bens e serviços comercializados globalmente. Em 2009, a proporção chegou a 40% (FOSTER, JONNA e MCCHESENEY, 2011). Essas cifras mostram um sistema econômico global que tem sido reconfigurado para acrescentar a quantidade de dinheiro gerada pelo setor empresarial, atingindo uma nova divisão internacional do trabalho que também abre áreas de especialização para determinados produtos, mercadorias e commodities. Mas a maior característica desse sistema é a volatilidade e a geração de crises periódicas com grande capacidade de contágio em diferentes escalas geográficas – Japão (1991), México (1994), Brasil, Tailândia, Hong Kong, Taiwan, Cingapura, Coreia do Sul (1997), Rússia e Polônia (1998), Argentina (2001) –(HARVEY, 2001: p.105).

De acordo com essa tendência, na atualidade, a reconfiguração do comércio se encontra em poucas entidades econômicas que centralizam as atividades de troca e intercâmbio. Segundo Pochmann (2010), no contexto atual de “pós-crise” financeira, “[...] um contingente ainda menor de corporações transnacionais governa qualquer setor de atividade econômica, o que pode resultar numa ultramonopolização privada sem paralelo histórico. Essa realidade possível faz com que os países deixem de ter empresas para que empresas passem a ter países” (POCHMANN, 2010: p.37).

Atualmente, esses gigantescos interesses financeiros e corporativos podem ser localizados quando olhamos para as 10 maiores empresas no mundo, listadas pela Forbes em 2012, como um conjunto de interesses que acumularam em vendas no ano de 2011 a quantidade de 2,032 trilhões de dólares. Por si mesma, a cifra de vendas é superior ao PIB de países como Coreia do Sul (\$1.512 trilhões de dólares), México (\$1.162 trilhões de dólares) e Espanha (\$1.340 trilhões de dólares). Inclusive rivaliza com o PIB do Brasil, que em 2011 atingiu \$2.425 trilhões de dólares¹³. Levando em consideração os ativos sob o jugo dessas corporações, a cifra atinge os \$10.574 trilhões de dólares. Somente os Estados Unidos, com \$15.653 trilhões de dólares, podem superar esse número.

I Quadro 1. As dez corporações mais importantes do mundo (2011)

Nome	País	Vendas (\$ bi)	Capitalização (\$ bi)	Trabalhadores	Ativos (\$ bi)	Setor
------	------	----------------	-----------------------	---------------	----------------	-------

¹³ Cifras calculadas até outubro de 2012. Em: Fundo Monetário Internacional (FMI). “Report for Selected Countries and Subjects”. FMI. Outubro 2012. Data de consulta: 3 de Novembro 2012. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/weodata/weorept.aspx?>>

Exxon Mobile	Estados Unidos	433,5	407,4	82.100	331,1	Energia/ Petróleo
JPMorgan Chase	Estados Unidos	110,84	170,1	260.157	2.265,80	Finanças/Banco
General Electric	Estados Unidos	147,3	213,7	301.000	717,20	Conglomerados
Royal Dutch Shell	Holanda	470,17	227,6	90.000	340,50	Energia/Petróleo
ICBC	China	82,59	237,4	397.339	2.039,10	Finanças/Banco
HSBC Holdings	Reino Unido	102	2.550	305.984	2.550	Finanças/Banco
PetroChina	China	309,1	294,73	552.698	304,7	Energia/Petróleo
Berkshire Hathaway	Estados Unidos	143,7	202,16	271.000	392,6	Finanças/Serviços de investimento
Wells Fargo	Estados Unidos	87,6	178,71	264.200	1313,9	Finanças/Banco
Petrobras	Brasil	145,9	180	81.918	319,4	Petróleo e gás

Fonte: Forbes "The world's Biggest Public Companies – 2012". Data de consulta 11 Abril 2012.

Além desses enormes recursos econômicos, o capital humano que podem mobilizar soma 2.606.391 trabalhadores empregados. Dificilmente alguma nação pode resistir quando esse grupo de interesses atua em bloco. Mas é importante observar como se estruturam os ramos industriais em que essas corporações operam. Quatro delas dedicam suas atividades a exploração de petróleo e hidrocarbonetos: a Exxon Mobile (1º) dos Estados Unidos, a Royal Dutch Shell (4º) da Holanda, a PetroChina (7º) da China e a Petrobras (10º) do Brasil. Cinco se dedicam a serviços bancários: o banco JPMorgan Chase (2º), a Berkshire Hathaway (8º) e o Wells Fargo (9º) dos Estados Unidos, a ICBC da China (5º), o HSBC Holdings (6º) do Reino Unido. Só uma empresa se dedica a produção industrial, a General Electric (3º) dos Estados Unidos. O mais importante desse conjunto de empresas é que a metade é originária da maior potência econômica e militar, os Estados Unidos.

No entanto, a forma como se encontra estruturado o ranking da Forbes indica que existe um predomínio das finanças sobre os demais ramos industriais. Ao ampliar o ranking para as primeiras 100 empresas, esta mesma tendência se confirma. Só no ramo das finanças (integradas pelos bancos, seguros e serviços de investimento), encontramos 40 corporações. As mais importantes: os bancos JPMorgan Chase (2º), o ICBC (5º), o HSBC (6º), o Well Fargo (9º), o China Reconstruction Bank (13º), o CitiBank (14º) e o BNP Paraibas (20º). No que se refere à exploração de petróleo e hidrocarbonetos o total de empresas entre as 100 primeiras é de 14. No

setor automobilístico, existem 10; na mineração, três (as três grandes: Rio Tinto, VALE, e BHP); em tecnologia, cinco; nas telecomunicações, sete. Quando se observa a origem das 100 maiores empresas por país, 31 tem sede nos Estados Unidos (10 firmas financeiras) a China tem oito (seis financeiras e duas petrolíferas), a Alemanha, seis (duas financeiras: a Allianz na posição 50ª, e o Deutsche Bank na 52ª), o Reino Unido, cinco (duas financeiras: HSBC e Barclays) e o Brasil, quatro: a Petrobras (10º), Itaú Unibanco (30º), o Banco BRADESCO (43º), o Banco do Brasil (43º) e a Vale (56ª).

A composição deste ranking é ainda muito mais complexa. No entanto, ao olhar para as primeiras 100 posições pode-se observar que na atualidade os serviços financeiros e os recursos naturais (petróleo e hidrocarbonetos) são as principais indústrias que espoliam a economia mundial. Além disso, esses ramos industriais também se convertem nos principais espaços para reinvestir os capitais dos países desenvolvidos e das grandes empresas. É de chamar a atenção o caso do Brasil, devido ao fato de que esse país tem se caracterizado por ser uma economia exportadora de commodities (GUDYNAS, E., 2009: p. 187); na atualidade, três das suas cinco empresas que integram as 100 primeiras posições desse ranking, estão concentradas no ramo financeiro: Itaú Unibanco (30º), Banco BRADESCO (43º) e Banco do Brasil (43º).

Por mais breve que seja a atual descrição é de salientar a grande importância que tem o capital financeiro sobre o capital industrial. Na atualidade, a maioria dessas grandes corporações atua sob uma estrita associação com o capital financeiro (representado pelos fundos de investimento, bancos de investimento ou bancos nacionais). O intuito dessa aliança é promover investimentos dentro do pacote acionário dessas empresas para que estas últimas possam atingir novos planos de expansão comercial. Muitas vezes esses atores mantêm grandes pacotes da propriedade social das empresas industriais, ao mesmo tempo em que são fornecedores de crédito. Por exemplo, no caso da Exxon Mobile Corp. (NYSE:XOM), do total (100%) de suas ações em circulação (2.241.765.674), mais de 89% (2.002.656.955) encontra-se nas mãos do setor financeiro. Da porcentagem anterior, os fundos de investimento (tradicional investment manager) controlam 82,17% (1.842.332.536), e os bancos (Banks/investment Banks) controlam os 7,15% restantes (160.324.419) ¹⁴.

O modo de funcionamento entre as grandes entidades que movimentam dinheiro e as corporações industriais faz lembrar a primeira época do século XX, quando as Grandes

¹⁴ Capital IQ. "Exxon Mobil Corporation (NYSE:XOM) Public Ownership". Estándar and Poor's. Data de Consulta: 2 novembro 2012. Disponível em: <<https://www.capitaliq.com/CIQDotNet/Ownership/CompanySummary.aspx?CompanyId=406338>>

corporações entraram na vida social com as novas formas de acumulação de capital, transferindo excedentes e controlando o desenvolvimento de tecnologias¹⁵. A "sinergia" entre as finanças e a indústria dessa época gerou o que Hilferding chamaria de "capital financeiro", um conceito que funciona para interpretar a entrada dos grandes bancos nos projetos de expansão industrial no final do século XIX (CHESNAIS, 2005: p. 52). Ao mesmo tempo, foram incentivados investimentos em tecnologias para a criação de corporações como a Standard Oil and Company, a United States Steel e a Anaconda Copper Company, todas dedicadas a indústrias pesadas. É indubitável que o mundo do *big business* atravessou um forte período de regulação em suas atividades, sobretudo no segundo terço do século XX, quando foi emitida a Lei Glass Steagall (Banking Act.) em 1933 nos Estados Unidos, assim como o conjunto da legislação *antitruste*, cujo intuito era de evitar a concentração do comércio desse país (HOBBSWAN, 2006: p. 52). Todavia, a economia estadunidense e internacional atravessara um período de concentração e estagnação (1883-1929) que havia desembocado na crise mundial dos anos 1930.

Olhando a atual configuração e territorialidade dos investimentos e os agentes que os realizam, podemos entender que os fluxos econômicos que acompanham a globalização na realidade são a antípoda do livre comércio, isto é, são canais de mercadorias e dinheiro que estão controlados por um punhado de corporações que mantêm fortes laços territoriais. De acordo com o Harvey (2011), a genealogia deste processo data do processo que antecedeu ao fim dos acordos de Bretton Woods nos anos 1970, quando os Estados Unidos inundaram de dólares baratos os mercados internacionais:

Excedentes de dólares, fora do controle dos EUA, estavam se acumulando no sistema bancário europeu. A crença na taxa de câmbio fixa do dólar contra o ouro começou a ruir [...] O capitalismo, que antes havia se desenvolvido ao longo de linhas de monopólio no quadro nação-Estado, tornou-se muito mais competitivo em nível internacional (exemplo disso é a súbita invasão do mercado de automóveis dos EUA por montadoras japonesas e alemãs). O capital financeiro, tanto internamente nos EUA quanto internacionalmente, teve de se mudar para o primeiro plano para alocar o excedente de capital para onde a taxa de lucro fosse maior [...] O resultado foi a reorganização violenta e implacável e a deslocalização da produção em todo o mundo. (HARVEY, 2011: p. 35)

¹⁵ Segundo Baran e Sweezy (1969), as Grandes corporações surgiram na segunda metade do século XIX, primeiro no campo das finanças, quando o City de Londres se tornou a maior instituição financiadora dos projetos de empresas europeias em suas respectivas áreas de influência colonial; depois no campo industrial, com a construção de ferrovias: “[...] las primeras corporaciones gigantes fueron organizadas como resultado de fusiones, quiebras u otras emergencias pronto cayeron bajo control de una clase de promotores financieros que han llegado a ser famosos en la historia norteamericana como “caballeros de industria”, “mogoles” o “magnates”, términos todos que reflejan el sentir popular de que los grandes hombres de negocios de ese período se parecían al señor feudal por sus hábitos de rapiña y por su falta de interés en el bienestar público.” Em: BARAN, Paul e SWEEZY, Paul. “O capital monopolista”. FCE. México, 1969. p. 29.

O resultado da crise dos anos 1970 funcionou para alterar o marco de acumulação internacional, gerando um sistema global de créditos flexíveis e fluxos de mercadorias que agudizaram a competência internacional. Com isso foram geradas uma série de crises periódicas das economias nacionais vinculadas a fortes movimentações financeiras e a especulação de dinheiro. Para Krippner (2005), essa troca de modelo onde os estados controlavam as formas de acumulação e reinvestiam capital em áreas sociais e indústrias é diferente do atual tipo de acumulação no qual “[...] os benefícios são gerados através de canais financeiros e não por meio do comércio e da produção de produtos básicos.” (KRIPPNER, 2005).

Dessa forma, o financiamento dos bancos passou a ter implicação direta na produção de mercadorias das empresas, enquanto estas últimas começaram a emitir dívidas em ações e títulos de obrigações como forma de adquirir recursos. O papel dos bancos nesse processo foi subscrever as emissões e respaldar o endividamento, comercializando os instrumentos de dívida em mercados secundários dos países desenvolvidos e naqueles periféricos (apenas para nomear, algumas novas formas de dinheiro se encontram nos veículos de investimento estruturado e a securitização¹⁶). Esse processo também tem sido apoiado pela entrada dos chamados investidores institucionais, representados por fundos de pensão dos trabalhadores, corporações de seguros, instituições gestoras de derivativos como fundos de investimento de risco, e outros grupos de instrumentos financeiros (NERSISYAN e WRAY, 2010).

A nova transformação no modelo capitalista, marcada pela hibridização entre as Grandes corporações industriais e financeiras, criou novas regras nos mecanismos de comércio, que contribuíram para a reprodução ampliada do modo de reprodução sociometabólica do capital sob o domínio de uma só nação: os Estados Unidos (MÉSZÁROS, 2011: p. 56). A partir desse momento, uma tentativa de encontrar mais locais para alocar os excedentes de capital gerou a vasta onda de privatizações que varreu o mundo sob as dogmáticas políticas neoliberais dos anos de 1980, 1990 e 2000. A principal alegação que justificou essas políticas foi que as empresas estatais eram ineficientes e desengajadas, e a única maneira de melhorar seu desempenho era passá-las ao setor privado. Segundo Harvey, esse período também foi aproveitado pelos grandes

¹⁶ A flexibilização das regras para permitir e acrescentar a especulação nas movimentações financeiras teve como intuito converter os títulos de dívida privada ou pública, ações de grandes corporações, títulos de fundos de pensão, e demais mecanismos de securitização, em ativos financeiros susceptíveis de ser trocados nos como uma mercadoria, com a capacidade de gerar valor ou perdas dependendo a cotização que atinham nos mercados internacionais. Os veículos de investimento estruturado (Real Estate Mortgage Investment Conduit – REMIC), surgiram nos Estados Unidos com a Lei de Reforma Fiscal de 1986. Sua síntese é que são mecanismos com uma figura jurídica para criar um conjunto de hipotecas e, posteriormente emitir títulos lastreados em hipotecas (mortgage-backed securities) e finalmente ser tocados por fundos, bancos, empresas ou qualquer tipo de investidores. Em: “ROUBINI, Nouriel e MIHM, Stephen. “A economia das crises. Um curso-relampago sobre o futuro do sistema financeiro internacional”. Intrínsea, Rio de Janeiro, Brasil, 2010. p. 44

capitais para criar uma nova classe de megaempresários que absorveram as empresas desincorporadas que os Estados-nação privatizaram:

O que se tornou evidente, no entanto, foi que os empresários que compraram esses bens públicos, em geral com bons descontos, rapidamente se tornaram bilionários. O mexicano Carlos Slim Helú, classificado como o terceiro homem mais rico do mundo pela revista Forbes em 2009, teve seu grande êxito com a privatização das telecomunicações no México no início dos anos 1990. A onda de privatizações num país marcado por sua pobreza catapultou vários mexicanos a lista de mais ricos da Forbes em curto prazo. (HARVEY, 2011: p. 32)

A lógica de Harvey é útil para este estudo que analisa o papel da maior megaoperadora de telecomunicações na América Latina, a América Móvil, que na atualidade congrega serviços de internet, telefonia celular e fixa, assim como sinais de televisão com mais de 313 milhões de assinantes que convertem, nos dias de hoje (2013), essa corporação na oitava maior empresa de telecomunicações (megaoperadora) do mundo e a mais lucrativa do setor em toda a América. Curiosamente, essa corporação é propriedade do personagem que aponta Harvey, Carlos Slim Helú, um especulador financeiro que construiu seu império dos negócios na crise econômica e financeira dos anos 1980.

É importante enfatizar que, assim como na atualidade, as maiores corporações do mundo continuam com sede de origem nos Estados Unidos. Todas as transformações entre o capital industrial e financeiro que aconteceram no mundo nos últimos 40 anos se desenvolvem num contexto em que os Estados Unidos desempenham uma presença mais abrangente como a potência hegemônica no setor militar, financeiro e industrial. Durante sua fase de expansão, os Estados Unidos tem se caracterizado por utilizar o que, na literatura, é chamado de Complexo Militar Industrial (*Military-industrial complex*). Isto é, o exercício fático da violência do setor empresarial estadunidense para espoliar a sua economia nacional. A isomorfia desse processo se traduz num enfraquecimento das regulações trabalhistas e no poder dos sindicatos desse país o que, em última instância, também demonstra o antagonismo estrutural que existe entre o capital e o trabalho no sistema capitalista (MÉSZÁROS, 2011: p. 59).

Os exemplos anteriores confirmam a ideia de que o dinheiro possui uma enorme mobilidade, quantitativa e qualitativa, mas não significa que os investimentos estão espalhados pelo mundo sob um modelo de competição perfeita, em que todas as nações participam da mesma forma nos intercâmbios econômicos, financeiros, industriais ou de tipo comunicativos. Pelo contrário, indica que o mercado global é controlado pelas nações que têm seus próprios agentes de poder econômico, a saber, as Grandes corporações industriais e financeiras que desenvolvem toda uma

série de estratégias para reconfigurar os laços e as relações econômicas globais à sua conveniência.

1.3 As tecnologias da informação e a comunicação no desenvolvimento do capital

Como já foi argumentado, a grande transformação que incrementou os lucros do setor empresarial internacional aconteceu nos anos de 1970, com a ruptura do modelo de acumulação mundial de Bretton Woods e as políticas livre-cambistas de privatização dos monopólios públicos que lhe seguiram uma década depois, também chamadas de neoliberais. O principal argumento desses programas foi traspasar os sistemas de segurança social, educação, comunicação, além de desregular os mercados de trabalho e os sistemas financeiros, para as forças do livre mercado, que, supostamente, equilibrariam seu desempenho a partir de uma maior liberdade nos mecanismos de oferta e demanda (HARVEY, 2005: p. 26). Ao mesmo tempo se reorganizaram os mecanismos para criar e acumular capital, partindo da interconexão dos mercados financeiros internacionais e da emissão de dívida por parte das grandes corporações industriais e financeiras.

A era das finanças, como é conhecida essa etapa da evolução no sistema capitalista, teve início com o denominado “Big Bang” do London Stock Exchange (LSE), quando o mercado de divisas na Inglaterra foi desregulado com o intuito de atrair dólares estadunidenses do bloco socialista na Europa Ocidental (NERSISYAN e WRAY, 2010). A expansão do sistema financeiro de Londres introduziu uma nova forma de comunicação baseada nos sistemas eletrônicos que coordenavam as operações de cotização e contabilização dos valores das ações das principais empresas britânicas. Com o tempo isto impactou diretamente na redução dos custos dos intercâmbios financeiros, diminuindo o tempo de proporcionar informações¹⁷. De acordo com Harvey, o desenvolvimento massivo de redes de comunicação e informações com a capacidade de “[...] acumular, armazenar, transferir, analisar e utilizar massivas bases de dados para orientar decisões no mercado global”, foi uma das principais contribuições da era financeira.

¹⁷ David Freud, bisneto do fundador da psicanálise, Sigmund Freud. “Com a desregulação, o trabalho nos bancos começava cedo. Ao meio dia os almoços que tradicionalmente eram uma boa porção de carne e uma garrafa de vinho, passaram a ser um prato de sushi ingerido rapidamente e acompanhado de água. A aceleração dos meios de comunicação provocou um aumento da pressão [...] Quando comecei na profissão, em 1984, fazia uma reunião com os clientes, ditava umas informações para minha secretária e as enviava por correio. O prazo para receber uma resposta era uma semana. Nos anos 1990, com a chegada do email, o prazo diminuiu a três dias. Depois chegou o Blackberry' (terminal móvel de bolso) e o tempo de reação caiu para três horas. Em: “El 'Big Bang' de la City de Londres cumple 20 años”. AFP. Espanha. Data de consulta: 20 outubro 2011. Disponível em: <<http://terranoticias.terra.es/articulo/html/av21158194.htm>>

Disso decorre o interesse do neoliberalismo pelas tecnologias de informação e sua promoção dessas tecnologias (o que levou alguns a proclamar a emergência de um novo tipo de “sociedade da informação”). Essas tecnologias comprimiram a crescente densidade das transações de mercado tanto no espaço como no tempo; produziram uma expansão particularmente intensa do que denominei alhures “compressão do tempo-espaço”: quanto mais ampla a escala geográfica (o que explica a ênfase na “globalização”) e quanto mais curtos os períodos de tempo dos contratos de mercado, tanto melhor. (HARVEY, 2005: p. 13)

Dessa forma as finanças paulatinamente se converteram no protótipo de desenvolvimento dos mercados, criando massivas redes de informação para tornar mais eficazes os intercâmbios econômicos entre os Estados-nação, gerando uma nova forma de organizar o sistema mundial de comércio numa coordenação recíproca. Esses tipos de redes se desenvolveram sobre o que se conhece como Novas Tecnologias da Informação (TIC's). As TIC's são modos de informação que envolvem não apenas o uso, venda e exploração dos serviços de telefonia e distribuição de internet, televisão a cabo, frequências de satélites mas, inclusive, de transferências de dinheiro móvel¹⁸. Segundo Serrano (2011), na atualidade, as TIC's são aplicações transversais que vinculam o mundo social com as atividades econômicas das Grandes Empresas, enquanto maximizam os níveis de produtividade a partir de amostras e de um perfil das preferências comerciais dos consumidores. Essa orientação é seguida por meio de *thesauros* de informação, que captam o que se acessa na internet, a pesquisa de preço de alguma mercadoria, o acesso a algum jornal ou a qualquer tipo de informação relacionada com o uso do ciberespaço (SERRANO, 2011). Para esse autor, a realidade contemporânea mostra um *homo conexus*, isto é, um indivíduo perpetuamente conectado às novas redes de informação (SERRANO, 2011).

Na atualidade, uma das empresas que utiliza *thesauros* de informação para conhecer as preferências dos consumidores é a empresa brasileira de e-commerce “Peixe Urbano”, que controla (em 2012) as compras coletivas de comércio eletrônico na América Latina, com um valor de \$43 bilhões de dólares em 2011 e 20 milhões de consumidores entre o Brasil, o México, o Chile, a Colômbia e o Peru¹⁹. No México, o segundo país da América Latina depois do Brasil que mais atrai investimentos estrangeiros nas indústrias das TIC's, o mercado dessas tecnologias duplicou

¹⁸ A Union Internacional de Telecomunicações, tem calculado que ao final do 2012, aproximadamente 364 milhões de pessoas de baixos ingressos, sim acesso a um banco, poderiam utilizar os serviços de banca móvel. Em: Union Internacional De Telecomunicaciones (UIT). “*Vision General del Mercado de las TIC's*”. UIT. Abril 2011. Consulta: 3 octubre 2012. Disponível em: <<http://www.itu.int/net/itunews/issues/2011/03/04-es.aspx>>

¹⁹ “Estudio del Comercio Electrónico en América Latina”. América Economía. 28 agosto 2012. Data de Consulta: 29 de agosto 2012. Disponível em: <<http://especiales.americaeconomia.com/2012/comercio-electronico-america-latina-2012/>>

entre 2006 e 2011 alcançando os \$ 42 bilhões de dólares em vendas em 2011 e empregando mais de 970 mil pessoas.^{20,21}

A importância das TIC's no funcionamento do atual modelo de acumulação internacional encontra-se tanto em sua forma para reinvestir capitais como em seu potencial para criar valor e processos produtivos baseados em economias de escala.²² Dessa forma o desenvolvimento tecnológico gestado pelas TIC's também tem implicado numa reorganização do espaço global da cadeia produtiva, na medida em que o espaço e o tempo são anulados sob um novo ciclo de reinvestimento e reacumulação composta do capital (HARVEY, 2011: p. 56). Por um lado, o capital cria novas maneiras de aumentar a geração de dinheiro de maneira desenfreada. Por outro, também impacta no campo da flexibilização do trabalho, pois implica mudança nas formas de contratação, tempo, salários e outras previdências sociais dos trabalhadores que participam da cadeia produtiva da indústria das TIC's. De acordo com Micheli(2011), que analisa o desempenho dos mercados de trabalho presentes nos chamados *call center* (CC), é uma nova organização de serviços de vendas por ligações intrínsecas à cadeia logística das TIC's, onde se apresenta um tipo de modelo de trabalho caracterizado pela terceirização, a padronização do trabalho, a falta de medidas de previdência social e a precarização das pessoas empregadas neste tipo de indústrias:

Os CC produzem bens homogêneos: a comunicação e a informação de certas características, com um valor de uso particular, que é o de preservar ou expandir empresas do mercado. Esses bens são o resultados específicos de uma combinação de tecnologias e uso da força de trabalho em uma organização, que define uma organização de serviços de produção que chamamos apenas call center. A tecnologia desempenha um papel-chave na criação de novas formas de uso da força de trabalho e esta combinação é a chave para a produção de novos serviços de base comunicacional e informacional. Assim, a fundação de análise da indústria para os CC é a combinação de tecnologia e de trabalho, como na área produtiva de serviços baseados no conhecimento na sociedade da informação [...] A homogeneidade do bem produzido pelos CC permite padronização do uso da força de trabalho, tecnologia e organização, a ser explorado pelos mercados globais: por que há um setor de empresas que prestam serviço de terceiros ou empresas outsourcing que precisam do serviço e este setor está crescendo nacional e internacionalmente [...] os ganhos e perdas de emprego, serviços públicos e interferência descontrolada na esfera privada, a precariedade legal do trabalho e da organização dos trabalhadores, criação de informaç-

²⁰ HERNÁNDEZ, Griselda. "Facturaron las TICs en México 42 mil 472 mdd en 2011". *Diario Milenio*, México. 21 Junio 2012. Data de consulta: 17 outubro 2012. Disponível em: <<http://www.milenio.com/cdb/doc/noticias2011/5d1243283c3bd0bfd0cda0813d0746c6>>

²¹ De acordo com a Associação Mexicana da Indústria das Tecnologias da Informação (AMITI), nos próximos anos até 2015 o mercado das TIC's no México se incrementará 10% anualmente. Em: AMITI. "Crecimiento acelerado de las TIC, base del Progreso Nacional: AMITI. 25 junio 2012. Data de consulta: 21 agosto 2012. Disponível em: <<http://amiti.org.mx/>>

²² As economias de escala referem-se a participação de diferentes indústrias num só processo de produção como a microeletrônica, a engenharia, a mineração, o que também implica o acréscimo de processos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Todos esses serviços funcionam como o motor para comercializar telefones celulares, computadores, gadgets, tablets assim como outra série de serviços, incluindo os serviços financeiros e a publicidade. Em: LARS e URRIL, 1997.

ões sobre as pessoas e a gestão discricionária da mesma, são facetas dessa penetração, e desta forma de gerar regulamentações públicas precárias que começam a influenciar o desenvolvimento da indústria e do trabalho. (MICHELI, 2011: p. 149 – 51)

A respeito do processo de trabalho diretamente afetado pela investida do neoliberalismo e das TIC's, nota-se o incremento de novas maneiras para gerar mais-valia (quer sob a forma absoluta e/ou relativa), ao tempo em que expande um modelo de trabalho global caracterizado pela geração de enormes fatias de desempregados. Um exército de reserva, cujo principal intuito é consolidar a emergência dessas novas redes de acumulação do capital. De acordo com Mészáros, a atual flexibilização dos processos de produção, que acontece com o modelo de produção centrado numa hibridização entre o capital industrial, as finanças e o uso de novas tecnologias, “altera as formas de emprego e geração de valor” a partir da migração de projetos e pátios industriais a regiões onde as condições locais de trabalho (salários baixos, organização sindical fraca, pouca regulação das leis laborais nacionais e internacionais) “são mais atrativas para o incremento da extração de mais valia” (MÉSZÁROS, 2006). Naqueles espaços onde sobrevive algum setor estratégico para o desenvolvimento nacional dos países alinhados à cadeia global de valor, observa-se um declínio exponencial nos direitos trabalhistas e nas medidas de previdência social²³.

Os padrões anteriores sintetizam a nova metamorfose dos mecanismos para reorganizar, concentrar e acumular enormes quantidades do capital-dinheiro. Harvey entende que essas mudanças constituem etapas complementares na consolidação de redes geográficas que coordenam as relações entre os serviços financeiros, a comunicação, o transporte e as diferentes formas para aumentar a produtividade no trabalho, denominados ajustes espaciais do capital. Isto é, movimentações nos montantes de divisas, operações financeiras, trocas de ações e valor da jornada laboral que são responsáveis pelo crescimento ou enfraquecimento de espaços nacionais para absorver e reinvestir os excedentes do sistema capitalista (HARVEY, 2011: p.56).

²³ As inovações no campo das tecnologias geralmente têm a função de serem monopolizadas por grandes corporações, cumprindo o intuito de reinvestir os capitais excedentes no sistema. O anterior faz lembrar os escritos de Marx sobre a utilização da mão de obra para incrementar os lucros do capital: “O capital tem a tendência a reduzir ao necessário o trabalho vivo diretamente empregado, a encurtar sempre o trabalho requerido para fabricar um produto - explorando as forças produtivas sociais do trabalho – e portanto a economizar o máximo possível o trabalho vivo diretamente aplicado. Se observamos de perto a produção capitalista, abstraindo do processo de circulação e da hipertrofia da concorrência, verificamos que procede de maneira extremamente parcimoniosa com o trabalho efetivado, corporificado em mercadorias. Entretanto, mais do que qualquer outro modo de produção, esbanja seres humanos, desperdiça carne e sangue, dilapida nervos e cérebro. Na realidade, só malbaratando monstruosamente o desenvolvimento individual assegura-se e realiza-se o desenvolvimento da humanidade na época histórica que precede a fase em que se reconstituirá conscientemente a sociedade humana. Todas as parcimônias de que estamos tratando decorrem do caráter social do trabalho, e é de fato esse caráter diretamente social do trabalho a causa geradora desse desperdício de vida e da saúde dos trabalhadores.”(Marx, 1974, p. 97 e 99). Em: ANTUNES, Ricardo. “Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?”. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 107, Setembro 2011. Data de acesso: 26 dezembro 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282011000300002&lng=en&nrm=iso>.

Nas últimas décadas o uso dos serviços das TIC's tem sido conduzido por enormes unidades econômicas representadas em Grandes corporações como a AT&T, a América Móvil, a Telefônica da Espanha, a Verizon, etc. Que, além de registrarem enormes lucros, mantém participações de acionistas cruzadas entre elas com o intuito de preservar um controle sobre a transmissão e o surgimento de informação, estabelecendo-se como o paradigma das comunicações em escala global. Rioux opina que as mudanças neoliberais dos anos 1990, sobretudo na desregulamentação das empresas públicas no campo da tecnologia informática, foram as principais causas de um novo ciclo expansionista que, apoiado nas emissões de crédito e excedentes monetários, encontraram na indústria das telecomunicações uma forma para reinvestir capitais e oportunidades para gerar novos negócios:

Uma das mudanças mais importantes tem sido o lugar concedido à concorrência como o princípio organizacional fundamental das atividades sociais e econômicas nos estados que têm adotado unilateral e coletivamente a desregulação, a privatização e liberalização como força propulsora das políticas econômicas e cooperação internacional. Uma nova ordem econômica caracterizada por um movimento radical em direção ao mercado “não regulado” tem surgido e engajado atores privados e Estados em uma nova rivalidade oligopólica global. (Rioux, 2006).

Dessa forma, a nova ordem econômica com sua característica de mercados dominados por uma rivalidade oligopólica global a qual Rioux refere-se, pode ser vista em sua máxima expressão no panorama em que se desenvolve a indústria das telecomunicações da atualidade, quando oito empresas gigantescas são responsáveis pelo controle e o fluxo de telefonia, a distribuição de internet, a televisão a cabo e já começam a desenvolver operações financeiras por serviços telefônicos:

Quadro 2. Principais Companhias operadoras de telefonia, internet e televisão (Dados consolidados em Dezembro de 2012)						
Empresa	Renda/Revenues (\$ bilhões)	Origem	Presença	Acessos (milhões)	Trabalhadores	Fundação
AT&T, Inc. (NYSE:T²⁴)	126.723	Estados Unidos	225 países	275	242,380	1983 e 2005
Nippon Telegraph & Telephone Corp. (TSE:9432)	126.685	Japão	-	-	224,239	1954
Verizon Communications Inc. (NYSE:VZ)	110.875	Estados Unidos	-	296	188,200	2000
Telefônica, S.A. (CATS:TEF)	92.535	Espanha	-	-	287,437	1924

²⁴ “AT&T Company Information”. AT&T. Data de consulta: 15 janeiro 2013. Link: <<http://www.att.com/gen/investor-relations?pid=5711>>

Deutsche Telekom AG (DB:DTE)	84.777,0	Alemanha		181	234,541	1995
Vodafone Group plc (LSE:VOD)	76.478	Inglaterra	40 países africanos	370	86,373	1984
France Telecom (ENXTPA:FTE)	65.443	França	-	-	170,338	1990
América Móvil S.A.B. de C.V.(BMV:AMX L)	56.472,04	México	18 países América e 2 países da Europa	311	159,024	2000
Elaboração própria com dados de <i>Hoovers Industrial Reports</i> e <i>Capital IQ</i> .						

Em 2011, a renda global destas empresas alcançou 739.990,80 bilhões de dólares. A cifra equivale ao Produto Interno Bruto (PIB) da Turquia (\$ 763.100 bilhões em 2011), e é maior do que PIB da Suécia (\$ 665.900 bilhões de dólares em 2011). No entanto, a capacidade desse conjunto de empresas para movimentar o sistema monetário internacional não pode ser observada apenas em termos econômicos. Além disso, possuem uma enorme capacidade para criar e deslocar postos de trabalho ao longo da cadeia de valor em que está envolvida a indústria das TIC's. Juntas essas oito corporações são responsáveis por empregar mais de um 1,6 milhões de pessoas nos cinco continentes do mundo. O quadro anterior mostra uma série de mercados controlados por gigantescas corporações que faz lembrar as afirmações de Marx de que “o capital tende a crescer em poucas mãos como resultado do processo direto de concentração (a própria acumulação), e ainda mais como resultado da centralização do mesmo, ou a absorção de um capital por outro.” (FOSTER, MCCHESENEY e JONNA, 2011).

Desse modo, a concorrência, concentração e expansão, quando são desenvolvidas por Grandes corporações (como os grandes bancos, ou corporações que mantêm licença para a exploração de determinada tecnologia) estabelecem o que se conhece como “poder monopólico” (FOSTER, MCCHESENEY e JONNA, 2011). Isto é, a capacidade das Grandes corporações de formar coligação com outros grupos financeiros ou industriais a fim de atingir uma posição privilegiada na produção de certas mercadorias, bens ou serviços (OLSON, 1996). O poder monopólico, portanto, também gera mercados oligopólios²⁵, controlados por poucos agentes que fazem girar a competição em função da influência das Grandes corporações sobre os mercados e rivais, formando o que se conhece como economias de escala, que tem a função de gerar barreiras de entrada (*barriers to entry*) para bloquear o acesso de competidores ao mercado (FOSTER, MCCHESENEY e JONNA, 2011).

²⁵ Os mercados oligopólicos são uma etapa na concentração de capital, onde algumas empresas agem para controlar todas as etapas da produção, através de associações empresariais de caráter regional ou global. Em: SWEEZY, 1977: p. 50.

Na atualidade, a concentração dos excedentes gerados na indústria das telecomunicações, e também das TIC's, é controlada por grandes empresas que estabelecem alianças para determinar a magnitude dos investimentos, a produção de mercadorias e o acesso a novas tecnologias. Esse estágio de centralização de capital se refere a um momento em que o capital pode desenvolver alianças momentâneas com outros competidores. Esta é uma das características mais importantes do Capital Monopolista, isto é, a etapa de concentração e centralização dos grandes negócios em um número reduzido de empresas²⁶. Dessa forma a concentração dos excedentes gerados pelo sistema é controlada por gigantescas unidades de interesses que se associam para determinar a magnitude dos investimentos, a produção de mercadorias e o acesso às novas tecnologias.

1.4 A América Móvil nos mercados de telecomunicações

Na América Latina a corporação que atualmente domina a administração dos serviços de telecomunicações – incluindo internet, televisão, telefonia móvel e fixa, assim como a transmissão de sinais satélites e acesso a tecnologias da informação – é a empresa de origem mexicana América Móvil. No ano de 2011, essa corporação foi catalogada como a empresa de telecomunicações mais lucrativa da América, quando obteve, em vendas globais, \$56.472,04 bilhões de dólares e lucros de \$5,924 milhões de dólares (depois do EBITDA – 2011)²⁷, ainda maiores que os das estadunidenses AT&T (\$3,944 milhões de dólares) e Verizon (\$2,404 milhões de dólares). No entanto, essas cifras não contabilizam as receitas de Telefônos de México, outra das filiais da América Móvil, que em junho de 2012 teve a totalidade de suas ações adquiridas pela mesma.

Até junho de 2012, a base de assinantes de seus serviços foi de 313 milhões; 251,3 milhões se concentraram na telefonia móvel, 30 milhões em telefonia fixa, 16.1 milhões em acesso a banda larga e 15,1 milhões de acessos à televisão por assinatura, assim como uma presença em 18 países da América e dois da Europa (Holanda e Áustria). Dos 313 milhões de assinantes que alcançou a América Móvil no final de 2011, México e Brasil contribuíram com 180 milhões, como aponta o Gráfico 2, nesses países a América Móvil obteve em vendas \$31.858,70 bilhões

²⁶ Baran e Szezy pensam que as Grandes Coroações correspondem a uma época onde os mecanismos para acumular capital centralizam-se num grupo de indivíduos e empresas controlam horizontalmente varios ramos industriais e processos de produção, comercialização, troca e movimentação de divisas, mercadorias e rotas de comércio. Essas centralização do sistema também anula a competição entre capitais, gerando uma serie de interesses espalhados. Em: BARAN e SWEEZY, 1969: p. 10

²⁷ O EBITDA, mais conhecido como Lucros Antes dos Juros, Impostos, Depreciações e Amortizações (Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization) é um indicador financeiro para calcular a taxa real de lucro das empresas antes de deduzir os gastos financeiros.

de dólares em 2011. Em outras palavras, o Brasil e o México são os dois mercados onde a empresa obteve mais de 64% de suas vendas em 2011. Um fator que por si mesmo salienta a forte dependência da América Móvil em relação a estas duas economias latino-americanas:

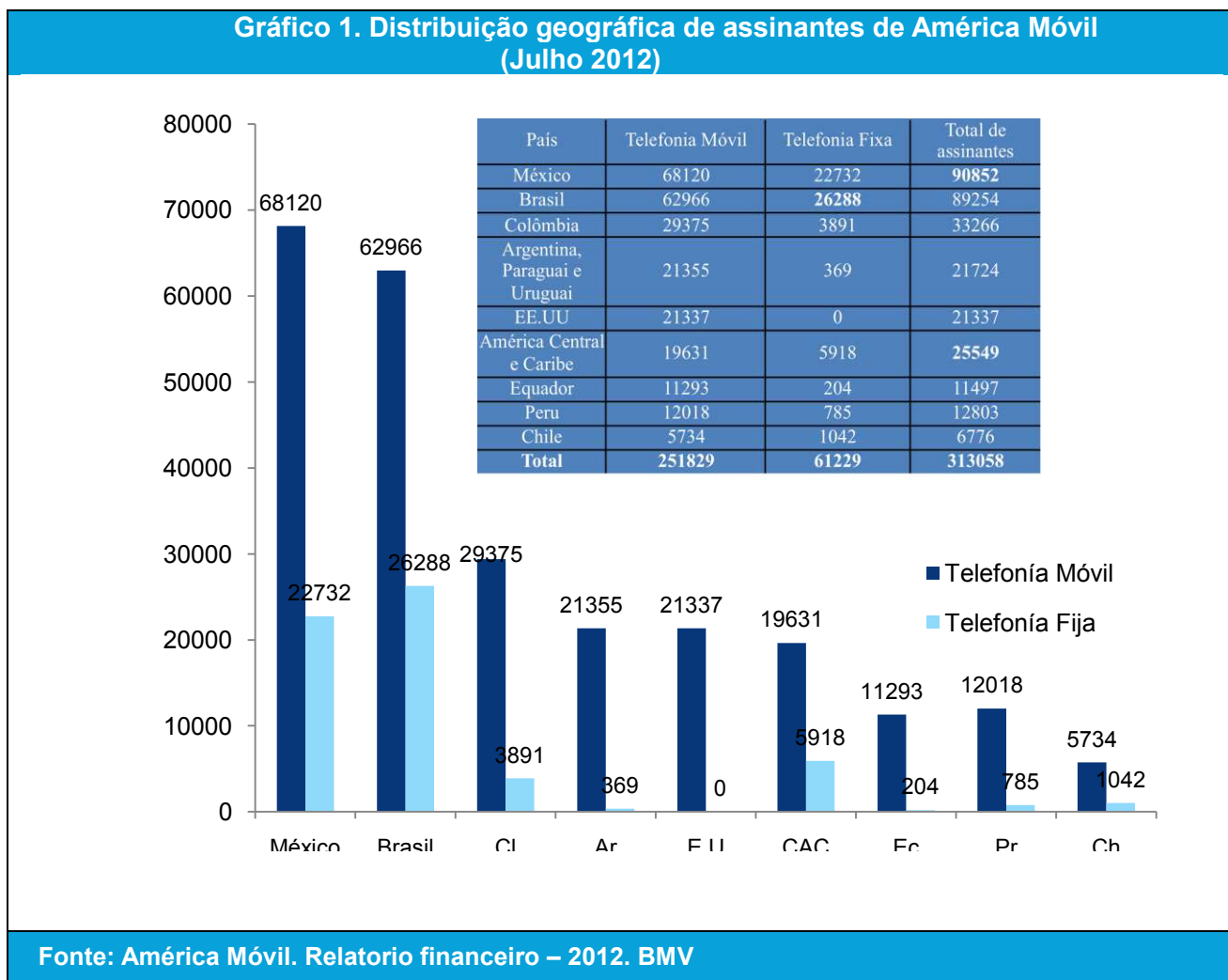
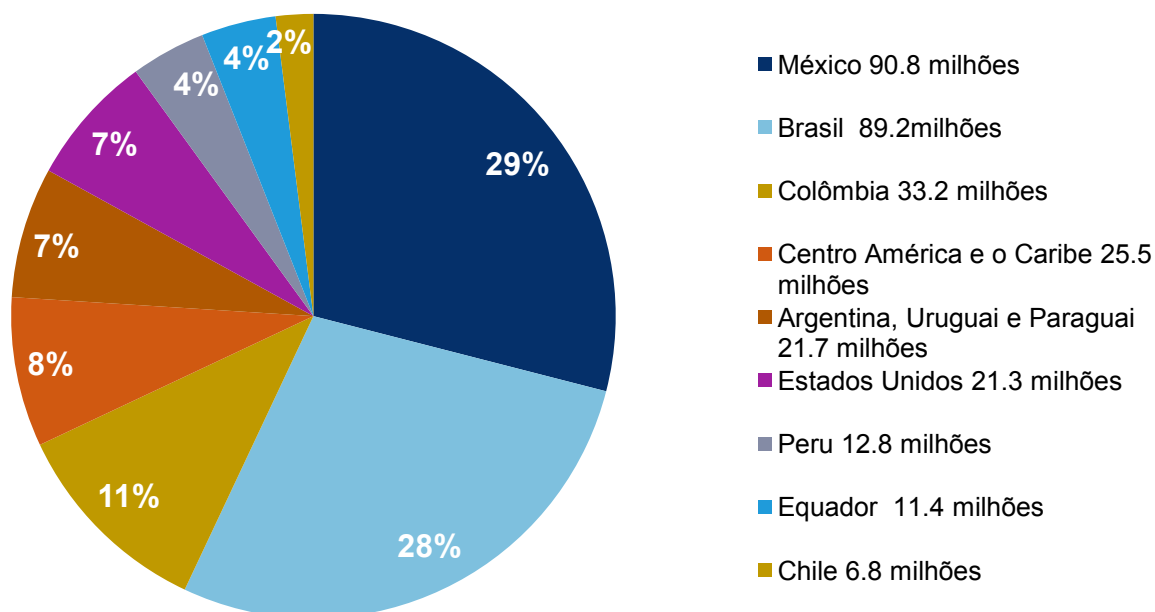


Gráfico 2. América Móvil: Acessos e Receitas totais por país (milhões) 2011 (Junho 2012)



País	Receita (\$ milhões) 2011	Porcentagem
México	11.592,4	23,8%
Telmex	8.028,1	16,5%
Brasil	12.238,2	25,1%
América do Sul	3.602,1	7,4%
Colômbia	4.210,8	8,6%
Andes	2.433,1	5,0%
America Central	1.359,9	2,8%
Estados Unidos	3.401,3	7,0%
Caribe	1.903,1	3,9%
Total	48.769,2	100,0%

Fonte: Capital IQ. Standard and Poor's - 2012

De acordo com a Standard & Poor's Business, ao final de 2012 a receita global da América Móvil poderia atingir os \$ 58 bilhões de dólares, e \$ 64,3 bilhões de dólares em 2013²⁸. Tais números colocaram essa corporação na posição de número 132 dentro de uma lista com as 500 empresas mais importantes do mundo de acordo com a revista Forbes em 2012 – quatro posições atrás da obtida em 2010, embora suas receitas tenham aumentado 11,2%. Isto também ocasionou que seu principal acionista, Carlos Slim Helú, fosse classificado pelo terceiro ano consecutivo como o maior bilionário do mundo no ranking da revista Fobes 2012. De acordo com o jornal de

²⁸ CAPITAL IQ. "America Movil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L). Financials. Total Revenues". Standard and Poors. Data de consulta 4 novembro 2010. Disponível em: <<http://www.capitaliq.com>>

análise econômica The Economist, 64% das riquezas de Slim provém de seus negócios de telecomunicações, isto é, da América Móvil²⁹. Em contraste, a economia mexicana, o país de origem da América Móvil e de onde é originário Slim, entre 2007 e 2011 lançou mais de 87 milhões de mexicanos a viver na pobreza, dessa cifra 11 milhões e 200 mil pessoas vivem na pobreza extrema³⁰. Para tornar as coisas mais paradoxais, no mesmo ano de 2011 a riqueza que acumulou Slim representou 9% do Produto Interno Bruto (PIB) do México.

Quadro 3. Países e marcas onde América Móvil esta presente

País	Empresa	Negócio	Participação
México	Telcel	Telefonia móvel	100%
	Telmex	Tel. Fixa	97.20%
	Secc. Amarilla	Publicidade	100%
	Telvista	Call Center	88.70%
Argentina	Claro	Telefonia móvel	100%
	Telmex	Tel. Fixa	99.50%
Brasil	Claro	Telefonia móvel	100%
	EMBRATEL	Tel. Fixa	97.70%
	Net	Cabo	94.80%
Chile	Claro	Telefonia móvel	100%
	Telmex	Tel. Fixa	100%
Colombia	Claro	Telefonia móvel	100%
	Telmex	Tel. Fixa	99.40%

País	Empresa	Negócio	Participação
Costa Rica	Claro	Telefonia móvel	100%
Dominicana	Claro	Móvil/Fixa	100%
Equador	Claro	Telefonia móvel	100%
	Telmex	Tel. Fixa	100%
El Salvador	Claro	Móvil/Fija	95.80%
Guatemala	Claro	Móvil/Fija	99.30%
Honduras	Claro	Móvil/Fija	100%
Nicarágua	Claro	Móvil/Fija	99.60%
Panamá	Claro	Telefonia móvel	99.90%
Paraguay	Claro	Telefonia móvel	100%
Perú	Claro	Telefonia móvel	99.90%
Puerto Rico	Claro	Móvil/Fija	100%
USA	Tracfone	Telefonia móvel	100%

País	Companhia	Negócio	Participação
Holanda	KPN	Móvil/Fixa	27.70%
Áustria	Telekom Austria	Móvil/Fixa	6.70%

Elaboração própria com dados do Relatório corporativo da América Móvil 2012.

Em termos de infraestrutura, a América Móvil possui uma rede de fibra ótica de 290.000 quilômetros – 120.000 quilômetros no México – que começa na Terra do Fogo e termina nos

²⁹ Editor. "Let Mexico's moguls battle". The Economist.

ist. Data de consulta 4 novembro 2010. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/21546028?fsrc=rss>>

³⁰ ARGÜELLO, Isabel. "Aumentan 87 millones, mexicanos en pobreza". Revista Contralínea. 18 maio 2011. Data de Consulta: 8 mayo 2012. Disponível em: <<http://contralinea.info/archivo-revista/index.php/2011/05/18/aumentan-a-87-millones-mexicanos-en-pobreza/>>

Estados Unidos (AMÉRICA MÓVIL, 2011). Na América do Sul, essa corporação mantém a licença para explorar a interconexão do sistema ótico Atlantis I e II, uma rede de 12 cabos submarinos que adquiriu da privatização da EMBRATEL. Esses cabos conectam 39 operadoras internacionais com a América do Sul, a África, a Europa e a Ásia (U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION, AMÉRICA MÓVIL, 20-F, 2011: p. 37). Além disso, a América Móvil é a principal exploradora do sistema de satélites VSAT e Datasat-EMBRATEL no Brasil (PEREIRA, 2002: p. 3). Ainda no Brasil, a América Móvil tem sob seu domínio 54% do mercado de televisão por assinatura mediante suas subsidiárias NET Serviços e EMBRATEL, a Claro (outra empresa subsidiária da América Móvil) tem mais de 64 milhões de pessoas, o que representa 24% do mercado brasileiro de telefonia movi³¹. No México, a América Móvil, através de TELMEX, domina 80% do mercado da telefonia fixa, 75% do acesso à internet e 70% das linhas moveis³².

Esses números colocam a América Móvil como o protótipo de grande corporação capaz de reproduzir e incrementar sua taxa de lucro de maneira desenfreada. A forma como tem alcançado esse tamanho se deve ao desenvolvimento de agressivos movimentos nos mercados de valores que implicam em fusões com algumas empresas com quem tinha alianças, mediante a aquisição de acionistas minoritários, ou através da emissão de dívidas e novos pacotes de ações. Em abril de 2011 a América Móvil assinou um contrato de compra-venda para adquirir 20 % das ações que a GE Satellite Holdings LLC (filial de General Electric) mantinha da Star One. A Star One é a maior empresa de fornecimento de serviços de satélites do Brasil e tem sob seu domínio 17 % do mercado Latino-americano dessa indústria. No início de 2012, a América Móvil passou a controlar 100% da Star One, uma vez que a EMBRATEL (uma de suas filiais) já possuía 80% dessa empresa³³. A aquisição da Star One fez com que a América Móvil controlasse 11 satélites geoestacionários que fornecem sinais à Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Peru e México (U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION, AMÉRICA MÓVIL, 20-F, 2011: p. 88).

³¹ “Carlos Slim posee 24.7 por ciento del mercado de telefonía celular en Brasil”. Noticias Terra. 20 dezembro 2012. Data de Consulta: 26 dezembro 2012. Disponível em: <http://economia.terra.com.mx/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201212202117_INF_81861163>

³² KERRY A. DOLAN. “The World According To Slim”. FORBES. 13 março 2012. Data de Consulta: 4 de Outubro 2012. Disponível em: <<http://www.forbes.com/forbes/2012/0326/billionaires-12-feature-telecommunications-mexico-world-according-carlos-slim.html>>

³³ MEJÍA GUERRERO, Angelica. “América Móvil va por 100% de firma stelital”. El Universal. México. 20 abril 2011. Disponível em: <<http://www.eluniversal.com.mx/finanzas/85835.html>>

O acesso a essa infraestrutura determina que a América Móvil seja considerada a quarta maior empresa em infraestrutura de telecomunicações do mundo (THOMSON, 2010). Este fator também faz com que a América Móvil mantenha altos preços quando seus concorrentes precisam utilizar a infraestrutura que ela tem sob licenças de exploração. Tomando em consideração as análises de Foster, McChesney e Jonna (2011), sobre o funcionamento das principais corporações de tecnologias envolvidas com a indústria de telecomunicações, como a Microsoft, a Google, a Verizon e a AT&T, a capacidade em infraestrutura e licenças de exploração da América Móvil gera um poder monopólico que serve para estabelecer os preços nos serviços de telefonia e nos investimentos que se realizam no setor das telecomunicações no México e em alguns países onde mantém operações (FOSTER, MCCHESENEY E JONNA, 2011).

No entanto, esse poder monopólico já tem causado problemas com as autoridades regulatórias de alguns países. No México, país onde surgiu esta corporação, em 14 de novembro de 2010, a Comissão Federal da Competência (Comisión Federal de Competencia – CFC) emitiu uma resolução mediante a qual a Telcel – subsidiária da América Móvil nos serviços de telefonia celular – foi considerada com poder substancial no mercado de serviços de telefonia móvel no México (AMÉRICA MÓVIL, 2012). A partir desse momento aumentou o conflito entre os grupos concorrentes que desenvolvem serviços de televisão nesse país, como o Grupo TELEVISA e a T.V. Azteca (os dois maiores fornecedores de televisão aberta no México) que prestaram uma queixa devido à porcentagem de mercado das telecomunicações que era controlada deliberadamente pela América Móvil. O controle implicava a eles o pagamento de grandes custos de interconexão pelo uso de infraestrutura concessionada a essa corporação. No México, desde 2005 até 2010 o número de processos no setor das telecomunicações atingiu 260 casos, muitos dos quais foram sobre o poder de mercado que detém a América Móvil (THE ECONOMIST, 2010). O episódio culminou em abril de 2011, quando a CFC aplicou uma multa de um bilhão de dólares para a América Móvil nos serviços de telefonia celular devido à operadora voltar a desenvolver práticas anti-concorrentes estrangulando os preços (*Price Squeezing*) no mercado das telecomunicações mexicanas (MARES, 2011).

O estrangulamento de preços consiste em aumentar os custos de seus serviços para que não só elimine a competição, mas também controle o mercado, o que implica numa redução na demanda dos serviços por existirem mercados cativos de um poder monopólico. Por exemplo, no México a América Móvil mantém diferentes tarifas de interconexão para aparatos móveis entre os que são fornecidos por seus serviços e os serviços das outras companhias. Isso, segundo a

OCDE, tem ocasionado que os custos das telecomunicações (distribuição de internet e telefonia móvel e fixa) no México fossem de \$26 bilhões de dólares anuais (THE ECONOMIST, 2010).

Por sua parte a América Móvil contratou dois pesquisadores do Massachusetts Institute of Technology (o MIT) dos Estados Unidos, para que eles fizessem um estudo em que eles afirmam que a metodologia da OCDE estava incorreta³⁴. O principal argumento do estudo dos pesquisadores do MIT é que a OCDE não desenvolve indicadores reais que fazem conhecer a verdadeira perda do poder aquisitivo no México. Não obstante, é importante mencionar que o MIT é um dos principais receptores de financiamento da Fundação Carlos Slim, uma das multiplex instituições encarregadas em distribuir dinheiro de propriedade do magnata Carlos Slim, o principal acionista da América Móvil³⁵. Para além das metodologias implementadas pela OCDE e o MIT, em maio de 2012, a CFC e a COFETEL retiraram a multa sobre a América Móvil.

De acordo com essas instituições de poder público do México, a América Móvil tinha que cumprir uma série de compromissos como a diminuição nos preços de interconexão para aqueles concorrentes que precisassem utilizar a rede ótica em concessão de América Móvil, com o intuito de que essas tarifas não sejam uma barreira de entrada aos mercados de telecomunicações. Além disso, outro acordo foi que a América Móvil forneceria toda a informação de suas operações financeiras e de suas subsidiárias no México com o intuito de tornar transparente suas ações³⁶. Isto conflita com o relatório que estabeleceu em julho de 2012 a organização Transparência Internacional (International Transparency), que colocou a América Móvil como uma das piores companhias do mundo em termos de transparência corporativa (TRANSPAREÇA INTERNACIONAL, 2011). Segundo essa organização, o monopólio da América Móvil nos mercados de telecomunicações no México e em outras regiões, faz com que essa possa evadir regulamentos nacionais e atuar da maneira como deseja (TRANSPAREÇA INTERNACIONAL, 2011: p. 46).

Como quer que seja, o episódio envolvendo a Comissão Federal de Competência (CFC) e a América Móvil demonstra como essa corporação tem poder suficiente para fazer com que uma instituição de regulamento se converta em negociador das medidas que ela tem que cumprir por

³⁴ SIGLER, Edgar. “¿Gracias por los precios bajos, AMóvil?” EXPANSIÓN. México. 23 maio 2012. Data de consulta: 2 janeiro 2012. Disponível em: <<http://www.cnnexpansion.com/negocios/2012/05/22/gracias-telmex-y-telcel>>

³⁵ “Boletín informativo”. Fundación Carlo Slim. 19 janeiro 2010. Data de consulta: 26 dezembro 2012. Disponível em: <http://www.carlosslim.com/preg_resp_slim_genoma.html>

³⁶ POSADA GARCÍA, Miriam. “Se revocó la multa a Telcel, pero cumplirá 5 compromisos: CFC”. La Jornada. México 4 maio 2012. Data de consulta: 14 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2012/05/04/economia/023n1eco>>

mandato judicial. A CFC foi criada com o intuito de fazer valer um marco regulatório para os grandes negócios no México. Sua tarefa é estabelecer penas e corrigir as práticas desleais, não negociar com as empresas que são objeto de multa. Quase ao mesmo tempo em que a CFC do México aplicou multa a América Móvil, no Brasil, a ANATEL limitou a subsidiária da América Móvil que opera nesse país, a CLARO, que vendera produtos e serviços nos estados de Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Porto Alegre³⁷. O contraste das ações entre os governos do Brasil e do México revela a grande rede corporativa que a América Móvil e Carlos Slim têm no México, enquanto que no Brasil ainda não é assim. Além disso, evidencia como as elites econômicas mexicanas podem desempenhar um papel ainda mais forte sobre as instituições, em que estas últimas ficam enfraquecidas. Sem dúvida, uma das questões que explicam porque no México as empresas de propriedade de Carlos Slim, incluindo a América Móvil, compreendem mais de um terço do mercado da bolsa de valores mexicana (Bolsa Mexicana de Valores - BMV) (THE ECONOMIST, 2010).

1.5 Expansão, aquisições e concorrência da América Móvil

Em 2012, a América Móvil tornou-se a oitava maior corporação de telecomunicações do mundo e a megaoperadora mais lucrativa da América³⁸, quando expandiu sua base de clientes a mais de 313 milhões de assinantes em seus serviços de televisão a cabo, telefonia fixa e móvel, Internet e outros serviços. A forma para lograr esse número de assinantes deve-se à presença que mantém em 18 países da América, incluindo o Brasil, o México e os Estados Unidos. Através da sua filial “AMOV Europa B.V.” (um veículo de investimento financeiro), em julho do mesmo ano a América Móvil adquiriu 23,43% das ações da empresa holandesa Koninklijke PPT Nederland (KPN) pela quantidade de 3,25 milhões de euros³⁹, assim como 23,7% das ações da Telekom Austria AG, com sede na Áustria.⁴⁰

Com a aquisição dos pacotes acionários dessas duas operadoras de telecomunicações europeias, a América Móvil alcançou os mercados da Alemanha, Holanda, Espanha, França e

³⁷ FRANCO, Diego. “Brasil: gobierno prohíbe operadoras móviles a vender servicios”. Globopedia. Data de consulta: 4 setembro 2012. Disponível em: <<http://mx.globedia.com/brasil-gobierno-prohibe-operadoras-moviles-vender-servicios>>

³⁸ “América Móvil es la firma de telecomunicaciones más lucrativa de América”. América Economía. 6 março 2012. Data de consulta: 6 março 2012. Disponível em: <<http://tecno.americaeconomia.com/noticias/america-movil-es-la-firma-de-telecomunicaciones-mas-lucrativa-de-america>>

³⁹ REUTERS. “KPN ve positiva la oferta de compra de Slim”. El Economista. México. 8 maio 2012. Disponível em: <<http://www.economista.com.mx>>

⁴⁰ “AMóvil, a consolidar compras en Europa”. EXPANSION. 9 agosto 2012. Data de Consulta: 2 Septiembre 2012. Disponível em: <<http://exp.mx/n00579R>>

Inglaterra. Além disso, mediante a Controladora de Servicios de Telecomunicaciones S.A., uma subsidiária da Telmex Internacional S.A. de C.V, a América Móvil se converteu num dos principais investidores da TELSTAR S.A., uma empresa com sede na Espanha que desenvolve soluções na indústria de telecomunicações e desenha equipamento de saúde, farmacologia e biotecnologia, com operações no Reino Unido, na Holanda, na indústria da construção da China, na Alemanha, na França e nos Estados Unidos⁴¹. Em outras palavras, através desses dois braços financeiros (AMOV Europa B.V., e a Controladora de Servicios de Telecomunicaciones S.A.), a América Móvil tem encontrado um espaço para o reinvestimento de seus próprios excedentes nos países da Europa e na China.

Mas esses movimentos não foram os únicos que a América Móvil realizou para consolidar sua presença nos mercados internacionais. Em janeiro de 2012, por meio de sua filial brasileira EMBRAPAR (EMBRATEL Participações S.A.), a América Móvil adquiriu 48 milhões de ações (21,8% das ações preferenciais), da Net Serviços por mais de \$16 milhões de dólares. Com isso, a participação acionária da América Móvil nessa firma atingiu os 77,6% do capital votante da NET. (U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION, AMÉRICA MÓVIL, 20-F, 2012: p. 64). O que significa que a EMBRAPAR controla a maioria do capital votante da NET Serviços. Como se fosse pouco, no segundo semestre de 2012 a América Móvil também adquiriu o 100% da Digicel Group Limited, a maior empresa de telecomunicações de Salvador, com uma base de clientes de 12,8 milhões (BMV, 2012: p. 2). Como resultado dessas operações a América Móvil passou a faturar, dos \$ 26,441.4 bilhões de dólares em 2008, a \$ 50,893.2 bilhões de dólares em 2011. Isso quer dizer que quase duplicou suas receitas em menos de cinco anos. Isto faz com que, na atualidade, o valor comercial da América Móvil no mercado atinja \$125.483,6 bilhões de dólares – esta cifra inclui os ativos totais, incluindo a dívida e os bens de capital (infraestrutura) da corporação (CAPITAL IQ, 2012).

A forma como a América Móvil adquiriu essas empresas foi mediante um mecanismo bem dominado por ela, a alavancagem, isto é, a emissão de dívida corporativa nos mercados de valores e empréstimos bancários. Só no ano de 2012, a América Móvil emitiu dois bônus sênior no mercado de valores estadunidense, um de dez anos por \$1.2 bilhões de dólares e o outro de trinta anos por \$750 milhões de dólares. Em fevereiro de 2012, também emitiu outro bônus em

⁴¹ As subsidiárias da Telstar se localizam no Reino Unido (Clean Air Techiek B.V., Applied Containment Engineering Ltd.); a Holanda (Telstar Huadong Co., Ltd); na China (Telstar International, Ltd., Telstar Projects (Beijing), Co Ltd. Cindustria, indústria da construção); na Alemanha (LMC Medical Components GmbH); a França (Usifroid) e nos Estados Unidos (Telstar USA, Inc.). Em: CAPITAL IQ. “Telstar, S.A. Corporate Tree”. Standar and Poor’s. Data de consulta: 3 novembro 2012. Disponível em: <<https://www.capitaliq.com/ciqdotnet/company.aspx?leftlink=true&companyId=21879064>>

ienes no mercado de valores offshore japonês por \$1 bilhões de dólares, com data de vencimento em 2018⁴². De acordo com a própria informação corporativa da empresa, no total de bônus que a América Móvil emitiu no 2012 para financiar compromissos de crédito e a aquisição das ações dos pacotes acionários de KPN e Telecom Áustria, Net Serviços e a Digicel contabilizaram os \$5.2 bilhões de dólares. (BMV, 2012: p.1) Os bônus foram emitidos em dólares, libras esterlinas, euros e francos suíços. As principais casas bancárias que participaram dessas operações foram o Goldman Sarch, o Morgan Stanley, o CITIGROUP, o Mitsubishi, o banco Mizuho, e o HSBC Holdings Plc.⁴³

Os bônus corporativos são um tipo de instrumentos de dívida que uma empresa emite com a promessa de pagar no futuro uma quantidade acordada. Não são ações, tampouco significam direitos sobre as decisões da empresa. É um rendimento financeiro com um prazo fixo, que podem ser comercializados de maneira eletrônica nos mercados de valores. Se diferenciam do crédito bancário quando um grande banco empresta dinheiro a uma corporação. Os bônus em realidade são uma forma de obter financiamento de vários investidores, geralmente grandes instituições financeiras como fundos de pensão, fundos comuns de investimento, companhias de seguros e um sem número de investidores. No caso dos bônus sênior, estes são um tipo de instrumento respaldado com os próprios ativos das empresas ou por grandes casas bancárias. Como mostra o quadro seguinte, no caso da América Móvil a maior parte de bônus que emite são de tipo sênior como se pode observar no quadro abaixo, quando esse tipo de bônus representa 94,9% (\$30.296,9 milhões de dólares) da dívida corporativa da América Móvil.

⁴² Redação. “América Móvil, de vuelta en el mercado de deuda”. El Economista. México. 9 julio 2012. Data de consulta: 14 novembro 2012. Disponível em: <<http://www.economista.com.mx>>

⁴³ REUTERS. “América Móvil da guía para nueva emisión de bono senior en yuanes”. Milenio Diario. México. 1 febrero 2012. Mexico. Data de consulta: 17 novembro 2012. Disponível em: <<http://www.milenio.com/cdb/doc/noticias2011/294b17236398d639f14d749da9be7da6>>

Quadro 4. Estrutura de capital da América Móvil
(\$)

Unidade	2008		2009		2010		2011		Dezembro 2012	
	bilhões	%	bilhões	%	bilhões	%	bilhões	%	bilhões	%
Capital total	20.733,6	100	45.254,0	100	51.807,6	100	48.567,9	100	55.489	100
Divida Total	10.315,1	49,8	21.227,5	46,9	24.588,2	47,5	27.362,2	56,3	31.932,4	57,5
Total de crédito renovável	2.826,4	26,5	1.212,4	12,6	2.703,3	11,0	2.292,8	8,4	Sem dado	Sem dado
Total de empréstimos a prazos	84,1	0,8	811,2	8,5	1.597,8	6,5	616,4	2,3	1.635,5	5,1
Total de Bonus Senior	6.959,2	65,3	6.880,0	71,7	20.172,2	82,0	24.354,2	89,0	30.296,9	94,9
Total de arrendamento mercantil	432,5	4,1	417,4	4,3	78,1	0,3	37,8	0,1	Sem dado	Sem dado
Total de Capital Tangible	10.371,3	50,0	18.671,9	41,3	24.920,2	48,1	20.488,5	42,2	22.758,9	41,0

Fonte: "Capital Structure Data – América Móvil". Capital IQ

O quadro anterior é importante porque mostra como a emissão de dívida corporativa da América Móvil (seja em bônus ou em linhas de crédito) tem se incrementado nos últimos cinco anos. Em 2008 representava \$10.315,1 bilhões de dólares, o que correspondia a 49,8% do capital da empresa. Para Julho de 2012, o crescimento atingiu \$31.932,4 bilhões de dólares, representando 57,5% do capital total. Isto equivale a dizer que triplicou sua dívida corporativa nesse período de tempo. A emissão de dívida corporativa é um fato inversamente proporcional ao total de capital de uma corporação. Quando uma corporação tem equilíbrio entre sua dívida corporativa e seu capital tangível (instalações, equipamentos, etc.), do ponto de vista financeiro, é considerado como saudável. Na atualidade o capital total da América Móvil (dívida e ativos tangíveis) representa \$55 bilhões de dólares, só que dessa quantidade, a dívida representou mais da metade do capital da empresa. Isso não só mostra como o capital fictício constitui agora a maior parte da capitalização da América Móvil, também ensina como essa corporação, neste momento, pode se encontrar sobre-exposta às variações nos mercados de valores.

A principal forma de dívida da América Móvil se encontra na emissão de bônus sênior, que passaram em 2008 de \$6.959,2 bilhões de dólares, 65,3% do total da dívida, para representar em 2012 \$30.296,9 bilhões de dólares, 94,9% do total da dívida corporativa da América Móvil. Dessa forma a emissão de bônus sênior, como forma de adquirir financiamento tem implicações no sentido de que a América Móvil é dependente de uma série de investidores institucionais representados por fundos de investimento, bancos, fundos de pensão e outros investidores, e não tanto das linhas de crédito. No entanto, as linhas de financiamento que a América Móvil tem em

créditos com grandes bancos ou agências internacionais de financiamento também são importantes. Quando olhamos para os principais detentores de bônus, muitos deles também financiam a América Móvil com créditos e também possuem pacotes de ações dessa empresa.

De acordo com Bloomberg, a América Móvil foi a maior empresa emissora de dívida corporativa na América Latina em 2010, ao emitir \$8,5 bilhões de dólares nos mercados do México e no estrangeiro, acima da paraestatal Petroleos de México (PEMEX) (CLAYTON, 2012). Esse ano tem desenvolvido dívida (bônus e crédito) para adquirir as ações restantes da Teléfonos de México (TELMEX) que custaram \$23 bilhões de dólares. No mesmo ano de 2010, a América Móvil obteve uma linha de crédito de \$2 bilhões de dólares através de bancos como o Bank of Tokyo-Mitsubishi UFJ Ltd., Mizuho Financial Group Inc., Banco Bilbao Vizcaya Argentina S.A. (BBVA) – o maior acionista da Telefônica S.A, JPMorgan Chase & Co. (JPM), Ineres Sanpaolo (ISP), Citigroup Inc. – neste último banco, Carlos Slim, o maior acionista de América Móvil, tem uma participação de 1% no capital social do grupo – outras casas bancárias incluem a francesa Société Générale (GLE)

Quadro 5. Dívida da América Móvil em bônus				
Bancos	Dívida em milhões de dólares	Taxa de Juros	Tempo de cobertura	Tipo
EDC	100,3	1.480%	Oct-15-2015	Senior
CITIBANK	96,0	2.520%	Mar-15-2017	Senior
NUEVO BANCO COMERCIAL	1,6	0.000%	May-15-2013	Senior
BANCO SECURITY	2,7	8.970%	Jul-01-2027	Senior
SEGUROS PREVISION VIDA S.A.	2,1	8.970%	Jul-01-2027	Senior
ENTEL CHILE S.A.	8,8	8.700%	Jan-10-2018	Senior
BANCO INBURSA	200,7	9.260%	Jun-16-2019	Senior
SINDICADO TRAMO	466,5	0.830%	Aug-11-2013	Senior
BANCO BILBAO VIZCAYA ARG.	256,0	0.530%	Feb-18-2014	Senior
EXPORT DEVELOPMENT CANADA	14,5	1.310%	Jul-22-2014	Senior
MIZUHO CORPORATE BANK	282,6	1.090%	Mar-10-2018	Senior
NATIXIS	10,9	2.000%	Sep-30-2016	Senior
CITIBANK ARGENTINA	24,9	19.000%	Sep-20-2014	Senior
SCOTIABANK	37,4	3.750%	Sep-28-2015	Senior
BANCO PRODUBANCO	12,5	6.500%	Mar-25-2013	Senior
BANCO GUAYAQUIL	15,0	6.500%	Mar-15-2013	Senior
BANCO INTERNACIONAL	6,0	6.500%	Mar-15-2013	Senior

BANCO CITIBANK	2,5	6.500%	Mar-29-2013	Senior
BNB	83,3	8.780%	Jan-07-2017	Senior
BNDES-ITAU	9,9	4.500%	Jun-15-2020	Senior
BNDES-ITAU CLEMAR	0,3	4.500%	Jun-15-2020	Senior
BNDES-SAFRA	1,0	4.500%	Jun-15-2020	Senior
Fonte: CAPITAL IQ. STANDAR AND POOR'S - 2012				

Muitos desses bancos têm ações da América Móvil, fato que indica que essa corporação se converte num veículo financeiro para reinvestir os capitais espalhados nos mercados internacionais, ao mesmo tempo em que utiliza o financiamento para atingir diferentes mercados, adquirir concorrentes e maximizar sua taxa de rentabilidade. No entanto, o processo de internacionalização da América Móvil abarca um período de cinco anos que começa em 2008 e vai até a atualidade, coincide com as crises das hipotecas *subprime*, e a enorme migração de capitais para outras áreas geográficas.

A síndrome da crise, que é a centralização e expansão do capital, também é evidente quando observamos o aumento desproporcional da riqueza pessoal. De acordo com o Boston Consulting Group em seu relatório “Global Wealth, Shaping a New Tomorrow: How to Capitalize on the Momentum of Change 2011”, a riqueza do mundo em 2010 atingiu os \$121.8 bilhões dólares (BOSTON CONSULTING GROUP, 2011). Dessa quantidade mais da metade foi gerada em ativos líquidos nos mercados financeiros (59%)⁴⁴.

A crise financeira no Brasil não teve muitos efeitos nas transações econômicas, a forma para que o Brasil saísse da crise foi o estímulo ao seu mercado interno através de medidas governamentais, como a extensão do crédito ao consumidor, a redução tributária de produtos industrializados e a formação de capital fictício hospedado na BOVESPA centrada em commodities, que também se dirigiram para a indústria de construção civil. Dessa forma, só em 2009 os fundos financeiros focados em empresas da construção imobiliária cresceram cerca de 1.600%⁴⁵. Entre 2005 e 2007, capturado pelo mercado de ações e títulos, o setor de construção civil alcançou 12 bilhões de reais. O volume de recursos foi fundamental para a expansão dos investimentos e concentração do setor imobiliário brasileiro. Esse fato também pode ser medido

⁴⁴ “Boston Consulting Group: riqueza global aumentó \$9.000M en 2010”. América Economía. 1 de junio de 2011. Data de Consulta 1 novembro 2011. Enlace: < <http://www.americaeconomia.com/economia-mercados/finanzas/boston-consulting-group-riqueza-global-aumento-us9000m-en-2010>>

⁴⁵ Estes datos estão presentados no relatório do Fondo Inmobiliario 2011. Data de consulta 21 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.fundoimobiliario.com.br>>

a partir do efeito causado pela centralização das terras realizada pelas maiores empresas imobiliárias do Brasil (DANTAS E ESCAMILLA, 2011).

De acordo com Harvey (2008), quando o sistema capitalista sofre alterações em seus processos de acumulação, aumentam os movimentos espaciais de mercadorias e o fluxo de dinheiro gerando ciclos de reinvestimento que reativam a acumulação de capital. Esse processo afeta a propriedade das empresas e a forma como elas conduzem suas transações econômicas nos diferentes países onde se instalam. Portanto, é importante analisar a presença da América Móvil e os grupos de interesse ligados a ela nos mercados das telecomunicações onde se estabelecem. Uma vez que o crédito basicamente lhe permite adquirir novos parceiros a partir de um processo de centralização dos ganhos, o que elimina a sua concorrência. O crédito também cumpre a função para os investidores de dinheiro nas grandes corporações, que podem atuar como um bloco de poder de capital corporativo.

Tomado como um todo integrado, o sistema de crédito pode ser considerado como uma espécie de sistema nervoso central, através do qual coordena-se a circulação global de capital. Alterar a localização do capital dinheiro entre as atividades, empresas, setores, regiões e países. Promove a continuidade de diversas atividades, uma nova divisão do trabalho e uma redução no tempo de retorno. Facilita a taxa de compensação de lucros e arbitra entre as forças que tentam alcançar a centralização e descentralização de capital. Ajuda a coordenar as relações entre capital fixo e circulante atual [...] Quando devidamente organizado e gerido, o capital dinheiro acumulado por meio do sistema de crédito tem potencial para aperfeiçoar a máquina e construir através da coordenação elaborada decisões de investimento são tomadas em uma economia. Indiferente a qualquer uso específico que é dado a este capital, o dinheiro pode ser usado para impor a vontade da classe capitalista como um coletivo para os capitalistas individuais [...] O sistema de crédito também facilita a centralização do capital, e permite que o capital seja liberado dos laços da empresa familiar e opere como capital corporativo; os arranjos de distribuição dentro da classe capitalista podem ser alterados desta forma, e podem dirigir o grau de centralização e descentralização. Se existe um arranjo de distribuição perfeita para assegurar a acumulação equilibrada, então os bancos e o crédito fornecem os meios potenciais para convergir sobre esse ponto de equilíbrio. (HARVEY, 1991: p. 288-89)

A pesquisadora Salas (2006), tem desenvolvido trabalhos onde analisa o papel dos grupos empresariais mexicanos que puderam internacionalizar sua produção (entre eles se destaca a CEMEX, MEXICHEM e a própria América Móvil). O que Salas descobriu é que, embora a economia mexicana, desde os anos oitenta, experimente um processo de estagnação, a posição dos grupos empresariais mais importantes do México aumentou tanto em termos de ativos como em influência política (SALAS, 2006). O principal caminho que esses grupos optaram foi começar a emitir dívidas e ações nos mercados de valores internacionais. Esse passo funcionou para que eles se comportassem como capital corporativo deixando o controle de um só grupo, geralmente a própria família fundadora da empresa, e misturando-se a seus investidores

internacionais (SALAS, 1992). De fato, as anteriores características, isto é, quando as empresas alcançam uma complexidade de sua propriedade em vários investidores e instrumentos financeiros, faz com que possam funcionar como capital corporativo e atingir novas operações fora de seus países de origem.

1.6 As aquisições no Brasil: América Móvil vai às compras

Em 2010, a América Móvil desenvolveu o que, até esse momento, foi a maior reestruturação corporativa desta empresa. Em julho voltou-se aos mercados de valores internacionais para emitir uma dívida de 24 bilhões de dólares em bônus sênior. Além disso, também fez uma ampliação de suas ações nas principais bolsas de valores do mundo. O intuito da América Móvil era absorver 97,13% das ações da Telmex Internacional S.A.B., e levar a cabo uma reestruturação onde a América Móvil controlasse 99,96% da Carso Global Telecom S.A.B., - outra das empresas de telecomunicações de Slim. Por si só, essa operação representou a terceira maior fusão do mundo em 2010, sendo responsável por 15% dos \$215.088 bilhões de dólares que alcançaram as fusões na América Latina em 2010⁴⁶.

A reestruturação da América Móvil não se concentrou apenas no México. Em outubro de 2010, a empresa dirigiu suas forças ao Brasil e adquiriu 20% das ações da Star One S.A., fornecedora de serviços de interconexão em telecomunicações, assim como uma porcentagem importante de ações (143.853.436) da empresa brasileira NET Serviços S.A., pela cifra de \$ 3 bilhões. O que também significou o controle de 54,5% do mercado de televisão por assinatura no Brasil (cerca de 7,45 milhões de assinantes). A oferta de aquisição foi intermediada pelo banco Itaú BBA multiserviços⁴⁷. Dessa forma a América Móvil tornou-se uma empresa mais sólida e capitalizada pela presença de novos parceiros internacionais, personificados por fundos de investimento e bancos privados (quase todos estadunidenses).

A estratégia da América Móvil era equilibrar forças no segundo mercado do mundo onde tinha mais assinantes depois do México, e dessa forma, contra-arrestar as parcerias que tinham desenvolvido seus concorrentes, a Telecom Itália e a Telefônica de Espanha. A forma como a América Móvil logrou controlar a NET Serviços foi através de uma *joint venture* com o grupo de

⁴⁶ “América Móvil completa oferta para compra de Telint y CGT”. América Economía. 5 novembro 2010. Data de consulta: 14 fevereiro 2013. Disponível em: < <http://www.americaeconomia.com/negocios-industrias/fusiones-adquisiciones/america-movil-completa-oferta-para-compra-telint-y-cgt>>

⁴⁷ “Telmex busca consolidarse en Brasil”. El Economista. México. 11 agosto 2010. Data de consulta: 26 dezembro 2012. Disponível em: <<http://eleconomista.com.mx/industria-global/2010/08/10/telmex-internacional-busca-consolidarse-brasil>>

telecomunicações brasileiro O Globo. Juntos criaram o GB Empreendimentos e Participações, que era dono de 51% das ações ordinárias de NET. Essa participação deu direito a América Móvil de adquirir 100% de participação sem direito a voto e 49% do capital votante da NET. Nessa *joint venture*, o Globo deteve 51% do capital votante da GB Empreendimentos e Participações⁴⁸.

O intuito da América Móvil no Brasil era criar uma empresa capaz de oferecer serviços em telefonia fixa, móvel, internet banda larga e TV por assinatura que tivesse uma só fatura. Mas a verdadeira finalidade do grupo de telecomunicações mexicano era que fosse aprovada a revisão da chamada Lei do Cabo (8.977/95) no Brasil, que permitiria que empresas de capital estrangeiro exercessem o controle sobre companhias de comunicação no Brasil. Em agosto de 2011, foi aprovado pelo Senado brasileiro o projeto de Lei complementar PLC 116/10, que liberou a entrada de capital estrangeiro no controle desse setor. Essa medida aprovada pela Câmara dos Deputados e o Senado brasileiro permitiu à América Móvil controlar a maior parte das telecomunicações no Brasil (DALTRO PONTUAL e RODRIGUES POZZEBOM, 2011).

A compra da Net por parte da América Móvil foi finalizada em cinco de agosto de 2011, quando a EMBRATEL, filial da América Móvil, que já tinha uma participação de 49% no capital da NET, fez uma OPA para adquirir a totalidade dos títulos preferenciais dessa companhia. Dessa forma, a América Móvil se converteu na maior empresa de multisserviços de telecomunicações via cabo da América Latina. No Brasil, a grande corporação de Slim oferece o serviço de "triple play" (nome que se refere à oferta conjunta de serviços de TV por assinatura, Internet banda larga e voz transmitidos por um único cabo) em 93 cidades brasileiras situadas em 14 Unidades federativas do Brasil. Além disso, também se fez do direito de explorar uma rede de mais de 47 mil km de cabos que conectam mais de 10,7 milhões de domicílios; o que significa mais de 50% do mercado brasileiro de televisão por assinatura.

As consequências do controle da América Móvil sobre uma fatia importante do mercado das telecomunicações no Brasil reestruturou seu capital com outras empresas de telecomunicações de propriedade de Carlos Slim. Dessa maneira a redução do capital flutuante da América Móvil funcionou para eliminar a participação de alguns acionistas minoritários, como Maria Assunção Aramburuzabala, José Elias Briones e Jaime Chico Pardo. No exercício

⁴⁸ “Resultados del cuarto trimestre de 2011”. AMÉRICA MÓVIL. Fevereiro 2012. Data de consulta: 18 fevereiro 2012. Disponível em: <http://www.americamovil.com/amx/cm/reports/Q/4T11_VF.pdf>

fiscal de 2011 da América Móvil estes acionistas pararam de reportar ações dessa empresa (U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION, AMÉRICA MÓVIL 20-F, 2011).

As movimentações da América Móvil só podem acontecer num modelo de produção como aquele do capitalismo contemporâneo, onde Grandes corporações utilizam a emissão de dívida para maximizar seus lucros, mas sempre aproveitando as condições de crise estrutural do sistema capitalista que permite criar novos mercados para alocar os excedentes de produção. Em repetidos momentos, Carlos Slim Helú tem manifestado que a forma como ele construiu seu império empresarial foi através de crises econômicas e da compra de ativos empresariais em falência. Por exemplo, em 2008, outra das empresas de sua propriedade, o Banco INBURSA, adquiriu 25 milhões de ações do Citigroup Inc., por \$134,4 bilhões de dólares⁴⁹. Na atualidade, o Banco INBURSA ainda tem investimentos no Citigroup por meio de suas subsidiárias, a Operadora INBURSA Sociedad de Inversión S.A., C.V., Fondo Dinámico de Inversiones Bursatiles S.A., C.V., S.I.I.R.V. e Fondo INBURSA S.A. de C.V.:

Quadro 6. Fundos de investimento de propriedade de Carlos Slim presentes na estrutura de capital do CITIGROUP, Inc. (NYSE:C)				
Nome	Ações	%	Valor (\$ bilhões)	Data
Ibuplus, S.A. de C.V., S.I.R.V. (BMV:IBUPLUS A)	1.000.050	0,034	42,5	sep-30-2012
Fondo Dinamico de Inversiones Bursatiles, S.A. de C.V., S.I.I.R.V. (BMV:FONIBUR B)	600.000	0,02	25,5	sep-30-2012
Fondo INBURSA, S.A. de C.V., S.I.R.V (BMV:INBURSA B-3)	445.000	0,015	18,9	sep-30-2012
Total	2.045.050	0,07	86,8	
Fonte: Capital IQ. Standard and Poor's "Citigroup, Inc. (NYSE:C). Public Ownership. Ownership by fund. Data de consulta: 1 fevereiro 2013.				

Da mesma forma, desde 2007 a América Móvil desenvolveu não só uma série de projetos de infraestrutura em internet, TV, telefonia e acesso a financiamento que se concentraram na Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e Peru, com um plano de investimentos anuais até 2016, de \$8 bilhões de dólares na região. No mesmo 2007, a América Móvil adquiriu 100 % da Telecomunicações de Puerto Rico, Inc. (\$1.890 bilhões de dólares), até então propriedade da Verizon. Nesse mesmo ano também adquiriu 100 % da Oceanic Digital Jamaica, LTD. (\$73.648 milhões de dólares) da Jamaica. Ambas as maiores operadoras de telecomunicações em seus

⁴⁹ “Compra Slim acciones de Citigroup por 134 mdd”. El Universal, México, 25 novembro 2008. Data de consulta: 18 fevereiro 2013. Disponível em: <<http://www.eluniversal.com.mx/notas/558297.html>>

respectivos países. Em 2008, a América Móvil adquiriu 100% do capital social da nicaraguense ESTESA Holding Corp., fornecedora de serviços de telefonia a cabo, satélite, internet e TV., (\$47,8 milhões de dólares) (AMÉRICA MÓVIL, 2010).

A forma como a América Móvil financiou essas aquisições foi recorrendo aos mercados de valores e emitindo dívida corporativa. Em 2007, a América Móvil emitiu, no Peru, um primeiro bônus corporativo com valor de \$40 milhões de dólares a uma taxa de 6,40%. Em 2009, também emitiu um bônus no mercado de valores do Chile de \$ 145 milhões de dólares e assinou um contrato com o Banco Chinês de Desenvolvimento (China Development Bank – CDB) para ter uma linha de crédito, a pagar em dez anos a partir dessa data, de \$1 bilhão de dólares, o que até esse momento constituiu a maior transação de uma empresa mexicana com um banco Chinês (AMERICA MOVIL, 2009).

O que estamos observando com essas operações da América Móvil ao emitir dívida corporativa e adquirir créditos em outros mercados estrangeiros foi que ampliou-se a base, não só de financiamentos, mas também de novas parcerias internacionais que permitiram a essa corporação ter um desenvolvimento ótimo de seus negócios. De acordo com Foster e Holleman (2010), a coligação de interesses que resulta da união entre as finanças e a produção industrial tem dois objetivos paralelos que podem sintetizar-se na construção de um bloco de poder com capacidade para trasladar-se a qualquer lugar do planeta, enquanto procura concentrar a propriedade das empresas e os ativos dos principais negócios num número reduzido de acionistas institucionais (FOSTER e HOLLEMAN, 2010).

Funcionando como um bloco de poder com capacidade de exercer uma enorme influência no processo de acumulação da indústria das telecomunicações, o maior acionista da América Móvil, Carlos Slim Helú, realizou dois movimentos nos mercados de valores, ambos relacionados com os recursos disponíveis das linhas de crédito que tinha contratado a América Móvil. O primeiro, no mesmo novembro de 2010, quando anunciou o corte dos ativos imobiliários e mineiros do Grupo CARSO para criar duas novas empresas: a Inmuebles Carso e a Minera Frisco. O segundo e o mais impressionante foi realizado em 23 de novembro de 2010, quando a Inmobiliaria Carso comprou 58,7 milhões de acciones ordinárias (2%) da BlackRock Group em uma operação avaliada em \$10 bilhões de dólares. Mas a pergunta central disso é: qual foi o significado do maior acionista da América Móvil comprar ações da BlackRock?

A BlackRock é uma das firmas financeiras mais importantes do planeta no manejo de fundos de investimento e derivativos de alto risco. Sua lista incluem fundos de cobertura, hipotecas e

créditos (BLACKROCK, 2010). Essa instituição foi criada em 1998 por Roger Atman, ex-subsecretário do Departamento do Tesouro estadunidense durante o governo de Bill Clinton. Atman foi o personagem, junto com Robert Rubin (ex-CEO da Goldman Sachs e ministro do Departamento do Tesouro estadunidense 1993-1995), que promoveu a modificação em 1999 da Lei Glass-Steagall ou Banking Act. de 1929, que impedia o crescimento dos ativos financeiros no sistema de crédito dos Estados Unidos. Quando o Banking Act. foi modificado o setor financeiro estadunidense passou a funcionar sob o imperativo de “originar e distribuir” os ativos das empresas e as emissões de dinheiro que os bancos daquele país geravam (KREGEL, 2008: p. 5). O resultado desse processo aumentou o sistema de crédito estadunidense, a partir do princípio baseado na especulação e criação de bolhas financeiras (KREGEL, 2008).

Sem dúvida uma das principais ações para modificar o Banking Act. se encontrava nas demandas de capital que precisavam atrair a indústria das TIC's nos primeiros anos de 1990. Durante os oito anos prévios à modificação da lei de valores financeiros dos Estados Unidos (1990-1999), as saídas à bolsa de empresas relacionadas com as TIC's adquiriram um ritmo frenético, com uma média de 423 novas empresas a cada ano que cotizaram no NASDAQ. Como consequência, em 1996, o índice Dow Jones atingiu mais de 10 mil pontos, um nível histórico que somente se repetiria com os resgates financeiros do governo estadunidense quase doze anos depois (2008). Voltando a 1996, nesse ano o valor das ações geradas nos mercados de valores passou a atingir \$9,5 trilhões de dólares em 1996, 120% do PIB dos Estados Unidos (VALARIÑO, 2009: p. 15). Segundo Vilariño, as novas tecnologias e os processos econômicos que sucederam nesta época, na realidade, foram: “[...] uma mescla de fatos, comportamentos, conjeturas e juízos de valor que alimentaram o aumento das cotizações das ações negociadas no mercado de valores tecnológicos: o NASDAQ” (VALARIÑO, 2009: p. 21).

Somente sob um sistema com tais características se pode explicar o surgimento da BlackRock, isto é, uma instituição financeira especializada em manipular a especulação para incrementar seus lucros. No exercício fiscal de 2009, a BlackRock obteve lucros de \$4,7 bilhões de dólares e dirigiu ativos por um total de \$3,346 trilhões de dólares, mais do que o PIB da Alemanha. Mas a BlackRock é um verdadeiro titã das finanças internacionais, a base de clientes que ela representa (incluindo bancos, fundos de investimento e grandes corporações) alcança uma carteira total de

ativos avaliados em \$9,5 trilhões de dólares. Essa cifra é superior ao PIB da China, 11 vezes o PIB do México, 170 vezes o PIB do Equador e 1.385 vezes o PIB do Haiti em 2009⁵⁰.

O mais surpreendente da BlackRock é a forma como a sua propriedade está dividida. Entre seus principais acionistas e proprietários institucionais se encontram o Bank of America, o Goldman Sachs, o Bank of New York Mellon, o Morgan Stanley e o Citigroup. Os bancos que, de acordo com Johnson e Kwak (2010) - Johnson, antigo economista chefe do FMI, e Kwak James, um consultor da McKinsey & Co, são os responsáveis pela crise econômica de 2007-2008 (JOHNSON e KWAK, 2010). Esses bancos ainda estão sendo investigados pelo desvio de verbas do Programa do governo dos EUA Alívio de Ativos Problemáticos (TARP), que este país implementou para revitalizar seu sistema financeiro. Curiosamente, quando o TARP entrou em ação, a BlackRock aumentou seus ganhos de \$2,098 bilhões dólares em 2006 para \$5,064 bilhões de dólares em 2008, ou seja, mais de 241% em dois anos (BLACKROCK, 2010).

Um dos dados mais perturbadores que se pode observar na rede de interesses econômicos e políticos que tem a BlackRock: ex-ministros do governo estadunidense como Altman, antigos funcionários do Banco Mundial como Abdlatif Yousef Al-Hamad, que também foi ministro das Finanças e Planejamento do Kuwait (1981-1983) e membro do Grupo Thirty – o poderoso grupo de *lobistas*. Além disso, a BlackRock também tem os serviços do presidente e CEO do Citigroup Deryck Maughan; o presidente de Goldman Sachs, John A. Thain; o vice-presidente da General Electric, Dennis Dammerman, que também desempenha o papel de diretor, membro do Comitê de Remuneração e Gestão de Recursos Financeiros e Risco do American International Group, Inc. (AIG), o fundo financeiro, que foi o primeiro a ser resgatado pelo governo dos Estados Unidos em 2008 com mais de \$182 bilhões de dólares, o maior resgate da Federal Reserve (FED) na história.

A presença de Altman e Al-Hamad Yousef Abdlatif na BlackRock representa a mais alta expressão de uma coligação de interesses entre o setor financeiro e altos funcionários dos governos nacionais. Particularmente, a questão da influência de Wall Street no governo dos Estados Unidos tem sido recentemente estudada por Foster e Holleman (2010), que identificaram 21 altos funcionários dentro do Departamento de Tesouro, o Conselho Econômico Nacional e da Casa Branca com laços com bancos como o Goldman Sachs, o Barclays, o Citigroup, JPMorgan

⁵⁰ Em 2006, a BlackRock fundiu-se com Merrill Lynch Investment Managers, quase triplicando seus activos sob gestão (AUM) e transformá-lo em uma das maiores empresas de gestão de investimentos do mundo, com mais de US \$ 1 trilhão em ativos. O Barclays 16 de junho de 2009 (BCS) aceitou uma oferta da BlackRock por US \$ 13,5 milhões para vender a sua Barclays Global Investors. Em: “Informe Coporativo – 2010”. BlackRock. Data de Consulta 20 novembro 2010. Enlace: <<http://www.blackrock.com>>

Chase, Bank of America e Lehman Brothers (FOSTER e HOLLEMAN, 2010). Com essas observações, podemos compreender por que no Ato de Reforma do Sistema Financeiro Americano de 2010, as organizações que dirigem ativos de risco, como a BlackRock, praticamente não tiveram o seu funcionamento afetado (KOLHATKAR e BHAKTAVATSALAM, 2010).

Mais especificamente, sobre BlackRock existem alguns nomes importantes para o México, Ralph Schlosstein, atual CEO da Lehman Brothers, que serve simultaneamente como CEO da Evercore Partners. Evercore é um intermediário financeiro para as grandes corporações que operam em território mexicano sob o nome PROTEGO, e é dirigido pelo ex-secretário de Fazenda e Crédito Público durante o governo de Carlos Salinas de Gortari (1988 – 1994, o governo que privatizou a TELMEX). E ainda Pedro Aspe Armella, também membro do Conselho Internacional do Itaú Unibanco Holding SA, o banco intermediário na compra das ações da NET Serviços pela Embratel em 2010. Esses são alguns nomes que integram a equipe BlackRock no que poderia ser classificada como uma rede de tráfico de influência para garantir a reprodução dos investimentos e os interesses dos seus clientes em todo o mundo. Essa é a união e fortalecimento de uma "superclasse", como foi classificada por Watson, que determina a direção das políticas econômicas da maioria dos países onde alguma instituição financeira dos Estados Unidos tem presença (WATSON, 2011).

Mas há elementos importantes que podem ajudar-nos a compreender a aquisição de 2% do BlackRock por Slim. O primeiro diz respeito ao aumento de 41% dos ganhos de Grupo CARSO em relação ao ano anterior, impulsionado principalmente por sua mineração e negócios imobiliários (ORPHAN e ARAGON, 2010). O segundo elemento diz respeito aos ativos (ações ordinárias e preferenciais) que a BlackRock têm em quatro das 10 maiores empresas de mineração na América Latina responsáveis por mais de três quartos dos \$ 63,6 bilhões de dólares gerados pelas 10 empresas mineiras mais importantes dessa região⁵¹.

A lista da participação da BlackRock na mineração pode-se integrar por mineral:

- A. **ferro e níquel.** A Vale, uma joint venture brasileira e a maior exportadora mundial de ferro. A BlackRock tem mais de 45.415.956 ações da Vale, avaliadas em \$1,4 bilhões de dólares (U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION, FORM, 13F-HR, BlackRock, 2010).

⁵¹ "Ranking de las 500 Mayores Empresas de América Latina". América Economía. Julio de 2010. Disponível em: <<http://www.americaeconomia.com>>

- B. **Cobre.** A mina chilena a Escondida, o maior produtor mundial de cobre, é controlada pela BHP Billiton. BlackRock têm 1.526.898 de ações da BHP com um valor de mais de \$ 106 bilhões. Souther Copper Peru, uma mineradora do Grupo México, onde a BlackRock controla o 19.643.996 de ações com valor de \$689,8 milhões de dólares (U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION, FORM, 13F-HR, BlackRock, 2010).
- C. **Ouro.** Na maior mina de ouro do mundo localizado no Peru, mina Yanacocha, e controlado pela Newmont Mining Corporation. BlackRock detém 40.511.663 de ações avaliadas em \$1,83 bilhões de dólares (U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION, FORM, 13F-HR, BlackRock, 2010).

No entanto, a associação entre os dois gigantes não é nova. Quando a América Móvil realizou a sua reestruturação, parte dos \$ 27 bilhões de dólares do custo para adquirir as ações da Carso Global Telecoms e da Telmex Internacional, tiveram sua origem na venda de 19.877.633 de ações com um valor de \$1,060 bilhões de dólares que a BlackRock adquiriu da América Móvil, como fica indicado nos seguintes documentos da U.S.Securities And Exchange Commission (SEC) do governo dos Estados Unidos:

<http://www.sec.gov/Archives/edgar/data/1003283/0001086364-10-009990.txt>
<http://www.sec.gov/Archives/edgar/data/1086364/0001086364-10-009985.txt>
<http://www.sec.gov/Archives/edgar/data/1364742/0001086364-10-009987.txt>
<http://www.sec.gov/Archives/edgar/data/1006249/0001086364-10-009986.txt>
<http://www.sec.gov/Archives/edgar/data/1305227/0001086364-10-009989.txt>

A aliança entre a BlackRock e Carlos Slim nos faz lembrar um fato observado por Harvey na coligação entre o capital financeiro e as grandes corporações: "Quando devidamente organizado e gerido, o capital-dinheiro acumulado por meio do sistema de crédito tem o potencial para refinar a máquina de acumulação através da coordenação elaborada de decisões de investimento que são tomadas em uma economia. Indiferente a qualquer uso específico é dado, este capital-dinheiro pode ser usado para impor a vontade da classe capitalista como um coletivo para os capitalistas individuais." (HARVEY, 1991: p. 288).

Com essas movimentações nos mercados de valores aumentou o poder monopólico da América Móvil para enfrentar a crise financeira mundial. Mas também a propriedade corporativa da empresa diminuiu em grandes acionistas representados por fundos de investimento e grandes instituições bancárias. Um fato que é assinalado por Foster, McChesnay e Jonna, nos períodos quando se incrementa a concorrência, o sistema de crédito (sistema financeiro) é responsável por dirigir a expansão do capital, tornando disponíveis recursos para que as empresas possam desenvolver seus planos de expansão e ganhar presença em outras

regiões. Ao mesmo tempo, esse excesso de recursos, quando acontece em tempos de crise econômica ou estagnação – como a crise financeira de 2007/2009 – funciona para que grandes capitais possam absorver seus concorrentes (FOSTER, MCCHESNAY e JONNA, 2011).

Dessa forma pode-se dizer que a emissão de dívida das grandes corporações, como América Móvil, tem a função refinar seus negócios. A dívida corporativa espalhada em bônus e ações representa assim um dos mais importantes mecanismos para que os grandes negócios operem sob uma dinâmica de maximização absoluta de lucros. Quando as corporações emitem dívida, como tem sido observado aqui mesmo, utilizam o mercado de valores como a entidade que complementa a cadeia de mercadoria-dinheiro, abre-se uma nova fase de expansão do capital. Mas, como lembra Barbrook (2008), esse desenvolvimento tem como contexto a expansão de forças produtivas altamente concentradas em unidades de produção gigantes que centralizam e são capazes de disputar os processos de inovação, pesquisa e desenvolvimento industrial, toda vez que impulsionam o desenvolvimento de um regime de acumulação cujo motor é a expansão incessante (BARBROOK, 2008).

CAPITULO 2. A Privatização das telecomunicações

2.1 A privatização das telecomunicações

Como foi analisado no capítulo anterior, o modelo que prevalece atualmente na indústria das telecomunicações tem-se caracterizado por colocar as grandes corporações em sólidas alianças entre os grupos econômicos locais onde mantém algum tipo de projeto. O resultado dessa aliança possibilita o controle do desenvolvimento do sistema comunicativo e informático ao longo do mundo. O mais importante é que essas alianças têm a capacidade de definir o modo de acumulação do capitalismo contemporâneo, num ciclo de reinvestimentos e movimentações espaciais do capital (HARVEY, 2011). A forma como as grandes corporações de telecomunicações têm alcançado esse estágio, que em geral acontece quando combinam sua dívida corporativa espalhada nos mercado de valores, seja através da criação de capital social (por meio de novas ações), ou da emissão de bônus corporativos de dívida.

A genealogia dessa fórmula se localiza na privatização dos antigos monopólios públicos controlados pelas administrações centralizadas dos Estados-nação, que abriram caminho a um novo tipo de administração dominada pelas finanças e pelos capitais privados. Uma das principais características desse processo foi desenvolver nódulos de vários circuitos de produção, geração de tecnologias, transporte de excedentes, sem esquecer as múltiplas formas de trabalho precário que se espalha por toda a cadeia logística da indústria das telecomunicações através da terceirização.

No caso desta pesquisa, a América Móvil é uma dessas grandes corporações. Na atualidade, além de ter mais de 315 milhões de assinantes em 20 países (18 de América), a forma como estão organizados seus serviços incluem uma grande rede de corporações gigantes que fornecem serviços de assessoria técnica e logística, equipamento e crédito, assim como distribuição de seus produtos. Como vai ser abordado neste capítulo, a genealogia da América Móvil teve início no ano de 1989, quando o presidente do México, Carlos Salinas de Gortari (1988 – 1994), autorizou a associação de um grupo de corporações estrangeiras e de uma holding mexicana, o Grupo CARSO S.A.B., com o objetivo de comprar os ativos da paraestatal Teléfonos de México (TELMEX). Depois de duas décadas com um mercado protegido aos investimentos estrangeiros, a TELMEX criou a América Móvil em 2000. Desde então, esta última corporação tem mantido um processo de internacionalização, por meio de sólidas alianças com outras grandes corporações do setor das telecomunicações e da indústria financeira.

Mas o processo de privatização das telecomunicações que viveu o México, no começo dos anos 1990, coincide com a abertura da “privatização” das telecomunicações no Brasil, quase no mesmo período. Naquele país, primeiramente foi transferida a propriedade pública das telecomunicações brasileiras aos grupos de capital privado, sendo os mais importantes, a SBC Communications, a AT&T e a Telefônica da Espanha. Logo, uma vez que a América Móvil começou a operar os investimentos mexicanos, misturados com capitais estrangeiros (principalmente estadunidenses), entraram no Brasil. Sem adiantar muito, pode-se dizer que tanto a privatização da Telmex (1989 – 1991) e do sistema TELEBRAS (1996-1997), constituíam respostas organizadas dos regimes neoliberais e os grandes negócios do tipo *big business* ante a quebra de um sistema de comércio como foi Bretton Woods (1971). A era pós-Bretton Woods tem se caracterizado por espalhar enormes quantidades de dinheiro ao redor do mundo e pressionar a privatização dos ativos estatais.

Temos que lembrar que a América Latina, desde os anos 1980, comprometera seriamente seus regimes de acumulação devido à crise da dívida dessa década. Dessa forma, os grandes grupos financeiros, as agências de crédito internacional e as grandes corporações, enviaram seus principais assessores (country management, sênior officers, etc.) para economias como a mexicana e a brasileira, com o fim de impulsionar um tipo de reformas privatizadoras das principais indústrias nacionais até então consideradas de monopólios públicos.

Na atualidade, dos 126 países que formam a UIT (União Internacional de Telecoms), os serviços de telecomunicações encontram-se quase totalmente privatizados. Só em 34% de alguns desses países as operadoras de telecomunicações continuam sob algum domínio do Estado. Na Europa, aproximadamente 86% do sistema de telecomunicações foi transferido para a iniciativa privada; nas Américas esta proporção atinge 74%⁵². Independentemente da pouca ou nula regulação nesses tipos de serviços, o panorama atual da indústria das telecomunicações é muito parecido ao quadro que a historiadora Ruelas (1996) desenhava na metade da década dos anos 1990, quando ela achava que os sistemas de telecomunicações estariam integrados numa só plataforma comunicativa com epicentros localizados nos países com mercados de capital (predominantemente financeiro) mais desenvolvidos, onde as principais corporações financeiras tinham escritórios, a saber na Europa e nos Estados Unidos:

⁵² SUNDBERG, Nancy, LOZANOVA, Youlia e FALL Makthar. “Informe Tendencias en las reformas de telecomunicaciones 2010–2011: propiciar el mundo digital del mañana”. ITU. 2011. Data de consulta: 21 janeiro 2012. Disponível em: <<http://www.itu.int/pub/D-REGTTR.12-2010>>

Não por coincidência, os mercados onde existe forte competição das redes globais são os países onde elas estão baseadas e estão concentrados em mais escritórios centrais de empresas multinacionais [...] O objetivo principal é levar os serviços de telecomunicações mais avançadas para grandes usuários operarem a partir de países industrializados, como a American Express, Citibank, Merrill Lynch, cadeias hoteleiras, seguros e grupos financeiros, empresas aeroespaciais, entre outras. (RUELAS, 1996: p. 38)

A única questão que a historiadora não acertou foi que tipo de tecnologia dominaria as demais, se os sistemas de cabo, as radiofrequências ou os sinais via satélites (RUELAS, 1996: p. 34). De acordo com o Briggs e Burke (2001), o elemento que integrou todas essas tecnologias foram as grandes corporações de telecomunicações que, mediante a centralização de capital e as alianças estratégicas nos campos de operadoras telefônicas, prestadoras de serviços de televisão por cabo, companhias de celular, desenvolvedores de software, maquinaria e equipamentos, assim como aquelas especializadas no fornecimento de crédito, criaram um enorme bloco de interesses que, posteriormente, gerou redes de valor agregado aos serviços da indústria das telecomunicações, principalmente no entretenimento (BRIGGS e BURKE, 2001: p. 331).

No caso da corporação deste estudo, a América Móvil possui uma série de alianças estratégicas com outras grandes corporações de serviços que manufaturam equipamento eletrônico como a Nokia, a Apple, a Motorola e a Samsung; nos serviços de telefonia a longa distância tem acordos com a AT&T, a Alcatel-Lucent, S.A., e a Telefônica da Espanha; no desenho de software como a Cisco Systems Co., além de importantes alianças no plano do fornecimento dos serviços financeiros com entidades como o Citibank, o Banco INBURSA (empresa de Carlos Slim), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social do Brasil (BNDES) e o Banco Itaú.

Quadro 7. Alianças estratégicas da América Móvil		
Nome da empresa com a que realiza aliança.	Serviço que fornece	Descrição do Negócio
AT&T International, Inc.	Serviços de telecomunicações integrados	Opera como uma holding e é um provedor de serviços de telefonia local e de longa distância. A empresa era anteriormente conhecida como SBC International Inc. AT&T International, Inc. é uma subsidiária da AT&T Inc.
Alcatel-Lucent, S.A. (ENXTPA:ALU)	Equipamento eletrônico e de telecomunicações	Alcatel-Lucent, S.A., tem sua sede na França e fornece redes e tecnologia de comunicações, produtos e serviços aos prestadores de serviços, empresas e governos em todo o mundo. Seus projetos Redes segmento IP (Internet Protocol) / Multiprotocol Label Switching roteadores, switches de serviços de transporte de serviços Ethernet, multi-serviços de rede de área ampla. Alcatel-Lucent, SA foi formalmente conhecido como Alcatel, S.A., e mudou seu nome para a Alcatel-Lucent, S.A., em dezembro de 2006.
Vonage Holdings Corporation (NYSE:VG)	Serviços Alternativos	Vonage Holdings Corp., fornece serviços de comunicação de banda larga nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. A empresa oferece serviços de voz e de mensagens através de Session Initiation Protocol (SIP) em 60 países, incluindo Índia, México e China.

Cisco Systems, Inc. (NasdaqGS:CSCO)	Equipamento de comunicação/ Serviços de Televisão	Cisco Systems, Inc. Cisco Systems, Inc., fabrica e vende Protocolo de Internet (IP) baseado em rede e outros produtos relacionados com as comunicações e da indústria de tecnologia da informação em todo o mundo. Tem alianças estratégicas com a Accenture Ltd; AT & T Inc.; Cap Gemini SA; Citrix Systems, Inc.; EMC Corporation, Fujitsu Limited; Intel Corporation; International Business Machines Corporation; Italtel SpA, Johnson Controls Inc., Microsoft Corporation. A empresa foi fundada em 1984 e está sediada em San Jose, Califórnia, Estados Unidos.
Citigroup, Inc. (NYSE:C)	Serviços Financeiros Diversificados	CitigroupInc., empresa de serviços financeiros. Em 31 de dezembro de 2011, tinha 1.016 agências bancárias de varejo na América do Norte; 292 balcões de retalho na região EMEA; 2.221 agências de varejo na América Latina; e 671 balcões de retalho na Ásia. CitigroupInc. foi fundada em 1812 e está sediada em Nova Iorque, Estados Unidos.
Banco Bilbao Vizcaya Argentaria, S.A. (CATS:BBVA)	Crédito	Banco Bilbao Vizcaya Argentaria, S.A., fornece gestão de ativos e banco privados para corporações e serviços bancários de investimento e produtos de seguro; administra fundos mútuos e de pensão, e se envolve em atividades de tesouraria e de distribuição. Banco Bilbao Vizcaya Argentaria, SA foi fundada em 1988 e está sediada em Bilbao, Espanha.
Banco INBURSA, Institución De Banca Múltiple, Grupo Financiero INBURSA,	Crédito	Banco INBURSA, fornece vários serviços bancários no México. Oferece crédito e produtos de investimento e títulos. A empresa está sediada no México. É uma empresa propriedade de Carlos Slim
Banco Itaú BBA S.A.	Crédito	Banco Itaú BBA SA oferece investimento por atacado e institucionais, serviços de tesouraria bancários no Brasil e internacionalmente. Seus produtos incluem produtos de ativos, gestão de caixa, crédito imobiliário, financiamento de projetos. A empresa está sediada em São Paulo, Brasil.
HSBC Bank USA, N.A.	Crédito	Oferece produtos bancários comerciais e de serviços a indivíduos, empresas, instituições e órgãos governamentais. Foi fundada em 1850 e está sediada em McLean, Virgínia e opera como uma subsidiária do HSBC EUA, Inc.
Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).	Crédito	Presta serviços de financiamento de longo prazo para a capitalização dos projetos, principalmente no Brasil. A empresa foi fundada em 1952 e tem sede no Rio de Janeiro, Brasil
Comisión Federal De Electricidad	Eletricidade	Engaja-se na geração, distribuição e comercialização de energia elétrica, principalmente para os clientes domésticos e industriais no México.
Ericsson (OM:ERIC B)	Equipamento eletrônico	Ericsson fornece equipamentos de comunicações, serviços profissionais e soluções de multimídia para os operadores de redes fixas e móveis em todo o mundo. A empresa foi anteriormente conhecida como LM Ericsson Telephone Company e mudou seu nome para a Ericsson em fevereiro de 2012. Ericsson foi fundada em 1876 e está sediada em Estocolmo, Suécia.
Nokia Corporation (HLSE:NOK1V)	Equipamento eletrônico	Fornecer hardware de telecomunicações, infraestrutura, software e serviços em nível mundial. A empresa oferece os telefones e dispositivos inteligentes e telefones; recursos, serviços e aplicações. Foi fundada em 1865 e está sediada em Espoo, na Finlândia.
Samsung Electronics Co. Ltd. (KOSE:A005930)	Equipamento eletrônico	Fabrica, distribui e vende produtos eletrônicos e soluções de dispositivos em todo o mundo. Foi fundada em 1938 em Seul, na Coreia do Sul.
Apple Inc. (NasdaqGS:AAPL)	Equipamento eletrônico	Fabrica e comercializa móveis de comunicação e dispositivos de mídia, computadores pessoais e portáteis leitores de música digital, e vende software, serviços relacionados, periféricos, soluções de rede e de terceiros, conteúdo digital e aplicações em todo o mundo. Foi fundada em 1976 e está sediada em Cupertino, Califórnia, Estados Unidos.
Motorola Solutions, Inc. (NYSE:MSI)	Equipamento eletrônico	Fornecer infraestrutura de comunicação, dispositivos, software e serviços para o governo e empresas clientes no mundo inteiro. A empresa projeta, fabrica, vende, instala e fornece serviços de voz e dados de sistemas de comunicação e dispositivos comerciais, sistemas de rádio bidirecional robustos e de nível empresarial, computadores, celulares e tablets.

Fonte Capital IQ. Standard and Poor's - 2012.

Como mostra o quadro acima (Quadro 7), essa grande rede corporativa da América Móvil permite-lhe integrar alianças no plano produtivo com gigantescas empresas desenhadoras de equipamento, software, fornecedoras de crédito e outras operadoras de telecomunicações que otimizam os serviços de internet, telefonia e banda larga (fixa e móvel), transmissão de frequências satélites e televisão (digital e analógica). A cadeia logística da América Móvil precisa ter uma expansão constante nos países onde atua, enquanto fortalece a posição de suas 150 empresas subsidiárias. Em outras palavras, o ponto nodal das alianças estratégicas é que elas se convertem em parte do processo produtivo da América Móvil, permitindo manter uma valorização constante dos serviços que proporciona, toda vez que se mobilizam mercados de capital cuja função é criar, e revalorizar constantemente, redes compostas de capital agregado (FOSTER e MCCHESENEY, 2011).

Dessa forma, o novo modelo comunicativo que existe no mundo está baseado no fornecimento dos serviços informáticos integrados por várias empresas que participam em diversos processos produtivos sob um controle centralizado das operações de compra e venda de produtos, o que permite maior flexibilidade e capacidade no fornecimento de serviços (CAVALCANTE, 2009: p. 27). Ao mesmo tempo, esse modelo de telecomunicações tem gerado uma intensa mobilização do capital sobre as fronteiras dos Estados-nação, que se reforça e reacumula espacialmente. Isso coloca as corporações como a América Móvil sob uma intensa aliança monopolista-financeira, na qual existe uma coligação entre as forças especulativas e as Grandes corporações que se tornam o centro para administrar os vários circuitos de produção e geração de tecnologias, transporte de excedentes monetários, sem esquecer que também administram múltiplas formas de trabalho precário (MÉSZÁROS, 2010).

Depois da etapa de privatizações dos ativos industriais das empresas de telecomunicações que aconteceu na América Latina entre os anos de 1990-2000, a América Móvil foi uma das corporações que mais aquisições fez nessa região. Uma vez que teve as licenças para explorar os sistemas de telecomunicações nesses países, também passou a controlar e reprimir aos movimentos operários e os sindicatos nos países onde se instalou. Durante o tempo que durou esta pesquisa, a representante do setor Telecoms da UNI-América, Cenise Monteiro, deu um depoimento que corrobora o agressivo trato que a América Móvil tem com seus operários:

A América Móvil tem sido uma empresa denunciada pelo trabalho escravo que desenvolve em várias de suas filiais. Em 2009, no Rio de Janeiro a UNI denunciou a essa corporação por as condições laborais que imperam em seus centros de trabalho. O que acontece com América Móvil é que eles não têm interesse em representar uma imagem da empresa com os investidores. Eu ainda acho que no momento que esteja toda a família de Carlos Slim na estrutura da empresa AMX, não vai mudar sua maneira de atuar. Em Salvador a empresa

despediu todos os trabalhadores da empresa, e de modo similar aconteceu no Peru. (MONTEIRO, 2010)

Formalmente, o nascimento da América Móvil aconteceu no ano 2000 quando a empresa mexicana Teléfonos de México (TELMEX) realizou uma derivagem (*Spin off*) para dividir suas operações de telefonia fixa e móvel em duas empresas diferentes que tiveram suas próprias ações cotizadas nos mercados de valores. As empresas que constituíram num primeiro momento a América Móvil foram a TELCEL do México, a TELGUA na Guatemala, o Consorcio Equatoriano de Telecomunicações S.A. (CONECEL) no Equador e Algar Telecom Leste (ATL) no Brasil (PERES e HILBERT, 2009: p. 157).

Para Peres e Hilbert (2009), o nascimento da América Móvil deve-se a três questões. A primeira se relaciona com os grandes montantes de dinheiro alojados na Teléfonos de México S.A., acumulados ao longo de seus 10 primeiros anos de privatização (aproximadamente \$2 bilhões de dólares em 2000), como um processo no qual o Estado mexicano contribuiu para o fortalecimento interno da empresa, na estratégia caracterizada por criar “Gigantes Nacionais”. A segunda questão tem relação com as emissões de capital que a TELMEX levou a cabo nos mercados de valores, primeiro através dos denominados “Certificados Bursáteis” que eram instrumentos financeiros respaldados por grandes bancos como o Citigroup e a Financiera INBURSA. A terceira questão se relacionou com a aliança que a TELMEX criou com grandes operadoras como a BELL Canada Inc., e a SBC Inc. Juntas essas corporações criaram a TELECOM AMERICA, que numa primeira etapa controlou os ativos da América Móvil (PERES e HILBERT, 2009: p.158).

Mas essa aliança durou pouco tempo, até 2002 depois de uma reestruturação corporativa em que a América Móvil adquiriu os ativos que a Bell Canada Inc. obtinha da TELECOM AMERICA. Além disso, em 28 de janeiro de 2002, a América Móvil vendeu à SBC sua participação de 50% na Comunicaciones Celulares de Puerto Rico (CCPR), com sede em Porto Rico. Como parte do pagamento, a SBC e América Móvil chegaram a um acordo, com opção de três anos, para que a América Móvil adquirisse a participação de 12,8% da SBC na TELECOM AMERICA.⁵³ Uma vez que a TELECOM AMERICA se tornava propriedade absoluta da América Móvil, essa corporação centrou suas atividades no Brasil com a expansão de 4 empresas: ATL, TELET, AMERICEL e TESS.

⁵³ “Informação corporativa – 2000”. América Móvil. Data de Consulta 31 agosto 2012. Enlace: <http://www.americamovil.com/amx/es/cm/news/2000/2000_11_16.pdf>

Para lograr a compra das ações da Bell e da SBC, a América Móvil teve que recorrer à emissão de dívida nos mercados internacionais, adquirindo em dezembro de 2002 duas linhas de crédito. A primeira delas por \$500 milhões de dólares com o Citibank, e a segunda por \$400 milhões de dólares com o Bank of America (AMÉRICA MÓVIL, INFORMACIÓN CORPORATIVA, 2002). Um ano depois a América Móvil adquiriria a participação da MCI na EMBRATEL e reorganizaria todas as suas operações na Colômbia, criando a empresa COMCEL (PERES e HILBERT, 2009, 2009: p. 158).

Por mais que os anos 2000 tenham sido de uma intensa atividade no grupo de empresas de telecomunicações de Carlos Slim, a verdadeira genealogia da América Móvil remonta-se ao processo de privatização e liberalização das telecomunicações mexicanas que aconteceu no ano de 1989. É dizer, quando o governo de México permitiu que a Southwestern Bell International Holdings Corp., a France Cables et Radio S.A. (uma subsidiária da France Telecom) e o Grupo CARSO adquirissem ações da paraestatal Teléfonos de México (TELMEX). Primeiramente, o Grupo CARSO adquiriu o 5.17% das ações Tipo A (com direito a voto no capital social) da TELMEX, a Southwestern Bell International outros 5% e a France Cables também adquiriu 5%.

A forma como o Grupo CARSO pode financiar a aquisição de ações da Teléfonos de México foi mediante o que se conhece como Oferta Pública Inicial (OPI) como meio para adquirir recursos. A OPI basicamente significava aumentar o número de ações do próprio Grupo CARSO circulando nos mercados de valores. Essa OPI, que foi realizada na BMV e em outros mercados internacionais, significou para o Grupo CARSO \$360 milhões de dólares adicionais que funcionaram para financiar a compra de ações da TELMEX avaliadas em \$442,8 milhões de dólares (MARTÍNEZ, 2010: p.133).

Esse processo de abertura das telecomunicações mexicanas foi motivado pelas profundas mudanças e reestruturações produtivas que aconteceram nos anos de 1990 no México. Mas também no conjunto de países que acolheu as reformas neoliberais existiu uma grande penetração dos capitais estrangeiros, como forma de acumulação fiscal das contas nacionais (DEL VALLE, 2008). No caso da liberalização dos monopólios públicos da indústria das telecomunicações, esse processo aconteceu primeiramente nos Estados Unidos na década de 1980, quando a Suprema Corte de Justiça emitiu um juízo em 1982 para dividir o sistema Bell, administrado pela AT&T. O resultado desse processo foi que o sistema da AT&T foi dividido em várias operadoras regionais, os *Regional Bell Operating Companies* chamados *Baby Bells* (Bell South, Bell Atlantic, Nynex, American Information Technologies, Southwestern Bell, US West y Pacific Telesis). O intuito da Corte estadunidense foi limitar o poder monopólico da AT&T – somente no ano de 1977 as

receitas brutas dessa corporação superaram o PIB de 118 dos 145 países membros da ONU. (BRIGGS e BURKE, 2001: p. 336).

No momento em que a AT&T foi dividida, o secretário do Departamento de Defesa (DD), Caspar Weinberger – iniciador do Programa de Defesa Estratégica (PDE), conhecido como Guerra das Galáxias da era Reagan – argumentou que foi um erro dividir essa corporação, pois os Estados Unidos precisavam de uma rede de comunicações integrada (COY, 1999). O PDE foi um programa lançado desde as mais altas esferas de poder do governo estadunidense com o intuito de montar uma série de interconexões de comunicação via satélite, com a capacidade para desenvolver programas computacionais para interconectar vários computadores que pusessem em funcionamento uma rede de mísseis balísticos intercontinentais, ante o que foi considerado como uma “política ofensiva” organizada de Destruição Mútua Assegurada (MAD) ante um ataque nuclear (BARBROOK, 2008).

Ao longo de quase três décadas (1954-1980), as poderosas AT&T, IBM e ITT administraram, construíram e implementaram vários dos programas governamentais do Departamento da Defesa estadunidense, como o Programa de Defesa Estratégico (PDE) e o ARPANET – mais adiante se falará deste último programa. Esses programas lançados pelo governo dos Estados Unidos foram usados com o intuito de gerar um modelo de comunicação e processamento de informação baseado no uso de empreiteiros por parte do governo estadunidense a fim de posicionar ferramentas tecnológicas na cadeia logística do abastecimento do setor militar (computadores, satélites e serviços de intranet). Dessa forma, o primeiro sistema de organização da informação em redes que antecede ao nascimento da internet e dos sistemas comunicativos modernos, na realidade, constituiu a resposta organizada à ameaça nuclear da “Destruição Mútua Assegurada” (Mutual Assured Destruction) com a União Soviética (U.R.S.S) (ROMERO, 1989).

A guerra direta entre essas duas superpotências nunca aconteceu, o que ocorreu foi um embate geopolítico pela supremacia militar do mundo que implicou uma simbiose entre o capital industrial e o capital financeiro como suporte material do desenvolvimento de novas tecnologias no plano comunicativo e informático (BARAN e SWEEZY, 1968: p. 78). No entanto, as tecnologias que resultaram desse processo se converteram numa das principais plataformas para a expansão e o acréscimo de capital. Dessa forma, quando o sistema de Bretton Woods chegou ao seu final (1971), as tecnologias geradas pela cadeia armamentista, é dizer as TIC's, com seus grandes projetos e programas de pesquisa e desenvolvimento militar, foram as herdeiras naturais dos enormes montantes de dinheiro disponível para os projetos militares.

A constante que marcou o desenvolvimento destas tecnologias foi que o governo estadunidense passou ao segundo plano na administração do dinheiro, no sentido de dirigir as formas como se reinvestiriam os excedentes gerados pelo seu próprio complexo bélico-industrial. Em seu lugar, as casas bancárias e as corporações gigantes como a AT&T, a IBM e a ITT, ocuparam a vaga tornando-se a chave para solucionar os problemas de sobreacumulação do sistema militarista. Desse modo, todas as inovações e avanços tecnológicos do ramo comunicativo da era denominada como a “Pax Fria” foram controlados pelas Grandes corporações e casas bancárias que fundaram um tipo de interação comercial segundo as necessidades dos mercados que elas controlavam (BARBROOK; 2008: p. 96). Isto não significa que o governo dos Estados Unidos deixava de dominar o funcionamento do aparato comunicativo e informático. Segundo Fiori (2011), na atualidade 70% de todas as informações produzidas e distribuídas no mundo são controladas pelo Departamento da Defesa estadunidense (FIORI, 2011: p. 29). A partir desse ponto de vista, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC’s), parte da indústria das telecomunicações, são herdeiras do próprio processo de sobreacumulação do capital existente no complexo militar-industrial dos Estados Unidos, como parte da expressão de um império que se constitui assim mesmo como um ator central dos processos de acumulação e revalorização de capital em escala global.

Uma das constantes dessa revolução científica e tecnológica engendrada pelo surto das TIC’s no cenário internacional dos processos comunicativos é o fato que elas se desenvolvem sobre uma “nova economia” comandada pelo capital industrial-financeiro como sua base natural de expansão (FOSTER e MCCHESNAY, 2011). Essa nova expansão se caracterizou por ter epicentros localizados nos países centrais da Europa, Ásia (principalmente o Japão) e nos Estados Unidos, que fomentaram um sistema econômico com a capacidade de emergir como o protótipo onde se reinvestiriam os grandes montantes de capital acumulados diante do esgotamento do sistema monopolista de Bretton Woods (1971) dos anos 1970. Com o início das políticas de liberalização, desregulamentação e privatização dos anos 1980-1990 que acompanharam a primeira fase da “globalização”, aqueles monopólios do Estado-nação, como o caso das telecomunicações, foram transferidos para a iniciativa privada, que criou enormes corporações com a capacidade de atingir diferentes mercados e escapar das regulações nacionais de cada país. De acordo com Rioux:

[...] quando as políticas econômicas passaram do keynesianismo ao neoliberalismo, regimes internacionais, como o estabelecido em Bretton Woods, foram abandonados e a competição foi gradualmente adotado como o único princípio orientador das políticas econômicas nacionais e internacionais. A ideia era libertar as forças da globalização de

quaisquer restrições que tiveram em seu caminho. Os Estados Unidos (EUA) - os principais arquitetos e detratores únicos dessa ordem internacional do pós-guerra econômica - claramente pareciam ser os principais arquitetos da nova ordem econômica mundial. Essa ordem ainda está em construção, e é aquela que reflete nos Estados Unidos a visão do liberalismo "transnacional" e também geralmente coincide com os interesses das multinacionais. O principal desafio teórico no campo da economia política global é encontrar uma maneira de compreender a nova interface e relação entre os mercados, os Estados e os atores econômicos. Isto é de extrema importância para a compreensão da evolução da economia global e da compreensão das forças que moldam e influenciam a criação de novos quadros regulamentares que são necessários para resolver os muitos desafios da globalização. A este respeito, o setor de telecomunicações é um caso extremamente interessante para revelar a natureza, âmbito e falácias da economia global nova política. (Rioux, 2005: p.8)

Dessa forma, os anos 90 permitiram uma enorme mobilidade de dinheiro que se dirigiu à indústria das telecomunicações, fortalecendo - ou em seu caso - criando enormes corporações dos serviços de telefonia que posteriormente absorveram seus concorrentes e centralizaram o seu capital. A fusão da MCI e da Sprint, que formaram em 1990 a MCI WorldCom, uma megaoperadora que durante toda essa década fez mais de 70 aquisições de empresas concorrentes, é um dos melhores exemplos desse processo.

Segundo Rioux, a história das concentrações que aconteceu nos anos 1990 não foi diferente no exterior, por todo mundo “[...] as empresas lutaram para estabelecer alianças e multiplicar as fusões e aquisições para a construção de novas redes globais e inovadoras para que algumas empresas oligopólicas nos países desenvolvidos pudessem dominar a concorrência e a cota nos mercados.” (RIUOXE; 2005: p. 9). Nos países europeus as pressões do avanço das políticas neoliberais resultaram com que na Inglaterra fossem privatizados os serviços da rede básica de telefonia. França, Portugal, Espanha e demais países europeus começaram a elaborar diretrizes para a liberalização do setor de telecomunicações, tomando em consideração a transição para um modelo integrado da União Europeia (OBSERVATÓRIO SOCIAL, 2001: p. 11).

Porém, o processo da globalização na indústria das telecomunicações, aquilo que vinha sendo conduzido até então com o caráter de infraestrutura pública, passou a obedecer aos valores inerentes à economia neoliberal. Desse modo, o fruto do desenvolvimento dos Estados-nação foi inserido como uma estratégia de mercado das grandes operadoras transnacionais. Se pensarmos na estratégia de ocupação de territórios desenvolvida pelas grandes corporações estatais ou privadas (ou pelos consórcios que se formaram uma vez a privatização da indústria das telecomunicações ocorreu), assim como no montante de recursos que o setor movimentou nessa primeira etapa de privatizações (principalmente no processo de aquisição de ativos dos países periféricos), pode-se afirmar que existiu uma tendência à concentração do processo de globalização da indústria das

telecomunicações, onde novas ou renovadas megacorporações, tornaram-se empresas globais que atendem a clientes em todos os pontos do globo (OBSERVATÓRIO SOCIAL; 2001: p. 14).

No entanto, o processo da globalização da indústria das telecomunicações teve um importante momento de inflexão na metade dos anos 1990. Primeiramente em 1995, quando foi criada a Organização Mundial do Comércio (OMC), mas também em 1997, quando entra em vigor o Acordo Geral sobre Telecomunicações (AGT). Esses dois momentos são muito importantes pois permitiram que o setor de telecomunicações ficasse diretamente relacionado à cadeia logística do comércio internacional.

Mas a realidade da globalização das telecomunicações na América Latina é que essa indústria se encontrava destinada a um processo de privatização mesmo antes do início da Rodada do Uruguai e do Acordo Geral de Comércio e Tarifas (GATT), em 1986. É importante lembrar que a transformação produtiva da indústria das telecomunicações ocorre uma vez que imensas forças econômicas foram liberadas, primeiro, com o início das políticas para permitir uma maior flexibilidade aos fluxos financeiros com o fim de Bretton Woods (1971), e, logo após da AT&T ser dividida. Isto é uma indicação de que a globalização da indústria das telecomunicações ficou marcada por uma estreita liderança dos Estados Unidos e das casas bancárias e fundos de investimento e pensão procedentes daquele país e dos países centrais da Europa.

A dificuldade enfrentada por estas reações é que a oligopolização é o resultado direto do próprio modo como foi feita a reforma das telecomunicações nos EUA. O novo quadro regulamentar americano inseriu-se no padrão hegemônico de sua economia e impôs a extinção do mecanismo de subsídios cruzados para as tarifas locais, beneficiando as tarifas interurbanas e internacionais. Depois de um período de guerra de tarifas nos serviços de longa distância, o mercado adquiriu características basicamente oligopólicas, acentuando-se ainda mais a partir das inúmeras fusões verificadas. As grandes corporações, tradicionais operadoras ou grandes usuários, devido ao tamanho e complexidade de suas redes, diversificaram seus serviços, atuando tanto na área de telecomunicações quanto na de informática, em nível nacional e internacional [...] Apesar destas tênues resistências, é inegável que a ideologia neoliberal virou linguagem comum, levando à execução de políticas com forte componente de desnacionalização e privatização, onde empresas com interesses em todo o planeta participam ativamente da definição das políticas nacionais. Os interesses do Estado passaram a coincidir menos com os dos grupos nacionais que lhe davam sustentação e mais com os das megacorporações. Desaparece assim o espaço para projetos mais amplos, comprometidos com o desenvolvimento e o crescimento da economia. A privatização dos sistemas de infraestrutura - muitas vezes a cargo de estatais lucrativas e com possibilidade de expansão internacional - foi apresentada como solução para crises fiscais que sequer foram mitigadas pela venda do patrimônio público. Deve ser vista, na verdade, como parte de um conjunto de medidas macroeconômicas implementadas pelos Estados nacionais, em seus movimentos de subordinação passiva à globalização financeira liderada pela potência hegemônica. (OBSERVATORIO SOCIAL; 2001: p. 15-7).

Pensemos na AT&T, que foi dividida em 1984 em várias companhias – o que parecia que enfraqueceria o seu poder. Nos anos 1990, a AT&T entrou num processo de reestruturação de seus negócios que implicou, primeiramente, uma expansão para os países de América Latina. Para depois, mais de uma década, começar a adquirir seus concorrentes e formar alianças estratégicas. Em 2001, a AT&T já tinha absorvido dois de seus mais importantes concorrentes, a COMCAST e a SBC Communications. No caso da SBC, essa companhia havia fundido os serviços dos três Baby Bells (Ameritech, Southwestern e Pacific Telesys)-.

A AT&T também multiplicou aquisições, notavelmente em companhias de cabo, como a TCI e MediaOne. Antigos monopólios mantiveram seu domínio sobre o mercado e têm realmente aumentado seu alcance geograficamente e ao longo dos segmentos de mercado. Os novos operadores, tendo que enfrentar antigos monopólios que gozavam de posições dominantes, também adotaram agressivas estratégias de crescimento, de fusões e aquisições. (RIOUXE, 2006: p. 9)

Na atualidade, a AT&T é a segunda maior companhia do mundo em termos de vendas, com mais de \$126,4 bilhões de dólares faturados em 2011, e com ativos avaliados em \$270,8 bilhões de dólares⁵⁴. Além disso, a participação dessa Grande Corporação em outras companhias de telecomunicações ainda se apresenta na América Latina através da AT&T Latin America Corp, uma empresa filial da América Móvil que foi adquirida em 2003, mas onde AT&T ainda tem ações, mediante o controle de 9.52% das ações da América Móvil⁵⁵. À primeira vista, a relação entre a América Móvil e a AT&T é mais complexa do que parece. O maior acionista da América Móvil, Carlos Slim Helú, mantém 8% das ações da AT&T a título pessoal. Ao mesmo tempo, o capital acionário da AT&T está dividido entre os principais bancos norte americanos que também têm ações nos grandes blocos da dívida corporativa da América Móvil, como mostra o seguinte quadro:

⁵⁴ “The world’s Biggest Public Companies 2012”. FORBES. Abril 2012. Data de consulta: 31 outubro 2012. Enlace: <http://www.forbes.com/global2000/list/#p_1_s_a0_Telecommunications%20services_All%20countries_All%20states_>

⁵⁵ CAPITAL IQ. “América Móvil. Public Ownership - Primeiro trimestre de 2013”. Standar and Poor’s. Data de consulta: 14 janeiro 2013. Enlace: <<https://www.capitaliq.com/CIQDotNet/Ownership/CompanySummary.aspx?CompanyId=813607>>

Esse quadro (Quadro 8) é importante porque nele podemos observar que os maiores investidores financeiros (representados por fundos de ativos e bancos de investimento) de ambas as firmas de telecomunicações são os bancos JPMorgan Chase, Wells Fargo e HSBC (todos com seus ramos de investimento). Esses bancos, como tratamos no capítulo I (Quadro 1), integram as

Quadro 8. Proprietários em comum de ações da AT&T e a América Móvil				
	AT&T (NYSE:T) Número de ações	Valor	América Móvil (BMV:AMX L) Número de ações	Valor
BlackRock, Inc. (NYSE:BLK)	315,831,322	\$10,893.0	2,809,434,515	\$3,360.3
The Vanguard Group, Inc.	252,857,730	\$8,721.1	1,034,141,471	\$1,236.9
Capital Research and Management Company	202,870,951	\$6,997.0	18,696,268	\$3,454.9
JPMorgan Asset Management Holdings Inc.	24,968,576	\$861.2	156,734,332	\$187.5
JPMorgan Chase & Co, Private Banking and Investment Banking Investments	16,547,147	\$570.7	34,539,280	\$41.3
Fidelity Investments	28,009,321	\$966.0	578,056,202	\$691.4
Canada Pension Plan Investment Board	5,717,133	\$197.2	140,783,000	\$168.4
CitigroupInc., Asset Management Arm	10,339,051	\$356.6	17,830,760	\$21.3
Wells Fargo & Company, Private Banking and Investment Banking Arm	21,762,424	\$746.9	15,954,280	\$19.1
Bank of America Corporation, Asset Management Arm	18,882,188	\$651.2	88,364,09	\$105.7
Goldman Sachs Asset Management, L.P.	11,445,271	\$394.7	48,505,860	\$58.0
HSBC Global Asset Management (UK) Limited	4,918,379	\$168.8	2,855,320	\$3.4
Elaboração própria com dados de Standard and Poor's – 2012.				

10 maiores corporações do mundo de acordo com a revista Forbes – 2012. Para além de demonstrar como as maiores firmas financeiras do mundo têm investimentos divididos em duas das oito maiores corporações de telecomunicações do planeta, chama a atenção que os outros investidores como BlackRock, Goldman Sachs Asset Management, Bank of America, CitigroupInc. e Fidelity Investments tenham ações tanto na América Móvil quanto na AT&T. A particularidade desses cinco titãs das finanças é que todos tem como sede de origem o mesmo país, a saber, são firmas estadunidenses. Isto indica uma tendência, que poderia corroborar a tese desta pesquisa: no mundo atual existe uma estratégia para controlar o modelo de comunicação que

tem se desenvolvido paralelamente ao processo de liberalização dos mercados de telecomunicações na América Latina e à financeirização dos anos noventa.

2.2 A abertura das telecomunicações na América Latina.

Logo após a cisão do sistema de comunicações administrado pela AT&T, liberaram-se grandes forças econômicas e financeiras que impulsionaram uma nova forma de reinvestir os excedentes do sistema de corporações norte-americanas, principalmente naquelas economias periféricas que começaram a incorporar a via do livre mercado proposta pelas ideologias neoliberais (RIOUXE, 2006; CAVALCANTE, 2008). A liberalização dos sistemas de telecomunicações na América Latina foi um processo que chegou com o Acordo Global de Telecomunicações (AGT), desenvolvido pelo Banco Mundial e o FMI em 1984. Esse acordo constitui parte do Plano Baker de 1982, que redesenhou as condições de troca e intercâmbio das economias latino-americanas endividadas com a crise da dívida externa da mesma década (GIRÓN, 2007).

A partir da década de 80, o cenário das telecomunicações no mundo vem sendo reordenado em muitos de seus aspectos. Esse processo se iniciou nos Estados Unidos com a *divestiture* da American Telephone and Telegraph (AT&T) e com a privatização da British Telecom na Inglaterra, sendo progressivamente acompanhado por outros países da Comunidade Europeia, Ásia e América Latina. Nessas experiências de reformas do setor de telecomunicações, as ideias neoliberais claramente contribuíram para a constituição de uma agenda e para a elaboração da estrutura geral das políticas sobre as quais os processos de privatização e liberalização ocorreram (MENARDI e CONCEIÇÃO; 1999: p.19).

Se resultou alguma coisa da década de 1990 na América Latina, foi que a ideologia neoliberal tornou-se a plataforma para a internacionalização dos negócios de todos os países que integram essa região. Todos eles experimentaram intensas reformas sobre o modelo de acumulação que foram catalogadas como “as reformas dos anos 90” (TORRE, 1998). O setor das telecomunicações vivera um profundo e veloz processo de transformação estrutural, primeiramente, nos anos de 1980, atravessando uma etapa de falta de investimentos e abandono. Para depois passar, nos anos 1990, a uma recapitalização impulsionada pelos Estados, e logo passar a sua abertura para o investimento estrangeiro e eventual privatização.

Dessa forma, as profundas mudanças e reestruturações produtivas que aconteceram nos anos de 1980 são elementos importantes para entender a introdução das políticas de cunho neoliberais ao redor do mundo. Mas sempre num contexto de expansão e transnacionalização do capital, cuja gênese se remonta ao colapso do sistema de Bretton Woods (1971), que liberou novos mecanismos de investimento estrangeiro direto, através do crédito e das novas políticas de

flexibilização dos excedentes do sistema capitalista (ROUBINI e MIHM, 2010: p. 44). No caso das telecomunicações esse tempo é ilustrativo para observar as intensas transformações nos processos de fornecimento de telefonia (fixa e sem cabo), acesso a internet, televisão por assinatura, disponibilidade de equipamentos móveis e toda a gama de serviços que delas se geram.

Na década de 1990, estratégias desenvolvidas pelos Estados Unidos alcançaram importantes resultados. Os Estados se sentiram cada vez mais motivados à concorrência, e eram desafiados pelas redes nacionais de monopólios, com benefícios para as firmas estadunidenses. O crescimento e liderança da “nova economia” estadunidense certamente tem sido uma força poderosa e atraente que contribuiu ao surgimento de um consenso geral sobre a concorrência. O incrível crescimento das TIC’s estadunidenses nos anos 90 e o domínio das firmas e empresas estadunidenses sobre os mercados globais das TIC’s tem feito com que outros países tenham aceitado mudanças que normalmente teriam refutado nos anos 80. Foi o contexto do surgimento da Internet (que desencadeou uma onda de estratégias especulativas) quando empresas e Estados mudaram suas atitudes. Não fica claro ainda se a nova economia surgiu de pacotes de políticas neoliberais, mas a ideia que se tornou dominante foi (1) a concorrência tem que ser permitida para possibilitar o crescimento dinâmico em um setor não mais considerado “monopólio natural” e (2) a regulação é um obstáculo para a inovação. Outro fator importante contribuinte à desregulação foi que atores reconheceram que a justaposição de estruturas monopolistas reguladas e novos mercados concorrentes não eram sustentáveis internacionalmente. A regulação era uma carga nos monopólios locais enfrentando concorrência de operadores estrangeiros que procuravam novas oportunidades de negócios lucrativos e benefícios de fracas restrições reguladoras. (RIOUXE, 2006: p. 5)

A liberalização e privatização do setor das telecomunicações no México aconteceram no ano de 1989, quando o governo de Carlos Salinas de Gortari (1988-1994) permitiu que a Southwestern Bell International Holdings Corp., a France Cables et Radio S.A. (uma subsidiária da France Telecom), e o Grupo CARSO S.A., adquirissem ações da paraestatal Teléfonos de México S.A. (TELMEX). Um dos argumentos mais fortes para a privatização da paraestatal foram os baixos níveis de investimento, atraso tecnológico e incapacidade do governo para colocar a empresa à altura das necessidades do país. A privatização da TELEMEX teve repercussões enormes para Grupo CARSO, uma vez que esse grupo ingressou na indústria das telecomunicações sob forte associação global de ativos com outras companhias estrangeiras. Como foi indicado no momento por Morera (1998: p. 189), a “socialização dos riscos”, e a “centralização do controle das telecomunicações”, assegurou a hegemonia do grupo empresarial no mercado mexicano de telecomunicações, especialmente por que “[...] não concederam outras concessões em serviços de longa distância”. Isto permitiu uma expansão dos negócios do Grupo CARSO sem precedentes (GÓMEZ, 2012: p. 36).

No mesmo ano de 1989, o Grupo CARSO fundou a empresa Radio Móvil DIPSА S.A de C.V., que criou a marca TELCEL (a maior empresa do setor de telecomunicações mexicano na atualidade). A TELCEL se encarregou da telefonia local e de longa distância móvel, a rádio localização, a comunicação por rádio e os serviços por satélite para o fornecimento de telefonia celular. Para 2000, quando acontece o nascimento da América Móvil, 100% das ações da Radio Móvil DIPSА (e vale dizer, também da TELCEL), foram transferidas à nova entidade. Dessa forma, no ano 2000, os ativos da América Móvil foram 180 vezes maiores que aqueles que deram início a Radio Móvil DIPSА. Ao longo de uma década (2000-2010), o patrimônio líquido da América Móvil aumentou mais de 300 vezes, com uma taxa média de crescimento anual de 78% (GÓMEZ, 2012: p. 35). Com a privatização da Teléfonos de México, foram feitas 319 aquisições (incluindo subsidiárias) da indústria das telecomunicações no México, o que resultou num montante de \$18,066 bilhões de dólares só no período de 1988-2005 (ESCAMILLA, 2009: p. 79).

O processo da abertura das telecomunicações no México foi um dos primeiros passos do governo mexicano para lograr a assinatura do Tratado de Livre Comércio na América do Norte (TLCAN) de 1994 – NAFTA por sua sigla em inglês. O TLCAN é um acordo de livre comércio que teve por intuito a venda e transnacionalização das principais empresas paraestatais, terras e recursos naturais (HEANDERSON, 2012). O TLCAN, como foi afirmado por Saxe (2005), criou um bloco de investimentos que tinha por intuito absorver o enorme fluxo de mercadorias e capitais alojados dentro dos Estados Unidos (SAXE, 2005: p.142). Isso pode ser bem constatado pela quantidade de IED recebida pelo México. Durante 1992 – 1998, os montantes de IED registrados cumulativamente atingiram a cifra de \$21,123 bilhões de dólares (ERQUIZIO, 2007: p.12). O dinheiro resultante desse processo foi concentrado nos estados da fronteira norte como Nuevo Leon, Baja Califórnia, Chihuahua, Jalisco, Coahuila, Sonora, Tamaulipas, Aguas Calientes e Puebla, territórios do México onde se inaugurou o modelo de emprego das denominadas maquiladoras. É dizer, fábricas com salários muito baixos que manufaturavam produtos para as multinacionais, principalmente estadunidenses (DUSSEL, 2001: p. 16). Na atualidade, com o TLCAN, as exportações e importações atingem o equivalente a 69% do PIB mexicano. De acordo com o banco o HSBC, o México é o segundo maior de fornecedor de frigoríficos e produtos eletrônicos para os Estados Unidos⁵⁶.

⁵⁶ Schumpeter. The global Mexican. Mexico is open for business. The economist. 27 octuvro 2012. Data de consulta 20 de dezembro 2012. Disponível em: <http://www.economist.com/news/business/21565152-mexico-open-business-global-mexican?fsrc=scn/tw_ec/the_global_mexican>

Para o Brasil, o processo de privatização das telecomunicações ocasionou que em menos de uma década (1995 - 1998) a propriedade pública das empresas dessa indústria foi totalmente pulverizada, para ficar nas mãos de grandes grupos empresariais, geralmente estrangeiros que controlaram 67,9% do sistema TELEBRAS (OBSERVATORIO SOCIAL, 2001: p. 21). Podem ser identificados dois momentos chaves na privatização das telecomunicações no Brasil: o primeiro começa com a definição das regras e a venda de empresas, que implicou a consolidação de um marco institucional para gerar normas claras de responsabilidade para as empresas que adquiriram ativos estatais. O segundo inicia-se com o estabelecimento dos procedimentos de venda de ativos administrados pelas agencias públicas como a ANATEL (OBSERVATORIO SOCIAL, 2001: p. 18).

Em 1991, durante o governo Collor de Melo, foi promulgada a Lei n° 8031, que inaugurou o Programa Nacional de Desestatização (PND), quando se deu a entrada de capitais privados no setor das telecomunicações. Durante os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2003), foi promulgada a Lei n° 9.295 de 1996 (telefonia celular). Quando os investimentos nos serviços de telefonia móvel de valor agregado e os serviços de fornecimento em frequência satélite ficaram liberalizados para as forças do livre mercado.

No ano seguinte (1997) foi promulgada a Lei n° 9.472, também conhecida como Lei Geral de Telecomunicações (LGT) que contemplou a criação da Agencia Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Esse fato marcou o início formal da privatização das telecomunicações no Brasil, pois também implicou a criação da ANATEL, o que significou o estabelecimento de uma agência reguladora brasileira independente e com financiamento autônomo⁵⁷. A ANATEL foi a entidade encarregada da privatização do monopólio das telecomunicações do sistema TELEBRAS e suas 12 empresas holding, incluindo a EMBRATEL. A privatização do setor de telecomunicações no Brasil basicamente deu por encerrado o monopólio estatal que já durava 26 anos na prestação deste serviço (PEREIRA, 2002; DIEESE, 2009). Além disso, permitiu que grandes grupos como Opportunity, Telecom Italia, Bell Canada, Portugal Telecom, Telefônica, BellSouth, Tlesystem International Wiress e vários fundos de pensão, adquirissem os ativos públicos de telecomunicações do Brasil (OBSERVATORIO SOCIAL, 2001: p. 22)

No entanto, antes de levar a um processo de venda das telecomunicações, o governo brasileiro deixou de fazer investimentos nessa indústria. No período de 1973-1979, os investimentos do

⁵⁷ Até a criação da ANATEL, o Ministério das Comunicações (MC) que foi entidade responsável por regular todos os serviços de telecomunicações no Brasil.

governo na TELEBRAS foram, em média, de \$3,5 bilhões de dólares. Para o período de 1980-1989, os gastos do governo atingiram os \$2,5 bilhões de dólares; no período de 1990-1995 o governo realizou investimentos de \$3,4 bilhões de dólares. Mas as projeções do mesmo governo indicavam que o montante de investimentos anuais tinha que alcançar \$9,1 bilhões (TAVARES DE ALMEIDA, 2001: p. 46).

Dessa forma, tal como acontecera no México, a falta de capitalização e investimento no setor das telecomunicações no Brasil converteu-se no principal argumento do governo para a privatização do setor. Uma vez que aconteceu esse processo, a indústria das telecomunicações no Brasil foi vendida por \$18,917 bilhões de dólares, quantidade que colocou a desincorporação das telecomunicações nesse país como uma das operações mais lucrativas dessa indústria no mundo (TAVARES DE ALMEIDA, 2001: p. 43). Muito perto ficou a privatização das telecomunicações no México, com \$18,066 bilhões de dólares.

A diferença da transferência do setor de telecomunicações no México e no Brasil é que no caso do México a privatização se fez só a um grupo de empresas que ficou com a propriedade da maior companhia de telecomunicações: a Teléfonos de México. Seriam necessários mais de sete anos, em 1998, para que se permitisse a outras empresas entrar no fornecimento de serviços de telefonia móvel. Como consequência, a Teléfonos de México (TELMEX) teve um controle monopólico das telecomunicações, assegurando ao mesmo tempo a hegemonia do Grupo CARSO, o que permitiu uma expansão de seus negócios de telecomunicações sem precedentes (GÓMEZ, 2012; DEL VALLE, 2008). Só algumas empresas, sobretudo as gigantes do negócio das telecomunicações como a AT&T ou a Telefônica da Espanha, desenvolveriam um padrão protecionista pelo próprio governo que daria acesso monopólico a seus mercados de origem como no caso da TELMEX. (DEL VALLE, 2008; RIUOXE, 2005).

No campo da telefonia móvel, o processo de privatização e liberalização do mercado foi caracterizado pela sua adaptação a uma mudança constante e rápida da evolução tecnológica e ao baixo nível de consolidação de empresas, com foco na prestação de serviços móveis de celular (SMC). Desde 1996, com a aprovação da Lei Mínima (1996), procurou-se implementar um processo de competição para que a prestação de serviços móveis de celulares fosse aberta para as bandas A e B. Na primeira banda (A) foram agrupadas todas as empresas do Sistema TELEBRAS, A banda B foi atribuída a todas as empresas que se abstiveram na licitação para os serviços SMC na faixa de 800 MHz, em 10 áreas de atuação. As empresas de telefonia fixa no Brasil, em 2000, eram Telefônica (em união com Portugal Telecom), Oi (ex-Telemar, grupos brasileiros) e Brasil Telecom (Tim e grupos brasileiros) (GOMEZ, 2012: p. 14).

Na área dos serviços de Internet, a ANATEL considerou esse ramo como gerador de valor agregado, pois em 2003 o Brasil possuía cerca de 20 milhões de PCs em uso. Uma das limitações para a utilização generalizada da Internet reside na necessidade de aumentar o número de computadores ligados à rede. Após a abertura do mercado, em 1995, os provedores de serviços de Internet (ISP) começaram a prestar serviços de conexão por meio de suas próprias estruturas básicas, um exemplo foi a empresa Global One que em meados de 2001 começou a oferecer serviços de internet fazendo-se de 80% do mercado. A introdução de serviços de televisão por assinatura no início se mostrou um processo muito lento, especialmente em relação à telefonia móvel e aos serviços de Internet. Até 2001 a quantidade de assinantes desse serviço foi de 3,5 milhões. No entanto, de acordo com dados da ANATEL, em outubro de 2012, a televisão por assinatura no Brasil atingiu os 14,5 milhões de assinantes⁵⁸. Um crescimento de mais de 400% em menos de dez anos. O grupo mais importante de televisão por assinatura é a América Móvil, que mediante sua filial NET Serviços e a EMBRATEL, controla mais de oito milhões de assinantes, em torno de 54% do mercado de televisão por assinatura no Brasil⁵⁹.

A privatização das diferentes indústrias no Brasil foi um processo complexo que envolveu uma série de recursos econômicos e políticos. O sistema ficou aberto para a participação de capitais privados, basicamente em gigantes empresas como a Telefônica de Espanha, a Telecom Itália, a SBC e a AT&T. Dessa forma, o Brasil se converteu num dos maiores mercados do mundo, e sem dúvida, o maior mercado das telecomunicações da América Latina. No entanto, a AT&T ingressou no Brasil com a ATL-Algar Telecom Leste S.A., com sede no Rio de Janeiro e Espírito Santo. Mas essa corporação já tinha um caráter monopolista nos mercados na Argentina, no Chile, na Colômbia, Porto Rico e Uruguai. Em 2004, a TELMEX adquiriu a totalidade das ações da AT&T América Latina e a participação que a MCI tinha na EMBRATEL⁶⁰.

Na atualidade, a América Móvil mantém, mediante a TELMEX International, a administração sobre os negócios na América do Sul da AT&T, onde mais de 80% do total faturado provém do Brasil. Ainda em 2004, a América Móvil não era proprietária da TELMEX Internacional, o controle da TELMEX Internacional S.A., aconteceu em 2010 uma vez que América Móvil levou a cabo sua reestruturação onde grandes grupos financeiros, como o BlackRock, tornaram-se seus

⁵⁸ “Brasil alcança 14,5 milhões de domicílios com TV por assinatura”. Portal Brasil. 24 julho 2012. Data de consulta: 12 novembro 2012. Enlace: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/07/24/brasil-alcanca-14-5-milhoes-de-domicilios-com-tv-por-assinatura>>

⁵⁹ “TV de pago América Móvil tiene el 54,4 por ciento de la TV brasileña de pago”. Rapid News. 7 Maio 2012. Data de consulta: 1 Janeiro 2012. Enlace: <<http://la.rapidtvnews.com/temas/tv-de-pago/2217-america-movil-tiene-el-54-4-por-ciento-de-la-tv-brasilena-de-pago>>

⁶⁰ “MCI vende a Embratel por USD 360 millones a Telmex”. BusinessAmerica. 15 março 2004. Data de consulta: 12 novembro 2012. Enlace: <http://www.bnamericas.com/news/telecomunicaciones/MCI_vende_Embratel_por_US*360mn_a_Telmex>

parceiros. Mas desde 2004, a TELMEX Inc. já tinha o controle da EMBRATEL Participações S.A. (EMBRAPAR), Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A. (EMBRATEL), a Star One, Primesys Soluções Empresariais S. A.; EMBRATEL Telecomunicações Ltda. S.A.T. T.V., a Telmex do Brasil Ltda, Vesper S.A., Vésper São Paulo S.A., e 35,1% na Net Serviços de Comunicação S.A., Brasil Ltda. (GRUPO CARSO, 2010: p. 39).

2.3 A privatização e o processo de trabalho no Brasil e no México

Tanto a liberação da indústria das telecomunicações no Brasil e no México tem implicações geopolíticas que coincidem com duas importantes movimentações nos mercados das telecomunicações no mundo. Como já foi indicado, o primeiro tem relação com o decreto de 1986 que quebrou o monopólio da AT&T no setor das telecomunicações dos Estados Unidos. O segundo processo tem relação com o Acordo Global de Telecomunicações (AGT), desenvolvido pelo Banco Mundial e FMI que incentivou a liberalização dos sistemas de telecomunicações nos países membros da OMC. O AGT foi parte do pacote das políticas desenvolvidas com a aplicação dos princípios do Plano Baker de 1986 e o Consenso de Washington, após a crise da dívida da América Latina no ano de 1982 (GIRÓN, 2007). Além disso, esses dois movimentos se converteram na coluna vertebral da globalização das telecomunicações na América Latina.

Cada uma dessas mudanças teve um impacto particular tanto na produtividade como na organização e gestão gerencial das empresas de telecomunicações que foram privatizadas. Isso não só reflete uma nova gestão do processo de produção, mas também uma forma de administração do trabalho e organização dos trabalhadores (CAVALCANTE, 2009; SALAS, 2006). Numa primeira fase a privatização da TELEBRAS tornou possível aumentar o número de usuários de telefones móveis e fixos. Mas com o passar do tempo, esse processo aumentou as tarifas telefônicas e modificou as relações de trabalho. Entre as mudanças mais importantes estão a pulverização da negociação coletiva, o aumento da rotação de empregos, a queda dos salários reais dos trabalhadores e o aumento da terceirização dos serviços de manutenção e instalação de equipamentos (DIEESE, 2009: p. 13). Quando o governo brasileiro privatizou o sistema TELEBRÁS, um dos seus primeiros atos foi eliminar 12 cláusulas do Acordo Coletivo de Trabalho do Sindicato dos Trabalhadores de Telecom (SINTETEL). Após uma série de negociações, o governo brasileiro concordou com o SINTETEL em trocar uma porcentagem de ações em várias empresas do sistema TELEBRAS em apoio à mudança de proprietário. Isto na

realidade significa a privatização dos ativos públicos sob o pressuposto de tornar os trabalhadores acionistas nas novas empresas.

No momento em que foi lançada a Lei Geral de Telecomunicações (Lei nº. 9.472), o governo do Brasil implementou o Plano de Demissões Voluntárias (PDV), que tinha como intuito reduzir a quantidade de trabalhadores das empresas privatizadas, ao mesmo tempo em que se procedia uma renovação do quadro de funcionários (DIESEL; 2009: p. 7). Dessa forma, as consequências imediatas da privatização da TELEBRAS foram a rápida formação de capitais nacionais e estrangeiros e muitas vezes a união de ambos nas empresas adquiridas. Por parte dos trabalhadores e do movimento operário, uma vez dada a transferência começou um processo de enfraquecimento dos sindicatos, que se pode classificar na clássica e inexorável confrontação do capital contra o trabalho.

O mesmo episódio se repete no México com as mesmas consequências. Quando o governo mexicano privatizou a empresa Teléfonos de México (TELMEX), estabeleceu-se uma série de negociações entre o Grupo CARSO o governo federal e a liderança sindical do Sindicato de Telefonistas de la República Mexicana (STRM), na qual os trabalhadores apoiariam a transferência da TELMEX em troca de 15% de ações série "L", sem direito de voto no Conselho de Administração da empresa, assim como outros princípios que faziam referência à reestruturação produtiva dos trabalhadores sindicalizados (DE LA GARZA, 2001). Na atualidade as ações L da TELMEX não existem mais, uma vez que a América Móvil absorveu a TELMEX em 2010, e em 2012 comprou todas as participações minoritárias nessa empresa (ver Capítulo 3).

O mesmo processo acontece em Portugal. Carvalho (2007) tem salientado que um dos processos que acompanhou a privatização da Telecom Portugal foi o aumento na taxa de lucros da empresa, como consequência do declínio dos salários, o aumento da terceirização de serviços nas empresas recém-privatizadas e a destruição dos contratos coletivos de trabalho (CARVALHO, 2007). Dessa forma, o que pode caracterizar o processo de privatização das telecomunicações no Brasil, no México e em Portugal, é a grande intervenção do Estado para saldar as contas das empresas e depois transferi-las ao capital privado a um custo mínimo (DIEESE, 2009; DE LOS RIOS, 2007; CARVALHO, 2007). Como se pode olhar nos três casos, os poderes do Estado figuraram como o elemento que serviu para estabelecer um marco regulatório institucional, ajudando a criar leis para capitalizar os grandes monopólios internacionais e nacionais, gerando leis pró-mercado que asseguraram as associações das grandes empresas, ramificando seus alcances (DE LA GARZA, 2001, CARVALHO, 2007; DE LOS RIOS 2007).

A destruição dos direitos que os trabalhadores conquistaram durante a fase de consolidação do capital monopolista (1946-1967), também se relaciona com a transição do mundo para a abertura dos mercados financeiros e declínio dos acordos de Bretton Woods (1971). Como tem sido desenvolvido ao longo desta pesquisa, essa troca de modelo de acumulação permitiu o surgimento de um novo processo econômico ligado ao setor financeiro, mas com o mesmo poder de concentração nos mercados da fase de expansão dos padrões fordistas. (ARRIGHI, 2006: p. 91). Particularmente, no caso das telecomunicações, essas mudanças igualmente correspondiam à decadência da campanha de gastos aberta com a Guerra Fria, caracterizada pela canalização dos excedentes econômicos do sistema para as tecnologias de comunicação (BARBROOK, 2008).

Como faz lembrar Sweezy e Baran (1969), a redução dos custos na economia capitalista sob a tendência monopolista, longe de aumentar o poder dos consumidores e das classes trabalhadoras, incrementa as utilidades das Grandes corporações. Ao mesmo tempo, expande a massa monetária circulando nos mercados internacionais como forma de incrementar a produção de mercadorias. Esse processo também ajuda a potencializar os avanços tecnológicos que envolvem a emergência de novas economias, onde se criam novas formas de investimento do capital. Em outras palavras, o capital nunca fica ocioso.

Em forma similar, produtores de máquinas-ferramentas, computadores e sistemas de comutadoras, máquinas calculadoras, equipamento de controle automático, maquinaria de carga e transporte, novas alheações de plástico e metais e milhes de outras classes de bens de produção, estão ocupados em desenvolver novos produtos que permitam a seus clientes – o que compreendem literalmente a todo o mundo dos negócios, produzir mais barato e por tanto obter maiores utilidades [...] Se igualamos provisoriamente as utilidades adicionais com o excedente econômico da sociedade, podemos formular como lei do capitalismo monopolista que aquele tende a subir, absoluta e relativamente na medida em que o sistema se desenvolve. (BARAN e SWEEZY, 1969: p. 61-2)

2.4 A América Móvil no Brasil

O modelo das privatizações das telecomunicações começou no México nos anos 1990, quando as grandes corporações como a SBC, a Southwestern Bell International Holdings Corp., a France Cables et Radio S.A., uma subsidiária da France Telecom, e o Grupo CARSO S.A.B., adquiriram ações tipo A, AA e L da empresa paraestatal Teléfonos de México S.A. (TELMEX). Como tem sido tratado, esse episódio constitui o antecedente imediato para o nascimento da América Móvil no ano 2000, quando a Teléfonos de México levou a cabo uma derivagem (*Spin off*) de suas

operações de telefonia fixa e móvel que passaram a cotizar-se separadamente em empresas diferentes. O acordo para a criação da América Móvil esteve a cargo da Teléfonos de México, da Bell Canada International (BCI) e da SBC Communications para criar uma empresa conjunta (*joint venture*), na qual as duas primeiras participariam com 44,3%, enquanto que para a SBC Communications a porcentagem de participação era de 11,3%. O acordo implicava que a BCI venderia seus ativos nas empresas Vesper S.A., Vesper de São Paulo e a empresa Internet Interativa. Esses movimentos deram num primeiro plano acesso a América Móvil a uma base de 9,9 milhões de assinantes em seus serviços de telefonia móvel⁶¹.

Dessa forma, por um lado se consolidou a TELMEX S.A., como a principal empresa de telefonia que administraria os serviços da empresa Radio Móvil DIPSA S.A. de C.V., que dirigia a marca TELCEL, a maior empresa de telefonia celular do México. Por outro lado, a América Móvil permitiria a internacionalização do negócio de telefonia por redes móveis e os serviços de internet. Três meses depois (dezembro 2000), a América Móvil assinou um acordo com a Bell Canada Internacional (BCI) e a SBC Communication Inc., para desenvolver uma empresa subsidiária com o nome de TELECOM AMERICA Ltd.⁶². O intuito dessa movimentação era criar uma empresa *joint venture* que pudesse começar a operar nos países da América Latina compartilhando os riscos e os ganhos.

A América Móvil entrou pela primeira vez no mercado das telecomunicações do Brasil em 1999, quando a TELMEX (agora sua subsidiária) e a SBC Communication adquiriram 50% da empresa ATL-Algar Telecom Leste S.A. (ATL), que tinha presença nos estados de Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Rio Grande do Sul. Em 2003, TELECOMS AMERICA, subsidiária da América Móvil, adquiriu os ativos da BSE S.A., propriedade da BellSouth Corporation e da Vernier, fundindo os ativos da ATL, da AMERICEL, da TESS Celular e da Claro Digital, para criar a CLARO S.A.⁶³.

Um ano depois (2004), a TELMEX adquiriu a totalidade das ações da AT&T Latin America (que estava em falência). A AT&T começou a vender suas subsidiárias na América Latina devido a uma reestruturação corporativa na qual a empresa deixaria de fornecer serviços a pequenos

⁶¹ “TELMEX, Bell Canada Internacional y SBC finalizan acuerdo para América del Sur”. AMÉRICA MÓVIL. 26 septiembre 2000. Data de consulta: 11 janeiro 2013. Disponível em: <http://www.americamovil.com/amx/es/cm/news/2000/2000_09_26.pdf>

⁶² “Anuncia América Móvil, Bell Canada Internacional y SBC Communications la formación de Telecoms America”. AMÉRICA MÓVIL. 16 dezembro 2000. Data de consulta: 11 janeiro 2013. Disponível em: <http://www.americamovil.com/amx/es/cm/news/2000/2000_11_16.pdf>

⁶³ “Informação corporativa – 2003”. AMÉRICA MÓVIL. Data de consulta: 27 novembro 2012. Disponível em: <<http://www.americamovil.com/amx/es/cm/about/events.html?p=1&s=11>>

consumidores para se centrar no atendimento a “grandes corporativos”⁶⁴. Nesse ano, a TELMEX adquiriu 98% das ações da Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL), que era propriedade da MCI, por um montante de \$400 milhões de dólares. O intuito do principal acionista da América Móvil e da TELMEX, Carlos Slim, foi deter a Telefônica de Espanha que já tinha desenvolvido conversações com a MCI para vender a EMBRATEL (MILLAN, 2004).

Com o controle da EMBRATEL, a América Móvil obteve não apenas o maior sistema de serviço de longa distância e satélite do Brasil, mas também o maior sistema de cabo submarino da América Latina, o sistema Atlantis I e II, dois cabos de fibra óptica de transmissão em alta velocidade que ligam a América do Sul a África, Europa e Ásia. Nesse tempo o Brasil era considerando o mercado mais dinâmico no campo das telecomunicações, com uma taxa de crescimento de 30%. Um ano depois (2005), por meio da EMBRATEL, a GCTELECOM (o controlador nesse momento tanto da TELMEX como da América Móvil) adquiriu a empresa PrimeSys Soluções Empresariais (PrimeSys) que fornece operações de redes de telecomunicações e outsourcing de dados, um pacote de ações da Net Serviços (televisão a cabo) e uma fatia de ações da Star One (serviços de satélite).

A EMBRATEL também possuía cerca de 50.000 quilômetros de cabos em uma rede metropolitana de fibras digitais nas principais cidades brasileiras. Para completar a rede da EMBRATEL, também existia um sistema de microondas de longa distância, com um alcance total de 16.254 km, em áreas onde a instalação de cabos de fibra é difícil, e sete satélites para fornecer serviços para locais remotos dentro do Brasil. A EMBRATEL, por meio da Star One, tinha nesse momento o sistema de satélite mais extenso da América Latina, com uma frota que cobre todo o território da América do Sul, México, parte da América Central e parte da Flórida⁶⁵. Em 2005, por meio da EMBRATEL, a América Móvil adquiriu a empresa PrimeSys. Com essa aquisição e a sinergia entre empresas do mesmo proprietário (TELECOMS AMERICA, TELMEX, CARSO GLOBAL TELECOMS e América Móvil), a EMBRATEL tornou-se líder de serviços de acesso a Internet com uma base de clientes de 2,7 milhões que incluem as 500 maiores corporações do Brasil.

Um fato importante relacionado às empresas de telecomunicações de Carlos Slim é a atividade econômica intrafirma que realiza. Em 2005, a CLARO Telecom Participações celebrou um

⁶⁴ “AT&T atenderá sólo a grandes cliente”. El Clarin. 27 março 2004. Data de consulta: 28 dezembro 2012. Disponível em: <<http://old.clarin.com/diario/2004/03/27/p-01902.htm>>

⁶⁵ “Anuncia América Móvil, Bell Canada Internacional y SBC Communications la formación de Telecoms America”. AMÉRICA MÓVIL. 16 dezembro 2000. Data de consulta: 11 janeiro 2013. Disponível em: <http://www.americamovil.com/amx/es/cm/news/2000/2000_11_16.pdf>

contrato com a EMBRATEL para oferecer serviço de interconexão de chamadas de longa distância por um período de 20 anos. Através deste contrato, suas subsidiárias em território brasileiro pagam para a EMBRATEL R\$25,7 bilhões pelo arrendamento mensal de imóveis. No caso da EMBRATEL, vale citar que a empresa fez pagamentos em 2008 a CGTelecom de \$ 22,5 bilhões em serviços de interconexão de chamadas a distância. A transferência de valores entre as empresas de Carlos Slim é uma prática comum das estratégias das empresas mexicanas com uma grande concentração monopolista que internacionalizam a produção. Em 2009, a AT&T, a América Móvil e suas subsidiárias assinaram contratos no Brasil por serviços de consultoria de \$ 28,5 milhões de dólares (GRUPO CARSO, 2009)

Quadro 9. Companhias subsidiárias da América Móvil no Brasil				
Companhia	Empresa emparentada	Matriz	Serviço	Lugar
Alecan Telecomunicações, Ltda	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Telecomunicações e internet	Rio de Janeiro
Claro Telecom Participações, S.A.	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Telecomunicações e internet	Rio de Janeiro
Claro S.A.	Claro Telecom Participações, S.A.	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Telecomunicações e internet	São Paulo
Algar Telecom Leste S.A	Claro S.A.	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Distribuidor de Celulares	Rio de Janeiro
Telecom Americas	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços de telecomunicações wireless	Brasil
Americel S.A.	Telecom Américas	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços de telecomunicações wireless	Brasília
BSE SA	Telecom Américas	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Equipo de telecomunicações	São Paulo
Stemar Telecomunicações Ltda	Telecom Américas	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Internet	São Paulo
Telet S.A.	Telecom Américas	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Equipamento de telecomunicações	Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Tess S/A	Telecom Américas	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Equipamento de telecomunicações	São Paulo
EMBRATEL Participações S.A. (BOVESPA:EBTP4)	Teléfonos de México	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços integrados de telecomunicações	São Paulo
AT&T do Brasil S.A.	Teléfonos de México	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços alternativos de comunicações	São Paulo
AcessoNet	EMBRATEL Participações S.A. (BOVESPA:EBTP4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Internet e software	São Paulo
CT Torres	EMBRATEL Participações S.A. (BOVESPA:EBTP4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços alternativos de comunicações	-
CT Torres	EMBRATEL Participações S.A. (BOVESPA:EBTP4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços alternativos de comunicações	-
EMBRATEL TV Sat Telecomunicações Ltda.,	EMBRATEL Participações S.A. (BOVESPA:EBTP4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços alternativos de comunicações	São Paulo
Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A	EMBRATEL Participações S.A. (BOVESPA:EBTP4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Telecomunicações integradas	Rio de Janeiro
Brasil center Comunicações Ltda.	Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços alternativos de comunicações	Brasil
Click21 Comércio de Publicidade Ltda.	Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Publicidade	Brasil

Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Cabo e satélites	São Paulo
Alnor Alumínio Do Norte Ltda	Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	-	-
Antenas Comunitárias Brasileiras Ltda	Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	-	-
BIGTV Group	Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	-	-
Cabodinamics Cable TV Sao Paulo S.A.	Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Cabo	São Paulo
CMA Participacoes SA	Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Equipamento de Telecomunicações	São Paulo
Dr. Empresa De Distribuição E Recepção De Tv Ltda	Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Cabo	Brasil
Esc 90 Telecomunicações Ltda.	Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Cabo e satélites	Espírito Santo
Horizonte Sul Comunicações Ltda.	Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços integrados de Telecoms	Espírito Santo
Reyc Comércio E Participações Ltda	Net Serviços de Comunicação S.A. (BOVESPA:NETC4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços integrados de Telecoms	Brasil
Star One SA	Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços satélites	Rio de janeiro
Primesys Soluções Empresariais S.A.	EMBRATEL Participações S.A. (BOVESPA:EBTP4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Processamento de dados	São Paulo
Telmex Do Brasil	EMBRATEL Participações S.A. (BOVESPA:EBTP4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços integrados de Telecoms	São Paulo
Vesper S.A.	EMBRATEL Participações S.A. (BOVESPA:EBTP4)	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços integrados de Telecoms	Rio de Janeiro
Vesper São Paulo S/A.	Vésper Holding São Paulo S.A.	América Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L)	Serviços integrados de Telecoms	São Paulo
Fonte: Capital IQ, Standard and Poor's e América Móvil relatório 2012, U.S. SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION FORM 20-F, 2012				

Mediante essa rede de subsidiárias no Brasil, a América Móvil fornece serviços de telefonia sem fio, voz fixa, banda larga, televisão paga e serviços de internet. Na atualidade as maiores empresas da América Móvil no país amazônico são a AMERICEL S.A., que concentra sua presença na Região Centro-Oeste (Área 7) nos estados de Distrito Federal, Acre, Tocantins, Goiás, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, somando mais de 9.176 assinantes (TELECO, 2012). A Claro S.A. ("Claro Brasil"), a terceira maior operadora de telefonia celular no Brasil com cobertura em todo país e serviço para mais de 60 milhões assinantes (TELECO – CLARO, 2012).

Desde que a América Móvil chegou ao Brasil no ano 2001, aumentou sua participação na telefonia celular no mercado brasileiro em 28,1% ao ano, e sua presença cobre 283 cidades brasileiras. Devido a seu grande mercado doméstico de mais de 190 milhões de potenciais consumidores, as telecomunicações no Brasil são um recurso estratégico para qualquer Grande Corporação como a América Móvil que decida estabelecer operações nesse país. O Brasil faturou uma receita bruta de R\$181,749 milhões em 2011 em telecomunicações⁶⁶ e tem mais de 250

⁶⁶ "Participação dos Grupos em 2011". TELECO. Data de consulta: 31 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/operadoras/grupos.asp>>

milhões de telefones celulares⁶⁷. Isto converte o Brasil num dos maiores espaços em disputa no mundo para empresas de telefonia como a Telefônica da Espanha, a América Móvil, a Telecom Itália, a Vivendi e a Oi.

Quadro 10. Telecomunicações no Brasil

Brasil	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
População (milhões)	183,383	185,564	187,642	189,613	191,481	193,253	194,947
PIB \$ Bilhões	882	1,089	1,367	1,651	1,626	2,144	2,475
PIB per capita R\$	11.709	12.769	14.183	15.992	16.918	19.509	21.252
PIB per capita \$	4.812	5.867	7.283	8.707	8.490	11.094	12.696
Telefones Fixos (milhões)	39,8	38,8	39,4	41,3	41,5	42,0	43,0
Celulares (milhões)	86,2	99,9	121,0	150,6	174,0	202,9	242,2
TV por Assinatura (milhões)	4,2	4,6	5,3	6,3	7,5	9,8	12,7
Banda larga (milhões)	3,9	5,7	7,7	10,0	11,4	13,8	16,5
Internet (milhões)	-	32,5	39,0	62,3	67,5	73,9	79,9

Fonte: “estadísticas TELECO.” Enlace: <http://www.teleco.com.br>

Na atualidade, a Claro comercializa seus produtos em mais 270 lojas próprias e seus serviços abrangem mais de 3.591 cidades e 91% da população brasileira, com uma rede de 82 mil km de fibra ótica (U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION, FORM, 20-F, AMÉRICA MÓVIL, 2012: p.30). A última maior subsidiária da América Móvil no Brasil é a EMBRATEL, que na atualidade tem mais de sete milhões assinantes em seu serviço de telefonia fixa e 2.2 milhões em televisão. A EMBRATEL é, ao mesmo tempo, dona da NET Serviços, a maior operadora de televisão a cabo no Brasil com mais de 8,5 milhões de assinantes em 2012. No total entre a NET e a EMBRATEL, a América Móvil atingiu mais de 54% dos assinantes dos serviços de televisão por assinatura no Brasil.

A razão para que a América Móvil mantenha uma disputa do mercado brasileiro também reside no fato do Brasil ser o segundo maior mercado para essa corporação depois do México. Em 2011, a América Móvil obteve do Brasil aproximadamente 60,4 milhões de assinantes sem fio, cerca de 79% dos quais eram clientes pré-pagos, o que representa uma cota de 25,4% do mercado brasileiro de telefonia móvel. Além disso, 9,5 milhões de assinantes de linhas fixas, 4,7 milhões de assinantes de banda larga e 8,9 milhões de assinantes de televisão de paga. No mesmo ano,

⁶⁷ “Total de Celulares (Abr/12): 253 millones”. Estadísticas de Celulares en Brasil. TELECO 12 abril 2012. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/es/es_ncel.asp>

faturaram R\$28,416 milhões, o que representa 25,6% das receitas consolidadas da América Móvil em 2011(U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION, FORM, 20-F, AMÉRICA MÓVIL, 2012: p.30).

A importância do Brasil para a América Móvil é muito grande e se fez evidente em 2004, quando explodiu a crise política conhecida como crise do *Mensalão*, que implicou na condenação de 25 pessoas, entre elas o ex-ministro José (Zé) Dirceu, condenado em 2012 a 10 anos de prisão. O ex-chefe da Casa Civil, depois de deixar seus cargos públicos montou em 2009 a empresa “JD Assessoria e Consultoria”, que funcionava para dar assessoria a grandes empresários brasileiros e estrangeiros. Dirceu, na entrevista que deu para a revista Piauí em janeiro de 2008, afirmou que trabalhava para Carlos Slim, assessorando-o em questões de investimento em mercados da América Latina, mas não no Brasil: “Don Carlos, aqui não. Podemos até trabalhar juntos, mas fora do Brasil” (Depoimento de Dirceu à Revista Piauí. PINHEIRO, 2008: p.23).

Curiosamente, desde 2005, quando Dirceu ainda estava na Casa Civil e Carlos Slim Helú estava à frente da TELMEX (controladora da EMBRATEL), teve início o processo de compra de ações da NET Serviços. Dirceu tem contato com Carlos Slim desde 2004 quando o governo brasileiro tentava participar na EMBRATEL através do BNDES, numa tentativa de controlar a STAR ONE. A EMBRATEL era dona do sistema de satélites do Brasil controlado pela STAR ONE, e, portanto, também das transições militares desse país⁶⁸. O episódio de Dirceu voltou a se repetir em 2008, quando a Polícia Federal do Brasil apresentou a "Operação Satiagraha", uma operação policial baseada em escutas das ligações telefônicas do governo, pelas quais o ex-deputado Luiz Eduardo Greenhalgh foi acusado de tráfico de influência, corrupção e serviços de “lobby” (junto com a ministra naquele tempo Dilma Rousseff) para facilitar ao grupo OI a compra da Brasil Telecom por \$3,5 milhões de dólares⁶⁹.

2.5 Constelação corporativa 1: os piratas do capital

A história das riquezas dos barões do dinheiro é quase tão grande quanto a mesma história da civilização de ocidente. Os exemplos disso são muitos, desde Marco Licínio Craso (115 a. C. – 53 a. C.), o aristocrata romano que esmagou a revolta de Espartaco, tinha uma fortuna calculada do

⁶⁸ MEDINA, Humberto. “Governo quer parte da Embratel via BNDES”. Folha de São Paulo. Brasil. 19 março 2004. Data de consulta: 23 janeiro 2013. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2004/03/19/73/>>

⁶⁹ EFE. “Ex deputado es acusado de tráfico de influencias para venta de Brasil Telecom.” Prensa Panamericana. 12 julio 2008. Data de consulta: 23 de janeiro 2013: Disponível em: <<http://www.panamaamerica.com.pa/notas/673943-ex-diputado-es-acusado-de-trafico-de-influencias-para-venta-de-brasil-telecom>>

tamanho do tesouro público de todo o Império Romano. De acordo com Birrel (2012), a renda desse personagem equivalia à renda média anual de 32.000 romanos. Na denominada “Época Dourada da América”, que corresponde ao surgimento do capital monopolista como o princípio de acumulação econômica e organização social, os grandes barões do *big business* como Andrew Carnegie, principal acionista da ALCOA, tinha lucros que equivaliam à renda anual de 48.000 americanos. Em 1901, o dono da Standard Oil – hoje ExxonMobil - John D. Rockefeller, acumulava uma renda anual equivalente a 116 mil de seus compatriotas. Ainda que a história tenha vários exemplos de personagens muito ricos, nenhum deles acumulava riquezas comparáveis ao principal acionista da América Móvil, Carlos Slim Helú, quem tem uma fortuna equivalente a 400.000 mexicanos⁷⁰.

Segundo Merrill Lynch, em 2010, após a crise das hipotecas *subprime*, 11 milhões de pessoas aumentaram suas fortunas em 10% para atingir \$42,7 trilhões de dólares (o equivalente a 39 vezes o PIB do México nesse mesmo ano)⁷¹. No entanto, o número de desempregados chegou aos 205 milhões de pessoas (GONZÁLEZ, 2011: p. 26). Dessa quantidade, 81 milhões são jovens entre 15 e 29 anos (2009), a chamada geração Facebook, como foi classificada pelo embaixador da Alemanha, Jean-Francis Zinsou⁷².

Nos primeiros meses de 2011, nos Estados Unidos 1% da população controlava 40% das riquezas daquele país. Há 25 anos, 12% da população controlavam 33% do PIB. Para Stiglitz, esses níveis de “concentração” na sociedade estadunidense aparecem e se reproduzem em todas as sociedades do planeta, no que pode ser classificado como um processo de fortalecimento dos “poderes monopólicos” dos grandes negócios.

[...] Essa nova desigualdade vai-se acrescentar com novas distorções, o que atingia ainda mais a eficiência. Para dar só um exemplo, agora muitos de nossos jovens mais talentosos, têm ido para as finanças no lugar dos campos que levam a uma economia a ser mais produtiva e saudável. (STIGLITZ, 2011)

Quando reduzimos o número de pessoas muito ricas do mundo aos primeiros 200 lugares em 2012, elas juntas acumulavam \$ 2,7 trilhões de dólares. A cifra é maior que o PIB da França, a

⁷⁰ BIRREL, Ian. “Plutocrats: The Rise of the New Global Super Rich”. The Observer. 1 novembro 2012. Consulta 12 novembro 2012. Disponível em:

<<http://www.ceo.com/flink/?lnk=http%3A%2F%2Fwww.guardian.co.uk%2Fbooks%2F2012%2Fnov%2F01%2Fplutocrats-super-rich-freeland-review&id=291580>>

⁷¹ EFE. “Aumentam os milionários no mundo, há 10.9 milhões de pessoas”. Excelcior. México. 22 junho 2011. Data de consulta: 23 junho 2011. Disponível em: <http://www.excelsior.com.mx/index.php?m=nota&id_nota=746846>

⁷² “Recesión provoca mayor desempleo juvenil en el mundo, señala la ONU”. La Jornada. México 26 julho 2011, p. 2. Data de consulta: 23 junho 2011. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2011/07/26/politica/002n1pol>>

quinta economia do mundo⁷³. Nesse bloco de poder encontra-se o magnata e presidente emérito e vitalício da América Móvil, o magnata Carlos Slim Helú, com uma riqueza calculada pela Bloomberg em 2012 em \$ 77,5 bilhões de dólares⁷⁴. Em junho de 2012, na conferência mundial de telecomunicações em Genova, Slim afirmou que as nações têm que lutar para levantar a idade de aposentadoria dos trabalhadores para 70 anos, assim como privatizar a maioria dos ativos de infraestrutura pública para fortalecer as economias dos países endividados da Europa. Além disso, o magnata afirmou que a internet deve se tornar universalmente disponível, acrescentando que apenas 12% da população do mundo pode acessá-lo. Para ele, o mundo está entrando numa nova fase civilizatória, marcada pela transição de uma sociedade industrial para uma sociedade de serviços, onde as telecomunicações marcam o novo paradigma civilizatório e constituem um novo sistema nervoso do capitalismo.

O que Europa deve fazer são duas coisas: vender ativos, que baixem seu endividamento e seus déficits, mas também convidar o setor privado a fazer os investimentos que o Estado já não pode seguir fazendo [...] Nos últimos 10.000 anos, as empresas de tecnologia têm trazido o progresso à civilização: a roda, o alfabeto, navegação, usinas, tudo. Este progresso tem sido geralmente gradual. Mas, de repente, há grandes mudanças tecnológicas, as revoluções tecnológicas, causando grandes mudanças na civilização. Aconteceu com a sociedade industrial, especialmente em sua segunda etapa, no início do século XX, e agora com a sociedade tecnológica, avançada, acelerado. Depois de passar por uma era pós-industrial que estamos vivendo nesta nova civilização em que os paradigmas são muito diferentes das sociedades agrícolas, onde o poder era monolítico, teve a escravidão, não tinham direitos humanos. Hoje estamos 180 graus no sentido inverso, esta nova civilização é a democracia, a liberdade, os direitos humanos, o cuidado ambiental, competência, produtividade, globalização. Esta grande mudança tecnológica tem muitas implicações. Após a Segunda Guerra Mundial, houve um grande desenvolvimento na Europa, um forte crescimento econômico, crescimento populacional, bem como, mas acima de tudo um grande crescimento do impacto fiscal do governo, fazendo uma receita substancialmente maior e produto interno, além disso, têm déficits. E as principais razões para o que está acontecendo é que, após a Segunda Guerra Mundial, os governos dos Estados estabeleceram um estado do bem-estar crescente que tornou-se insustentável. É necessário fazer alguns ajustes no estado de bem-estar estabelecido. As mudanças estruturais são necessárias [...] (CARLOS SLIM HELÚ, 2012)⁷⁵

O exemplo acima mostra como a concentração e a desigualdade social são produzidos como parte de um dos ciclos de reinvestimento e reorganização do capital que, sobretudo nas últimas décadas, coincidem com uma nova etapa de consolidação do capital monopolista-financeiro em escala planetária. Como o economista Paul Sweezy (1977) prognosticou, quando as economias

⁷³ “Billionaires Index Today's ranking of the world's richest people”. Bloomberg. 2012. Data de consulta: 1 janeiro 2013. Disponível em: <<http://topics.bloomberg.com/bloomberg-billionaires-index/>>

⁷⁴ Idém

⁷⁵ CAMARENA, Salvador. “Más que una crisis de Europa, vivimos un cambio de civilización”: El País. 17 outubro 2012. Data de consulta: 21 outubro 2012. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2012/10/12/actualidad/1350043165_165522.html>

funcionam sobre os padrões *monopolista e financeiro*, geram-se tendências em direção à *concentração* e à *centralização* do capital em poucas mãos. Ao mesmo tempo em que se reconfigura o poder de uma classe social específica: *a elite do poder político e econômico* (SWEEZY, 1977).

Mas estudar Carlos Slim como um dos maiores magnatas do mundo implica pensar em seus negócios como uma grande rede de interesses corporativos que envolvem desde as grandes entidades financeiras, corporações de pesquisa e empresas mineradoras, inclusive suas empresas encontram-se vinculadas a várias campanhas eleitorais. Na eleição passada (2012) para presidente dos Estados Unidos, Slim foi um dos principais fornecedores do programa de campanha de Barack Obama “Obamaphones”. A América Móvil é dona da empresa estadunidense TRACFONE Wireless Inc., que junto com a empresa Simple Mobile, têm a marca “SafeLink Wireless”. Essa marca fornece os serviços para o programa governamental Lifeline, implementado pelo governo dos Estados Unidos em 1985, com a finalidade de dar descontos nos serviços de telefonia para as pessoas de baixa renda⁷⁶. Na atualidade, TRACFONE tem 21 milhões de assinantes e 3,8 milhões de assinantes através do programa federal Lifeline⁷⁷.

Slim Helú também participa em vários fundos de investimento em energia, finanças “sociais”⁷⁸, patronatos que promovem a saúde, o uso sustentável dos recursos naturais, centros de pesquisa, instituições de educação, grandes corporações, etc. Em maio de 2010, Carlos Slim foi nomeado presidente da União Internacional de Telecomunicações (UIT) da Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura da UNESCO. Mas Slim também é o presidente do “Comité Ejecutivo del Consejo Consultivo de Restauración del Centro Histórico” e o “Presidente de la Fundación del Centro Histórico, A.C.”. Essas duas entidades na atualidade se encontram reconstruindo o centro histórico da Cidade do México. Em 2009, o governo da Cidade do México apresentou o denominado “Proyecto Bicentenario Ciudad Segura”, que é desenvolvido pela TELMEX e a empresa THALES. Do projeto consta uma rede de 8.000 câmeras de vídeo distribuídas por toda a cidade do México e que são controladas pela rede da TELMEX⁷⁹.

⁷⁶ “Lifeline Program for Low-Income Consumers”. Federal Communications Commission (FCC). Governo dos Estados Unidos. Data de consulta 28 dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.fcc.gov/lifeline>>

⁷⁷ “Carlos Slim, world’s richest man, gets richer supplying ‘Obamaphones’ to poor”. Foxnews. 11 outubro 2012. Data de consulta: 28 dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.myfoxdc.com/story/19792114/carlos-slim-worlds-richest-man-gets-richer-supplying-obamaphones-to-poor#ixzz2GU0poLCI>>

⁷⁸ No 2009, Carlos Slim fez uma aliança com Muhammad Yunus, o prêmio Nobel da Paz 2006, para criar “Grameen-Carso”. Em: “Información de negocios”. Fundación Carlos Slim. Data de consulta: 20 novembro 2012. Disponível em: <<http://www.carlosslim.com/biografia.html#semblanza>>

⁷⁹ “Convierten al DF en la ciudad más vigilada del mundo”. El Economista. México. 9 março 2009. Data de consulta: 10 dezembro 2010. Enlace: <<http://eleconomista.com.mx/notas-online/df/2009/03/09/df-sera-ciudad-mas-segura-mundo>>

Slim também é conselheiro diretivo de empresas como ALTRIA GROUP (antes Philip Morris Companies), a SBC Communications, Inc.; é membro da Junta Diretiva da Corporação RAND (Research and Development). A RAND é um centro de pesquisa e desenvolvimento dos programas do Departamento da Defesa dos Estados Unidos. Essa entidade foi a primeira que desenhou o programa ARPANET, uma rede de ordenadores de 1969, ligada a Agência de Programas de Pesquisa Avançada – ARPA (Advance Research Projects Agency), cujo intuito foi alcançar superioridade tecnológica com respeito à U.R.S.S. Pode-se dizer que a ARPANET semeou o caminho para o nascimento da Internet moderna (CASTELLS, 2001: p. 24)

Algumas publicações indicam que Slim poderia ter entre 200 ou 300 empresas sob seu controle, mas outras falam da “impossibilidade” de quantificar um número exato (PODER 360, outubro 2009). Para se ter uma ideia da importância deste magnata na economia do México, no fim de 2010, seis de suas firmas (a América Móvil, a Telmex Internacional, a Telmex S.A., a IDEAL, o GRUPO CARSO e a INBURSA) registraram 40% do valor dos ativos da BMV (HUÉRFANO e ARAGÓN, 2010). No mesmo ano, o conjunto de empresas de propriedade de Slim, incluindo a América Móvil, pagou para a Fazenda mexicana mais de \$ 5 bilhões de dólares⁸⁰.

Mas Slim não tem influência apenas no México, de acordo com a Securities and Exchange Commission (SEC), do governo dos Estados Unidos, Carlos Slim Helú possui a título pessoal 10% das ações tipo A (com direito a voto) da cadeia SAKS; 8,2% de ações tipo A da AT&T, a maior empresa de telecomunicações do mundo, com vendas globais em 2011 de \$123 bilhões de dólares. Além disso, Slim também possui 19% de ações ordinárias (sem direito a voto) do jornal The New York Times; 2,5% do maior *broker* financeiro do mundo, a BlackRock; 70% das ações da petroleira Tabasco Oil Company da Colômbia e 3% de ações do Grupo espanhol PRISA. No verão de 2011, Slim concretizou a compra de 11,7% da CAIXA de España, uma das maiores instituições financeiras espanholas de propriedade de Isidro Faine. Este último, por sua vez, já foi presidente de Telefônica de Espanha, a maior empresa “concorrente” da América Móvil no setor de telecomunicações na América Latina. Em junho de 2012, Slim adquiriu 32,9 milhões de ações classe D da YPF, a maior firma de petróleo da Argentina. A operação se fez por meio da Operadora INBURSA de Sociedades de Inversión, S.A. de C.V., uma filial do Grupo Financiero INBURSA, S.A.B. de C.V. (BMV:GFINBUR O)⁸¹. Até março de 2012, as empresas diretamente relacionadas com Carlos Slim Helú são:

⁸⁰ Martínez, José. Carlos Slim. Retrato inédito. Oceano, México 2010. p. 56

⁸¹ ASSOCIATED PRESS. “Carlos Slim acquires stake in Argentine power co.” Salon.com. 15 julho 2012. Data de consulta: 15 janeiro 2013. Disponível em: <http://www.salon.com/2012/06/15/carlos_slim_acquires_stake_in_argentine_power_co/>

Gráfico 3. Conselhos diretivos envolvidos com Carlos Slim 2012



Elaboração própria com dados de U.S. Securities and Exchange Commission – 2012.

A origem do império de Slim remonta a 1966, quando adquiriu a empresa paraestatal de refrigerantes “Jarritos del Sur”. Um ano depois, criou a “Casa de Bolsa Inversora Bursátil” e as empresas “Inmobiliaria Carso”, “Constructora Carso”, “Promotora Del Hogar”, “Mina De Agregados Pétreos El Volcán” e a “Bienes Raíces Mexicanos”. Em 1972, Slim funda a “Pedregales Del Sur, S.A.”, uma empresa dedicada à compra de prédios ao sul da Cidade do México. Durante esse tempo a “Casa De Bolsa Inversora BURSÁTIL” foi a empresa que Slim utilizou para desenvolver investimentos financeiros. Mas foi na etapa desconcentração que viveu o México (na crise de inadimplência da dívida externa de 1982), quando Carlos Slim Helú incrementou seus negócios e fundou o “Grupo CARSO S.A.B.”: essa entidade seria o maior controlador de suas empresas de telecomunicações até 2010.

A crise dos anos de 1980 foi a oportunidade que as classes financeiras e as grandes corporações esperavam para introduzir as políticas neoliberais, promovendo o capital privado e os mecanismos de transnacionalização global de valor, que significaram tendências em direção à concentração, à monopolização dos diversos serviços públicos privatizados no México. Só no período de 1982-2000 foram privatizadas mais de 952 empresas estatais e se reformaram aproximadamente 430 leis

constitucionais⁸². De acordo com o Banco Mundial (BM), nesses anos, os governos de Miguel De la Madrid (1982-1988), Carlos Salinas de Gortari (1988-1994) e Ernesto Zedillo (1994-2000), transferiram e privatizaram 50% dos ativos do Estado Mexicano, pelo montante de \$31,458 bilhões de dólares. A cifra representa 20,4% do total de vendas de empresas estatais na América Latina. O que coloca o México como o segundo país que mais privatizações realizou, perdendo somente para o Brasil. (CASTAÑO, 2006: p. 116).

A venda de ativos públicos foi uma condição intrínseca das linhas de crédito que o BM, o FMI e o BID, estabeleceram para que o México pudesse resolver os problemas de sua balança comercial. No período de 1973-1981, essas entidades desviaram empréstimos por um montante de \$460 milhões de dólares. Por outro lado, quando a dívida explodiu (1982), o México encontrava-se endividado com 550 bancos privados estrangeiros por uma soma dez vezes maior (\$4,6 bilhões de dólares). Essa questão sem dúvida foi um condicionante que permitiu aos agentes econômicos, sobretudo os bancos estrangeiros, ter uma enorme influência na conformação do modelo atual de acumulação no México.

Segundo Martínez (2010), a crise econômica dos anos 1982 foi o momento em que Slim consolidou seus negócios, devido à aquisição das empresas mexicanas que estavam em processo de falência ou de venda. Da mesma forma que ocorreu na crise de 2007-2009, quando INBURSA adquiriu ações do CITIGROUP, em 1982, Slim comprou a empresa paraestatal TITÁN, dedicada à fabricação de refrigerantes; a fábrica de cigarros CIGATAM; a Hulera El Centenario e empresas que manufaturavam alumínio como a BIMEX e a Reynolds Aluminio; produtoras de cobre como a NACOBRE; seguradoras como a “Seguros de México”; fábricas de papel como a “Loreto Y Peña Pobre”; a mineiradora “Minera FRISCO”; a cadeia de Hotéis “Hoteles CALINDA”. No ano de 1991, Slim, por meio do Grupo CARSO, adquiriu a paraestatal de telecomunicações “Teléfonos de México”, essa empresa nove anos depois deu origem à América Móvil (MARTÍNEZ, 2010). Só durante o período entre os anos 1980 e 2000, que coincide com a venda de ativos públicos no México, foram os anos em que Slim fez compras de empresas por meio do Grupo CARSO. As empresas adquiridas no México, Estados Unidos e outros países da Centro América são as seguintes:

⁸² As reformas incluíram os artigos 27 (propriedade da terra), a Lei de Investimento Estrangeiro a Lei de Águas, assim como a criação, no ano de 1990, da “Unidad de Desincorporación de Entidades Paraestatales”. Como consequência da reforma desta lei, entre 1989-1991 foram construídas aproximadamente 2.028 sociedades de investidores; 1.280 foram de capitais estrangeiros com um investimento de US\$17.189 milhões de dólares. Ver mais: Concheiro Bohórquez, Elvira. El gran acuerdo. Gobierno y empresarios en la modernización salinista. IIE-UNAM-Era, México 1996: 127

- A. 1982. a “REYNOLDS Aluminio”, a “General TIRE”, a “CIGATAM” (Cigarros La Tabacalera Mexicana).
- B. 1984, a “BIMEX, S.A.”, a “Hulera, El Centenario”, “Firestone”, 40% da “BRITISH American Tobacco”, 33% da “Anderson Clayton”. O 100% dos “Seguros de México” - hoje Seguros INBURSA, parte do Grupo Financiero INBURSA (Seguros de México, Finanzas La Guardiania e Casa de Bolsa INBURSA).
- C. 1985. a “ARTES GRÁFICAS UNIDAS”, “Fábricas De Papel Loreto y Peña Pobre” e “SANBORNS” – hoje Grupo Samborns próximo a debutar como companhia de capital aberto nas bolsas de valores de México e Nova Iorque-;
- D. 1986. “Empresas NACOBRE”, a “Minera FRISCO” e a “Química Fluor”.
- E. 1990. South Western Bell, France Telecom, um grupo de investidores mexicanos e o Grupo Carso, adquirem o equivalente a 16.6% da empresa para a estatal Teléfonos de México, a firma que daria início a América Móvil em 2000-2001.
- F. 1996. O Grupo CARSO se cinde em três companhias: a Carso Global Telecom, o Grupo CARSO e a INVERCORPORACIÓN.
- G. 1997. O Grupo CARSO adquire SEARS ROEBUCK e a Teléfonos de México começa operações nos Estados Unidos com a “TELMEX USA”.
- H. 1999. A “Pastelería Francesa El Globo”, a “TRACFONE” nos Estados Unidos e criou-se a “CARSO Infraestructura y Construcción, S. A.(CICSA)”.
- I. 2000. Funda-se a TELECOMS AMERICA, o antigo *holding* da América Móvil”. E se adquire a ATL no Brasil; a TELGUA na Guatemala; a CONECEL no Equador e a TECHTEL na Argentina. Foi fundada a “Fundación del Centro Histórico de La Ciudad de México”. No mesmo ano, a TELMEX e a Microsoft assinaram um acordo para lançar o portal T1msn (hoje PRODIGY MSN).
- J. 2001. O Grupo Caros e a TELECOM AMERICA adquiriram as empresas de telefonia celular no Brasil a TESS, a TELET e a AMERICEL e reorganizam seus negócios para criar a América Móvil
- K. 2004. a América Móvil adquire a ENTEL de Nicarágua; a MEGATEL na Honduras a CTE no El Salvador. Além disso, as empresas de Slim também compram os ativos da AT&T Latino América, que realizam operações em país como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Peru. Também adquire as empresas CHILESAT, TECHTEL, METRORED e EMBRATEL.
- L. 2005. Se cria a Impulsora del Desarrollo y el Empleo en América Latina, (IDEAL).
- M. 2007. Grupo Sanborn’s adquire a licença da SAKS Inc.

No período de 1991 até 2000, o Grupo CARSO – uma junção do nome “Carlos” e do nome de sua esposa “Soumuaya” – consolidou a CARSO GLOBAL TELECOM (1996), empresa para a qual foram transferidos todos os ativos da TELMEX. Durante quase 14 anos, a CARSO GLOBAL TELECOMS foi a entidade que controlou (*holding*) os negócios de telecomunicações de Slim, incluindo a TELMEX e demais empresas subsidiárias. Foi até 2010, quando a América Móvil absorveu a totalidade das ações da CARSO GLOBAL TELECOMS. Na atualidade, Slim é dono do SANBORNS, a maior loja de comércio varejista e um dos mais importantes restaurantes no México. Além disso, também é dono do Grupo Financeiro INBURSA, um dos maiores bancos nesse país, o qual foi responsável por empréstimos de mais de \$1,1 bilhões de dólares ao jornal

The New York Times em 2009, quando precisava cobrir sua dívida corporativa de curto prazo. Isso deu para Slim um controle de 15 milhões de ações do jornal, que o tornaram o maior acionista dessa empresa desde a família Ochs-Sulzberger, fundadora em 1896 (WRIGHT, 2009).

Dessa forma, pode-se dizer que os anos 1980–2000 se caracterizaram para o México, na transição de um modelo de acumulação, centrado no fortalecimento do mercado interno, para outro modelo de acumulação alinhado aos mercados internacionais. É dizer que a economia mexicana passou de uma forte presença do governo, no que se refere ao direcionamento dos gastos públicos em programas sociais e ao incremento de sua infraestrutura nacional, para concentrar-se na especialização produtiva de manufaturas de pouco valor agregado, que forneciam as cadeias globais do comércio internacional. Além disso, o México também adotou o controle da inflação a partir da livre flutuação do tipo de câmbio, empregos com salários muito baixos, a nula liberdade sindical, etc. Como efeito da transformação produtiva, em outubro de 2012, o Instituto Nacional de Estatística, Geografia e Informática (INEGI) divulgou que dos 48,7 milhões de pessoas ocupadas nesse país, 19,4 milhões se encontram trabalhando formalmente com todas as medidas de previdência social; os 29.3 milhões restantes são trabalhadores informais, quatro milhões trabalhadores subempregados e 2,5 milhões se encontram no desemprego⁸³.

Dessa forma, o modelo de desemprego, precarização e transnacionalização da produção mexicana tem fortalecido a posição de alguns indivíduos nacionais que participaram na venda de ativos paraestatais e, posteriormente, tornaram-se grandes empresários-monopolistas, como Carlos Slim. A primeira vez que Slim apareceu na lista da Forbes foi em 2004, quando ocupou o lugar 17. Foram necessários apenas cinco anos para que Slim pulasse para o lugar número 1 da lista em 2009. Desde então por três anos consecutivos tem ocupado a mesma posição. A maior fórmula para que o México atingisse a capacidade de criar bilionários e gigantescas empresas como a América Móvil, sem dúvida, remonta ao ano de 1994, quando o país asteca ingressou no acordo de livre comércio com Estados Unidos e Canadá, conhecido como o TLCAN. Para Cocrockft (2001) tem sido uma condicionante da estrutura econômica do México com os Estados Unidos:

O vice-presidente de Estados Unidos, Al Gore, muitas vezes tem comparado o TLCAN com a compra de Louisiana, devido ao enorme êxito econômico para os Estados Unidos [...] As novas palavras chave da era do livre comércio foram "reforma do mercado" e garantia dos "direitos de propriedade intelectual" (DPI), bem como "garantias de investimento" e tratamento "não discriminatório" para garantir a todos os investidores igualdade de acesso a qualquer economia, incluindo o setor de serviços (ou seja, os bancos, os seguros, transporte, setor imobiliário e telecomunicações) (Cockcroft, 2001: 372)

⁸³ CRUZ VARGAS, Juan Carlos. "En la informalidad, seis de cada 10 mexicanos: Inegi." El Proceso, México. 11 dezembro 2012. Data de consulta: 2 janeiro 2013. Disponível em: <Enlace: <http://www.proceso.com.mx/?p=327611>>

Hoje a sorte do México com TLCAN já pode ser analisada detidamente. O resultado depois de 17 anos da assinatura desse acordo é que 51.3% da população daquele país encontra-se na pobreza; dois milhões de camponeses têm deixado suas terras para emigrar para as grandes cidades ou, preferivelmente, para os Estados Unidos. O México, que até os anos de 1970 se caracterizou por ter uma grande produção de grãos, e inclusive uma parte era destinada para a exportação. No ano de 2012, teve que importar \$ 24 bilhões de dólares em alimentos, além de ser dependente em 95 % do consumo de soja; 80% do arroz; 70 % do milho; 56% do trigo e 33% do feijão (LOPEZ BLANCH, 2012).

Antes da introdução do TLCAN, o México precisava ter um terreno preparado, é dizer, mercados financeiros abertos aos investimentos estrangeiros, desregulamentação da força de trabalho e do estatuto das terras e das empresas paraestatais. Com esses objetivos, o presidente Carlos Salinas de Gortari (1988-1994), graduado em Harvard, além de privatizar várias empresas estatais como a TELMEX, emitiu bônus públicos nos mercados de valores chamados “TESOBONOS”, com o intuito de financiar os “programas de modernização” industrial da planta produtiva mexicana – o primeiro passo para a privatização, recomendado pelo Banco Mundial através do Plano Brady de 1985.

Os “TESOBONOS” eram instrumentos financeiros de propriedade do governo e administrados pelo Banco Central do México (Banco de México), mas emitidos em dólares. No ano de 1994, representavam 82% dos passivos estrangeiros, calculados nesse período em \$80 bilhões de dólares, dos quais \$70 bilhões de dólares estavam nas mãos dos fundos e bancos de investimento estadunidenses (SILVERSTEIN e COCKBURN, 1995). As taxas de juros pagos aos investidores proprietários destes títulos atingiam 12%. Essa porcentagem funcionou para gerar um processo de especulação onde os principais credores internacionais solicitavam dinheiro nos bancos estadunidenses a taxas em torno de 5%. É dizer, os empréstimos que os credores internacionais do México solicitavam com outras entidades eram financiados pelo governo mexicano através dos juros pagos pelos TESOBONOS (FAUX, 2009: p. 240).

Mas essa época da harmonia entre o livre mercado e o México como nação disciplinada e cooperativa ao sistema neoliberal-capitalista, chegou a seu fim em 01 de janeiro de 1994, quando no sul do país o Ejercito Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) – integrado por indígenas maias – organizou um levante armado para impugnar a entrada do México ao TLACAN⁸⁴. O

⁸⁴ Além disso, também destaca-se o assassinato do candidato à presidência do partido oficial (PRI), Luis Donaldo Colosio, em 23 de março, assim como o caso Ruiz Massieu.

levante zapatista, ligado ao clima de insegurança do México, provocou a saída de mais de \$23 bilhões de dólares em capitais alojados no mercado mexicano. O resultado deixou as reservas internacionais do México em \$3,445 bilhões de dólares⁸⁵. Como efeito, gerou-se uma bolha financeira que explodiu e impediu que o México realizasse pagamentos da ordem de \$25 bilhões de dólares a grandes bancos como Goldman Sachs Salomon Brother, Citibank e o Chase Manhattan Bank (SILVERSTEIN e COCKBURN, 1995).

Dessa forma, em 1995 a economia mexicana entrou numa nova crise. Não acontecia uma crise econômica similar desde a Grande Depressão dos anos 1930 – um cenário similar se repetiria na crise de 2008-2009. No ano de 1995, o PIB per capita caiu 9%, os salários 16%, o consumo nacional 10%, o peso mexicano caiu em menos de 11 meses 36% de seu valor frente ao dólar (DEPALMA, 1995). Segundo Farhan Haq (1995), uma das medidas iniciadas pelo governo do México, e que foi recomendada pelos CEO's do Chase Manhattan Bank, foi eliminar o movimento zapatista como uma demonstração de estabilidade. O relatório que recomendava ao governo mexicano exterminar o movimento zapatista foi escrito por Riordan Roett, cientista político do MIT que, em 2001, recebeu do governo brasileiro, encabeçado por Fernando Henrique Cardoso, a distinção de Comandante da Ordem de Rio Branco (HAQ, 1995). Curiosamente, o Chase Manhattan Bank foi uma das instituições que possuía mais ações e bônus do governo mexicano por um montante de \$5,7 bilhões de dólares.

O contexto de internacionalização e crise da economia mexicana é muito particular e vantajoso não somente para Carlos Slim e os novos megaempresários mexicanos que surgiram. Essa década também foi importante para os grandes negócios dos Estados Unidos. No ano de 1990, quando terminou a imagem do mundo com duas superpotências em conflito, os banqueiros investidores, executivos empresariais, assessores políticos e financeiros (especialistas em transporte, moradia, saúde que representavam as agências de investimento como a U.S.A.I.D.), voaram para os antigos países do bloco socialista, aos países da América Latina e Ásia para desenvolver o processo de mercados concentrados e liderados pelas corporações norte-americanas (FAUX, 2009: p. 211). O intuito era alocar os mais de \$ 278 bilhões de dólares alojados em programas de defesa, que uma vez chegada à extinção da U.R.S.S em 1991, precisavam ser reabsorvidos de alguma forma (FAUX, 2009: p. 234).

A presença de poderosos *lobistas* na América Latina não era nova. Desde os anos de 1980, em plena crise da dívida (1982), uma das principais instituições encarregadas de alocar o dinheiro

⁸⁵ JARDÓN, Eduardo. “Tesobonos, elemento que aceleró la caída”. El Universal. México. 27 diciembre 2004. Data de consulta: 12 janeiro 2012. Disponível em: <http://www2.eluniversal.com.mx/pls/impreso/noticia.html?id_notas=43553&tabla=finanzas>

estadunidense nas indústrias privatizadas da América Latina foi o Business Round Table. O Business Round Table é um dos representantes máximos do complexo militar-industrial dos Estados Unidos. Na atualidade essa instituição é presidida pelo presidente da Boeing, James McNerney, que entre 1997-2000 foi o CEO de General Electric Aircraft Engine, diretor da International Business Machinee (IBM) e diretor do US-China Business Council. A lista de personagens ligados a essa organização inclui o presidente da MasterCard Inc. e CEO do Citibank Asia Pacifico e Singapore, Ajay Banga, e o presidente e CEO da Honeywell Internacional⁸⁶, David M. Cote, que na atualidade também é diretor do J.P. Morgan Chase & Co. Em 2010, o presidente Barack Obama nomeou Cote integrante da Comissão Bipartidarista Responsável pela Reforma Fiscal dos Estados Unidos⁸⁷.

Na atualidade, outro dos integrantes da junta diretiva da Business Round Table e vice-presidente do J.P. Morgan Chase & Co., James Dimon, que também foi CEO do Citigroup em 1998⁸⁸. Por meio do Citibank, o Business Round Table utilizou a William Rhodes, que presidia o Citicorp nessa época (o braço financeiro do CitiBank), para que esse personagem se transferisse nos anos 80 para os países endividados da América Latina. Rhodes foi um ator central para entender a privatização que sofreu a América Latina como consequência da crise da dívida. Em 1983, Rhodes presidia o grupo dos 14 bancos credores do Brasil, que atingia o total de \$ 113 bilhões de dólares em 1987⁸⁹. Mas foi Fernando Henrique Cardoso o personagem que implementou as recomendações de Rhodes às entidades financeiras estadunidenses, que repercutiram na venda dos ativos públicos, como o caso das telecomunicações no Brasil. No entanto, em 1996, por meio do embaixador do Brasil em Washington, Cardoso deu a Rhodes o título de grão de Comandante da Ordem da Cruz do Sul⁹⁰. Em 2011 a Revista Época do Brasil obteve um depoimento de William Bill Rhodes sobre a importância dos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luis Inácio “Lula” da Silva, em haver continuado a estratégia planejada pelo Citibank, FMI e BM:

⁸⁶ No México, a Honeywell Internacional possui 180 plantas, com 23 mil funcionários em 12 estados onde se fabricam peças de alumínio e aço de alta pressão para turbinas dos aviões Boeing 737, Airbus 350 e 380, e algumas peças para Jets F-18.

⁸⁷ “Honeywell International”. Business and Week. Data de Consulta 19 agosto 2012. Disponível em: <<http://investing.businessweek.com/research/stocks/people/person.asp?personId=161604&ticker=HON:US&previousCapId=1340740&previousTitle=HONEYWELL%20INTERNATIONAL%20INC>>

⁸⁸ “JP MORGAN Chase”. Business and Week. Data de Consulta 19 agosto 2012. Disponível em: <<http://investing.businessweek.com/research/stocks/people/person.asp?personId=170444&ticker=JPM:US&previousCapId=658776&previousTitle=JPMORGAN%20CHASE%20%26%20CO>>

⁸⁹ REUTERS. “Brazil Insists It Will Stick With Bond Conversion Plan”. Los Angeles Times. Estados Unidos. 11 setembro 1987. Data de consulta: 16 janeiro 2013. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1987-09-11/business/fi-4647_1_bond-scheme>

⁹⁰ COHEN, Edward. “Brazil Honors Citi’s Rhodes for Crisis Role”. American Banker. 15 junho 1994 Vol. 159, No. 114. Data de Consulta: 17 junho 2012.

Eu sempre fui otimista em relação ao Brasil, mesmo nos momentos mais difíceis [...] o setor privado do Brasil é um dos mais fortes do mundo [...] O Citigroup tem uma grande presença no país. Está há quase 100 anos no Brasil. O governo Dilma e o Banco Central vão praticar uma política monetária adequada e manter a estabilidade. (RHODES, 2011).

Rodes também trabalhou junto ao Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, para formular o Plano Brady, que funcionou para empacotar a dívida soberana de cada país latino-americano e vendê-la nos mercados de valores. O Plano Brady constituía o primeiro processo de securitização das dívidas soberanas para *titularizar* esses pacotes em valores vendáveis no mercado internacional de valores. No ano de 2011, Rhodes deu uma entrevista para a Revista *Forbes* onde afirmava:

Essa foi a beleza do Plano Brady, porque isso permitiu um caminho para o crescimento dos países [...] bem o que eles fizeram é que a operação de titularização porque era basicamente dívida bancária [...] E você tinha opções, você tinha a opção de tomar uma parte sobre os juros ou mesmo se você queria colocar dinheiro novo, você poderia fazer isso. Parte disto foi financiado pelo FMI, o Banco Mundial, e também havia títulos do Tesouro dos Estados Unidos, e bancos de desenvolvimento regionais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Basicamente, o que eles fizeram é permitido aos países da América Latina - e, posteriormente, aqueles que tiveram problemas na Europa Oriental e na Ásia Africana algumas, como as Filipinas -, voltar ao crescimento.”⁹¹

A estratégia de *titularizar* a dívida soberana das nações endividadadas da América Latina, que em 1989 acendia a um total de \$ 30 bilhões (cotação do período), também foi reproduzida em países com problemas financeiros nos anos de 1990 como as Filipinas, a Turquia, a Tailândia, a Coreia do Sul, Hong Kong, Taiwan e Cingapura. Em todos eles, Rhodes assessorou diretamente os governos desses países para que privatizassem empresas, diminuíssem gastos sociais e colocassem suas dívidas nacionais nos mercados internacionais. Na crise da Coreia do Sul (1997-1998), onde foi transferido o controle das maiores empresas como Dahewoo, Hyundai, etc., e dos bancos desse país para investidores dos Estados Unidos, Rhodes trabalhou para Kim Dae-jung aplicar a mesma fórmula do Plano Brady.

Rhodes também foi o personagem que atuou na reestruturação da dívida da Turquia em 2001, conhecida como a “Quarta-Feira Negra” (Black Wednesday), que derrubou a Bolsa de Valores da Turquia em 20%, com fugas de capitais de um montante de \$ 7,5 bilhões (ZAMAN, 2011). Rhodes recomendou ao ministro de assuntos econômicos da Turquia, Kemal Dervis – ex-vice-presidente do Banco Mundial (1996-2001), sobre que tipo de políticas tinha que levar a cabo para sair da crise, como a livre flutuação do tipo de câmbio e o processo de inflação.

⁹¹ FORBES, Steve. “Steve Forbes Interview: Bill Rhodes, Banker To The World”. FORBES, 8 agosto 2011. Data de consulta: 17 janeiro 2013. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/steveforbes/2011/08/15/steve-forbes-interview-bill-rhodes-banker-to-the-world/4/>>

No México, Rhodes negociou a dívida em 1989 com José Angel Gurría – o atual Presidente da OMC. Até hoje o CitiBank é o dono do maior banco mexicano, o BANAMEX, que foi privatizado para esse grupo financeiro por \$12,5 bilhões em 2001, sem incluir impostos, para o governo mexicano⁹². Na atualidade, Cardoso se tornou membro do Deutsche Bank para América Latina, Dervis é presidente do grupo financeiro Akbank T.A.S da Turquia e Dae-jung (2009), durante a última etapa de sua vida, ganhou o premio Nobel da Paz em 2000. Em 2012, Rhodes continua como conselheiro do CITIBANK, presidente do CITIBANK of Canada e também é presidente do grupo estadunidense de banqueiros para assuntos de comércio exterior “The Bankers Association for Foreign Trade”. Também desempenha função como conselheiro do The Group of Thirty, The Africa-America Institute, U.S.-Egypt President's Council, ConocoPhillips Americas Society and Council of the Americas.

Em menos de 10 anos as redes financeiras globais, as transações eletrônicas de dinheiro e o avanço das telecomunicações expandiram o sistema financeiro mundial sob o domínio das corporações e dos bancos estadunidenses. Na atualidade, o CITIBANK e a América Móvil desenvolvem uma de suas várias alianças para começar a estabelecer um sistema de pagamentos financeiros nos serviços de consumo via telefone celular e redes de internet. Um sistema que atualmente está sendo desenvolvido na Coréia do Sul, país onde Rhodes também exerceu assessoria⁹³. A relação entre Slim e Rhodes existe desde 2008, quando, em plena crise financeira, Carlos Slim adquiriu 26 milhões de ações do Citigroup pelo valor de U\$ 134 milhões.⁹⁴ A pergunta que fecha este capítulo é: qual o papel de indivíduos como Rhodes ou entidades como o Business Round Table ou CITIGROUP na consolidação dos *big business* em nossos países? Sem eles, empresários como Carlos Slim e o tipo de negócios baseado nas telecomunicações obteriam êxito?

⁹² DE LOS RÍOS CORTÉZ, Víctor Libio. “Las fusiones y adquisiciones en México en el período reciente 1986-2005”. Economía UNAM, No. 012, México, 2007, p. 12

⁹³ LEE KEUN-Young. “Korea's financial service sector restores soundness, stability through restructuring”. The Korea Herald 27 September 2002. Data de Consulta: 27 abril 2012. Disponível em: <<http://www.koreaherald.com/>>

⁹⁴ FREEBAIRN, William. “Carlos Slim’s Inbursa Bank Acquires Citigroup Shares”. Bloomberg. 25 de novembro de 2008. Data de consulta 1 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.bloomberg.com/apps/news?pid=newsarchive&sid=aoPHoLjgduGY&refer=latin_america>

CAPITULO 3. A Propriedade da América Móvil

3.1 Os parceiros internacionais da América Móvil

Segundo Foster (2011), o uso atual das telecomunicações obedece a um contexto social, político e econômico específico “[...] o qual condiciona o curso e a forma como se desenvolvem os processos comunicativos.” (FOSTER, 2011). Como tem sido analisado ao longo desta pesquisa, esse tempo corresponde à consolidação dos grandes negócios do tipo *big business*, sob uma tendência monopolista–financeira, chamada de mundialização ou globalização. Neste estágio do capitalismo, as grandes corporações e as gigantescas entidades financeiras se convertem num modo de reinvestimento de lucros, influenciando tanto no desenvolvimento do sistema comunicativo e na geração de novas tecnologias comunicativas como na evolução do metabolismo social do mesmo sistema capitalista.

De acordo com as pesquisas de Vitali, Glattfelder e Battiston (2011), na atualidade existem 80.000 corporações que controlam aproximadamente 800.000 subsidiárias. Esses pesquisadores analisaram as implicações da estrutura de controle da propriedade em 43.060 grandes corporações, com foco nas redes econômicas, de comércio, produtos e crédito, conselheiros diretivos, assim como as cotizações nas bolsas de valores. Desta amostra foi identificada uma “super-entidade” integrada por 147 grandes empresas (financeiras e mineradoras, majoritariamente) que controlavam 40% das trocas comerciais em 2011 – além de localizar os 737 (setecentos e trinta e sete) principais acionistas (*top holders*) que cumulativamente controlavam 80% do valor dessas corporações (VITALI, GLATTFELDER e BATTISTON, 2011: p. 6).

A investigação quantitativa não é uma tarefa trivial, pois as empresas podem exercer controle sobre outras empresas através de uma rede de participação direta e indireta relações que se estende por muitos países. Portanto, uma análise dessa complexa rede é necessária, a fim de descobrir a estrutura de controle e suas implicações [...] Certamente, é intuitivo que cada corporação tem uma grande pirâmide de subsidiárias abaixo e um número de sócios acima. No entanto, a teoria econômica não oferece modelos que prevêm como transnacionais globalmente conectar uns aos outros. Três hipóteses alternativas podem ser formulados. As transnacionais podem permanecer isoladas, ser cluster em coligações separadas, ou formar um componente gigante conectado, possivelmente com uma estrutura centro-periferia. Até agora, essa questão permaneceu sem solução, apesar de suas implicações importantes para a formulação de políticas. Na verdade, as relações de propriedade mútua entre as empresas do mesmo setor pode, em alguns casos, prejudicar a concorrência no mercado. Além disso, os vínculos entre as instituições financeiras têm sido

reconhecidas a ter efeitos ambíguos sobre a sua fragilidade financeira. (VITALI, GLATTFELDER e BATTISTON, 2011: p. 1).

A pesquisa indica que os vínculos criados entre as grandes entidades funcionam como uma estrutura em rede que “reduz” o número de associados nos intercâmbios econômicos. Além disso, a concentração de proprietários – seja via investimentos compartilhados, propriedade de ações em comum ou via diretores que desempenham cargos em diferentes empresas (diretores cruzados) tem a finalidade de “[...] evitar estratégias anti-aquisição, redução dos custos de transação, compartilhamento de riscos, aumento da confiança e o fortalecimento dos interesses em grupo.” (VITALI, GLATTFELDER e BATTISTON, 2011: p. 5).

Para além da importância destes primeiros elementos de medição e análises quantitativas realizadas com programas computacionais, duas questões que vêm sendo desenvolvidas nesta dissertação podem ser corroboradas por esta pesquisa. A primeira tem relação com a existência de centros territoriais de decisão de poder político e econômico (“estrutura centro-periferia”), localizados nos países centrais de onde provém a maior parte dos fluxos financeiros. Porém, as sedes de origem dos grandes bancos de investimento, dos fundos de alto risco, das entidades especializadas na gestão de investimentos e da maioria das grandes corporações industriais que centralizam inovações tecnológicas estão localizadas nos países “anglo-saxônicos”. Esses países constituem espaços de acumulação territorial para que o sistema do capital recicle seus lucros desenfreadamente (VITALI, GLATTFELDER e BATTISTON, 2011).

A segunda questão é que a onda expansiva dessa “super-entidade” tem um número reduzido de participantes, integrado por um núcleo de apenas 147 entidades, dentre as quais $\frac{3}{4}$ corresponde a intermediários financeiros que concentram os fluxos de dinheiro e as operações de troca e intercâmbio (bancos de investimento, fundos de alto risco, fundos hedge, etc.). Dessa forma, os contratos financeiros, como os derivativos, os créditos com outras instituições, a securitização e os demais instrumentos especulativos permitem a esse grande bloco de interesses diversificar riscos, ao mesmo tempo em que participam de outros mercados cativos pelos seus sócios. O intuito dessa estratégia é evitar a concorrência e também incrementar a “volatilidade do sistema”, que o faz propenso a experimentar crises de “alto risco” (VITALI, GLATTFELDER e BATTISTON, 2011: p. 5).

Em síntese, a pesquisa mencionada corrobora o argumento de que o processo de gerar e repartir os lucros do sistema mundializado requer entidades que tenham um capital corporativo capaz de atuar como um bloco de poder. Espalhados em vários acionistas internacionais, os

proprietários de suas ações (capital social) mantém entrecruzamentos diretivos em diferentes corporações e participam das principais entidades capazes de continuar a reprodução dos negócios das potências hegemônicas. Tomando em consideração os 50 principais acionistas (*top holders*) das principais instituições que constituem parte da amostra da pesquisa de Vitali, Glattfelder e Battiston, podem ser encontrados os grandes bancos e fundos de investimento mencionados previamente nesta dissertação, como na estrutura corporativa da América Móvil e de outras companhias de telecomunicação tais como a AT&T, a Verizon e a Telefônica da Espanha (Quadro 2, Capítulo 1).

No caso das telecomunicações, como foi observado (Capítulo 1, Quadro 2), o fornecimento dos serviços comunicativos na atualidade (internet, telefone móvel e fixo, TV a cabo, etc.) permanece dominado por um punhado de gigantescas corporações que controlam o acesso, a geração e a emissão de conteúdos informativos, assim como as novas tecnologias disponíveis para essa indústria. Essa característica gera um domínio do mercado comunicativo de escala internacional, em que um enorme bloco de poder, com epicentros específicos localizados em países como os Estados Unidos, o Japão, a China, a Inglaterra e integrantes da União Europeia destacam-se como os atores mais importantes da internacionalização dessa indústria – os lugares geográficos onde, historicamente, o capital tem logrado importantes níveis de reinvestimento, acumulação de excedentes e concentração de ativos.

No caso particular da América Móvil, essa corporação tem uma estrutura de capital com múltiplos nódulos, aos quais se conectam grandes bancos, fundos de investimento e corporações gigantes (em geral, estadunidenses), e que lhe permite um processo contínuo de expansão a medida em que adquire um controle do fluxo de informação regional na América Latina. Para o primeiro semestre de 2013, o capital total da América Móvil foi estimado em \$ 53,218 milhões. Essa quantidade representava 76,194 milhões de ações Classe A, AA e L, circulando nos diferentes mercados de valores, como o NYSE ou NASDAQ dos Estados Unidos, o Latinbex da Espanha, a bolsa de valores de Frankfurt, Alemanha, e a BMV do México. Isto ocasionou que o valor da empresa, medido na cotização dessas ações (fevereiro 2013), a dívida corporativa e os ativos da empresa tiveram uma capitalização no mercado de \$126,906 bilhões de dólares⁹⁵.

⁹⁵ Capital IQ. “America Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L) Public Company Profile. Financial Information (Currency: USD, in mm)”. Standard and Poor’s. Data de consulta: 2 fevereiro 2013. Disponível em: <<https://www.capitaliq.com>>

Quadro 11. Composição do capital da América Móvil (Dados consolidados fevereiro 2013)		
Tipo de ações	Numero de ações	% do capital total
Ações Tipo L	51.899.108.573	68,4%
Ações Tipo AA	23.424.000.000	30,6%
Ações Classe A	722. 145.377	1,0%
Total	76.060.886.610	100%

Fonte: Securittie Exchange Commission (SEC). Reporte Financeiro América Móvil 2012.

Do total de ações 76,194 milhões que tinham em circulação, se encontravam divididas em três tipos de acionistas:

- Acionistas Institucionais.** Controlam 27.063.144.943 ações, o que representa 35,39% do capital social da empresa por um valor de \$34,662 bilhões de dólares. Esse tipo de acionistas esta integrado pelos grandes bancos, empresas de investimento (imobiliárias o financeiras), fundos de investimento, e fundos de pensão.
- Corporações públicas.** Com 7.243.000.000 ações que representam 9,52% do capital social da empresa, com valor de \$9,276 bilhões de dólares. Essa categoria faz referência a outras corporações que também cotizam suas próprias ações nos mercados de valores. Neste caso a única corporação que é dona de pacotes acionários da América Móvil é a AT&T.
- Corporações privadas.** Com 38.693.200 ações que representam 0,5% do capital social da empresa e têm um valor no mercado de \$ 49,9 bilhões de dólares. Se referem àquelas entidades que não cotizam nos mercados de valores. Nessa categoria só se encontra “The Carlos Slim Health Institute”, cujo presidente é Marco Antonio Slim Domit, o filho de Carlos Slim Helú.
- Acionistas individuais.** Eles tem sob seu controle 17.772.002.422 ações que representam 23,37% do capital social da empresa, com valor de \$22,762 milhões de dólares. Se referem aos principais acionista individuais, neste caso o Carlos Slim Helú e seus filhos Carlos Slim Domit e Patric Slim Domit.
- Publico.** Esse tipo de investidores têm 24.472.065.305 de ações que representavam o 32.12% do valor da empresa é dizer \$30,667.8 bilhões de dólares. Se refere as pessoas individuais que tem ações da América Móvil adquiridas numa da diferentes bolsa de valores onde essa corporação cotiza.

Quadro 12. Tipo de proprietários de ações da América Móvil (Janeiro 2013)		
Tipo de proprietário	Quantidade de ações	% do total de ações
Instituições	27.063.144.943	35,39
Corporações Públicas	7.243.000.000	9,52
Corporações Privadas	38.693.200	0,05
Indivíduos (Insiders)	17.772.002.422	23,37
Publico e outros	24.092.170.292	31,48
Total	76.060.886.610	100,0

Fonte: Securittie Exchange Commission (SEC). Governo dos Estados Unidos. Relatório Financeiro América Móvil – 2012

Este tipo de divisão do capital social da América Móvil lhe permite ter uma estrutura de controle em rede a partir da qual pode compartilhar informação, clientes e relações econômicas e políticas nos países onde opera. Por exemplo, uns dos maiores investidores da América Móvil é o Banco Bilbao Vizcaya Argentaria, S.A. (CATS:BBVA), através de suas subsidiárias BBVA Asset Management, S.A., S.G.I.I.C., e também mediante o BBVA Bancomer Gestion S.A. de C.V. O BBVA ao mesmo tempo é o maior acionista da Telefônica S.A. (CATS:TEF), o principal concorrente da América Móvil na América Latina.

Mas não são todas as ações da América Móvil que têm os mesmos direitos sobre o destino da empresa. Por exemplo, as ações Classe L, que representam 68.4% do capital social total da empresa, apenas confere a seus proprietários direitos de voto na designação de dois diretores. Da mesma forma, essas ações dão direito a voto na transformação da América Móvil em outro tipo de sociedade mercantil, assim como nas fusões e troca de nacionalidade ou de bolsa de valores. Mas os direitos adquiridos pelas ações Classe L requerem a aceitação dos proprietários das ações Classe AA e A⁹⁶. O que, para efeitos práticos, significa que ações de Classe A e AA, que representam 31.6% do capital social da empresa (somadas), têm 100% de direitos na eleição de diretores e executivos, consolidação de estados financeiros, assim como a faculdade para decidir o comportamento geral e particular da América Móvil⁹⁷. Ainda por cima, todas as ações da América Móvil (Classe A, AA e L) têm como requisito que seus proprietários sejam cidadãos de origem mexicana. No caso daqueles que querem adquirir ações e não são originários do México, é possível adquirir essas ações através de um depositário. Este depositário pode ser uma instituição financeira do México ou estrangeira. No caso das instituições estrangeiras que adquirem ações por meio de um depositário, essas ações são títulos denominados ADS's (American Depositary Shares). Nos estatutos de propriedade e capital social da própria América Móvil se estabelece que essas ações ADS's só fiquem depositadas nos mercados de valores dos Estados Unidos, com a faculdade de ser adquiridas e trocadas nas bolsas de valores do México, o Estados Unidos, a Espanha e a Alemanha, como a continuação se examina no Quadro 13.

⁹⁶ AMÉRICA MÓVIL. “Informe anual – 2012”. BMV. Abril 2012. p. 109. Disponível em: <<http://www.bmv.com.mx>>

⁹⁷ “América Móvil – 2012. 20-F”. U.S. Securities and Exchange Commission. Estados Unidos. Abril 2012. p.99. Disponível em: <<http://www.sec.gov/edgar/searchedgar/companysearch.html>>

Quadro 13. Ações e ADS's da América Móvil circulando nos mercados de valores (Janeiro 2013)		
Mercado de Valores	ADS's Classe A	ADS's Classe L
Bolsa Mexicana de Valores, S.A.B. de C.V – México.	x	x
Mercado de Valores Latinoamericanos en Euros (Latinbex) – Espanha.		x
FWB Frankfurter Wertpapierbörse – Alemanha.		x
New York Stock Exchange — Nova York, Estados Unidos.	x	x
NASDAQ (NASDAQ National Market) — Nova York, Estados Unidos.	x	x

Fonte: Bolsa Mexicana de Valores (BMV). Relatório Financeiro América Móvil – 2012

Os preços das ações da BMV e das ADS's nos mercados dos Estados Unidos (cotizados na NYSE) são estabelecidos trimestralmente, dependendo do valor que adquiram as ações da América Móvil comercializadas nos diferentes mercados. Os preços das ADS's na NASDAQ correspondem a cotizações entre particulares e não precisamente a um preço real no mercado⁹⁸. O depositário das ADS's da América Móvil é o The Bank of New York Mellon Corporation (NYSE:BK). Isto implica que aquelas instituições ou pessoas que possuem ADS's têm que pagar algum dividendo ao Bank of New York Mellon quando adquirem valores da América Móvil⁹⁹. Uma vez compradas as ADS's depositadas no Bank of New York Mellon, os novos proprietários desses valores podem escolher outros intermediários financeiros. Os proprietários das ADS's não têm direito a assistir as assembleias gerais da América Móvil si não fora cidadãos mexicanos. Mas podem votar nessas assembleias através seus depositários (geralmente grandes instituições “investidores institucionais”).

Em 31 de março de 2012, 31,2% de ações Classe L da América Móvil estavam circulando como ADS's. Dessa porcentagem, 97,6% das ADS's Classe L estavam distribuídas entre 10.622 proprietários com domicílios nos Estados Unidos. No caso das ações Classe A, 32,9% delas estavam representadas por ADS's Classe A, sendo que 91,2% delas estavam distribuídas entre 4.602 proprietários com domicílios nos Estados Unidos. De acordo com a informação corporativa da própria América Móvil, a empresa não contava com nenhuma informação sobre

⁹⁸ América Móvil. “Informe anual – 2012”. BMV. Abril 2012. p. 107. Disponível em: <<http://www.bmv.com.mx>>

⁹⁹ América Móvil. “Informe anual – 2012”. BMV. Abril 2012. p. 121. Disponível em: <<http://www.bmv.com.mx>>

os proprietários de ADS's nos Estados Unidos¹⁰⁰. A lei dos Estados Unidos não estabelece como requisito que uma empresa estrangeira tenha que fornecer esse tipo de informação.

Um aspecto importante e onde vai residir o poder e a complexidade da estrutura de capital e controle corporativo da América Móvil é que cada uma das ADS's dá direito a seu proprietário de ser trocada por 20 ações Classe L e Classe A, dependendo do tipo de ADS's que se possua. Dessa forma, até 2 de fevereiro de 2013, a América Móvil tem entre seus principais proprietários de ações Classe L e Classe A nove dos maiores bancos de investimento do mundo:

Quadro 14. Bancos donos de ações da América Móvil S.A.B. de C.V. (Dados consolidados em milhões de dólares fevereiro 2013)				
Nome	Ações	Porcentagem	Valor (milhões de dólares)	Data
Credit Suisse, Investment Banking and Securities Investments	6.584.788 NYSE – Depositário (Ações Classe L)	,173	163,5	Sep-30-2012
	131.695.760 Total de Ações			
Bank of America Corporation, Asset Management Arm	63.323.177 Classe L: BMV – Depositário	0,116	109,7	Sep-30-2012
	1.314 Nasdaq: AMOV – Depositário (Ações Classe L e Classe A)			
	1.250.732 NYSE – Depositário (Ações Classe L e Classe A)			
	88.364.097 Total de Ações			
Morgan Stanley, Investment Banking and Brokerage Investments	17.367 Nasdaq: AMOV - Depositário	0,068	64,7	Sep-30-2012
	2.586.545 NYSE:AMX – Depositário			
	52.078.240 Total de Ações			
The Bank of New York Mellon Corp, Private Banking & Securities Investments	1.131.567 NYSE:AMX – Depositário	0,035	32,8	Sep-30-2012
	26.433.680 Tipo L Total			
Citigroup Inc., Asset Management Arm	891.538 NYSE:AMX – Depositário (ADS's L)	0,023	22,1	Sep-30-2012
	17.830.760 Total de Ações			
Wells Fargo & Company, Private Banking and Investment Banking Arm	4.523 Nasdaq: AMOV – Depositário (Ações Classe L e Classe A)	0,021	19,8	Sep-30-2012
	793.191 NYSE – Depositário (Ações Classe L e Classe A)			
	15.954.280 Total de ações			
Goldman Sachs Group, Investment Banking and Securities Investments	516.924 NYSE – Depositário	0,014	12,8	Sep-30-2012
	10.338.480 Total de Ações			
Barclays PLC Private Banking & Investment Banking Investment	267.966 NYSE – Depositário	0,007	6,7	Sep-30-2012
	5.359.320 Total de Ações			

Fonte: CAPITAL IQ. Standard and Poor's. "America Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L) Public Ownership detailed". Data de consulta: 23 janeiro 2013.

¹⁰⁰ América Móvil. "Informe anual – 2012". BMV. Abril 2012. p. 103. Disponível em: <<http://www.bmv.com.mx>>

Quando analisamos o total de ações que essas instituições têm sob seu domínio (seja em depósito de outro acionista, seja de sua propriedade), o resultado final da somatória implica que já foram multiplicadas por 20 as ações do capital social, isto é, uma ADS é igual a 20 ações do capital social da empresa. Como a América Móvil é uma instituição com sede na Cidade do México e originária do México, não está obrigada a apresentar informações sobre os proprietários de ADS's. Isto implica que só alguns desses bancos publicam os tipos de ações ou o ADS's (Classe A, AA, L) que administram sob sua propriedade ou sob sua custódia de forma voluntária. Com isso, muito da informação dos últimos proprietários de ações fica afastada da informação que existe no âmbito público.

No caso específico do BANK OF AMERICA CORPORATION (NYSE: BAC), que tem por meio de seu braço financeiro (Asset Management Arm), a custódia de 88.364.097 ações no total (Classe A e Classe L). Dessa montante, 63.323.177 de ações Classe L da América Móvil se encontram circulando na Bolsa Mexicana de Valores (BMV), o que significa que na realidade são ações sob custódia de clientes do BANK OF AMERICA, como mostra o Quadro 15:

Quadro 15. Ações sob custódia do BANK OF AMERICA CORPORATION da América Móvil S.A.B. de C.V. depositadas na Bolsa de Valores de México	
Instituição	Ações Classe L
Fondo Santander S20, S.A. de C.V., S.I.R.V	26.079.988
Fondo Santander Indizado, S.A. De C.V. SIRV (BMV:ST&ER-I B1)	8.164.028
Fondo FSE 2, S.A. de C.V. S.I.R.V. (BMV:ST&ERBM B1)	7.358.600
Fondo Santander S15, S.A. de C.V., S.I.I.D.	6.403.000
Fondo Patrimonial Decidido, S.A. De C.V., S.I.R.V.	5.840.658
Fondo Santander S13 S.A. DE CV SIID (BMV:ST&ER-E B1)	5.016.809
Fondo Patrimonial Santander Mexicano, S.A. DE C.V., S.I.R.V.	3.053.168
Fondo Santander FFI1, S.A. de C.V., S.I.R.V. (BMV:SVIVE50 S)	1.406.926
Total	63.323.177
CAPITAL IQ. Standard and Poor's. America Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L) Public Ownership. Latest Holders. Data de consulta 2 fevereiro 2013. <www.capitaliq.com>	

Mas o controle das entidades financeiras não se desenvolve apenas pela aquisição de ações do capital social da empresa. Também pode se dar através da tendência da dívida corporativa da empresa, como foi assinalado no capítulo 1. Dos bancos mencionados, somente o CITIGROUP (mediante o CITIBANK, CITIBANK ARGENTINA e o BANCO CITI), tinha uma parte da dívida corporativa da América Móvil equivalente a \$123,4 milhões de dólares do total

da dívida corporativa da América Móvil que se encontra espalhada nos mercados internacionais através de *bônus sênior*. O significado desses eventos é que, seja como proprietários diretos de ações ou como representantes de ativos de outras instituições, ou bem mediante o respaldo da dívida corporativa da América Móvil, esses grandes bancos internacionais são uma parte fundamental no desenvolvimento financeiro e na tomada de decisões da América Móvil.

Quando analisamos a importância e atuação desses bancos de forma desagregada, acontece que quase todos desenvolvem investimentos nas maiores corporações que cotizam na Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA), no Brasil. Sobretudo naquelas corporações que durante a última década espoliaram o desenvolvimento econômico da economia brasileira, e que, portanto, estão expostas aos investimentos financeiros. A lista está integrada pela PETROBRAS (BOVESPA:PETR4), VALE S.A. (BOVESPA:VALE5), ULTRAPAR Holdings Inc. (NYSE:UGP), ELECTROBRAS (BOVESPA:ELET6), GERDAU S.A. (BOVESPA:GGBR4), Companhia Brasileira de Distribuição CBD (BOVESPA:PCAR4) e a AMBEV (BOVESPA:AMBV4):

- 1) O CREDIT SUISSE é um banco global com sede na Suíça que foi fundado em 1856. Na atualidade opera em 50 países e possui investimentos na PETROBRAS, VALE, ULTRAPAR, ELECTROBRAS, GERDAU, CBD e AMBEV. Na crise financeira das hipotecas *suprime* de 2007, esse banco foi à falência, tendo que receber \$ 10 bilhões do governo da Suíça. Mas ainda com os reinvestimentos o banco demitiu 11% de sua força de trabalho global (5.000 empregados)¹⁰¹.
- 2) O BANK OF AMERICA CORPORATION tem sua sede nos Estados Unidos e foi fundado em 1874. Segundo Pawells (2005), durante a Segunda Guerra Mundial essa instituição foi uma das corporações que financiou a *Wahrmacht* com que a Alemanha nazista invadiu a Polônia (PAWELLS, 2005). Na atualidade tem investimentos na VALE, ULTRAPAR e AMBEV. Na crise das hipotecas *suprime* o Bank of America adquiriu o MERRILL LYNCH e incrementou seus ativos em mais de \$2 trilhões.
- 3) O BANK OF NEW YORK MELLON CORP foi fundado em 1784 pelo Alexander Hamilton. Quando atuava como Secretário do Tesouro dos Estados Unidos (1789), esse banco foi a primeira instituição financeira a negociar um empréstimo para os Estados Unidos no exterior por \$ 200.000. Na crise de 2007, essa entidade foi uma das instituições que custodiaram os \$ 700 bilhões do TARP para salvar o sistema financeiro estadunidense. Na atualidade, tem investimentos na PETROBRAS, VALE, ULTRAPAR, GERDAU, CBD (PAO) e AMBEV.¹⁰²

Todos esses bancos, como foi indicado por Johnson e Kwak (2010), constituem a máxima expressão do que foi denominado como empresas de risco sistêmico e grandes demais para

¹⁰¹ Disponível em: <<http://www.hoovers.com>>

¹⁰² Disponível em: <<http://www.hoovers.com>>

quebrar (“*To big to fail*”). Após a crise das hipotecas *suprime*, o governo dos Estados Unidos fez investimentos de \$700 bilhões de dólares, mediante o Programa de Alívio dos Ativos em Problemas (TARP). As principais instituições que receberam uma parte desse dinheiro foram o Bank of America, o JP Morgan Chase, o Wells Fargo, o CITIGROUP e o Goldman Sachs. Como resultado desse processo, os ativos financeiros desse país ficaram na mão dessas poderosas instituições financeiras que no final de 2009 controlavam a metade do mercado das hipotecas, dois terços do mercado de cartões de crédito e 95% dos derivativos comercializados nos Estados Unidos (JOHNSON e KWAN, 2010: p. 180).

Dessa forma, se uma das condições da internacionalização de uma grande empresa reside em sua capacidade para ter uma ampla rede de interlocuções com outras grandes corporações que lhe fornecem tecnologias, acesso a novos mercados, provedores e distribuidores, fluxos de informação, clientes e linhas de crédito (MOYA, 2005: p. 5), pode-se dizer que a América Móvil reúne todas essas capacidades e encontra-se no caminho adequado para centralizar lucros, eliminar concorrência, gerar mercados protegidos e barreiras de entrada, fortalecidas por grandes instituições financeiras, industriais e tecnológicas nos países onde seus serviços atuam.

O processo para que a América Móvil adquirisse esse estágio, além de contar com um sistema monopólico no México, também precisou, como requisito indispensável, da participação de uma grande e forte rede financeira que só se pode encontrar no compartilhamento de riscos via propriedade em comum. Dessa forma, como Harvey assinala (1991), seja via fornecimento de crédito pela aquisição direta de ativos de uma empresa, essas estratégias têm a função de integrar os interesses individuais de cada capitalista em um bloco de poder que funciona como capital corporativo (HARVEY, 1991: p. 288). É dizer, quando o sistema financeiro se encontra presente na estrutura de capital de uma empresa, pela regra geral (como no caso da América Móvil), espalham-se as responsabilidades e as estratégias do processo de reinvestimento e reprodução de lucros (VITALI, GLATTFELDER e BATTISTON, 2011).

Para Chesnais (2005), o período no qual o capital se expande via finanças (que ele denomina “capital portador de juros”) corresponde a uma movimentação de dinheiro que adquire preponderância no plano econômico e social, primeiramente nos Estados mais poderosos que liberaram os seus sistemas financeiros (Chesnais, 2005: p. 35). Dessa forma, a mundialização do sistema capitalista que na atualidade organiza o sistema social, político e econômico, adquiriu seu ponto de maior importância quando o sistema de Bretton Woods chegou ao seu fim nos anos 1970. O que, portanto, significa que o processo de acumulação contemporâneo do capitalismo

centrou-se nas finanças e na centralização do dinheiro em instituições especializadas, em lucros e reinvestimento das rendas não consumidas que acompanhou a mundialização financeira e a globalização. No aspecto da economia política, isso significa que o reinvestimento de seus lucros gerados pelo sistema econômico capitalista como conjunto, não ingressaram nos planos de desenvolvimento industrial, mas sim foram para os mercados das divisas, na compra de ações e dívida de empresas e das nações. O resultado desse acontecimento foi a revalorização dos mercados financeiros e sua liberalização por todo o planeta, primeiramente com o *offshore* do City de Londres, mas depois com o crescimento desmedido dos mercados de valores dos Estados Unidos.

Essa foi a primeira “base de operações internacional” do capital portador de juros. Grandes empresas que ajudaram a sua reconstituição, ao lado de bancos que aproveitaram para começar a se internacionalizar. O fluxo de recursos não reinvestidos se acelera no início dos anos 70, à medida que o dinamismo da “idade de ouro” se esgota. Os governos foram obrigados a prolongar sua duração por meio da elevada criação do crédito. Combinada com a primeira reconstituição de uma acumulação de capitais especulativos, isso explica por que a crise de 1974-75 foi marcada por uma primeira forma de *crash* financeiro da qual os bancos foram o epicentro. (CHESNAIS, 2005: p. 38)

No caso da liberação das dívidas soberanas dos Estados, esse processo tomou a sua forma em empréstimos e aberturas de linhas de crédito dos bancos internacionais, principalmente aos governos do Terceiro Mundo, sobretudo da América Latina. Dessa forma, as bases da dívida dos países, como na América Latina, foram lançadas aos mercados internacionais como um mecanismo de transferência de recursos. O que coincide com uma primeira integração da América Latina numa primeira plataforma comunicativa. Esses dois elementos podem ser identificados claramente como a antessala da série de políticas neoliberais, chamadas também de ajuste estrutural, que assentariam as bases da privatização de ativos, implementadas na América Latina nos anos 90.

Os juros devidos sobre o principal da dívida (o serviço da dívida) absorvem uma fração sempre maior do orçamento do Estado, das receitas das exportações e das reservas do país, de sorte que a única maneira de fazer face aos compromissos do serviço da dívida é tomar um novo empréstimo. Alguns Estados politicamente subordinados ou vencidos militarmente experimentaram, no século XIX ou na década de 1920, mecanismos cumulativos e perversos de endividamento. Na época contemporânea, eles apareceram das medidas tomadas pelos Estados a partir de 1979. As expressões “ditadura dos credores” e “tirania dos mercados” foram propostas para designar certas relações características da finança de mercado. As expressões “ditadura dos credores” e “tirania dos mercados” foram propostas para designar certas relações características da finança de mercado. (CHESNAIS, 2005: p. 39)

Mas existe outro elemento que aparece nos anos de 1980 e que faz com que o capital

financeiro experimente um momento de imploração desmedido. Esse componente foi o surgimento de investidores institucionais que permitiu ao sistema financeiro ter instituições especializadas na direção de ativos, “mercados de títulos de empresas e outras obrigações financeiras”. Estes tipos de instituições estão representadas, principalmente, por bancos de investimento e fundos de *hedge* ou de ativos de alto risco, como é o caso da BLACKROCK, que além de investidor é proprietário de ações da América Móvil.

Dessa forma, a abertura externa e interna dos sistemas nacionais, antes fechados, conduziu à emergência de um espaço financeiro mundial liberalizado e desregulado que “[...] não suprimiram os sistemas financeiros nacionais” (Chesnais, 2005: p. 45). Pelo contrário, eles se integrariam de maneira “imperfeita” através da configuração de uma geopolítica dos mercados interconectada pelas finanças, os novos veículos de investimento, as tecnologias da informação, e, sobretudo, dirigido nos epicentros localizados nos países centrais, onde a maioria dos operadores financeiros tem sua sede global.

Nos termos dessas transformações, instituições especializadas (antes pouco visíveis) tornaram-se, pela intervenção dos mercados bursáteis, as proprietárias dos grupos: proprietários-acionistas de um tipo particular que têm estratégias inteiramente submetidas à maximização de uma nova grandeza, o “valor acionário”. Correntemente designado pelo nome de “investidores institucionais”, esses organismos (fundos de pensão, fundos de coletivos de aplicação, sociedades de seguros, bancos que administram sociedades de investimento) fizeram da centralização dos lucros não reinvestidos das empresas e das rendas não consumidas das famílias, especialmente os planos de previdência privados e a poupança salarial, o trampolim de uma acumulação financeira de grande dimensão. A progressão da acumulação financeira de grande dimensão. A progressão da acumulação financeira foi estreitamente ligada à liberação dos movimentos dos capitais e à interconexão internacional dos mercados dos ativos financeiros – obrigações públicas e privadas, ações e produtos derivados. (Chesnais, 2005: p. 36)

Como assinala Chesnais, a integração dos mercados financeiros foi comandada pelo valor das ações das empresas, integradas pelas operações que realizaram os investidores institucionais (fundos de alto risco [*hedge funds*], empresas especializadas em gestão das dívidas privadas e públicas ou ações de grandes corporações, títulos de fundos de pensão, e demais mecanismos financeiros) que se converteram na melhor opção para serem trocados como mercadoria, isto é, com a capacidade de gerar valor ou perdas – na atualidade, o montante de fundos *hedge* circulando no mundo atinge \$ 2 trilhões.¹⁰³ Atualmente, entre os principais investidores institucionais (sem incluir bancos) na América Móvil encontram-se os seguintes:

¹⁰³ Editor. “Hedge funds. Going nowhere fast”. The Economist.. 22 dezembro 2012. Data de consulta 2 fevereiro 2013. Enlace: <http://www.economist.com/news/finance-and-economics/21568741-hedge-funds-have-had-another-lousy-year-cap-disappointing-decade-going>

**Quadro 16. Principais donos institucionais de ações da América Móvil
(Dados consolidados a fevereiro 2013)**

Nome	Ações	Porcentagem	Valor (\$ milhões)
Inmobiliaria Carso, S.A. de C.V. (Real Estate Investment Trust)	2.887.686.980 Ações Classe L: BMV – Proprietário	5,378	5,239
	1.392.000.000 Ações Classe AA: BMV– Proprietário		
	4.090.490.986 Total		
Capital Research and Management (Traditional Investment Managers)	283.107.100 Ações Classe L: BMV – Depositário	3,797	3,698
	130.228.994 Ações Classe L: NYSE – Depositário		
	2.887.686.980 Total		
BlackRock, Inc. (NYSE:BLK) (Traditional Investment Managers)	2.828.833.669 Ações Classe L: BMV – Depositário	3,719	3,623
	717 Nasdaq: AMOV – Depositário		
	27.719.017 Ações Classe L: NYSE – Depositário		
	2.809.434.515 Total		
Telefónos de México, S.A. de C.V. Fundo de pensão	1.570.020.348 Total Ações Classe L: BMV – Proprietário	2,064	2,010
The Vanguard Group, Inc. (Traditional Investment Managers)	1.049.225.853 Ações Classe L: BMV – Depositário	1,380	1,344
	15.200 Ações Classe L: NYSE – Depositário		
	1.049.529.853 Total		
OppenheimerFunds, Inc. (Traditional Investment Managers)	51.462.598 Ações: NYSE – Depositário	1,353	1,318
	1.029.251.960 Total		
Grupo Financiero INBURSA, Asset Management Arm (Traditional Investment Managers)	693.643.408 Ações Classe L: BMV – Proprietário	0,9115	0,891
	2.668.612 Ações Classe A: BMV– Proprietário		
	696.312.020 Total		
Operadora INBURSA de Sociedades de Inversión, S.A. de C.V. (Traditional Investment Managers)	693.643.408 Ações Classe L: BMV – Proprietário	,0,815	0,794
	2.668.612 Ações Classe A: BMV– Proprietário		
	620.045.015 Total		
Lazard Asset Management LLC (Traditional Investment Managers)	21.110.228 Ações: NYSE – Depositário	0,555	0,540
	422.204.560 Total		
Fundación Carlos Slim, Endowment Arm (Charitable Foundations)	38.693.200 Total Ações Classe L: BMV – Proprietário	0,051	0,049
T. Rowe Price Group, Inc. (NasdaqGS:TROW) (Traditional Investment Managers)	1.182.704 BASE: AMX ADR – Depositário	0,499	0,439
	17.775.703 Ações: NYSE – Depositário		
	379.168.140 Total		

Impulsora de Fondos Banamex, S.A. de C.V., Sociedad Operadora de Sociedades de Inversion (Traditional Investment Managers)	350.804.022 Total Ações Classe L: BMV – Proprietário	0,461	0,449
BBVA Asset Management, S.A., S.G.I.I.C.	86.927.716 Total Ações Classe L: BMV – Proprietário	0,114	0,111
Itau USA Asset Management Inc.	826.384 Total Ações Classe L: NYSE – Depositário	0,022	0,021
Fonte: CAPITAL IQ. Standard and Poor's. "America Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L) PublicOwnership detailed". Data de consulta: 23 janeiro 2013.			

Sem contar as entidades controladas por Carlos Slim Helú (isto será tratado a seguir) com investimentos na América Móvil, entre os vários fundos e instituições especializadas no gerenciamento de ativos, observados no quadro anterior, que desenvolvem investimentos e são proprietárias de pacotes acionários na América Móvil, encontram-se a Impulsora de Fondos Banamex, S.A. de C.V., que é uma subsidiária do CITIGROUP, o T. Rowe Price Group, Inc. (NasdaqGS:TROW), onde o THE Vanguard Group, Inc., e o BlackRock, Inc. (NYSE:BLK) têm 5% das ações desse fundo – mas estes últimos também desenvolvem investimentos na América Móvil. No caso da BlackRock Inc., é o fundo de ativos de alto risco mais poderoso do mundo onde Carlos Slim possui 2% das ações. O mais surpreendente é que tanto os bancos de investimento e como os fundos que desenvolvem investimentos na América Móvil também têm pacotes acionários nas principais empresas de telecomunicações no mundo, como pode ser observado no quadro próximo e que indica uma estrutura em rede e circular de parcerias:

Quadro 17 Fundos e Bancos de Investimento presentes nas maiores corporações de telecomunicações do mundo. (Dados consolidados fevereiro 2013)							
Instituição	America Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMXL)	Vodafone Group Public Limited Company (LSE:VOD)	AT&T, Inc. (NYSE:T)	Telefónica, S.A. (CATS:TEF)	France Telecom SA (ENXTPA:FTE)	Nippon Telegraph and Telephone Corporation (TSE:9432)	Deutsche Telekom AG (DB:DTE)
Capital Research and Management Company	2,887,686,980	798,857,526	202,870,951	-	8,084,100		
BlackRock, Inc. (NYSE:BLK)	2,814,026,169	3,093,745,087	315,831,322	177,430,779	30,350,812	6,399,189	129,898,630
The Vanguard Group, Inc.	1,035,284,171	535,215,503	252,857,730	39,508,293	2,072,738	5,996,166	28,194,336

Oppenheimer Funds, Inc.	1,029,251,960	16,726,601	4,898,606	-	-	-	-
Fidelity Investments	578,056,200	835,513,092	28,009,321	2,380,381	725,423	4,307,339	2,222,713
Lazard Asset Management LLC	422,204,560	47,944,721	1,088,342	321,963	331,025	118,900	538
Rowe Price Group, Inc. (NasdaqGS:TROW)	379,168,140	227,118,763	81,900,515	9,618,979	62,875	4,575,500	103,778
Bank of America Corporation, Asset Management Arm	88,364,097	39,034,300	18,882,188	209,450	42,143	3,838	
Credit Suisse, Investment Banking and Securities Investments	131,695,760	6,025,410	5,232,649	449,732	1,940,956	180,626	3,245,877
Morgan Stanley Investment Management In	610,354	61,590,949	480,001	702,884	1,167,736	107,205	-
The Bank of New York Mellon Corp, Private Banking & Securities Investments	26,433,680	9,225,530	34,002,875	112,769	69,854	11,652	-
Wells Fargo & Company, Private Banking and Investment Banking Arm	15,954,280	95,119,830	21,762,424	1,763,135	218,433	19,384	-
Goldman Sachs Group, Investment Banking and Securities Investments	10,338,480	7,707,820	12,554,350	155,764	-	-	-
Citigroup Inc., Asset Management Arm	17,830,760	7,019,090	10,339,051	242,307	106,336	6,899	-

Fonte: Capital IQ. Standard and Poor's. "America Móvil S.A.B. de C.V. (BMV:AMX L) Public Ownership. Crossholdings". Data de consulta: 13 Janeiro 2013. <https://www.capitaliq.com>

3.2 A propriedade individual da America Móvil

O capital financeiro é um dos elementos mais importantes no processo de expansão internacional de uma empresa. Ele pode estar presente através de várias vias como Grandes casas bancárias, fundos de investimentos, fundos de pensão dos trabalhadores, por meio da dívida corporativa ou através das ações que emite uma empresa nos diferentes mercados financeiros. Para o caso da América Móvil, essa corporação possui uma sólida rede de investidores especulativos que fazem que suas ações tenham um ótimo desempenho nos mercados de valores onde suas ações e dívidas corporativas têm uma cotização bursátil.

Um dos melhores exemplos da presença dos grandes capitais financeiros na indústria das telecomunicações pode ser observado no início das operações da "Compañía Telefónica

Nacional de España (CNTE)”, - a atual TELEFONICA de España S.A. No ano de 1920-1930, a CNTE desenvolveu uma propriedade de capital muito complexa dividida em várias alianças com outras grandes empresas de telecomunicações como a BELL S.A., a AT&T e a INTERNATIONAL TELEPHONE and TELEGRAPH (ITT), assim como grandes grupos financeiros da Espanha e do estrangeiro, tais como os bancos New York Mellon e o BANCO MORGAN. O intuito dessa estratégia foi que mediante Corporações Gigantes de tecnologia, serviços telefônicos e fornecimento de dinheiro a CNTE desenvolveu um mercado monopolizado ao ponto de converter-se numa das empresas mais importantes da Espanha.

Sua principal vantagem específico consistiam em seu potencial a uma tecnologia que permitira á modernização do setor, mas que não tinha que ser mais eficiente que a de seus competidores, disponha dos meios financeiros necessários para levar-lhos acabo, mediante de emições no mercado estadunidense e de seus laços com a banca de esse país, em especial com a Banca Morgan, e, posteriormente, obter os apoios espanhóis necessários para introduzir no mercado espanhol. Além disso, esse mercado presentava importantes fatores de localização: seu crescimento exponencial e mão de obra barata [...] Essa conexão entre os fabricantes de componentes e o serviço telefônico se produz porque, entanto as companhias telefônicas se encargava de subministrar um serviço e construir as infraestruturas necessárias para efetuar dito subministro, a quantidade e qualidade das transições estava subordinada a os equipamentos e materiais utilizados. (MOYA, 2005: p. 8)

Quando se olha a internacionalização e a consolidação da América Móvil como a firma mais importante de telecomunicações na América Latina, essa empresa reproduz os mesmos padrões de centralização de capital e tráfico de influencias que aconteceram no momento que a CNTE iniciou seu processo de crescimento e internacionalização. Dessa forma, pode-se afirmar que construir um capital corporativo sólido, via participação de outras empresas, indica uma tendência que vai se desenvolvendo ao longo desta dissertação, a qual pode ser sintetizada em: “[...] crucial para a multinacional que quer se encontrar numa boa posição para lidar a longo prazo aspectos negativos de seus investimentos” (MOYA, 2005: p. 8).

Como foi observado no Parágrafo anterior, América Móvil ao ter parceiros internacionais (grandes grupos financeiros, corporações de tecnologia, segurança, fundos de pensão públicos, fundos de pensão de alto risco, e um sim fim de veículos de investimento), presentes em sua estrutura de capital, assegura para essa empresa um desempenho ótimo em términos de obtenção de recursos financeiros, clientes, serviços e mercados. Pode ser que o traço mais importante que vai a distinguir a América Móvil, não só da CNTE mas também de outras grandes corporações¹⁰⁴ que na atualidade têm ações cotizadas nos mercado internacionais, é que na América Móvil a

¹⁰⁴ Entre essas empresas podem-se mencionar a VALE S.A. (BOVESPA:VALE5), a ANHEUSER-BUSCH INBEV SA/NV (ENXTBR:ABI), a TELEFÓNICA, S.A. (CATS:TEF) ou a AT&T, INC. (NYSE:T), onde em a propriedade total de essas empresas encontram-se pulverizada nos mercados de valores sim que nenhuma pessoa ou instituição controle um porcentagem maior do 15% do capital social.

maioria de suas ações que constituem o capital social que dá o controle da empresa, fica dominada em torno da família Slim e da AT&T:

Quadro 18. Composição de proprietários de ações depositadas na Bolsa de Valores do México da América Móvil						
(Dados consolidados fevereiro 2013)						
Acionista	Total de ações	Ações Classe A	Ações Classe AA	Ações Classe L	% Total	Valor no mercado (dólares)
Carlos Slim Helú	16.801.519.585	-	10.803.409.571	5.998.110.014	22,09	21.519.6
AT&T Inc.	7.243.000.000	-	5.739.000.000	1.504.000.000	9,523	9,276.9
Inmobiliaria Carso, S.A. de C.V.	4.090.490.986	-	1.392.000.000	2.887.686.980	5,378	5,239.1
Telefónos de México, S.A. de C.V. (Fundo de pensão)	1.570.020.348	-	-	1.570.020.348	2,064	2,010
Grupo Financiero Inbursa, Asset Management Arm	696.312.020	2.668.612	-	693.643.408	0,915	891.8
Carlos Slim Domit	646.988.558	-	646.988.558	-	0,851	828.7
Operadora Inbursa de Sociedades de Inversión, S.A. de C.V.	620.045.015	2.668.612	-	617.376.403	0,815	794.2
The Carlos Slim Health Institut	38.693.200	-	-	38.693.200	0,051	49.4
Fundación Carlos Slim, Endowment Arm	413.207.710	-	-	413.207.710	0,543	529.2
Patrick Slim Domit	323.494.279	-	323.494.279	-	0,425	414.3
Fundacion Telmex, A.C., Endowment Arm	168.049.532	-	-	168.049.532	0,221	215.2
Telefónos del Noroeste, S.A. de C.V, Pension Arm	40.763.430	-	-	40.763.430	0,054	52.2

Fonte: Capital IQ, Standard and Poor's. 14 Janeiro 2013.

A forma como Carlos Slim Helú e sua família exercem essa propriedade na tomada de decisões da América Móvil se estabelece por meio de diversas entidades que vão desde empresas financeiras (Grupo Financiero Inbursa GFI - braço financeiro, e a subsidiária desse grupo a Operadora Inbursa de Sociedades de Inversión, S.A. de C.V.), sua própria imobiliária (Inmobiliaria Carso, S.A. de C.V.), fundações de caridade (Fundación Carlos Slim; Fundacion Telmex, A.C., Instituto Carlos Slim de Saúde) ou mediante o controle dos fundos de pensão dos trabalhadores da própria América Móvil (Telefónos de México, S.A. de C.V. e fundo Telefónos del Noroeste, S.A.). Todas essas instituições são controladas por Carlos Slim Helú e sua família.

No primeiro semestre de 2013, o capital total da América Móvil estava conformado por \$97,408 bilhões de dólares que representavam 76,194 milhões de ações Classe A, AA e L. As ações Classe L

representam mais de 60% do capital total da empresa, no entanto as ações Classe A e AA (que constituem 31,6% do capital total da América Móvil) são as ações que têm 100% de direitos em todos os assuntos corporativos da empresa, como a eleição de diretores e executivos, consolidação de balanços financeiros, pagamento de dividendos e demais comportamentos da empresa¹⁰⁵. O que significa que, para efeitos legais, as ações Classe A e AA, têm preponderância sobre os outros tipos de ações.

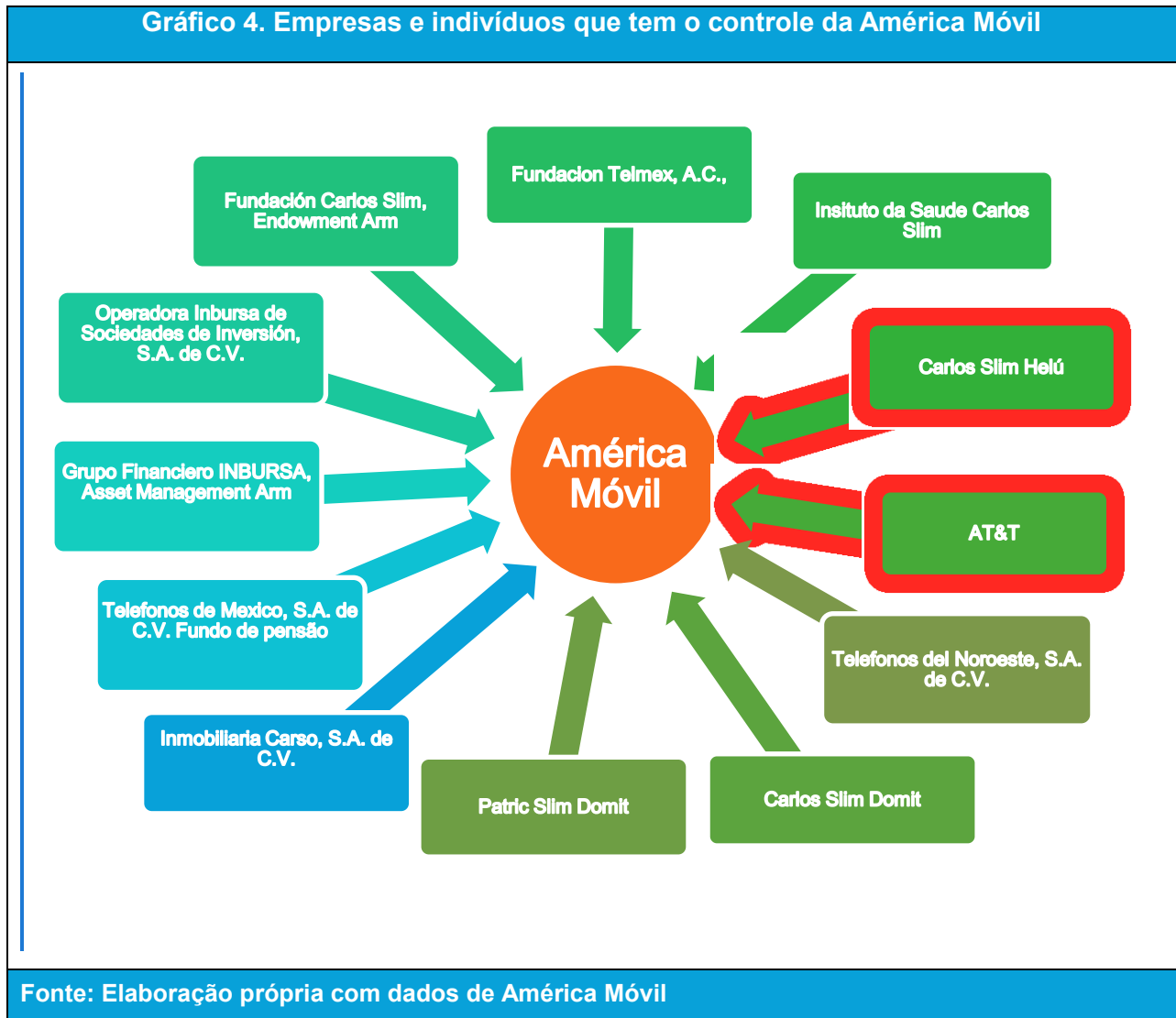
Resulta importante destacar que Carlos Slim Helú por si só é dono de 10,803 milhões de ações Classe AA da empresa, que representam quase a metade das 23,424 milhões de ações Classe AA da América Móvil. Somando todo o capital (ações Classe A, AA e L) que Slim e os membros de sua família têm em ações da América Móvil a cifra atinge as 25.409.584.663 ações. Isto representa 33,34% da propriedade do capital total da empresa. No caso das ações Classe A e AA, Slim e sua família têm 5.337.224 de ações Classe A e 13.165.892.408 de ações Classe AA. Somadas essas ações representam 13.171.229.632 ações (Classe A e AA). Quando se compara a totalidade de ações Classe A e AA a da América Móvil, isto é, 24.146.145.377 ações (essas ações representam 31% do capital total da empresa mas são as ações que tem os direitos totais sobre o destino dela). Carlos Slim Helú e sua família têm sob seu domínio 54,54% das ações Classe A e AA dessa empresa. O que significa que, com essa porcentagem, adquirem o controle majoritário da América Móvil.

Quando agregamos 9,52% das ações de Classe AA e L que a AT&T tem da América Móvil – lembremos que Slim é proprietário de ações de AT&T. Esses dois grupos de interesse controlam 32,652.584.663 ações da América Móvil, é dizer 42,85% do capital total da empresa. Ao agregar as ações Classe AA que a AT&T tem da América Móvil ao pacote de ações Classe AA e A controlado pela Família Slim, essa quantidade se incrementa a mais de 18,910 bilhões de ações Classe AA e A. O significado dessa operação é que quando a Família Slim e a AT&T atuam em conjunto, sob parceria de ações, administram 78,31% das ações Classe A e AA. Isto é, são os proprietários absolutos da América Móvil.

A importância de incluir a AT&T nesta tendência acionária tem origem em sete de novembro de 2011, quando essas duas instituições criaram o Fideicomiso Familiar (Control Trust Family). Trata-se de um acordo entre acionistas no qual a AT&T, pelo meio de sua subsidiária AT&T International, Inc. ("AT & TI"), têm direitos sobre ações Classe AA e Classe L para eleger tanto o Conselho Diretivo da empresa como o Comitê Executivo. O fideicomiso representa mais de 42%

¹⁰⁵ "América Móvil – 2012. 20-F". U.S. Securities and Exchange Commission, Estados Unidos. Abril 2012. p.99. Disponível em: <<http://www.sec.gov/edgar/searchedgar/companysearch.html>

do capital total da América Móvil, e tem direitos especiais por mais de 78% das ações A e AA. Se alguma das duas partes precisa vender ações da América Móvil, a primeira entidade a ser beneficiada com direitos de compra vai ser sua contraparte que integra o Control Trust.



O significado real dessa estrutura de propriedade presente na América Móvil é um controle em rede do desenvolvimento interno da empresa que permite à família Slim e à AT&T eleger diretores, pessoal administrativo, executivos e todos os eventos de grande importância relacionados com a empresa. Esse tipo de regulamento confere à América Móvil uma vantagem

para evitar o que se conhece como “Aquisição Hostil” por outro grupo econômico ou financeiro que tente adquirir ações com direito a voto na América Móvil¹⁰⁶.

3.3 Constelação corporativa 2

No momento que falamos de Carlos Slim como o maior multimilionário do mundo vale a pena lembrar que esse personagem constitui o que na literatura especializada nos grandes negócios se classifica como um barão do dinheiro. É dizer, uma das pessoas características do capital monopolista que tem enorme influência sobre o curso dos negócios, como aqueles grandes barões do petróleo, da mineração ou das finanças de princípios do século XX. A única questão que distingue Slim daqueles indivíduos é o tipo de capitalismo em que ele interage. Na atualidade, para além de um capitalismo de tipo monopolista, com um forte predomínio nas finanças, as novas formas de investimento estruturado, como a securitização e os demais veículos financeiros têm como resultado que os grandes negócios não só transmitem informação, mas também compartilham riscos como um gigantesco bloco de interesses de tipo evoluído, com uma tendência a ultramonopolizar e centralizar todas as atuações mercantis presentes no fornecimento e intercâmbio do capital (POCHMANN, 2010).

Como vem sendo desenvolvido nesta dissertação, o atual modelo de intercâmbio e acréscimo de capital tem sua origem no fim dos tratados de Bretton Woods de 1971. Mas os acordos de Bretton Woods constituem um momento muito importante não só na história do mundo ocidental, mas também na história do capitalismo como modelo de organização social. Quando finalizou a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tornaram-se a única *superpotência* com aparato militar, industrial e financeiro incólume. Isso provocou a junção de todas as nações em um tipo de acordo que rapidamente recuperasse os níveis de produção que tinham antes da Grande Depressão e instauraram o que Kennedy (2005) chamou de “o bloco de poder estadunidense” (KENNEDY, 2005: p. 561). É dizer, um sistema onde as corporações estadunidenses, os investidores e o amplo aparato militar consolidaram um novo poder hegemônico da vida social, interestatal e econômica no mundo. Dessa forma, rapidamente em

¹⁰⁶ “Informe anual – 2012”. América Móvil. BMV. Abril 2012. p. 104. Disponível em: <<http://www.bmv.com.mx>>

1948, os Estados Unidos reuniram as potências capitalistas aliadas nas conferências de Bretton Woods, onde foi inaugurada a era da Pax Americana (KENNEDY, 2005).

Essas conferências foram importantes já que os Estados Unidos desenharam um aparato de comércio internacional liderado pela série de organismos financeiros, políticos e militares dependentes de sua hegemonia econômica e militar como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Acordo Geral de Tarifas e Tratados (GATT) e a Organização do Atlântico Norte (OTAN). Esses organismos foram os encarregados do financiamento dos programas de comércio e desenharam as estratégias políticas para enfrentar a Guerra Fria, permitindo ou assegurando os investimentos mediante planos de assistência econômica e militar toda vez que a liderança dos Estados Unidos permanecia infranqueável (TOUSSAINT, 2005).

O mais importante da Segunda Guerra Mundial foi que durante o período conhecido como a “etapa entre guerras”, nos Estados Unidos surgiu um modelo de acumulação conhecido como “Modelo de Desenvolvimento Fordista (MDF)”, caracterizado por gerar padrões de produção intensivos onde se reorganizavam as relações laborais (reorganização científica do trabalho), com o intuito de aumentar a produtividade do setor empresarial (DE VENAZZI, 2002). Nesse processo o Estado-nação ocupou um papel central para o estabelecimento de um setor monopólico. No sentido de que o capital, com sua característica monopólica (também espalhadas pelo o mundo inteiro com seus próprios atributos), tornava-se a interface entre os âmbitos de acumulação e legitimação social, através de uma complexa intervenção governamental na extração fiscal e na distribuição dos excedentes (FERNANDEZ, 2001).

O México experimentou um regime de acumulação nacionalista, onde foram fundados grandes sindicatos e empresas paraestatais que reinvestiam seus excedentes na consolidação de seus próprios mercados internos. Particularmente, o governo de Lazaro Cárdenas (1934 – 1940) nacionalizou a indústria petroleira, reformou a Constituição para estabelecer características socialistas na educação, o estabelecimento de grandes confederações sindicais que lutaram pela representação de seus agremiados contra as grandes empresas estrangeiras de petróleo, de mineração, de eletricidade e de ferrovias. Também houve no México uma reforma agrária que repartiu mais de 18 milhões de hectares; criou-se créditos administrados pelo governo e se tentou nivelar a renda das classes sociais¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Além disso foi derogado o Tratado de Gladsdem onde o México comprometia sua soberania aceitando o livre transito militar e commercial dos Estados Unidos. Em: DELGADO, Gean Carlo. Agua y Seguridad Nacional. Debate, México, 2006. p. 97

Mas essa era de nacionalismo encontrava-se circunscrita ao domínio do modelo de produção das corporações estadunidenses, que através do desenvolvimento dos monopólios públicos circunscritos a poderosos grupos de interesse corporativo, criaram um conceito que a ciência política denominou como “triângulo de ferro”. Isso é a relação intrínseca entre o setor público (poder executivo e congresso) e setor privado (Grandes corporações e casas bancárias) para dominar as burocracias federais e o Congresso. O intuito foi de que o setor público fosse absorvido pelo setor privado. De acordo com Saxe (2006), o triângulo de ferro está vinculado à “apropriação do valor excedentário”, principalmente no campo do “trabalho (mais-valia)” e “dos ecossistemas” (recursos naturais) nos distintos territórios onde o capital se reproduz (SAXE, 2006: p. 18).

As principais ferramentas que utiliza o triângulo de ferro é a manipulação da informação e de influências no setor público. Dessa forma, existem dois conceitos que acompanham o “triângulo de ferro”. O primeiro é o barril de porcos (*pork-barrell*), que descreve a canalização de grandes partidas orçamentárias para gastos que não são realmente necessários. Por exemplo, para a “eficiência” militar se estabelecem contratos com grandes empresas do ramo do software, tecnologia, segurança, etc., estabelecidas para manter uma circulação contínua do capital (SAXE, 2006: p. 13). É o caso de programas com substanciosos contratos militares para manter os excedentes reinvestidos, como a fabricação de foguetes, aviões, naves de guerra ou programas tecnológicos como o PDE da era Reagan. A importância desses programas é que constituem o melhor método para o reinvestimento de importantes montantes de capital excedente, mas essa estratégia também provém da diminuição dos custos da mão de obra, já que os contratados que são os encarregados de realizar as obras requeridas, geralmente promovem empregos de baixa qualidade, sem direitos laborais, com salários baixos e grandes jornadas de trabalho. (SAXE, 2005).

A segunda noção denominada porta giratória (*revolving door*) faz referencia a um conceito que se usa para descrever a passagem de pessoas do setor privado ao setor público e vice-versa, isto é, o tráfico de influências. O exemplo clássico desse processo se apresenta com Robert S. McNamara que, após ser gerente geral de Ford Motor Company (1960), durante o governo de Kennedy foi o diretor do Departamento de Defesa (1961-1968), e posteriormente foi nomeado Presidente do Banco Mundial (1968-1981) pelo presidente estadunidense Lyndon Johnson.

Os exemplos da porta giratória estarão presentes ao longo da história do capitalismo de tipo monopolista e da história da grande corporação. Durante a segunda década do século XX,

Andrew Mellon – um dos mais proeminentes banqueiros dos Estados Unidos, dono e fundador da Aluminum Company of América (ALCOA), tornou-se Secretário de Fazenda desse país de 1921 a 1932. No mesmo período em que Franklin D. Roosevelt foi presidente desse país e promulgou a Lei de Emergência Bancária (1933), conhecida como Banking Act., que teve por objetivo limitar o poder e o tamanho do sistema bancário estadunidense.

No governo de George W. Bush, o *revolving door* esteve mais presente do que nunca, pois Richard Cheney que vinha a ser o ex-presidente executivo da Halliburton, além de integrar os conselhos diretivos de Electronic Data System, Procter & Gamble e a Union Pacific, foi o vice-presidente; Condezza Rice, a Secretária de Estado, desempenhava um posto na mesa diretiva da Chevron; Colin Powell, que foi Secretário de Estado, também foi CEO da Culfstream Aerospace e America Online; Donald Rumsfeld, Secretário de Defesa, desempenhou a função de CEO da GD Searle, uma subsidiária da Monsanto, durante sete anos, além de ter sido diretor da Kellog Brown and Root (KBR), subsidiária da Halliburton. Essa última, durante 2001, recebeu contratos militares por um período de 10 anos para a reconstrução do Iraque por \$2,1 trilhões. (SAXE, 2005: 134).

Mediante o “barril de porcos” e a “porta giratória”, o triângulo de ferro pode não só traficar influências, monopolizar informações e contatos (tanto do setor público para o privado, e do privado para o público), mas também dominar o desenvolvimento dos grandes negócios e das agendas legislativas nos diferentes países onde se apresenta este fenômeno (SAXE, 2005: 114). Essa mesma dinâmica se apresenta no modo de funcionamento da América Móvil. Quando olhamos a estrutura corporativa do Conselho Diretivo da América Móvil encontra-se um *triângulo de ferro* que vincula os diretores das companhias mais representativas do complexo militar-industrial dos Estados Unidos e algumas outras empresas internacionais: 1) The RAND Corporation, uma empresa privada contratista militar do governo dos Estados Unidos; 2) Alcatel-Lucent, S.A. (ENXTPA:ALU), uma das maiores empresa de telecomunicações da França; 3) a Mondelez International, Inc. (NasdaqGS: MDLZ); 4) a Valero Energy Corporation (NYSE: VLO), uma das maiores empresas de extração de petróleo dos Estados Unidos; 5) a CaixaBank, S.A. (CATS:CABK), serviços financeiros da Espanha; 6) a AT&T Inc. (NYSE:T), a maior companhia de telecomunicações do mundo que também é acionista da América Móvil e 7) a Philip Morris International.

Quadro 19. Alguns diretivos da América Móvil que participam em conselhos de

Grandes corporações

Nome e cargo principal	Cargo outras empresas de America Móvil
<p>Carlos Slim Helú Presidente Emérito e Fundador da América Móvil S.A.B. de C.V.</p>	<p>Fundador: Pedregales del Sur, S.A. de C.V.; Ora.TV. Presidente Emérito em: Grupo Financiero INBURSA SAB de CV; Grupo Carso, S.A de C.V.; Teléfonos de México S.A.B. de C.V. Presidente em: Impulsora del Desarrollo y el Empleo en América Latina, S.A.B. de C.V., Carso Global Telecom S.A.B. de C.V.; Telcel S.A. de C.V., Fundación Telemex A.C.; Fundação Carlos Slim S.A.; Museo Soumaya; Comité de Rescate do Centro Historico da Cidade do México. Presidente Honorário e Vitalicio em: Banco INBURSA, Institución De Banca Múltiple, Grupo Financiero INBURSA. Vice-Presidente em: Broadband Commission for Digital Development and (UNESCO); Ex-fiduciário em: The RAND Corporation Diretor em: Alcatel-Lucent, S.A.; Inmuebles Carso, S.A.B. de C.V.; Minera Frisco, S.A.B. de C.V.; AT&T, Inc.; Philip Morris International, Inc.; CaixaBank, S.A.; Fundación Unam A.C. e Patronato del Hospital Infantil; Membro em: Advisory Group on Energy and Climate Change (AGECC).</p>
<p>Daniel Hajj (genro) CEO da América Móvil S.A.B. de C.V.</p>	<p>Presidente em: Puerto Rico Telephone Company, Inc. Diretor em: Grupo Sanborns S.A. de C.V.; Grupo Carso, S.A.B. de C.V.; Teléfonos de México S.A.B. de C.V.</p>
<p>Oscar Von Hauske Solís Jefe de Operações de Linhas Fixas da América Móvil S.A.B. de C.V.</p>	<p>CEO em: Telmex Internacional, S.A.B. de C.V. Presidente em: Net Serviços de Comunicação S.A. Diretor em: Telmex Corp S.A.; Embratel Participacoes S.A.; Claro 155 S.A.</p>
<p>Patrick Slim Domit (filho) Vicepresidente da América Móvil S.A.B. de C.V.</p>	<p>Vice-Presidente em: Grupo Carso, S.A.B. de C.V.; Telefonos de Mexico, S.A.B. de C.V. Diretor em: Grupo Sanborns S.A. de C.V.; Carso Global Telecom, S.A.B. de C.V.; Impulsora del Desarrollo y el Empleo en América Latina, S.A.B. de C.V.; Minera Frisco, S.A.B. de C.V.</p>
<p>Carlos Slim Domit (filho) Presidente da América Móvil S.A.B. de C.V.</p>	<p>Presidente em: CompUSA, Inc.; Grupo Sanborns S.A. de C.V.; Grupo Carso, S.A.B. de C.V.; U.S. Commercial Corp., S.A. de C.V.; U.S. Commercial Corp., S.A. de C.V.; Telmex S.A.; Vice Presidente em: Telmex International S. A. B. de C. V.; Carso Global Telecom, S.A.B. de C.V.; Telmex USA, L.L.C. Diretor em: Grupo Sanborns Internacional S.A.; United States-Mexico Chamber of Commerce; Telefonos de México, S.A.B. de C.V.; Grupo Televisa S.A.B. de C.V.;</p>
<p>Carlos José García Moreno Elizondo Jefe de Finanzas da América Móvil S.A.B. de C.V.</p>	<p>Diretor em: Puerto Rico Telephone Company, Inc.; Americel S.A.; Nacional Financiera SNC Institucion de Banca de Desarrollo.</p>
<p>Ernesto Vega Velasco Diretor, Presidente do Comitê de Auditoria e Práticas Corporativas e Membro de Operações em Porto Rico e os Estados Unidos do Comitê das Américas da América Móvil S.A.B. de C.V.</p>	<p>Diretor em: Ixe Grupo Financiero S.A. de C.V.; Impulsora del Desarrollo y el Empleo en América Latina, S.A.B. de C.V.; Bolsa Mexicana de Valores S.A.B. de C.V.; Inmuebles Carso, S.A.B. de C.V.; Grupo Kuo, S.A.B. de C.V.; Wal-Mart de México S.A.P. De C.V.; DINE, S.A.B. de C.V.;</p>
<p>David Ibarra Muñoz Diretor de Operações em Porto Rico e os Estados Unidos da América Móvil S.A.B. de C.V.</p>	<p>Diretor em: Grupo Financiero INBURSA S.A.B. de C.V.; Grupo Carso, S.A.B. de C.V.; Banco INBURSA, Institución De Banca Múltiple, Grupo Financiero INBURSA, Grupo Mexicano de Desarrollo S.A.</p>
<p>Reyfort Wilkins Diretor de Operações em Porto Rico e os Estados Unidos da América Móvil S.A.B. de C.V.</p>	<p>Presidente em: Sterling Commerce, Inc.; AT&T International, Inc.; AT&T Mobility LLC CEO em: AT&T Corp. Diretor em: Telmex S.A.; Teléfonos de México S.A.B. de C.V.; Telmex Internacional S.A.B. de C.V.; H&R Block, Inc.; Valero Energy Corporation</p>
<p>Santiago Cosio Pando Diretor de Operações em Porto</p>	<p>Diretor em: Corporación Actinver S.A.B. de C.V.; SANLUIS Corporacion S.A.B. de C.V.</p>

Rico e os Estados Unidos da América Móvil S.A.B. de C.V.	
Mike Viola Diretor de América Móvil S.A.B. de C.V.	Presidente em: Corporate Finance at AT&T, Inc. Diretor em: Teléfonos de México, S.A.B. de C.V.
Arturo Elías Ayub (genro) Diretor de Operações em Porto Rico e os Estados Unidos da América Móvil S.A.B. de C.V.	CEO em: Fundación Telmex Presidente em: Prodigy MSN Diretor em: Grupo Financiero INBURSA S.A.B. de C.V.; Grupo Sanborns S.A. de C.V.; Grupo Carso, S.A.B. de C.V. Telmex S.A.; Telmex Internacional, S.A.B. de C.V.
John Stephens Diretor e Membro do Comitê Executivo da América Móvil S.A.B. de C.V.	Presidente em: AT&T México, Inc Vicepresidente em: AT&T's wireles Diretor em: Teléfonos de México, S.A.B. de C.V.
Louis Carey Camilleri Presidente CEO de Philip and Morris International	Presidente em: Mondelez International, Inc. Diretor em: Altria Group Inc.; Telmex S.A.; Telmex Internacional, S.A.B. de C.V.
Jeffrey McElfresh Diretor e membro do Comitê executivo da América Móvil	Vice-Presidente em: AT&T's wireless; AT&T México, Inc Diretor em: Telmex de México S.A.B de C.V.

Nessa estrutura corporativa também se encontram presentes enormes grupos financeiros e industriais e alguns dos órgãos paraestatais mais importantes do México como: 1) Grupo México S.A. de C.V. (BMV:GMexico), o maior grupo de cobre do mundo; 2) Grupo TELEVISA S.A.B. (NYSE:TV), a maior fornecedora de serviços de televisão na Ibero-américa; 3) Grupo Financeiro IXE, S. A. B. de C. V., propriedade do Grupo Financeiro BANORTE S.A.B. de C.V. (BMV:GFNORTE O), um dos seis maiores bancos do México; 4) Grupo KUO, S.A.B. de C.V. (BMV:KUO B), indústria automotriz; 5) Grupo Financeiro BANAMEX-ACCIVAL, propriedade do CITIGROUP, INC. (NYSE:C), 6) San Luis Corp. S.A.B. de C.V. (BMV:SANLUIS), indústria automotriz; 7) DINE, S.A.B. de C.V (BMV: DINE B), investimentos imobiliários; 8) Bolsa Mexicana de Valores S.A.B. de C.V.; 9) o WAL-MART de México S.A.P. de C.V. (BMV:WALMEX V), subsidiaria do WALMART STORES INC. (NYSE:WMT); 8) Nacional Financeira (NAFINSA), organismo paraestatal.

Além disso, a América Móvil se relaciona com membros da elite econômica mexicana como Ernesto Vega Velasco, que preside o Conselho de Acionistas do Wal-Mart do México, assim como de importantes ex-políticos do Governo Mexicano, como David Ibarra Muñoz, que foi Presidente da NAFINSA (1976-1977), ministro da Fazenda e Crédito Público (1977-1982) e Diretor Geral do Banco Nacional do México (Banamex) em 1982. Na atualidade, é diretor do Grupo Mexicano de Desarrollo (BMV:GMD). Outro dos diretores da América Móvil com vínculos governamentais é José García Moreno Elizondo, que além de ser diretor de finanças da NAFINSA do Ministério de Finanças de México; de 1995 a 1997 foi Diretor de Finanças da

Petróleos Mexicanos (PEMEX), no mesmo período foi responsável pelos investimentos bancários da Swiss Bank Corporation. Na atualidade é membro do Comitê de Estratégia do fundo Nexos Capital Partners, LLC.¹⁰⁸

No aspeto dos conselhos empresariais a América Móvil tem acesso direto ao United States-Mexico Chamber of Commerce, por meio de Carlos Slim Domit (filho)¹⁰⁹; isso inclui o Comitê de Rescate do Centro Histórico da Cidade do México, que é presidido por Carlos Slim Helú, e tem sob seu domínio mais de 51 prédios nas cinco principais ruas do centro da Cidade do México. Além disso, Carlos Slim Helú também participa como vice-presidente da Broadband Commission for Digital Development (UNESCO) e é membro do Advisory Group on Energy and Climate Change (AGECC).

Mas a influência da América Móvil não se pode medir somente através de seus diretores, também se relaciona com as outras empresas das quais Carlos Slim Helú é dono. Quando analisamos as maiores empresas propriedade de Carlos Slim Helú que cotizam na BVM como a Minera FRISCO SAB de C.V. (BMV: MFRISCOA); a Inmuebles CARSO S.A. de C. V. (BMV:INCARSO B-1); a Impulsora Del Desarrollo y el Empleo en América Latina, S.A.B. de C.V. (BMV:IDEAL B-1); o Grupo Financeiro INBURSA, S.A.B. de C.V. (BMV:GFINBUR O) e o Grupo CARSO, S.A.B. de C.V. (BMV:GCARSO A1). A constelação de interesses com grupos de poder econômico e político do México e do exterior da América Móvil e de Carlos Slim Helú se incrementa ainda mais:

Quadro 20. Alguns diretores e empresários ligados a outras empresas de Carlos Slim		
Nome e cargo principal	Cargo em empresas de Slim	Outros cargos
Isidro Fainé Casas Presidente da Junta Diretiva CaixaBank, S.A.	Diretor em Grupo Financiero INBURSA SAB de CV;	Presidente em: Criteria CaixaHolding S.A.; Caixa d'Estalvis i Pensions de Barcelona Vicepresidente em: Sociedad General de Aguas de Barcelona S.A.; Agbar Capital, S.A. Telefónica, S.A. (Comité Ejecutivo); Telefonica Emisiones, S.A.U.; Repsol, S.A.; YPF S.A.; Abertis Infraestructuras S.A. Diretor em: Atlantia SpA; Inmobiliaria Colonial SA, Grupo Inmocaral S.A.; Refineria La Pampilla S.A.A.; Capital Hemisferio, S.A., SCR; Enagás, S.A.; Banco BPI, S.A.; Brisa - Auto-Estradas de Portugal S.A.; The Bank of East Asia, Limited.

¹⁰⁸ “Perfil da América Móvil”. Business and Week. 2012. Data de consulta: 14 fevereiro 2013. Disponível em: <<http://investing.businessweek.com/research/stocks/people/person.asp?personId=1448778&ticker=AMXL:MM&previousCapId=813607&previousTitle=AMERICA%20MOVIL-ADR%20SERIES%20L>>.

¹⁰⁹ “Company Overview of United States-Mexico Chamber of Commerce”. 2012. Data de consulta: 14 fevereiro 2013. Disponível em: <<http://investing.businessweek.com/research/stocks/private/board.asp?privcapId=217752540>>

<p>Leopoldo Rodés Castañé Presidente do Media Planning Group</p>	<p>Diretor em: Grupo Financiero INBURSA SAB de CV</p>	<p>Diretor em: Gas Natural SDG SA; PRISA Televisión, S.A.U.; Abertis Infraestructuras S.A.; CaixaBank, S.A.; Caixa d'Estalvis i Pensions de Barcelona</p>
<p>Fernando Chico Pardo Presidente de Promecamp</p>	<p>Diretor em: Grupo Financiero INBURSA SAB de CV; Sears Roebuck de México de C.V.; Banco INBURSA, Institución De Banca Múltiple, Grupo Financiero INBURSA,</p>	<p>Diretor em: Grupo Financiero BBVA Bancomer, S.A. de C.V.; Organizacion Cultiba SAB; Grupo Posadas, S.A.B. de C.V.; Grupo Aeroportuario del Sureste, SAB de CV; Grupo Casa Saba SAB de CV</p>
<p>Jaime Chico Pardo Presidente da Energía y Salud, S.A.</p>	<p>Presidente em: Telmex Corp SA Vice-Presidente em: Impulsora del Desarrollo y el Empleo en América Latina, S.A.B. de C.V.; Diretor em: Grupo Carso, S.A.B. de C.V.; Telmex Internacional</p>	<p>Diretor em: Honeywell Aerospace Inc.; Honeywell International Inc.; AT&T Corp.; AT&T, Inc.</p>
<p>Marco Antonio Slim Domit (filho) Presidente do Banco INBURSA S.A., Institución de Banca Múltiple, Grupo Financiero INBURSA.</p>	<p>Presidente em; Grupo Financiero INBURSA, S.A.B. de C.V. Vice-Presidente em: Impulsora del Desarrollo y el Empleo en América Latina, S.A.B. de C.V.</p>	<p>Diretor em: BlackRock, Inc. (NYSE:BLK); Grupo Carso, S.A.B. de C.V. (BMV:GCARSO A1); Grupo Sanborns S.A. de C.V.; Teléfonos de México, S.A.B. de C.V.</p>
<p>Eduardo Valdés Acra Vicepresidente do Grupo Financiero INBURSA SAB de CV</p>	<p>Diretor em: Grupo Sanborns S.A. de C.V.;</p>	<p>Diretor na Bolsa Mexicana de Valores SAB de CV</p>
<p>Claudio X. González Presidente da Junta Diretiva de Kimberly Clark México S.A. de C.V.</p>	<p>Diretor em: Sanborn Hermanos S.A.</p>	<p>Diretor em: Teléfonos de México, S.A.B. de C.V.; Grupo Financiero INBURSA SAB de CV; Unilever plc; Grupo Industrial Saltillo, SAB de CV.; Grupo Sanborns S.A. de C.V.; Grupo Financiero Banamex, S.A. de C.V.; SANLUIS Corporacion SAB de CV.; Grupo Carso, S.A.B. de C.V. (Diretor e Membro do Comité de Auditoria e Praticas Corporativas); Banco Nacional de Comercio Exterior SNC; Grupo México S.A.B. de C.V.; Alfa S.A.B de C.V.; Banco INBURSA S.A., Institución de Banca Múltiple, Grupo Financiero INBURSA.; Carso Global Telecom, S.A.B. de C.V.; GE Capital Swiss Funding AG; Grupo Financiero Banamex, S.A. de C.V.; Grupo Sanborns S.A. de C.V.; Grupo Televisa, S.A.B.; Investment Co Of The Americas Nv; The México Fund, Inc.</p>
<p>Bernardo Quintana Isaac Presidente das Empresas ICA, S.A.B. de C.V.</p>	<p>Diretor em: Grupo Sanborns S.A. de C.V.; Grupo Carso, S.A.B. de C.V.</p>	<p>Presidente em: Red de Carreteras de Occidente, S.A.P.I.B. de C.V. Diretor em: Gruma Corporation; Grupo Aeroportuario del Noreste; CEMEX, S.A.B. de C.V.; Grupo Aeroportuario del Centro Norte SAB de CV Mexico's National Counsel of Businessmen, the board of Trustees of the Universidad Nacional Autonoma de México and Fundacion ICA. He serves as a founding associate of Fundacion Octavio Paz.</p>

Antonio del Valle Ruiz Presidente Honorário de por vida Mexichem S.A.B. de C.V.	Diretor em: Teléfonos de México S.A.B. de C.V., Telmex Internacional, S.A.B. de C.V.; Telmex S.A.	Fundador de Elementia, S.A Presidente e Diretor em: Grupo Financiero HSBC S.A. de C.V. Membro do Comitê em: Grupo Pochteca S.A.B. de C.V. Diretor em: Ternium México S.A. de C.V.
Jorge Luiz De Barros Nóbrega Executive Diretor em Globo Comunicação e Participações S.A.	Diretor em: Net Serviços de Comunicação S.A.	Diretor em: Globo Comunicação e Participações S.A.
Dilio Penedo Diretor em: Banco Estado do Rio Grande do Sul S.A.	Diretor em: Embratel Participacoes S.A.	Diretor em: Banco Estado do Rio Grande do Sul S.A.
Antonio Cosío Pando	Diretor em: Banco INBURSA, Institución De Banca Múltiple, Grupo Financiero INBURSA, Grupo Financiero INBURSA SAB de CV; Inmuebles Carso, S.A.B. de C.V.	Diretor em: Corporación Actinver S.A.B. de C.V.; SANLUIS Corporacion S.A.B. de C.V.; Grupo Aeromexico S.A.P. de C.V.
Fernando Solana Morales Grupo Financiero Santander S.A.B. de C.V.	Diretor em: Carso Global Telecom, S.A.B. de C.V.; Impulsora del Desarrollo y el Empleo en América Latina, S.A.B. de C.V.; Telmex SA; Grupo Carso, S.A.B. de C.V. Telmex Internacional, S.A.B. de C.V.	Presidente em: Mexican Fund for Education and Development (Fondo Mexicano para la Educación y el Desarrollo) and the Mexican Council for Foreign Affairs.
Fernando Senderos Mestre Presidente do Grupo KUO S.A.B. de C.V.	Diretor em: Grupo Carso, S.A.B. de C.V.	Diretor em: Industrias Penoles S.A.B. DE CV; Grupo Televisa, S.A.B.; Kimberly-Clark de México, SAB de CV; Alfa S.A.B de C.V.; DINE, S.A.B. de C.V.; Grupo Nacional Provincial, S. A. B.
Com informação de Mergent Marketplace e Business and Week, fevereiro de 2011.		

Dessa forma, através dos conselheiros diretivos de suas outras empresas, Carlos Slim Helú se relaciona com enormes corporações: 1) Marco Antonio Slim Domit é conselheiro na BlackRock Inc., o maior fundo de investimento de alto risco onde ele tem 2% de ações; 2) Isidro Faine é presidente da Caixa Group, uma instituição financeira das mais importantes na Espanha, intimamente vinculada a Telefônica da Espanha, Aguas de Barcelona, petróleos YPF e REPSOL; 3) Dilo Penedo é diretor no banco brasileiro Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A., 4) Claudio X.González é um dos maiores empresários do México que dá a Slim acesso direto aos conselhos da General Electric Co., Grupo Financeiro BANAMEX-ACCIVAL S. A., Kellogg Co. e o JP Morgan Chase. Além disso, X. Gonzáles foi presidente do Conselho Mexicano dos

Homens de Negócios, também foi diretor do Banco Nacional do México¹¹⁰; 5) Outro caso semelhante é Fernando Solana Morales, atual Conselheiro Proprietário do Santander, e que ocupou a Secretaria de Comércio (1976-77), Educação Pública (1977-82, 1993-94), e foi Diretor Geral do BANAMEX (1982-88), assim como Ministro de Relações Exteriores (1988-93) cargo ao qual renunciou para atuar como Senador da República Mexicana pela Cidade do México (1994-2000); 8) por meio de Antonio Ruíz del Valle, a América Móvil se relaciona com o HSBC e o Grupo Mexichem, o maior grupo petroquímico do México. Além disso, Slim e Ruiz del Valle são parceiros na Elementia, uma produtora de cimento que recentemente assinou um contrato com a maior empresa de cimentos da França.¹¹¹

Para além das outras pessoas implicadas com as diferentes empresas de Slim, o que estamos observando nos negócios onde a América Móvil ou o seu maior acionista (Carlos Slim Helú) estão envolvidos, é uma rede de interesses que opera como um sistema socialmente determinado que influencia os ritmos de crescimento e os processos de acumulação não só no México, mas também nos outros mercados onde essa corporação tem investimentos, como no Brasil e nos Estados Unidos.

Esse tipo de funcionamento é um mecanismo empresarial que utiliza o triângulo de ferro, a “porta giratória” e o “barril de porcos” para consolidar as alianças e os investimentos da América Móvil e do próprio Carlos Slim. Seja através de outras empresas ou mediante sua própria pessoa, Carlos Slim demonstra o que Evans (1976) chama de “legitimador do capital”, ou seja, um tipo de indivíduo com a capacidade de dar certeza ao ciclo de reinvestimento do capital, ao mesmo tempo em que se torna um nó que conecta múltiplos conselhos diretos de empresas e bancos, associações empresariais ou “comissões governamentais”. (EVANS, 1976)

Como já foi analisado ao longo desta seção, esta é uma temática desenvolvida pelo capital monopolista em toda sua história, onde o objetivo é centralizar capital em um grupo privilegiado de indivíduos (reorganização funcional de elites nacionais) que participam nos intercâmbios mundiais de comércio, desenvolvendo vínculos e redes com outros grupos econômicos de diferentes países para fazer funcionar a produção mundial como um “mercado oligopólico” em expansão coordenada. (AMIN, 2011).

¹¹⁰ CAPITAL IQ. “Perfil de Claudio X. Gonzáles”. Estándar and Poor’s. 14 fevereiro 2013. Enlace: <<https://www.capitaliq.com/CIQDotNet/Person/PersonProfile.aspx?personid=589350&proid=8224434>>

¹¹¹ MORALES, Mariano. “Crea Carlos Slim alianza con cementera francesa para hacer frente a Cemex”. Business of America. 9 janeiro 2013. Data de consulta: 14 fevereiro 2013. Enlace: <<http://mx.ibtimes.com/articles/30523/20130109/carlos-slim-alianza-cemento-francia-cemex-mexico.htm>>

Desde uma perspectiva mais geral, o crescimento das Grandes corporações, como América Móvil, implica uma estratégia global de expansão que se concretiza na união da propriedade de filiais ou sociedades do tipo “Joint Venture” com outros grupos econômicos, inclusive governos, mas a sua força motriz é a busca da rentabilidade que essas alianças podem lograr para dominar o acesso a outros mercados, recursos financeiros e novas tecnologias que permitam a essa corporação manter uma expansão constante (FOSTER, MCCHESSNA e JONNA, 2011).

Pode-se dizer que, olhando o comportamento geral da América Móvil, essa entidade ao ter grandes parceiros internacionais, seja via investidores institucionais, ou acionistas pessoais, membros de sua junta diretiva ou por meio de outras empresas que são propriedade de seu principal acionista e dono, o resultado geral dessa estratégia é que se asseguram contratos financeiros, créditos com outras várias instituições, novos mercados e produtos que lhe permitem funcionar como um enorme bloco de interesses a medida em que diversifica riscos e participa em outros mercados cativos pelos seus sócios. A divisão de sua estrutura proprietária se encontra concentrada numa só família e em outra grande corporação como a AT&T, o que leva a América Móvil para a categoria de uma “super-entidade”.

Conclusões

Nestes momentos, já é possível constatar uma série de ideias a maneira de conclusões que sintetizam os principais êxitos deste trabalho:

- A. Na atualidade, um grupo reduzido de Grandes corporações interatua sobre uma rede de comércio, de interesses políticos e econômicos que pode ser classificada como uma “super-entidade” ou bloco de interesses. As principais características desse bloco determinam o modo de desenvolvimento do sistema capitalista, a partir de uma estrutura “centro–periferia” integrada principalmente nos países anglo-saxônicos, mas também com algumas alocações nos países emergentes. Essas redes não são novas, uma vez que constituem parte do processo de acumulação, centralização de ativos (industriais e financeiros) e de reinvestimento dos excedentes gerados pelo sistema capital sob uma tendência monopolista–financeira. As formas como conseguem manter essa estrutura de intercâmbios se determinam por meio do compartilhamento de riscos, seja pelas empresas de tipo *joint venture*, seja pela propriedade em comum das ações, compartimento de diretores, compra de dívida corporativa ou pelo fornecimento de crédito. Dessa forma, o número de envolvidos nos intercâmbios econômicos se torna muito reduzido e se gera mercados monopolistas com o fim de evitar o acesso de outros concorrentes. A América Móvil possui todas essas características e pode ser considerada parte da “super-entidade”. Ao concretizar seus serviços comunicativos para mais de 315 milhões de clientes, distribuídos em 20 países por meio de 150 subsidiárias, gera redes de valor agregado que fazem dessa empresa um dos maiores pináculos na evolução dos mecanismos para gerar lucros constantes e reinvestimentos dos excedentes gerados pelos seus parceiros.
- B. As gigantescas corporações podem estar localizadas em todos os segmentos da economia (mineração, produção de tecnologias, transporte e logística, comunicações, etc.), mas se concentram no setor financeiro. Na atualidade, o setor financeiro tem revitalizado seu papel utilizando novos veículos de investimento, podendo ser considerado um tipo evoluído de capitalismo, onde se determinam os modelos de troca e intercâmbio de mercadorias, os montantes de investimentos e a administração do trabalho. No caso das empresas de telecomunicações, pode-se constatar centros territoriais de acumulação de estrutura “centro–periferia”, principalmente nos países onde se localizam as maiores instituições financeiras. No caso da América Móvil, em sua estrutura de capital existe um grande bloco “centro–periferia”,

onde se conectam grandes bancos de investimento como CITIGROUP, o Morgan Chase, o Wells Fargo, o Bank of America, assim como enormes fundos especializados na direção de ativos de alto risco como BlackRock, Fidelity Investments e corporações gigantes como a AT&T. Essas parcerias possibilitam um processo de expansão contínuo da América Móvil, toda vez que adquire um controle do fluxo de informação regional na América Latina. Em síntese, ao examinar as parcerias e os principais proprietários da América Móvil é possível identificar um bloco de poder específico com um tipo de estrutura centro-periferia: o setor financeiro e industrial estadunidense.

- C. Atualmente, a indústria das telecomunicações tem-se colocado como um dos paradigmas que sustentam a nova etapa da evolução dos mecanismos para acumular e acrescentar capital. Não só no sentido de permitir uma forte integração de ramos industriais e financeiros mediante uma rede de fornecimento de informação global, mas também de possibilitando a mobilidade espacial do sistema capitalista, na medida em que se gera arranjos institucionais que ajudam a reinvestir excedentes, sendo dirigidos aos programas em infraestrutura, planos de interconectividade e geração de novas tecnologias comunicativas. Dessa forma, adquire-se controle sobre as migrações de capital que são canalizadas em países como o Brasil ou o México, sob um modelo de comunicação controlado pelo aparato dos grandes negócios dos países centrais. A principal forma das grandes corporações manterem um papel de veículo financeiro é através da reciclagem de sua dívida corporativa. A dívida corporativa das empresas é um dos mais importantes mecanismos para que os grandes negócios operem sob uma dinâmica de maximização absoluta e constante de lucros. Quando as corporações emitem dívida, utilizam o mercado de valores para complementar a cadeia de mercadoria-dinheiro e abrir uma nova fase de expansão do capital. Nos últimos cinco anos, a dívida corporativa da América Móvil passou de 49,8%, em 2008, a 57,5% do capital total em 2012. Desse montante, 94,9% do total da dívida corporativa da América Móvil correspondia à emissão de bônus sênior, evidenciando que essa corporação depende de uma série de instituições representados por fundos de investimento, bancos, fundos de pensão e outros, e não tanto das linhas de crédito. A revalorização constante da dívida da América Móvil indica que essa corporação se converte num veículo financeiro para reinvestir os capitais espalhados nos mercados internacionais, ao mesmo tempo em que utiliza o financiamento para atingir diferentes mercados, adquirir concorrentes e maximizar sua taxa de rentabilidade.
- D. No entanto, a propriedade das ações Classe AA e A da América Móvil estão concentradas em nome de Carlos Slim Helú, de membros de sua família e da AT&T, que atuam como bloco de

interesses controlando 78,31% de ações Classe A e AA, o que corresponde a 100% dos direitos corporativos da empresa. A América Móvil também possui uma grande rede corporativa que fortalece sua cadeia logística, permitindo integrar alianças no plano produtivo com gigantescas empresas desenhadoras de equipamento, software, fornecedoras de crédito e outras operadoras de telecomunicações que aperfeiçoam os serviços de internet, telefonia e banda larga (fixa e móvel), transmissão de frequências por satélites e televisão (digital e analógica). Em outras palavras, o processo de internacionalização da América Móvil tem como ponto nodal a centralização da tomada de decisões, mas também uma série de alianças estratégicas que fortalecem seu processo de valorização nos serviços que proporciona toda vez que se mobiliza mercados de capital cuja função é criar redes compostas de capital agregado. O principal acionista, que pode ser considerado o dono da América Móvil, é Carlos Slim Helú. Esse personagem se aproveitou da entrada do modelo neoliberal no México para construir um império gigantesco de negócios. A empresa pública do governo mexicano mais importante que adquiriu foi a TELMEX que, ao longo dos 10 primeiros anos de sua privatização, permitiu o surgimento América Móvil. Dessa forma, o processo de internacionalização da América Móvil nos mercados de telecomunicações não só reflete a consolidação e internacionalização de um grupo de empresários investidores que se beneficiaram na venda de ativos públicos no México, mas também é o reflexo da hegemonia do processo neoliberal na América Latina. Nos últimos 10 anos a economia do Brasil se caracterizou pela chegada maciça de fundos de investimento, bancos estrangeiros e linhas de crédito. Isso foi utilizado pela América Móvil para internacionalizar seus negócios – inclusive utilizando fundos do próprio governo brasileiro para estimular seu próprio crescimento. Utilizando esse país como sua base de expansão continental, no Brasil o grupo de empresas da América Móvil controla uma fatia de mais de 50% da televisão por assinatura, todo o sistema de comunicações por satélite (incluindo as comunicações militares), sendo também o primeiro grupo em telefonia fixa e o terceiro na telefonia móvel.

- E. A rede de interesses que possui a América Móvil, representada por seus conselheiros diretivos envolvidos com grandes corporações estrangeiras, mas também por aquelas que são propriedade de Slim Helú, gera um sistema econômico socialmente determinado que influencia os ritmos de crescimento e os processos de acumulação do setor das telecomunicações não só no México, mas também nos outros mercados onde essa corporação tem investimentos, como o Brasil. Esse tipo de funcionamento é um mecanismo empresarial que utiliza o tráfico de influências, baseado na passagem de ex-políticos a postos empresariais

para consolidar os investimentos da América Móvil nos diferentes países onde opera. Pode-se dizer que o comportamento geral da América Móvil, ao ter grandes parceiros internacionais (seja via investidores institucionais, ou acionistas pessoais, membros de sua junta diretiva ou por meio de outras empresas que são propriedade de seu principal acionista), assegura contratos financeiros, créditos com diversas outras instituições, novos mercados e produtos que permitem a América Móvil funcionar como um enorme bloco de interesses, por diversificar riscos e participar em outros mercados dominados pelos seus sócios. A divisão de sua estrutura proprietária, concentrada numa só família e numa grande corporação (AT&T), confere à América Móvil a categoria de uma “super-entidade” com múltiplas nós com a cadeia global de valor das telecomunicações. Porém, a América Móvil representa uma grande corporação que tem por responsabilidade a direção de um tipo de capitalismo evoluído (capitalismo comunicativo), mas seus métodos de atuação no aspeto político e econômico correspondem aos mecanismos do capital monopolista de tipo *big business*.

Bibliografía

- ALMEYRA, Guillermo. *Sic transit gloria mundi*. Margem Esquerda. No. 16. Boitempo. Junho 2011.
- AMIN, Samir. *The Trajectory of Historical Capitalism and Marxism's Tricontinental Vocation*. *Monthly Review*. Volumen 62, No. 9, February 2011
- AMIN, Samir. *Seize the Crisis! Revista Monthly Review*. December 2009, Volume 61, Number 7. Disponível em: <<http://monthlyreview.org/>>
- AMIN, Samir. *Los desafíos de la mundialización, Siglo XXI*, México, 1997
- AMIN, Samir y GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo (Dirs). *La nueva organización capitalista vista desde el Sur*. Tomo II. El Estado y la política en el Sur del Mundo. Antrópos- CEIICH- UNAM, España, 1996.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo; Boitempo Editorial, 2009
- ANTUNES, Ricardo. *Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?*. *Serv. Soc.*, São Paulo, n. 107, Setembro 2011. Data de acesso: 26 dezembro 2012 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282011000300002&lng=en&nrm=iso>.
- ARENDRT, Hannah. *Los orígenes del totalitarismo*. Taurus, México, 2004
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, São Paulo, Editora Unesp, 1996
- BARAN, Paul A. e SWEEZY, Paul M. *El capital monopolista*. Siglo XXI, 16ª edición, México 1969.
- BARBROOK, Richard. *Futuros Imaginários. Das máquinas pensantes à aldeia global*. Petrópolis, São Paulo, Brasil, 2008
- BELLAMY FOSTER, John. *The Financialization of Accumulation*. *Monthly Review*. Volumen 62, Number 5. Octubre 2010. [Disponível em:](#) <<http://monthlyreview.org/>>
- BELLAMY FOSTER, John e HOLLEMAN, Hannah. *The Financial Power Elite*. *Monthly Review*, Volumen 62, Number 1, Mayo 2010. [Disponível em:](#) <http://monthlyreview.org/>
- BELLAMY FOSTER, John y McChesney, Robert. *The Internet's Unholy Marriage to Capitalism*. *Revista Monthly Review*. Volume 62, Issue 10 (March). [Fecha de consulta 3 de marzo 2011. Disponível em:](#) <http://monthlyreview.org/>
- BELLOD REDONDO, José Francisco. *Monopolio e irracionalidad: microfundamentos de la teoría Baran-Sweezy*. Universidad Politécnica de Cartagena, Colombia, 2008.
- BOURDIEU, Pierre y WACQUANT, Loïc. *Las argucias de la razón imperialista*. Piados. Colección Asterisco #6, Barcelona, España, 2001.
- BOUZAS, Alfonso y OLVERA CRUZ, Liliana. *Nuevos contextos para los sindicatos mexicanos derivados del Tratado de Libre Comercio*. Documento de trabajo sesión. Centro de Investigación sobre América del Norte (CISAN-UNAM) y la Fundación Friedrich Ebert Stun (FESMEX), 2009.
- BRIGGS, Asa ; BURKE, Peter. *De Gutenberg a Internet*. Santillana Madrid, 2002
- CABELLO Chávez, Adalberto; REYES Avellaneda, Rafael; SOLÍS Pérez Pedro. *La estrategia competitiva que adopta la empresa transnacional en el mercado global*. *Revista de Contaduría y Administración*, no 220, septiembre-diciembre 2006.
- CASTAÑO GUILLÉN, Julián. *La Dirección de Resultados en las Empresas Privatizadas*. Tesis Doctoral. Universidad de Extremadura. Departamento de Análisis financiero y contabilidad, España, 2006.
- CAPUTO, Orlando. *Crítica a la Interpretación Financiera de la Crisis y Nuestra Interpretación*. OBELA-IIEs-UNAM. Data de consulta 2 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.obela.org/contenido/critica-interpretacion-financiera-crisis-nuestra-interpretacion>>
- CAPUTO, Orlando. *La Crisis Inmobiliaria en Estados Unidos. La Eventual Séptima Crisis Cíclica de la Economía Mundial*. *Revista Rebelión*. Data de consulta 2 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.rebellion.org/docs/67127.pdf>>
- CARVALHO de Silva, Manuel. *Trabalho e Sindicalismo em Tempo de Globalização: Temas e Debates*, Portugal, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *La Galaxia Gutemberg*. Siglo XXI, México, 2001
- CASTILLO Lara, Luis Ángel e SAN MARTÍN Reyna, Juan Manuel. *La propiedad familiar como mecanismo de gobierno disciplinador de la dirección en las empresas mexicanas. Una evidencia empírica*. *Revista de Contaduría y Administración*. 221, enero – agosto, 2007.
- CAVALCANTE, Savio. *Sindicalismo e privatização das telecomunicações no Brasil*. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Campinas, SP. 2006.
- COASE, Ronald. *The Nature of the Firm*. *Economica*. New Series, Volume 4, Issue 16 noviembre de 1937. Disponível em: <http://web.cenet.org.cn/upfile/30998.pdf>
- CONCHEIRO BOHÓRQUEZ, Elvira. *El gran acuerdo. Gobierno y empresarios en la modernización salinista*. IIE-

- UNAM y Era, México 1996
- CHESNAIS, Francois. *O Capital portador de juros: Acumulação, internacionalização, efeitos económicos e políticos. As finanças mundializada*. Boitempo, 2005
- CROCKCOFT, James. *La esperanza de México*. Siglo XXI, México, 2007
- DALEY, Suzanne e MINDER, Raphael. *Newly Built Ghost Towns Haunt Banks*. The New York Times. 17 dezembro 2010. Data de consulta : 1 novembro 2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/12/18/world/europe/18spain.html?pagewanted=all>>
- DELGADO, Gean Carlo. Agua y Seguridad Nacional. Debate, México, 2006
- DE LA GARZA, Enrique. *La democracia de los telefonistas*. UAM-PyV-Solidarity Center/AFL-CIO, México, 2002.
- DE LA GARZA. *Reestructuración productiva, empresas y trabajadores en México a inicios de siglo*. Universidad Autónoma Metropolitana, México, 2003.
- DE LOS RÍOS CORTÉZ, Víctor Libio. *Las fusiones y adquisiciones en México en el período reciente 1986-2005*. Economía UNAM, No. 012, México, 2007.
- DE SANTIAGO RODRÍGUEZ, Eduardo. *Nuevas formas y procesos espaciales en el territorio contemporáneo: la "ciudad única"*. Revista Polis. vol. 7 n° 20, 2008. Editorial de la Universidad Bolivariana de Chile, 2008
- DE VENANZI, Augusto. *Globalización y corporación. El orden social en el siglo XXI*. Antrópos- FACES-UCV, España 2002
- DEL VALLE, Marc Esteve. *Del monopolio estatal al "monopolio" privado: El rol de la alianza entre el gobierno mexicano y el Grupo Carso en la re-regulación de las telecomunicaciones (1989-2006)*. Observatoire des Americas. La Chronique des Amériques. Fevereiro de 2008 No 04.
- DELLI Sante de Arrocha, Angela. *Intervención ideológica de la empresa transnacional en países dependientes: el caso de México*. Revista Mexicana de Sociología, Vol. 39, No.10, Universidad Nacional Autónoma de México, 1977
- DUSSEL PETERSON, Enrique. *La Inversión Extranjera en México*. CEPAL, Chile. 2001
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *A Thousand Plateaus*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- ERQUIZIO ESPINAL, Alfredo. *La distribución del ingreso en México: un análisis regional, 1990-2004*. IIEc - UNAM. enero de 2007. Disponível em: <<http://www.ejournal.unam.mx/pde152/PDE003915207.pdf>>
- ESCAMILLA Haro, Omar R. *Las consecuencias Políticas y Económicas de la reforma al artículo 27 Constitucional*. Disertação (graduação). Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Facultad de Ciencias Políticas y Sociales. Programa de Ciencia Política. Ciudad de México, México, 2009.
- EVANS, Peter. *La triple alianza*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, Brasil, 1979
- FAUX, Jeff. *La guerra global de clases. Cómo nos robaron el futuro las élites de Estados Unidos, Canadá y México y qué hacer para recuperarlo*. Universidad Autónoma de la Ciudad de México (UACM), México, 2008.
- FERNÁNDEZ, Víctor Ramiro. *Transformación del Estado y procesos de descentralización. Las propuestas del Banco Mundial en la década de 1990 y las lógicas-intereses en el capitalismo global*. Problemas de Desarrollo. Revista Latinoamericana de Economía. Instituto de Investigaciones Económicas, Universidad Nacional Autónoma de México, Vol. 32, núm. 127, octubre-diciembre, 2001
- FIORI, José Luis. *Tópicos da agenda internacional: algmas notas criticas*. Margem Esquerda. No. 16. Boitempo. Junho 2011.
- GIRÓN, Alicia. *Circuitos Financieros y Laborales transfronterizos: Políticas Macroeconómicas*. Revista Desarrollo Productivo, Vol, XIX; Núm 47; Instituto de Investigaciones Económicas IIEc-UNAM, 2007
- GOMEZ, Arturo Alvar. *Condiciones laborales en las telecomunicaciones de México Dos casos paradigmáticos: América Móvil y Telefónica*. Disertação (graduação). Universidad Autónoma Metropolitana (UAM). Programa de Sociología. Ciudad de México, México, 2012.
- GUDYNAS, Eduardo. *Diez tesis urgentes sobre el nuevo extractivismo*. Contextos y demandas bajo el progresismo sudamericano actual.
- GUILLEN, Arturo. *Mito y realidad de la globalización neoliberal*. Porrúa-UAM, México, 200,7
- GREENSPAN, Alain. *A era da turbulência*. Campus. São Paulo, Brasil, 2007.
- HARVEY, David. *Los límites del capitalismo y la teoría marxista*. FCE, México, 1991.
- . *El nuevo imperialismo*. Akal, Madrid, España, 2005.
- . *O neoliberalismo. História e implicações*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil 2006.
- . *O enigma do capital e a crises do capitalismo*. Boitempo. São Paulo, Brasil, 2011.
- HIRANO, Sedi e ESTENSSORO, Luis. *Padrões de Desenvolvimento e de Oportunidade Social na América Latina e no Leste Asiático*. Cadernos PROLAM/USP Ano V Volume II – 2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/prolam/cadernos.htm>>
- HOBBSWAM, Erick. *La era del Imperio*. Nuestro Tiempo. 2006.
- JIMÉNEZ DE LEÓN, Juan Ramón. *Crashes-Gründungsfieber*. Link: www.yumka.com. Data de consulta: 31 de março de 2011.

JOHNSON, Simon y KWAK, James. *13 Bankers. The wall Street Takeover and the Financial Meltdown*. Pantheon Books, New York, 2010

KENNEDY, Paul. *Auge y Caída de las grandes potencias*. Debolsillo, 2005.

KLEIN, Naomi. No Logo. *El poder de las marcas*. Paídos, España, 2001.

KOLHATKAR, Sheelan y BHAKTAVATSALAM, Sree Vidya. *The Colossus of Wall Street*. Business and Week, 9 de diciembre de 2010

KLOCHKOVSKY, Lev. L. *Una vuelta por el mundo - Consecuencias sociales de las reformas neoliberales en América Latina y Rusia: Un análisis comparado de estadísticas básicas*. Globalización 8m. 22 outubro 2001. Data de Consulta: 14 janeiro 2013. Disponível em: <<http://www.globalizacion.8m.net/articulos/consecuencias.htm>>

KRASNER, Stefen. *Soberanía. Hipocresía Organizada*. Paidos, España, 2001

KREGEL, Jan. *Using Minsky's Cushions of Safety to Analyse the Crisis in the U.S*. The Ideas Working Paper Series . Paper no. 04/2008. Data de consulta: 7 de febrero de 2011. Disponível em: <www.networkideas.org/working/jun2008/04_2008.pdf>

KRIPPER, Greta R. *The financialization of the American economy*. Socio-Economic Review, 2005, pp. 173–208.

LASH, Scott e URRY, David. *Economías de Signos*. Amorroutu, España, 1998

LENNIN, Vladimir. *Imperialismo fase superior del capitalismo*. Quinto Sol. México, 2005.

LOBSTEIN, Jacques. XII. *Estructura y organización de la empresa I*. En: FRIEDMANN, Georges y NAVILLE, Pierre. *Tratado de Sociología del Trabajo II*. FCE. México, 1997

LÓPEZ BLANCH, Hedelberto. *El TLCAN expande el hambre en México*. [Rebelión](http://www.rebellion.org). 18 dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.rebellion.org>>

MAGDOFF, Harry. *La era del Imperialismo*. Nuestro tiempo, México, 1969.

------. *Imperialism: From colonial age to present*. Monthlyreview press, Estados Unidos, 1978.

MARTINEZ, José. Carlos Sli. *Retrato Inédito*. OCEANO, México, 2010.

MATTELART, Armand. *Agresión desde el espacio. Cultura y Napalm en la era de los satélites*. Siglo XXI, México 1977.

MENARDI, F. B. S.; COSTA, Maria Conceição da. *Reforma do Estado e pesquisa nas telecomunicações no Brasil: um estudo sobre o Centro de Pesquisas e Desenvolvimento - CPqD*. Revista do Serviço Público (Brasília), Brasília - DF, v. 50, n.2, p. 51-65, 1999.

MÉSZÁROS, Istán. *Uma crise estrutural necessita de mudança estrutural*. Revista Margem Esquerda – ensaios marxistas núm 17.. Boitempo. Novembro 2011. São Paulo, Brasil.

MÉSZÁROS, István. *Desemprego e Precarização um grande desario para a esquerda*. Em: Antunes, Ricardo (coord.) *Riqueza e miseria do trabalho no Brasil*. Boitempo. Sao Paulo, Brasil, 2006.

MICHELI, Jordi. *El sector de call centers: Estructura y tendencias*. Apuntes sobre la situación de México. Colef. Frontera Norte. Vol. 24. Núm. 47. Enero – Junio 2012.

MOSCA, Manuela. *On the origins of the concept of natural monopoly*. University of Salento, Italia, 2006.

NERSISYAN, Yeva e WRAY, L. Randall. *The Global Financial Crisis and the Shift to Shadow Banking*. Levy Economics Institute and University of Missouri-Kansas City. Working Paper No 587. 2010. Link: http://www.levyinstitute.org/pubs/wp_587.pdf

OLSON, Mancur. *Poder y Prosperidad: la superación de las dictaduras comunistas y capitalistas*. Madrid: Siglo Veintiuno, 2001

PEREIRA, Luciano y BERNARDO, João. *Capitalismo Sindical*. Xamã, São Paulo, 2008

PINHEIRO, Daniela. *O consultor*. Revista Piauí. 8 janeiro 2008.

POCHMANN, Márcio. *O Estado e seus desafios na construção do Estado Brasileiro*. Revista Margem Esquerda. Vol. 15, Editorial Boitempo, noviembre de 2010.

PLIHON, D. *Desequilibrio mundiais e instabilidade financeira. (A responsabilidade das políticas liberais: um ponto de vista keynesiano)*. Economia e Sociedade, Campinas, vol. 7, p.85-127, dez., 2005.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, globalización y democracia*. Revista de Ciencias Sociales de la Universidad Autónoma de Nuevo León. Número 7 y 8, septiembre 2001- ABRIL 2002

RIOUXE, Michèle. *Fallacies of Global Unregulated Markets: The Case of Telecommunications*. Économie Politique Internationale. Note de recherche 05-01, Université du Québec à Montréal, 2006.

ROSALES, Antulio. *De la crisis asiática a la crisis inmobiliaria: los debates actuales sobre la arquitectura financiera internacional*. Revista Problemas del Desarrollo, 163 (41), octubre-diciembre 2010. UNAM-IIES. 2010

ROUBINI, Nouriel e MIHM, Stephen. *A economia das crises. Um curso-relampago sobre o futuro do sistema financeiro internacional*. Intrinsea, Rio de Janeiro, Brasil, 2010.

ROTHKOPF, David. *Power, Inc*. Farrar, Straus and Giroux, New York, United States, 2012.

RUELAS Monjardín. Ana. *Historia de la telefonía en México*. Ponencia en el programa semana de Radio UAS “Diálogos con la Historia”, Culiacán, Sinaloa, 11 de enero de 2005.

SACRISTÁN Roy, Emilio. *Las privatizaciones en México*. Revista Economía-UNAM. Vol. 3, núm. 9, México, 2006

SALAS-Porras Alejandra. *Los grupos mexicanos y coreanos ante el desmantelamiento del Estado*. Congreso Internacional de Americanistas, España, 2006.

SALAMA, Pierre. *¿Por qué América Latina no puede alcanzar un crecimiento elevado y sostenido?* publicación: Neoliberalismo y sectores dominantes. Tendencias globales y experiencias nacionales. Basualdo, Eduardo M.; Arceo, Enrique. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Agosto 2006. ISBN: 987-1183-56-9 Enlace: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/basua/C02Salama.pdf>

SAXE FERNÁNDEZ, John. *La compra-venta de México*. Plaza y Janés, México, 2002

----- *Terror e Imperio. La hegemonía política y Económica de Estados Unidos*. Debate, México, 2005.

----- LA “PRESIDENCIA IMPERIAL” Y EL CAPITAL MONOPOLISTA. En: Gambilia, Julio C., Rajland, Beatriz y Campione, Daniel (comp.). Pensamiento y Acción por el socialismo. América Latina en el siglo XXI. CLACSO. Buenos Aires, Argentina, 2005

----- “Libre mercado”, seguridad y el nuevo anexionismo. Observatorio Social de América Latina (OSAL). Año VI, no 18., Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina, enero de 2006

SERRANO, Arturo. *El Futuro de las TIC’s. Conferencia: Mercados de tecnologías de la información y la comunicación*. Colegio de la Frontera Norte, febrero de 2011.

SUÁREZ SALAZAR, Luis. *La doctrina Bush: algunas implicaciones para el sistema internacional de la “Posguerra Fría”*. Colombia Internacional. Data de consulta, 9 outubro 2011. Disponível em: <http://www.colombiainternacional.org/Doc%20PDF/EU-DoctrinaBush.pdf>

STIGLITZ, Joseph. *Of the 1%, by the 1%, for the 1%*. Vanity Fair. Data de consulta: 4 março 2011. Disponível em: <http://www.vanityfair.com/society/features/2011/05/top-one-percent-201105>

SWEEZY, Paul. *Capitalismo Moderno*. Rio de Janeiro 1977.

SUNDBERG, Nancy, LOZANOVA, Youlia e FALL Makthar. *Informe Tendencias en las reformas de telecomunicaciones 2010–2011: propiciar el mundo digital del mañana*. ITU. 2011. Data de consulta: 21 janeiro 2012. Disponível em: <http://www.itu.int/pub/D-REGTTR.12-2010>

TAVARES de Almeida, Maria Hermínia. *La política de la privatización de las telecomunicaciones en Brasil*. En Revista de economía política vol. 21, No 2 (82), Abril – Junho, 2001.

TAUTZ, Carlos; SISTON, Felipe, LOPES PINTO, João e BADIN, Luciana. *O BNDES e a reorganização do capitalismo brasileiro: um debate necessário*. Em: Diversos autores. *Os anos Lula. Contribuições para um balanço crítico 2003–2010*. Editora Garamond. Rio de Janeiro, 2010

TORRE, Juan Carlos. *El proceso político de las reformas económicas en América Latina*. Paidós. Barcelona, España, 1998

TOUSSAINT, Erick. *Las transferencias de la periferia hacia el centro, del trabajo hacia el capital*. Data de Consulta: 13 fevereiro 2013. Disponível em: http://www.cadtm.org/imprimer.php?id_article=160

THOMPSON, Adam. Carlos Slim’s fortune swells. The Financial Times, 1 de octubre de 2010.

UNION INTERNACIONAL DE TELECOMUNICACIONES (UIT). “*Vision General del Mercado de las TIC’s*”. UIT. Abril 2011. Consulta: 3 octubre 2012. Disponível em: <http://www.itu.int/net/itunews/issues/2011/03/04-es.aspx>

VILARIÑO, Ángel. *Formación de burbujas financieras y crisis: de la crisis del Nasdaq a la crisis de la hipotecas subprime 2009*. Universidad Complutense de Madrid. Fecha de consulta 6 de febrero de 2011. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/PADE/article/download/.../21260>

VITALI, S., GLATTFELDER, J.B., e BATTISTON S: The network of global corporate control. PLoS ONE 6(10): e25995. doi:10.1371/journal.pone.0025995. Disponível em: <http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0025995>

Artigos de Jornais

AFP. El 'Big Bang' de la City de Londres cumple 20 años. TERRA. Espanha. Data de consulta: 20 outubro 2011. Disponível em: <http://terranoicias.terra.es/articulo/html/av21158194.htm>

AMÉRICA ECONOMÍA. *México cerró 2010 con remesas por sobre los \$21.200M*. 1 fevereiro 2011. Data de Consulta: 12 fevereiro 2012. Disponível em: <http://www.americaeconomia.com>

----- *Ranking de las 500 Mayores Empresas de América Latina - 2012*. América Economía. julho 2012. Data de consulta: 15 agosto 2012. Disponível em: <http://www.americaeconomia.com>

----- América Móvil es la firma de telecomunicaciones más lucrativa de América. 6 março 2012. Data de consulta: 6 marco 2012. Disponível em: <<http://tecno.americaeconomia.com/noticias/america-movil-es-la-firma-de-telecomunicaciones-mas-lucrativa-de-america>>

----- Estudio del Comercio Electrónico en América Latina. 28 agosto 2012. Data de Consulta: 29 de agosto 2012. Disponível em: <<http://especiales.americaeconomia.com/2012/comercio-electronico-america-latina-2012/>>

----- Boston Consulting Group: riqueza global aumentó \$9.000M en 2010. Data de consulta: 01 janeiro 2011. Disponível em: <<http://www.americaeconomia.com/economia-mercados/finanzas/boston-consulting-group-riqueza-global-aumento-us9000m-en-2010>>

ARAGÓN, G., LUNA, C., e HUÉRFANO, E. Empresas de Slim ganan 31,423 MDP. El Economista 3 novembro 2010. Data de consulta: 11 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.economista.com.mx/corporativos/2010/11/03/empresas-slim-ganan-31423-mdp>>

ARGÜELLO, Isabel. Aumentan 87 millones, mexicanos en pobreza. Revista Contralínea. 18 de Mayo 2011. Data de Consulta: 8 mayo 2012. Disponível em: <<http://contralinea.info/archivo-revista/index.php/2011/05/18/aumentan-a-87-millones-mexicanos-en-pobreza/>>

ASSOCIATED PRESS. Carlos Slim acquires stake in Argentine power co. Salon.com. 15 julho 2012. Data de consulta: 15 janeiro 2013. Disponível em: <http://www.salon.com/2012/06/15/carlos_slim_acquires_stake_in_argentine_power_co/>

BIRREL, Ian. *Plutocrats: The Rise of the New Global Super Rich*. *The Observer*. 1 novembro 2012. Consulta 12 novembro 2012. Disponível em: <http://www.ceo.com/flink/?lnk=http%3A%2F%2Fwww.guardian.co.uk%2Fbooks%2F2012%2Fnov%2F01%2Fplutocrats-super-rich-free-land-review&id=291580>

BLOOMBERG. *Billionaires Index Today's ranking of the world's richest people*. 2012. Data de consulta: 1 janeiro 2013. Disponível em: <<http://topics.bloomberg.com/bloomberg-billionaires-index/>>

CAMARENA, Salvador. *Más que una crisis de Europa, vivimos un cambio de civilización*. El País. 17 outubro 2012. Data de consulta: 21 outubro 2012. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2012/10/12/actualidad/1350043165_165522.html>

COHEN, Edward. *Brazil Honors Citi's Rhodes for Crisis Role*. American Banker. 15 junho 1994 Vol. 159, No. 114. Data de Consulta: 17 junho 2012.

CRUZ VARGAS, Juan Carlos. *En la informalidad, seis de cada 10 mexicanos: Inegi*. El Proceso, México. 11 dezembro 2012. Data de consulta: 2 janeiro 2013. Disponível em: <<http://www.proceso.com.mx/?p=327611>>

DEPALMA, Anthony. Mexico's Banks: A Weak Link in the Rescue Plan. The New York Times. February 09, 1995. Data de consulta: 10 de octubre de 2011 Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1995/02/09/business/mexico-s-banks-a-weak-link-in-the-rescue-plan.html?pagewanted=all&src=pm>>

EFE. Aumentam los millonarios en el mundo, hay 10.9 millones de personas. Excelcior. México. 22 junho 2011. Data de consulta: 23 junho 2011. Disponível em: <http://www.excelsior.com.mx/index.php?m=nota&id_notas=746846>

----- Ex diputado es acusado de tráfico de influencias para venta de Brasil Telecom. Prensa Panamericana. 12 julio 2008. Data de consulta: 23 de janeiro 2013: Disponível em: <<http://www.panamaamerica.com.pa/notas/673943-ex-diputado-es-acusado-de-trafico-de-influencias-para-venta-de-brasil-telecom>>

EXPANSIÓN. “Crisis 'borra' 350,000 mdd em Europa”. 21 de Janeiro de 2008. Data de consulta 2 de Agosto de 2011. Enlace: <<http://www.cnnexpansion.com/economia/2008/01/21/mercado-europeo-vive-lunes-negro>>

----- “Lunes negro para todos los mercados”. 21 de janeiro 2008. Data de consulta 2 de Agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.cnnexpansion.com/economia/2008/01/21/lunes-2011negro2011-para-todos-los-mercados>>

----- “La economía mexicana cae 10.3%”. 20 agosto 2009. Data de consulta: 11 fevereiro 2013. Disponível em: <<http://www.cnnexpansion.com/economia/2009/08/20/la-economia-mexicana-cae-103>>

ESCAMILLA HARO, Omar R. *Mr. Sell México*. Revista Contralínea. Núm. 214, enero de 2011. Disponível em: <<http://contralinea.info/archivo-revista/index.php/2011/01/02/mr-sell-mexico/>>

EL CLARIN. *AT&T atenderá sólo a grandes cliente*. El Clarin. 27 março 2004. Data de consulta: 28 dezembro 2012. Disponível em: <<http://old.clarin.com/diario/2004/03/27/p-01902.htm>>

FRANCO, Diego. *Brasil: gobierno prohíbe operadoras móviles a vender servicios*. Globopedia. Data de consulta: 4 setembro 2012. Disponível em: <<http://mx.globedia.com/brasil-gobierno-prohibe-operadoras-moviles-vender-servicios>>

FERNÁNDEZ VEGA, Carlos. *México S .A*. La Jornada. México, 8 de Agosto 2007. Data de consulta: 26 Agosto 2012. Enlace: <<http://www.jornada.unam.mx/2007/08/08/index.php?section=opinion&article=026ol1eco>>

FORBES, Steve. *Steve Forbes Interview: Bill Rhodes, Banker To The World*. FORBES, 8 agosto 2011. Data de consulta: 17 janeiro 2013. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/steveforbes/2011/08/15/steve-forbes-interview-bill-rhodes-banker-to-the-world/4/>>

FOXNEWS. *Carlos Slim, world's richest man, gets richer supplying 'Obamaphones' to poor*. 11 outubro 2012. Data de consulta: 28 dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.myfoxdc.com/story/19792114/carlos-slim-worlds-richest-man-gets-richer-supplying-obamaphones-to-poor#ixzz2GU0poLCI>>

FREEBAIRN, William. *Carlos Slim's Inbursa Bank Acquires Citigroup Shares*. Bloomberg. 25 de novembro de 2008. Data de consulta 1 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.bloomberg.com/apps/news?pid=newsarchive&sid=aoPHoLjgduGY&refer=latin_america>

GONZÁLEZ, Amador. *Los más ricos del mundo ven crecer sus fortunas 10% cada año*. Diario La Jornada, México, 23 junio 2011. Data de consulta: 9 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2011/06/23/economia/027n1eco>>

HAQ, Farhan. *MEXICO: U.S. BANK URGED ACTION AGAINST ZAPATISTAS*. Global Information Network, febrero 1995. Data de consulta: 13 janeiro 2013. Disponível em: <http://global.factiva.com.proxy.library.cornell.edu/aa/?ref=iprs000020011025dr2d000z1&pp=1&fcpil=en&napc=S&sa_from=>>

HARRISON, Crayton. *America Movil Debt Sales to Decline After 'Exceptional' 2010*. Bloomberg, 22 março 2011. Data de consulta: 14 de agosto 2012. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/2011-03-22/america-movil-cfo-says-debt-sales-will-decline-after-exceptional-2010.html>>

HERNÁNDEZ, Griselda. *Facturaron las TICs en México 42 mil 472 mdd en 2011*. Diario Milenio, México. 21 Junio 2012. Data de consulta: 17 outubro 2012. Disponível em: <<http://www.milenio.com/cdb/doc/noticias2011/5d1243283c3bd0bfd0cda0813d0746c6>>

KERRY A. DOLAN. *The World According To Slim*. FORBES. 13 março 2012. Data de Consulta: 4 de Outubro 2012. Disponível em: <<http://www.forbes.com/forbes/2012/0326/billionaires-12-feature-telecommunications-mexico-world-according-carlos-slim.html>>

JARDÓN, Eduardo. *Tesobonos, elemento que aceleró la caída*. El Universal. México. 27 diciembre 2004. Data de consulta: 12 janeiro 2012. Disponível em: <http://www2.eluniversal.com.mx/pls/impreso/noticia.html?id_nota=43553&tabla=finanzas>

JORNADA. *Recesión provoca mayor desempleo juvenil en el mundo, señala la ONU*. 26 julho 2011, México, p. 2. Data de consulta: 23 junho 2011. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2011/07/26/politica/002n1pol>>

LEE KEUN-Young. *Korea's financial service sector restores soundness, stability through restructuring*. The Korea Herald 27 September 2002. Data de Consulta: 27 abril 2012. Disponível em: <<http://www.koreaherald.com/>>

LOBATO, Elvira. *América do Sul fará aliança em internet*. Folha de São Paulo. Brasil. 1 julho 2010. Data de consulta: 13 de agosto 2012. Enlace: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me0107201005.htm>>

MEDINA, Humberto. *Governo quer parte da Embratel via BNDES*. Folha de São Paulo. Brasil. 19 março 2004. Data de consulta: 23 janeiro 2013. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2004/03/19/73/>>

MEJÍA GUERRERO, Angelica. *América Móvil va por 100% de firma stelital*. El Universal. México. 20 abril 2011. Disponível em: <<http://www.eluniversal.com.mx/finanzas/85835.html>>

MILLAN, Santiago. *Slim-Telefónica, la lucha por Embratel se endurece*. América Economía. 23 abril 2004. Data de consulta: 16 fevereiro 2013. Disponível em: <<http://www.americaeconomica.com/numeros4/262/reportajes/santi262.htm>>

MOORE, Elaine. *Private investors: Traders gain from access to information*. Financial Times. Data de consulta: 08 fevereiro 2012. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/85887cf4-688a-11e1-b803-00144feabdc0.html#axzz1rBGsnPdW>>

PODER 360. *El imperio de Carlos Slim*. 30 octubre 2009. Data de consulta: 8 fevereiro 2010. Disponível em: <http://www.poder360.com/article_detail.php?id_article=2987&preview=Y>

POSADA GARCÍA, Miriam. *Se revocó la multa a Telcel, pero cumplirá 5 compromisos: CFC*. La Jornada. México 4 maio 2012. Data de consulta: 14 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2012/05/04/economia/023n1eco>>

POZZI, Sandro. *El mexicano Slim desbanca a Gates como el hombre más rico del mundo*. Periódico El País, 11 de marzo 2010. Data de consulta: 11 janeiro 2012. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/economia/mexicano/Slim/desbanca/Gates/hombre/rico/mundo/elpepueco/20100311elpepueco_1/Tes>

REUTERS. *Brazil Insists It Will Stick With Bond Conversion Plan*. Los Angeles Times. Estados Unidos. 11 setembro 1987. Data de consulta: 16 janeiro 2013. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1987-09-11/business/fi-4647_1_bond-scheme>

------. *América Móvil completa oferta para compra de Telint y CGT*. América Economía. 5 novembro 2010. Data de consulta: 14 fevereiro 2013. Disponível em: <<http://www.americaeconomia.com/negocios-industrias/fusiones-adquisiciones/america-movil-completa-oferta-para-compra-telint-y-cgt>>

------. *América Móvil da guía para nueva emisión de bono senior en yuanes*. Milenio Diario. México. 1 febrero 2012. Mexico. Data de consulta: 17 novembro 2012. Disponível em: <<http://www.milenio.com/cdb/doc/noticias2011/294b17236398d639f14d749da9be7da6>>

------. *KPN ve positiva la oferta de compra de Slim*. El Economista. México. 8 maio 2012. Data de consulta 19 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.economista.com.mx>>

SIGLER, Edgar. ¿Gracias por los precios bajos, AMóvil? EXPANSIÓN. México. 23 maio 2012. Data de consulta: 2 janeiro 2012. Disponível em: <<http://www.cnnexpansion.com/negocios/2012/05/22/gracias-telmex-y-telcel>>

------. *Fusión con Telmex Frena Crecimiento de América Móvil*. América Económica, 8 de febrero de 2011.

TERRA. *Carlos Slim posee 24.7 por ciento del mercado de telefonía celular en Brasil*. Notícias Terra. 20 dezembro 2012. Data de Consulta: 26 dezembro 2012. Disponível em: <http://economia.terra.com.mx/noticias/noticia.aspx?idNoticia=201212202117_INF_81861163>

THOMSON, Adam. “Buzz in the air as AMX comes of age”, *The Financial Times*, 22 de novembro de 2010 <www.ft.com/cms/s/0/b76855d8-f66b-11df-846a-00144feab49a.html>

THE ECONOMIST. *Schumpeter. The global Mexican. Mexico is open for business*. The Economist. 27 outubro 2012. Data de consulta: 20 de dezembro 2012. Disponível em: http://www.economist.com/news/business/21565152-mexico-open-business-global-mexican?fsrc=scn/tw_ec/the_global_mexican

------. *Hedge funds. Going nowhere fast*. The Economist. Editor. 22 dezembro 2012. Data de consulta 2 fevereiro 2013. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/finance-and-economics/21568741-hedge-funds-have-had-another-lousy-year-cap-disappointing-decade-going>>

------. *Let Mexico's moguls battle*. Data de consulta 4 novembro 2010. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/21546028?fsrc=rss>>

WATSON, Steve. *Bilderberg: Agenda for global centralized control system is public and out in the open*. Global Research, January 22, 2011. Data de consulta: 3 fevereiro 2013. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca>>

WRIGHT, Lawrence. Who is Carlos Slim, and does he want the paper of record? *The New Yorker*. Data de consulta: 1 junio 2010. Disponível em: <www.newyorker.com/reporting/2009/06/01/090601fa_fact_wright#ixzz17RBnj5Dh>

VANGUARDIA. *Invertirá América Móvil 8 mil mdd en Latinoamérica. La Vanguardia. 11 Fevereiro 2012.* México. Data de consulta: 31 março 2012. Disponível em: <<http://www.vanguardia.com.mx/invertiraamericamovil9milmdeninfraestructura-1216775.html>>

Empresas

AT&T. *Company Information*. Data de consulta: 15 janeiro 2013. Link: <<http://www.att.com/gen/investor-relations?pid=5711>>

AMÉRICA MÓVIL. Resultados del cuarto trimestre de 2011. Fevereiro 2012. Data de consulta: 18 fevereiro 2012. Disponível em: <http://www.americamovil.com/amx/cm/reports/Q4T11_VF.pdf>

------. *TELMEX, Bell Canada Internacional y SBC finalizan acuerdo para América del Sur*. 26 septiembre 2000. Data de consulta: 11 janeiro 2013. Disponível em: <http://www.americamovil.com/amx/es/cm/news/2000/2000_09_26.pdf>

------. *Anuncia América Móvil, Bell Canada Internacional y SBC Communications la formación de Telecoms America*. 16 dezembro 2000. Data de consulta: 11 janeiro 2013. Disponível em: <http://www.americamovil.com/amx/es/cm/news/2000/2000_11_16.pdf>

------. *Informação corporativa – 2003*. Data de consulta: 27 novembro 2012. Disponível em: <<http://www.americamovil.com/amx/es/cm/about/events.html?p=1&s=11>>

BLACKROCK. *Informe Coporativo – 2010*. Data de Consulta 20 novembro 2010. Enlace: <<http://www.blackrock.com>>

“Boletín informativo”. Fundación Carlo Slim. 19 janeiro 2010. Data de consulta: 26 dezembro 2012. Disponível em: http://www.carlosslim.com/preg_resp_slim_genoma.html

AMERICA MOVIL. *Informe anual – 2012*. BMV. Abril 2012. p. 109. Disponível em: <<http://www.bmv.com.mx>>

Agencias gubernamenta

BURUREAU OF DEMOCRACY, HUMAN RIGHTS AND LABOR. <http://www.state.gov/>

USA Spending: <http://www.usaspending.gov/>

TELECO. *Participação dos Grupos em 2011*. Data de consulta: 31 agosto 2012. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/operadoras/grupos.asp>>

-----, *Total de Celulares (Abr/12): 253 millones*. Estadísticas de Celulares en Brasil. 12 abril 2012. Disponible em: <http://www.teleco.com.br/es/es_ncel.asp>

U.S.SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION.

20 – F. América Móvil – 2012 Abril 2012. Disponible em:

<<http://www.sec.gov/edgar/searchedgar/companysearch.html>>

20 – F. América Móvil – 2011 Abril 2011. Disponible em:

<<http://www.sec.gov/edgar/searchedgar/companysearch.html>>

20 – F. América Móvil – 2010 Abril 2010. Disponible em:

<<http://www.sec.gov/edgar/searchedgar/companysearch.html>>

13F-HR de BlackRock: Noviembre 2011. Disponible em:

<<http://www.sec.gov/edgar/searchedgar/companysearch.html>>

10-K, BlackRock (BLK). Dezembro 2009. em:

<<http://www.sec.gov/edgar/searchedgar/companysearch.html>>

FEDERAL COMMUNICATIONS COMMISSION (FCC). *Lifeline Program for Low-Income Consumers*. Gobierno dos Estados Unidos. Data de consulta 28 dezembro 2012. Disponible em: <<http://www.fcc.gov/lifeline>>

Sítios internacionais

COMISION ECONOMICA PARA AMERICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). *La inversión extranjera directa en América Latina y el Caribe 2008*. Organización de Naciones Unidas. Chile. 2008. Disponible em:

<<http://www.eclac.org>>

CONFERENCIA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL COMERCIO Y DESARROLLO. Informe Internacional sobre las Inversiones Extranjeras 2010. Disponible em: <<http://unctad.org/es/Paginas/Home.aspx>>

FUNDO MONETARIO INTERNACIONAL (FMI). “Report for Selected Countries and Subjects”. FMI. Outubro 2012. Data de consulta: 3 de Novembro 2012. Disponible em:

<<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/weodata/weorept.aspx?>>

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA ALIMENTACIÓN Y LA AGRICULTURA (FAO). *1 020 millones de personas pasan hambre*. 19 junho 2009. Data de consulta: 9 julho 2010. Disponible em:

<<http://www.fao.org/news/story/es/item/20568/icode/>>

UNION INTERNACIONAL DE TELECOMUNICACIONES (UIT): <<http://www.itu.int/>>

WORLD BANK. “GPD (Currents \$) 2010”. THE WORLD BANK. Data de Consulta: 2 Setembro 2012. Enlace: <<http://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD/countries>>

Sítios media

BIBLIOTECA CONSEJO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS SOCIALES (CLACSO)

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>

HOOVER’S INDUSTRIAL REPORTS: <http://premium.hoovers.com> JORNAL LA JORNADA.

<http://www.jornada.unam.mx>

MERGENT MARKET PLACE: <http://mergent.com>

REVISTA BUSINESS AND WEEK: <http://www.businessweek.com/>

REVISTA AMÉRICA ECONOMIA <http://www.americaeconomia.com>

REVISTA FORBERS: www.forbers.com

CAPITAL IQ.. Standard & Poor’s Business. Disponible em: <<http://www.capitaliq.com>>